

# Revista da Cavalaria



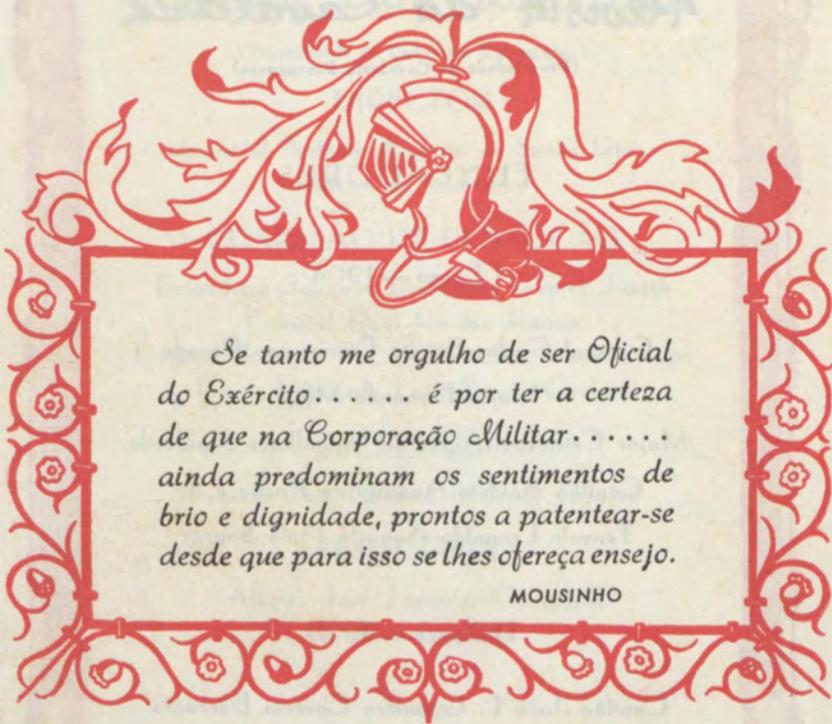
...ESTAS POUCAS PAGINAS  
BRILHANTES E CONSOLADORAS  
QUE HA NA HISTORIA DO PUFFICAL  
CONTEMPORANEO ESCRVEMO-LAS  
NOS OS SOLDADOS, LA PRIMA SERVIDOS  
DA AFRICA, COMAS PONTAS DAS  
BAIONETAS E DAS LANÇAS A  
ESSORREZ EM SANGUE  
Joaquim Mousinho

ANO DE 1968



BIBLIOTÉCA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

1.204



*Se tanto me orgulho de ser Oficial  
do Exército . . . . . é por ter a certeza  
de que na Corporação Militar . . . . .  
ainda predominam os sentimentos de  
brio e dignidade, prontos a patentear-se  
desde que para isso se lhes ofereça ensejo.*

MOUSINHO



*Revista da Cavalaria*

(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

FUNDADORES

I Época — 1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristóvam Ayres de Magalhães Sepúlveda

Capitão António Augusto da Rocha e Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

II Época — 1939

Capitão João E. Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu de Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António Sebastião Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



# Revista da Cavalaria

(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

## DIRECTOR

General António Augusto de Sousa Dias  
Ribeiro de Carvalho

## COMISSÃO DE REDACÇÃO

Brigadeiro Joaquim Rodrigues Gomes Júnior  
Coronel Raúl Ribeiro Ramos  
Coronel António Vaz de Carvalho Viana Crespo  
Coronel Alfredo Leão Tomás Correia

## SECRETÁRIO

Tenente José Correia de Jesus Tavares

## TESOUREIRO

Alferes José Joaquim Gonçalves  
da Silva Cordeiro

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA  
Calçada da Ajuda — LISBOA

Composto e impresso na Tipografia da Liga dos Combatentes

Preço: 45\$00



# SUMÁRIO

- General *Costa Gomes* — A Cavalaria em Moçambique — Palavras de S. Ex.<sup>a</sup> o General Comandante da Região Militar de Moçambique 7

## Historial, Tradição e Culto da Arma:

- General *Venâncio Augusto Deslandes* 13  
— Brigadeiro *António Sebastião Ribeiro de Spínola* 14  
— Condecoração da Arma de Cavalaria com a Cruz Vermelha de Benemerência 17
- *Dia da Cavalaria:*
- Relato das Cerimónias 19  
Saudação do General Director da Arma 24  
Cerimónia no R. C. 6 27  
Major *Rocha Pinto* — Palestra alusiva ao Dia da Cavalaria realizada no R. C. 6 37  
Placa Mousinho 42
- Quadro de Honra 44  
— Tributo de Sangue — Rol dos Cavaleiros Mortos e Feridos em Campanha 45



— *Homenagem:*

Promoção por Distinção	73
Torre e Espada com Palma	75
Valor Militar com Palma	79
Cruz de Guerra	83
Serviços Distintos com Palma	137
Prémios	149
Condecorações e Louvores Colectivos	155

— Resumo das Acções em Campanha das Unidades Regressadas em 1968	169
— Dia da Raça	195
— Brigadeiro <i>Gomes Júnior</i> — General Affonso Botelho	198
— General Luís Valentim Deslandes	204
— Carta ao Camarada de lá	207
— Major <i>Manuel P. Gonçalves</i> — Sombra de Mousinho	209
— O Esquadrão de Cavalaria 2 em Mueda	210

**Noticiário da Escola Prática de Cavalaria:**

— Tirocínio para Oficiais do Quadro Permanente (Ano Escolar 1968/69)	212
— Actividades da E. P. C. em 1968	213

**Doutrina e Cultura Militares:**

— Coronel <i>L. Barros e Cunha</i> — Verdades simples de sempre. Algumas Considerações	227
— Tenente-Coronel <i>Rodrigo da Silveira</i> — Helicópteros. A existência de helicópteros garante uma eficaz actividade helicotransportada?	232
— Major <i>Duarte Silva</i> — Tropas a Cavalo	241
— Major <i>António Machado</i> — A Cavalaria em África	251
— Interdição de fronteiras	258
— Capitão <i>Mendes Paulo</i> — Uma vez mais, Cavalaria...	261
— Capitão <i>Restolho Mateus</i> — Patrulhamentos	268
— Tenente <i>Pinto Machado</i> — Emboscada	279
— Alferes <i>Salgueiro Maia</i> — Recordando uma Experiência	292



— Alferes Mil.º <i>Almiro Neves</i> — Uma Páscoa diferente	298
— Furriel Mil.º <i>Lopes d'Almeida</i> — Força, ardil e coração	300
— Furriel Mil.º <i>António Vieira</i> — E de novo o tempo se quedou	304

**Hipismo:**

— Coronel <i>Viana Crespo</i> — Ronda do Ano Hípico de 1968	311
— Galeria dos Vencedores	319
— Capitão <i>Marques Pereira</i> — A Actividade Hípica na África Austral	326

**Jornais, Revistas, Livros:**

— A Noite e os Blindados	339
--------------------------	-----

**Almanaque:**

— I — Ingresso nas Fileiras	353
— II — Reintegrados	353
— III — Promoções	353
— IV — Condecorações	357
— V — Louvores em Campanha	362
— VI — Louvores por diversos motivos	369
— VII — Transferências	370
— VIII — Abates às Fileiras	371



# Revista da Cavalaria

ANAI DA CAVALARIA PORTUGUESA

Ano de 1968

## A Cavalaria em Moçambique

Palavras de S. Ex.<sup>a</sup> o General Comandante  
da Região Militar de Moçambique



uis o Ex.<sup>mo</sup> Director da Arma de Cavalaria que escrevesse algumas palavras para a presente Revista, palavras essas que não podem deixar de ser de agradecimento pela honra concedida, de exaltação da minha Arma de origem, à qual nunca o meu coração deixou de pertencer, e de apreço pelos Cavaleiros que, no Ultramar, defendem o património nacional e escrevem novas páginas do Livro de Ouro da Cavalaria e do Exército Português.

Há largo tempo afastado da Arma, foi com muita satisfação e orgulho que, ao longo de mais de 3 anos de comissão em Moçambique, verifiquei que a Arma mantém intactos o espírito de iniciativa, a flexibilidade, a rapidez de acção, a ousadia, em suma, o espírito Cavaleiro que, conservando-se inalterável no Presente, se prolongará certamente no Futuro.

# Revista da Cavalaria



O Comandante da Região Militar de Moçambique  
General Francisco da Costa Gomes

# Revista da Cavalaria

Tem esta Revista, sob a actual Direcção, procurado cumprir duas missões: enaltecer os feitos gloriosos das Unidades, dos Officiais, Sargentos e Praças da sua Arma, e difundir doutrina através de artigos oportunos, transmitindo os ensinamentos colhidos pela experiência e pelo sangue vertido pelos seus elementos. Estas finalidades têm sido alcançadas com muito brilho.

Nesta data em que a Arma de Cavalaria vê afastar-se o seu Director, abrangido pela inexorável lei do tempo, não quero deixar de endereçar ao Sr. General Ribeiro de Carvalho os meus melhores cumprimentos e de exprimir o respeito e a minha muita admiração por uma vida que foi integralmente dedicada à Cavalaria que muito honrou e ao Exército que o não esquecerá.

Nampula, Dezembro de 1968.

FRANCISCO DA COSTA GOMES  
General

# Revista de Carabobo

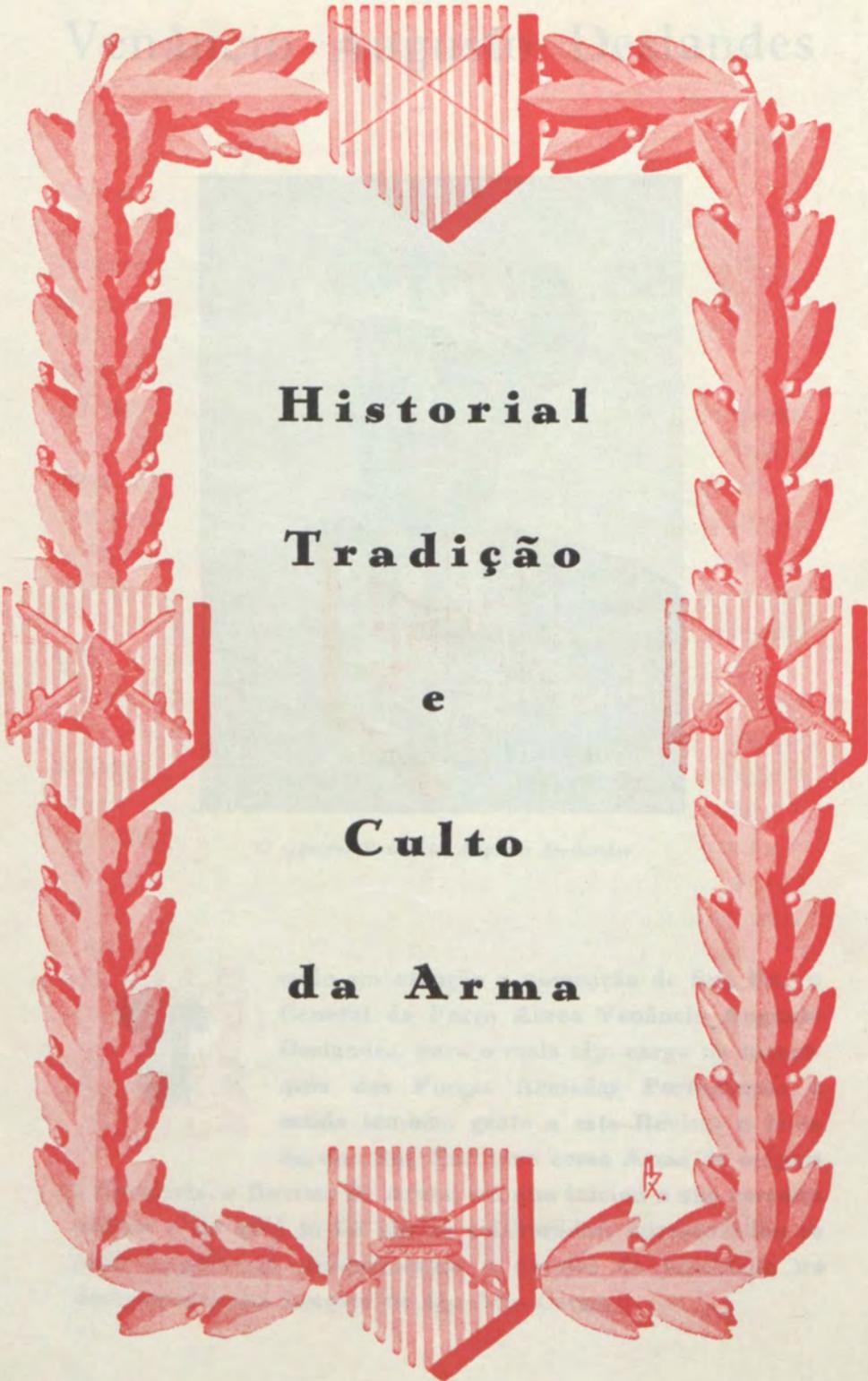
Tam esta Revista, sob a actual Direcção, procurado cum-  
prir duas missões: enaltecer os feitos gloriosos das Unidades,  
dos Officiaes, Sargentos e Praças da sua Arma, e diluir os hon-  
ras através de artigos oportunos, transmittindo os casti-  
mentos e cobrindo a gloria e a honra e a gloria e a honra  
seus officiaes e Sargentos e Praças. Tam esta Revista, tam  
mais nada.

Para isso em que a Revista de Carabobo se dedica a  
seu trabalho, a Revista de Carabobo se dedica a  
quero deixar de ser apenas um jornal de guerra,  
hoje de guerra e de guerra e de guerra e de guerra  
e a guerra e de guerra e de guerra e de guerra  
modo de guerra e de guerra e de guerra e de guerra  
que a sua guerra e de guerra e de guerra e de guerra



DA COSTA DOMINGOS  
General

General  
Vinte e Nove  
Grandes



**Historial**

**Tradição**

**e**

**Culto**

**da Arma**

General de Brigada Aires Venturoso  
Destacado para a mala de carga  
para das Forças Armadas. Por  
esta razão, ganha a este Rev  
de 1911, a 12 de Maio, a  
de 1911, a 12 de Maio, a

12



General  
Venâncio Augusto Deslandes



*O General Venâncio Augusto Deslandes*



endo em atenção a nomeação de Sua Ex.<sup>a</sup> o General da Força Aérea Venâncio Augusto Deslandes, para o mais alto cargo na hierarquia das Forças Armadas Portuguesas e sendo também grato a esta Revista o facto de que Sua Ex.<sup>a</sup> teve como Arma de origem a Cavalaria, a Revista da Arma, em que iniciou a sua carreira militar e da qual já foi ilustre colaborador, apresenta-lhe os mais respeitosos cumprimentos e desejos de felicidade no desempenho das funções de tão Alto Cargo.

## Brigadeiro

### António Sebastião Ribeiro de Spínola



Brigadeiro António Sebastião Ribeiro de Spínola, oriundo da Arma de Cavalaria, que desde 1939 pertencia aos Corpos Directivos da «Revista da Cavalaria», por motivo da sua nomeação para os Altos Cargos de Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné abandonou em 1968 as suas funções na Revista.

O Brigadeiro Spínola, tenente em 1939, juntamente com os então capitães Correia Barrento e Santo André Pereira e tenentes Casimiro Gomes e Manuel Tavares, tomou a iniciativa de se tornar a publicar a Revista, cuja publicação estava suspensa desde 1907.

Com excepção dos anos de 1945 e 1946 e de 1961 a 1963, nos quais em comissão de serviço esteve fora da Metrópole, primeiro nos Açores e depois em Angola donde regressou condecorado com a Medalha de Prata de Valor Militar, prestou o Brigadeiro Spínola à Revista a mais dedicada colaboração quer nos Corpos Directivos, quer como colaborador dos mais assíduos e ilustres. Pode-se, sem receio de errar, dizer que durante largo período ele foi o seu principal animador.

Mesmo depois da sua promoção a Brigadeiro, sendo colocado como 2.º comandante da G. N. R., continuou a prestar-lhe dedicada colaboração. Nestas funções, na G. N. R. e ao abandoná-las foi-lhe concedido o louvor que a seguir se transcreve:

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, louvar o brigadeiro António Sebastião Ribeiro de Spínola, porque nas altas funções de 2.º comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, comprovou as excepcionais qualidades de que sempre tem sido exemplo ao longo das honrosas e difíceis missões da sua brilhante carreira militar.

# Revista da Cavalaria



*O Governador da Guiné e Comandante-Chefe das F. A.  
Brigadeiro António de Spínola*

## Revista da Cavalaria

A sua firme e pronta lealdade, os seus profundos conhecimentos e larga experiência das características da corporação, onde serviu vários anos, tornaram possível realizar uma valiosa obra de decisiva importância para o estudo da reestruturação da Guarda Nacional Republicana, em especial no que diz respeito aos serviços de instrução e ordem pública, o que em tudo muito contribuiu para o prestígio da corporação, tornando-se assim merecedor de público testemunho e muito apreço.

Ministério do Interior, 11 de Setembro de 1968 — O Ministro do Interior, António Manuel Gonçalves Rapazote.»

A «Revista da Cavalaria» felicita o Brigadeiro Spínola pelo louvor recebido e sobretudo pela nomeação para tão altos e honrosos lugares na Província da Guiné, desejando-lhe as maiores felicidades no desempenho das suas actuais e espinhosas missões e agradece-lhe em seu nome e da Arma, os brilhantes serviços que a uma e outra prestou durante tão largo período da sua vida.

## Condecoração da Arma de Cavalaria com a Cruz Vermelha de Benemerência



o dia 30 de Dezembro de 1968 pelas 15 horas deslocou-se à Direcção da Arma de Cavalaria o Secretário Geral da Cruz Vermelha Portuguesa coronel João Vairinho para em nome do Presidente Nacional daquela Instituição, Ex.<sup>mo</sup> General Carlos Costa Macedo entregar, por intermédio da D. A. C. à Arma de Cavalaria, a condecoração «Cruz Vermelha de Benemerência».

Foi recebido pelo Director da Arma, general Ribeiro de Carvalho que se encontrava acompanhado pelos coronel Raúl Ramos, inspector



*O Coronel Vairinho entregando a condecoração  
ao General Ribeiro de Carvalho*

# Revista da Cavalaria

interino, comandante do R. C. 7 e R. L. 2 respectivamente coronel Fonseca Dorez e tenente-coronel Fontes Pereira de Melo.

Falou em primeiro lugar o coronel João Vairinho que se referiu em termos elogiosos à Arma de Cavalaria pela contribuição que as suas Unidades da Metrópole e do Ultramar têm prestado à campanha «Dez tostões para uma Casa», isto já desde há anos e no dia em que se festeja o «Dia da Cavalaria».

O general Ribeiro de Carvalho agradeceu em nome da Arma a distinção concedida e disse da satisfação com que a Cavalaria contribuiu para tão humanitária obra no seu dia festivo.



# Dia da Cavalaria em 1968

## RELATO DAS CERIMÓNIAS



ão restam dúvidas que o modo de festejar o Dia da Cavalaria, ano a ano, vai-se revestindo de maior brilho. O facto sendo, até certo ponto natural, deve-se, no entanto, também, ao esforço, persistência e entusiasmo de quem orienta a Arma e aos Cavaleiros. Assim já se enraizou uma tradição, que bem merece ser cultivada, e que o rodar dos anos por certo confirmará.

Por todo o Portugal Metropolitano e Ultramarino a Cavalaria festejou o seu Dia. As cerimónias apresentaram uma amplitude e o entusiasmo dos cavaleiros pelo seu dia é tal que já se começa a sentir a projecção do seu significado, mesmo fora do ambiente cavaleiro. São Altas Entidades Militares e Civis que com a sua presença dão vivo testemunho de apreço à iniciativa dos cavaleiros; é a larga divulgação que foi dada pela Imprensa, Rádio e Televisão, a quem a *Revista da Cavalaria* apresenta os seus agradecimentos; é a presença, cada vez mais importante de público, tudo se conjugando para que o Dia da Cavalaria e do seu Patrono — Mousinho — cada ano fique melhor marcado na alma dos cavaleiros e até na alma nacional.

Em 1968, na sequência do critério adoptado a partir de 1967, a Unidade escolhida para a realização das cerimónias de maior relevo foi o Regimento de Cavalaria n.º 6 do Porto, a unidade mais condecorada de todo o Exército Português. Da E. P. C. passou-se ao R. L. 1 em Elvas e daqui para o R. C. 6 no Porto. Se o mesmo critério continuar a ser perfilhado como se julga, em 1969 essa honra caberá a outro Regimento de Cavalaria. A descrição das cerimónias no R. C. 6 será objecto de capítulo especial.

## Revista da Cavalaria

É, na verdade, consolador que, além das cerimónias no R. C. 6, todas as Unidades de Cavalaria, estejam em território onde reina a paz ou no mais longínquo ponto em que predominam as operações de combate, todas elas procurem realçar o seu Dia. Uma palavra especial de homenagem é devida àqueles que envolvidos nas operações de combate tudo fizeram para festejar o seu Dia e glorificar o seu Patrono.

Impossível se torna fornecer uma pormenorizada descrição de todas as cerimónias. Procurar-se-á, no entanto, dar uma ideia.

Na Guiné as cerimónias tiveram maior realce, pelos efectivos que englobaram, em Bissau, onde foram presididas pelo comandante militar brigadeiro Novais Gonçalves e em Bafatá onde presidiu o 2.º comandante militar, coronel tirocinado Castro Nascimento. Também no interior da Província e, até, onde só havia forças de ordem de pelotão o Dia da Cavalaria foi festejado.

Em Luanda o general Luz Cunha, comandante da Região Militar, presidiu às cerimónias organizadas pelas Unidades de Cavalaria ali existentes. Porém, todas as Unidades da Arma assinalaram com festividades o seu Dia.

Em Moçambique, as cerimónias principais tiveram lugar em Nampula onde foram presididas pelo brigadeiro Costa Gomes, comandante interino da Região e em Lourenço Marques. Nesta última cidade às comemorações das Unidades de Cavalaria ali existentes juntaram-se, tal como já tinha sucedido em 1967, os antigos cavaleiros que ali habitam.

Em Macau, no E. Cav. 4, as cerimónias foram presididas pelo comandante militar coronel Luís Mendes.

Na Metrópole, em Lisboa, no R. C. 2 e R. C. 7 presidiram às festividades o general Moura dos Santos, Governador Militar e general Ribeiro de Carvalho, director da Arma. Em Santarém, na E. P. C., verificou-se a assistência do Governador Civil; em Estremoz, no R. C. 3 as comemorações foram presididas pelo general Correia Barrento, comandante da 3.ª Região Militar e em Elvas, no R. L. 1, em Castelo Branco, no R. C. 8 e em Santa Margarida no R. C. 4 as comemorações foram presididas pelos respectivos comandantes.

Também este ano pelo Director da Arma foram recebidas muitas felicitações, entre as quais se transcreve a de S. Ex.ª o brigadeiro António Spínola, Governador e Comandante-Chefe das F. A. da Guiné:

«Dia da Cavalaria saúdo pessoa Vexa todos os cavaleiros nossa gloriosa Arma.»

# Revista da Cavalaria



*O Dia da Cavalaria em Bafatá*

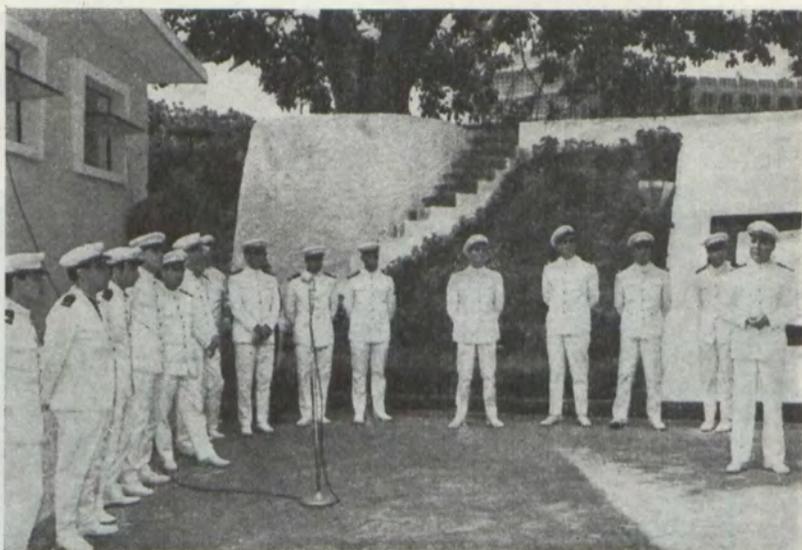


*O Dia da Cavalaria em Luanda*

# Revista da Cavalaria

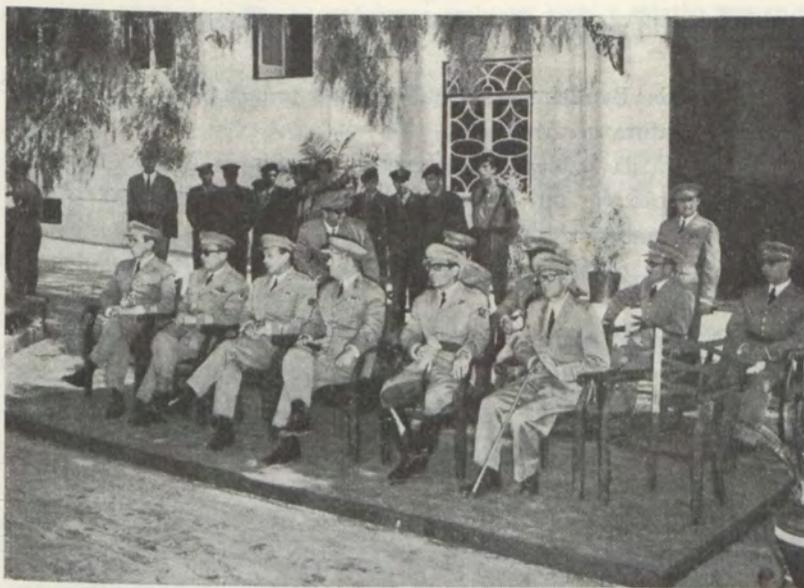


*O Dia da Cavalaria em Lourenço Marques*

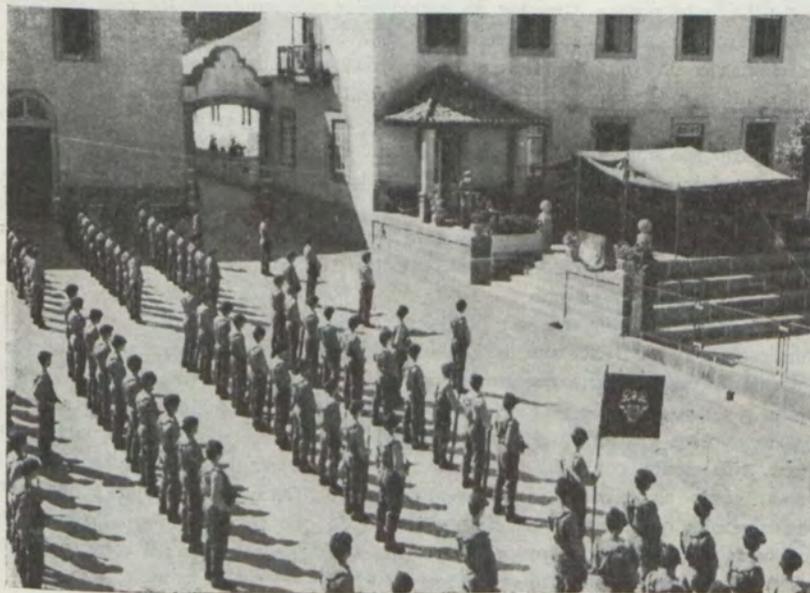


*O Comandante Militar de Macau dirige a palavra às tropas de Cavalaria no Dia da Cavalaria*

# Revista da Cavalaria



*O General Governador Militar de Lisboa presidindo às cerimónias no R. L. 2*



*O Dia da Cavalaria no Regimento de Cavalaria 8*

# Revista da Cavalaria

Dum modo geral, o programa das cerimónias constou:

- Içar da Bandeira Nacional perante toda a força da Unidade;
- Formatura geral;
- Leitura da saudação do General Director da Arma;
- Alocução por um oficial da Arma focando o Patrono da Arma e o Combate de Macontene;
- Imposição de condecorações aos militares últimamente agraciados;
- Descerramento do busto de Mousinho;
- Distribuição de placas com a esfinge do Patrono da Arma às praças que se tornaram merecedoras de serem distinguidas;
- Provas desportivas;
- Sessões recreativas, etc.

Transcreve-se seguidamente a saudação do General Director da Arma:

«21 de Julho — Dia da Cavalaria. Comemora-se mais um aniversário do Combate de Macontene, travado em 1897, e em que Mousinho mostrou com evidência a utilidade da tropa a cavalo na luta então travada no nosso Ultramar. Neste dia, não pode o Director da Arma deixar de saudar todos os Cavaleiros, manifestando-lhes o seu reconhecimento, pela forma exemplar e digna dos maiores elogios como têm sabido cumprir as variadas e difíceis missões que lhes têm sido confiadas, em especial em África. Têm, de facto, os Cavaleiros mostrado que estão conscientes das suas responsabilidades e sabem pôr, acima de tudo, o cumprimento dos seus deveres para com a Pátria.

Cavaleiros, o vosso magnífico e persistente esforço, a vossa entrega corajosa e decidida, a vossa forte determinação e o grande entusiasmo que sabeis pôr nas vossas acções, tornam-vos sem dúvida alguma, absolutamente dignos das gloriosas tradições da Cavalaria, que tão sublimadas foram pelo nosso Patrono — o Grande Mousinho.

O vosso Director tem em vós plena confiança e a certeza de que sabereis conservar o «QUERER» que tendes vindo a manifestar, embora actuando a pé e em condições que nem sempre são as mais desejadas e favoráveis. Se mesmo assim, a vossa actuação tem sido bastante útil e tem merecido os maiores louvores dos vossos Chefes, mais prestante ela certamente se revelará quando vos forem finalmente concedidos os meios (hipo e mecanizados) tradicionais da Arma, como as experiências já realizadas no Ultramar parecem aconselhar. Sejam porém quais forem as circunstâncias de que se tiverem que revestir as vossas acções, o Espírito próprio da Arma terá que continuar a estar presente onde estiver um Cavaleiro digno desse nome.

Neste dia, o pensamento do Director da Arma vai, em especial, e com as suas homenagens, para Aqueles que, para bem cumprir, não hesitaram, morrer

# Revista da Cavalaria

no campo da Honra. Não os poderemos esquecer; estão e estarão sempre nos nossos corações. O seu exemplo tem que nos levar, mesmo aos impossíveis, para os honrarmos condignamente.

Ao terminar esta breve saudação, permito-me lembrar a todos os Cavaleiros a necessidade que há de manter, sem desfalecimentos e com a maior energia, a linha de rumo que há sete anos vimos seguindo, pois só assim poderemos merecer o reconhecimento e a gratidão de todos os Portugueses; objectivo difícil de atingir, sem dúvida, mas que poderá ser alcançado com o verdadeiro «QUERER» de todos nós.»



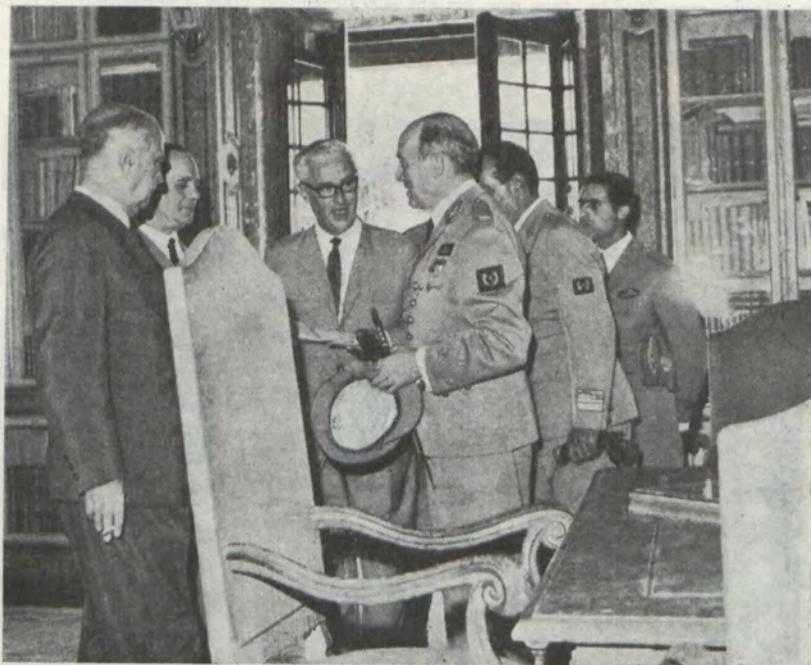
*Romagem ao Túmulo de Mousinho*

Tendo a cerimónia principal, como já se disse, sido realizada no Porto e nela estando presentes todos os comandantes das Unidades de Cavalaria, houve que realizar as cerimónias nas Unidades no dia 19 de Julho para que no dia 21, dia do Combate de Macontene — Dia da Cavalaria — se efectuasse, então, as festividades no R. C. 6 no Porto.

Também em 19, o general Director da Arma presidiu à romagem ao túmulo de Mousinho, no cemitério dos Prazeres. Foi acompanhado pelos coronéis Raúl Ramos e Alves Pereira da D. A. C. e coronéis Henrique Calado e Joaquim das Dores, comandantes respectivamente do R. L. 2 e R. C. 7. O Regimento de Cavalaria da G. N. R. estava

## Revista da Cavalaria

representado pelos seus comandante e 2.º comandante, coronel Serra Pereira e tenente-coronel Cruz Azevedo e outros oficiais. A cadeira de Tática de Cavalaria da Academia Militar também estava representada pelo seu professor catedrático tenente-coronel Fonseca Laje.



*O General Director da Arma entrega à Cruz Vermelha a contribuição da Arma de Cavalaria*

O general Director da Arma acompanhado por alguns oficiais que tinham assistido à romagem no cemitério dos Prazeres foi seguidamente à Cruz Vermelha Portuguesa onde foi recebido pelo Presidente Nacional general Carlos Costa Macedo e pelo Secretário Geral coronel João Vairinho, tendo feito a entrega de Esc. 18 000\$00 como contribuição voluntária da Arma de Cavalaria a favor da iniciativa da Secção Auxiliar Feminina daquela Instituição para a construção dum bairro de moradias e que foi designada por «Dez tostões para uma casa».

## Cerimónia no Regimento de Cavalaria 6

Em 1968, foi ao R. C. 6 do Porto que competiu organizar a principal festividade do Dia da Cavalaria — 21 de Julho — dia que é também o Dia Festivo daquela unidade por coincidência de dias dos combates de Macontene e de Armiñon. É o R. C. 6 a unidade mais condecorada do Exército Português pois ostenta no seu estandarte as insígnias de comendador e oficial da Ordem da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Mérito e duas Cruzes de Guerra de 1.ª Classe.

As cerimónias no R. C. 6 presidiu Sua Ex.ª o Ministro do Exército, coronel do C. E. M. Joaquim da Luz Cunha que para o efeito se deslocou expressamente àquela cidade.

Justo é, desde já, destacar a óptima colaboração que o Comando da 1.ª Região Militar e o Comando Geral da G. N. R. prestaram à realização das cerimónias. Sem essa colaboração impossível seria alcançar o brilho de que aquelas cerimónias se revestiram.

Parabéns também são devidos ao R. C. 6 pelo modo digno e elevado como soube organizar e dar execução a todas as cerimónias.

Assistiram às cerimónias o Governador Civil do Porto Dr. Jorge da Fonseca Jorge; o representante de S. Eminência o Bispo do Porto; o vice-presidente da Câmara Municipal; o general Albertino Carlos Montenegro Ferreira Margarido, Quartel-Mestre do Exército e antigo comandante do Regimento; o general Júlio Manuel Pereira, comandante da 1.ª R. M.; o brigadeiro Oliveira e Sousa, 2.º comandante da 1.ª R. M.; o general Ribeiro de Carvalho, Director da Arma de Cavalaria; o coronel Raúl Ramos, inspector interino da Arma; o coronel Barreto de Magalhães, comandante do Batalhão da G. N. R. do Porto; os comandantes das unidades da guarnição do Porto; os oficiais do Estado-Maior do Q. G. da 1.ª R. M.; os comandantes de todas as Unidades de Cavalaria e da E. P. C.; as senhoras que dirigem no Porto a Cruz Vermelha e o Movimento Nacional Feminino; muitas senhoras das famílias dos militares, assim como muito público.

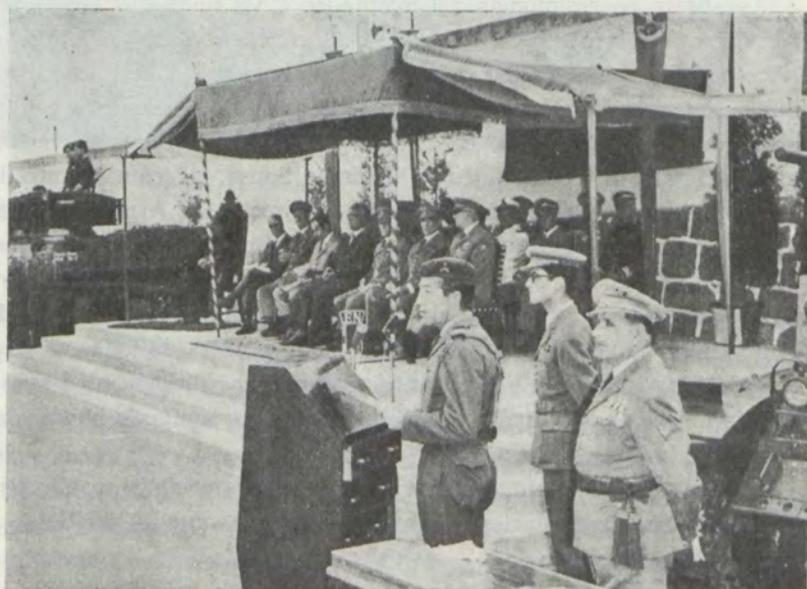
A E. P. C. e as Unidades de Cavalaria estavam também representadas pelos seus estandartes e por uma praça a que foi atribuído o prémio, placa Mousinho.

As comemorações deram origem a cerimónias que tiveram lugar na parte da manhã, à tarde e à noite.

# Revista da Cavalaria



*Aspecto geral da formatura na parada do R. C. 6*



*A tribuna de honra e o major Rocha Pinto pronunciando a sua alocução*

# Revista da Cavalaria

Na parte da manhã as cerimónias constaram de:

- Formatura geral do Regimento sob o comando do major de cavalaria Rocha Pinto;
- Chegada de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Exército que foi recebido pelo comandante do Regimento, tenente-coronel Pereira da Silva acompanhado pelas Altas Entidades presentes;

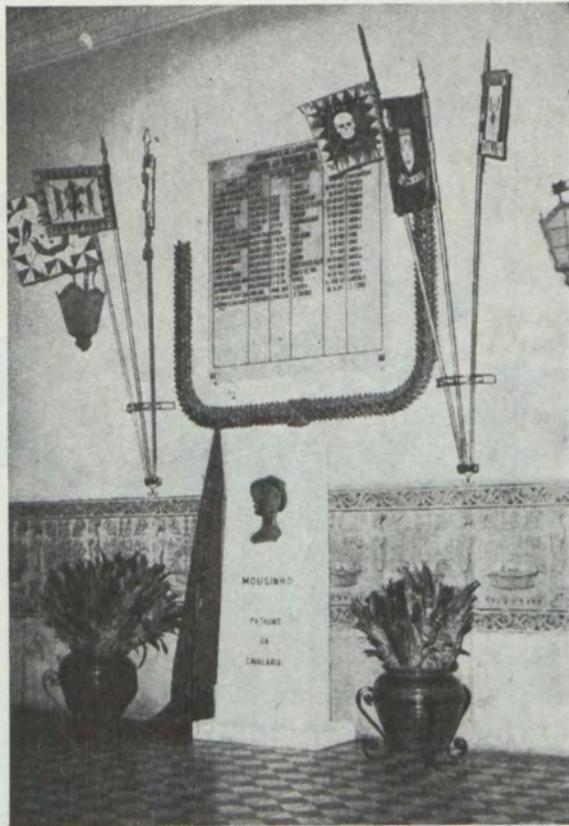


*Condecoração de elementos do R. C. 6*

- Leitura da saudação do general Director da Arma, que foi feita pelo comandante da Unidade;
- Leitura da citação feita pelo general comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar ao R. C. 6, que foi feita pelo Chefe do E. M. da 1.<sup>a</sup> R. M.;

## Revista da Cavalaria

- Alocução proferida pelo 2.º comandante do R. C. 6, major Rocha Pinto sobre o significado do Dia da Cavalaria, o combate de Macontene, a figura de Mousinho e o combate de Armiñon;
- Entrega de condecorações, placas e louvores que foi feita por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro e Altas Entidades presentes;



*Busto de Mousinho e Placa dos Mortos*

- Inauguração do busto de Mousinho e descerramento de placas com o nome dos militares mortos em campanha no Ultramar que pertenciam ao R. C. 6, o que foi feito por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro;
- Desfile em continência a Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro;

# Revista da Cavalaria

— Inauguração da exposição sobre a Cavalaria, na qual estavam representadas a E. P. C., todas as Unidades de Cavalaria da Metrópole, assim como elementos representativos das Unidades que actuam no Ultramar.

Justo é destacar a boa organização verificada, o aprumo das formaturas e o gosto, interesse e trabalho bem patenteado pela exposição.

No final da manhã realizou-se no R. C. 6 um almoço presidido por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro, tendo assistido somente elementos militares. Durante o almoço o general Director da Arma saudou o Ministro agradecendo a honra da sua presença e pôs em destaque a actuação da Cavalaria no momento actual. Em resposta Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro teve palavras de muito apreço para com a Cavalaria frisando o brilho da sua actuação no Ultramar e dizendo da sua satisfação pelo que até aquele momento tinha presenciado.

Na parte da tarde às 17,30 teve lugar o desfile na Avenida da Boavista perante Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro, Altas Entidades e muitas famílias de militares. É de destacar a quantidade de público portuense que ao longo do trajecto efectuado pelas tropas se encontrava a assistir.

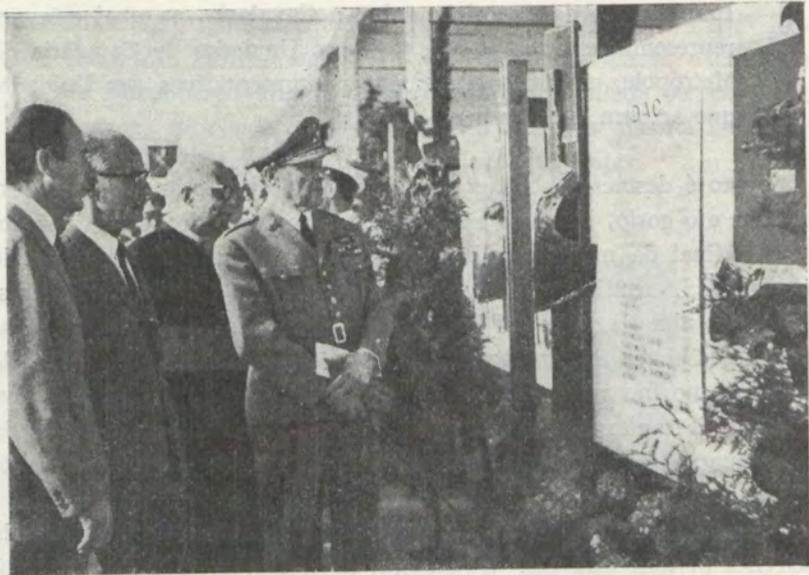
O brilho de que se revestiu o desfile ficou-se devendo não somente às forças de Cavalaria do Exército, mas também às forças de Cavalaria da G. N. R. cuja apresentação foi impecável.

As tropas desfilaram sob o comando do major Rocha Pinto e pela ordem seguinte:

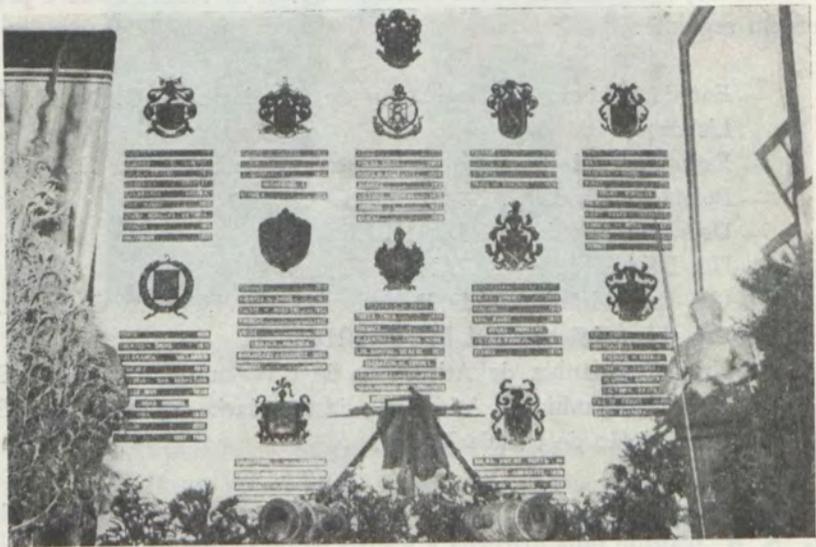
- Batedores moto do Regimento de Cavalaria da G. N. R. de Lisboa;
- Estandartes de todas as Unidades de Cavalaria e da E. P. C.;
- Pelotão moto da G. N. R.;
- Dois Pelotões de AM DAIMLER;
- Um Pelotão de AML PANHARD;
- Um Esquadrão (—) de Reconhecimento M5AE da G. N. R.;
- Um Esquadrão de AM PANHARD;
- Uma Companhia de Atiradores de Cavalaria em UNIMOGS;
- Uma Companhia de Atiradores de Cavalaria em MERCEDES;
- Um Pelotão de Polícia Militar.

No final do desfile e em frente da tribuna o carrocel moto da G. N. R. realizou uma arrojada e vistosa exibição que mereceu francos aplausos das Altas Entidades e muitas palmas por parte do publico.

# Revista da Cavalaria



Um aspecto da exposição



Os Emblemas das Unidades de Cavalaria e as Batalhas em que intervieram

# Revista da Cavalaria



*Os batedores moto da G. N. R. abrindo o desfile*

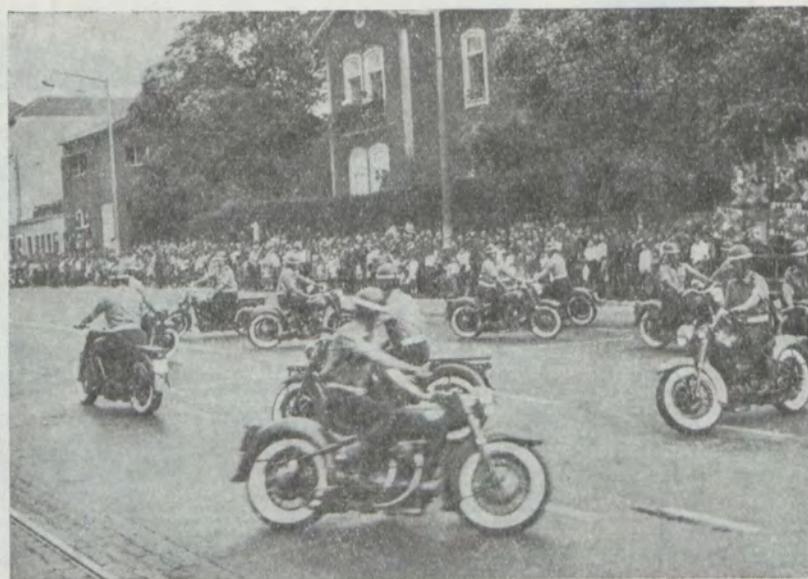


*Clarins da G. N. R. e estandartes das Unidades de Cavalaria*

# Revista da Cavalaria



*O Esquadrão de Reconhecimento — material Panhard*



*Exibição do carrossel moto*

# Revista da Cavalaria

À noite pelas 21,30 no Palácio dos Desportos e com numerosa assistência militar e civil realizou-se um sarau com a colaboração da Banda do R. C. 6, de artistas da Emissora Nacional (Secção Norte) e elementos do R. C. 6.

\*

Transcrevem-se seguidamente a nota recebida da Repartição do Gabinete do Ministério do Exército que exprime a opinião de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro e a citação feita pelo general comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar ao R. C. 6.

«Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Exército encarrega-me de comunicar ao Ex.<sup>mo</sup> General Director da Arma de Cavalaria que muito apreciou a forma como decorreu a comemoração do «DIA DA CAVALARIA» realizada no Porto, no dia 21 do corrente, e de transmitir a V. Ex.<sup>a</sup> bem como ao Ex.<sup>mo</sup> General Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar, as felicitações pela forma digna e inexcusavelmente aprumada como se apresentaram em todas as cerimónias os militares que nela tomaram parte, o que produziu a melhor impressão em toda a assistência, contribuindo assim para o prestígio do Exército.

Em muito contribuiu para o êxito do desfile que se realizou a participação da Cavalaria da G. N. R. pelo que, por este Gabinete, vai ser transmitido ao Ex.<sup>mo</sup> Comandante Geral o muito apreço de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Exército pela participação, pela impecável apresentação do seu pessoal e pelo elevado grau de preparação que manifestaram.

O Chefe de Gabinete

*Luiz Soares de Oliveira*

Coronel de Cavalaria»

«Nesta data em que festivamente se consagra, o dia do Regimento de Cavalaria n.º 6, o General Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar, associa-se muito gostosamente à festa desta Unidade, que, pelos seus feitos passados, e pela acção que presentemente desenvolve, contribui poderosamente para que o Exército Português possa desempenhar a árdua tarefa que lhe cabe na salvaguarda da Pátria.

Foi o Regimento de Cavalaria n.º 6, distinguido para, dentro dos seus muros, comemorar o Dia da Cavalaria. Por isso, o Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar, desvanecido pela escolha e planeamento cónscio da acção por todos exercida nesta Unidade, associa-se também à festa da Cavalaria, com a certeza de que, a 1.<sup>a</sup> Região Militar, e o Exército, muito beneficiam da manutenção do espirito que anima esta Arma, e das suas tradições.

Felicita, pois, não só o Comando do Regimento de Cavalaria n.º 6 pela forma como tem sabido orientar, impulsionar e coordenar todas as actividades

# Revista da Cavalaria

da Unidade, como também os seus Oficiais, Sargentos e Praças, pelo trabalho desenvolvido, exortando-os a que continuem com o seu esforço abnegado, muito interesse e grande dedicação a manter as tradições gloriosas da Unidade e da Cavalaria.

Quartel General no Porto, 21 de Julho de 1968.

O Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar

*Júlio Manuel Pereira*

General»

Diz S. G. BRADY no seu livro *CEASAR'S GALLIC CAMPAIGNS*:

..... além de ter o génio de um grande capitão, César contava ainda com a fibra e a disciplina de seus homens ..... Sua coragem pessoal, o alto moral da sua tropa — nenhum soldado jamais o tivera tão elevado — e a excepcional eficiência de sua Cavalaria lhe deram a vitória.

*(Conquista de ALÉSIA no ano 52 A. C.)*

Uma vez organizada a tropa, o problema de maior relevância é a disciplina. É a alma dos Exércitos. Se não for imposta com sabedoria e mantida com inabalável determinação, não haverá soldados. Regimentos e Exércitos serão apenas desprezíveis turbas armadas, mais perigosas para o seu próprio país que para o Inimigo.

Marechal de SAXE



## Palestra alusiva ao Dia da Cavalaria realizada no R. C. 6



sempre uma honra, ter a oportunidade de, em dia festivo, dirigir a palavra a soldados. Quis este ano, Sua Ex.<sup>a</sup> o General Director da Arma de Cavalaria, dar ao nosso Regimento a distinção de organizar e realizar a festa Nacional da Cavalaria.

Assim, hoje, dia 21 de Julho, dia festivo da Cavalaria, aqui no Regimento de Cavalaria n.º 6, cabe-me a mim a honra de vos falar, honra essa que, apesar de espinhosa, cumprio com satisfação.

Vejam os então, que significado terá para nós cavaleiros, o dia 21 de Julho, o dia da Nossa Arma?

Duas razões fortes, decisivas e válidas para escolher este dia.

A primeira porque foi no dia 21 de Julho de 1897, no coração da África, em Moçambique, mais propriamente em *Macontene*, que uma fracção de uma Unidade de Cavalaria, realizou em combate decisivo, a última carga clássica da Cavalaria.

A segunda, porque foi o nosso patrono, o Major de Cavalaria Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque que a Comandou.

## Revista da Cavalaria

Mas o que foi Macontene?

Quem é Mousinho de Albuquerque?

Pois bem, vou tentar, dizê-lo:

É 21 de Julho de 1897.

Estamos em Macontene.

É uma planície.

O quadrado das nossas tropas está formado. O inimigo, mole imensa de Vátuas, cerca-nos.

O sol escalda. Os corações arfam.

O inimigo aproxima-se, mais — e mais ainda.

Dentro do quadrado, o seu comandante, o então Capitão Joaquim Mousinho de Albuquerque, sereno, calmo e estoico encontra-se à frente dos seus cinquenta homens a cavalo.

O inimigo não pára. O fogo começa, a artilharia troa.

Mas o inimigo avança, avança sempre!

Então, Mousinho, aproveitando uma pequena hesitação do Inimigo, manda avançar a Cavalaria. Ele à frente, em lugar de espada na mão, leva o stic; e aqueles cinquenta homens galvanizados pelo seu *chefe*, galopam, carregam, abrem brecha e destroçam o inimigo que debanda.

Estava assim terminada a Campanha de Gaza em 1897.

Mas Mousinho foi só o vencedor de Macontene?

Evidentemente que não.

Então quais as razões que o levaram a ser escolhido para o Patrono da Cavalaria!

Mousinho foi mais, foi muito, foi tudo.

Desde militar a Governante, e a mentor, Mousinho foi o símbolo daquelas qualidades, que nós os militares, chamamos: *Virtudes Militares*.

Assim foi *probo* quando exige à tropa e a premeia.

Foi *orgulhoso e altivo* quando com modéstia após Chaimite, diz:

«Não é esta a melhor ocasião para se fazerem manifestações a um soldado, quando outro, com muito mais valor, está a agonizar no hospital» — referia-se ao Major Caldas Xavier — e acrescenta:

«Invejo-lhe a sorte, porque morre pela Pátria».

Foi *intrépido*, quando realiza em marchas forçadas, o caminho que o separa de Chaimite, e com 48 praças de pé, aprisionou o Régulo Gunghana, no meio de 3000 vátuas, em 28 de Dezembro de 1895.

Foi *valente* e desprezou o perigo, quando diz:

«Não tive tempo para poder apreciar a quantidade de balas que passavam por mim; desde o princípio da refrega vi que era alvo que

## Revista da Cavalaria

o inimigo usava de preferência, estimei isso porque dava a conhecer aos soldados, que podiam estar descansados a fazer boas pontarias, porque o negócio não era com eles».

\*

Como Governante, foi Comissário Régio de Moçambique, e a sua obra, ainda hoje, 70 anos depois, é actual e válida.

Mas quando o Governo Central lhe restringe as funções de Comissário Régio, pede imediatamente a sua demissão, que, só após várias tentativas lhe é aceite com louvor. No entanto Mousinho, homem de uma *só cara* e com a dignidade e honra que sempre foram atributos, escreve uma carta, ao então Presidente do Conselho de Ministros, em que em determinado passo, afirma:

«Tem-me sucedido por várias vezes em África, ao atravessar pântanos, dobrar com o pé um caniço, que depois de eu passar se endireita rapidamente, fustigando e enlameando-me a cara.

Mas, de certo Sua Ex.<sup>a</sup> sabe que o mangal significa empaludismo, porque só cresce no lodo e na água pôdre....».

Como mentor, foi por El-Rei D. Carlos, escolhido para aio de seu filho, o príncipe D. Luiz Filipe, herdeiro do Trono.

A carta que lhe escreve é uma antologia que traduz bem o que foi Mousinho.

\*

Não posso deixar de referir o facto, de, os destinos, terem dado igualmente num dia 21 de Julho, neste caso do ano de 1837, na Guerra da Sucessão de Espanha, mais um dia de glória não só para a Cavalaria Portuguesa, como, para o Exército Português.

Nesse dia um Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 6, executou, uma carga de Cavalaria em Armiñon, da qual não há dados precisos.

Contudo, sabe-se que a Cavalaria n.º 6 na missão de apoio à Infantaria, foi colocada à retaguarda da primeira linha, em local favorável à sua intervenção, para facilitar o seu avanço e proteger os seus flancos.

A carga não foi bem uma manobra, mas uma marcha directa mais viva, mais impetuosa, de que o inimigo, foi o ponto de direcção e de que a derrota deste foi o seu termo.

# Revista da Cavalaria

Zaratiegui ao ordenar a actuação da sua Cavalaria, fez com que a Cavalaria n.º 6, ao sentir a Divisão Auxiliar ameaçada pela carga inimiga, procurasse tomar rapidamente uma posição em frente da qual havia obstáculos de que o inimigo não se tinha apercebido. Deixaram o adversário aproximar-se, e quando ele estava desunido por esses obstáculos carregou por sua vez contra ele.

Por aqui se pode imaginar o que foi a cavalgada heróica em que a Cavalaria n.º 6 colheu os loiros que coroaram a sua acção, e o ímpeto, a fúria, o fulgor que a devem ter caracterizado.

A carga foi comandada pelo capitão Rodrigo Fragoso, que veio a ser promovido ao posto immediato. Mas, as honras, cabem principalmente ao coronel do Regimento Simão da Costa Pessoa, que o comandou superiormente.

O porta-estandarte — o então alferes António Manuel Ribeiro de Carvalho, que igualmente como o seu comandante, foi condecorado com a Comenda da Ordem da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito, era avô de Sua Ex.<sup>a</sup> o general Ribeiro de Carvalho, Director da Arma, aqui presente.

## *Soldados do Regimento de Cavalaria N.º 6:*

Somos nós agora, os soldados de Cavalaria, que em África e perante um inimigo, não menos valioso que o de Macontene, o de Mousinho, temos a honrosa missão, de continuar os feitos de Macontene e seguir o exemplo de Mousinho.

A tarefa é árdua, é difícil e de responsabilidade decisiva para nós.

Mas não receio, não duvido que todos são capazes dos maiores sacrificios, pois possuem intrinsecamente qualidades que adormecidas, acordarão no momento oportuno, para assim, como disse Mousinho, na carta que referi, podermos dizer:

«Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na história de Portugal Contemporâneo», ainda somos nós, os soldados, que as escrevemos, continuando a lutar lá pelos sertões da África, não com as baionetas e as lanças a escorrer em sangue, mas com o nosso esforço, a nossa determinação e fé e até com sacrificio da própria vida.

Porém, e antes de terminar, não quero deixar de vos dizer, que vós, a juventude de hoje, tem sobre os vossos ombros a responsabilidade mais honrosa que os homens jamais podem ter.

A defesa da Nossa Pátria.

# Revista da Cavalaria

Estou certo, tenho a certeza que todos vós, merecereis os vossos mortos, de tal forma que fareis com que Portugal, seja de novo, aquilo que foi há século e meio após a derrota dos exércitos Napoleónicos, o Ponto de Apoio, da alavanca do Ocidente que há-de derrotar, vencer, fazer esquecer, as ideologias, a civilização e a sobrevivência dos ventos, que nestes tempos em que vivemos, sopram do leste.

Major ROCHA PINTO

Surpreender é portanto esmagar de perto no número e no tempo, sem isso o adversário surpreendido pelo número tem possibilidade de responder ao ataque, de chamar as suas reservas, o agressor perde a vantagem da surpresa.

FOCH

Essas condições de violência e de instantaneidade, o motor dá a possibilidade de as executar, ele que se presta a transportar o que se quiser e onde for necessário a qualquer velocidade, contanto que seja muito bem manobrado.

General DE GAULLE

# Placa Mousinho

Rol dos Cavaleiros que, pelo seu apurmo pessoal, mérito profissional, brio militar, dedicação pelo serviço e exemplar comportamento, receberam, no Dia da Cavalaria no ano de 1968, a **Placa Comemorativa do Patrono da Arma:**

*Escola Prática de Cavalaria*

Esq. Serv.  
Soldado n.º 04861365  
**Simões**

Esq. Inst.  
1.º Cabo n.º 09253865  
**Silva**



Esq. Rec.  
1.º Cabo n.º 08340365  
**Santos**

Esq. Com.  
Soldado n.º 04889865  
**Rosa**

Esq. C. C. — Soldado n.º 08194865 — **Silva**



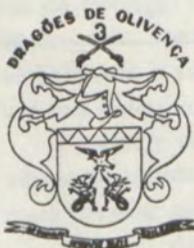
*Regimento de Lanceiros de Mousinho*

Formação — Soldado n.º 07847867 — **Sequeira**  
C. I. C. A. 3 — Soldado n.º 06029366 — **Carrilho**  
C. I. C. A. 3 — 1.º Cabo n.º 06224465 — **Martins**



*Regimento de Lanceiros da Praça de Moura*

1.º E. P. M. — 1.º Cabo n.º 02403866 — **Lardosa**  
2.º E. P. M. — 1.º Cabo n.º 05919765 — **Garcia**  
3.º E. P. M. — Soldado n.º 06112767 — **Inácio**  
Formação — 1.º Cabo n.º 08536777 — **Alves**



*Regimento de Dragões de Olivença*

Esq. Rec. — Soldado n.º 1847/65 — **Jacinto**  
Formação — Soldado n.º 06294365 — **Grilo**

# Placa Mousinho



*Regimento de Cavaleiros de Maconhene*

- 1.º E. C. C. — Soldado n.º 08854565 — **Viegas**
- 4.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 06390965 — **Sousa**
- 5.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 04979666 — **Peixoto**
- 6.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 09431066 — **Amorim**
- E. C. S. — Soldado n.º 01034465 — **Mestre**



*Regimento de Dragões de Entre-Douro e Minho*

- Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 08916065 — **Outeiro**
- Esq. Rec. — Soldado n.º 04890866 — **Guerreiro**
- Formação — 1.º Cabo n.º 09245465 — **Nunes**
- C. I. A. C. A. — Soldado n.º 08204465 — **Rocha**



*Regimento de Cavalaria do Cais*

- 2.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 00611967 — **Cândido**
- 2.º E. C. C. — Soldado n.º 04179367 — **Borrvalho**
- Esq. Inst. — Soldado n.º 02890166 — **Roberto**
- Formação — Soldado n.º 03769565 — **Cravo**



*Regimento de Cavalaria da Beira*

- Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 09540367 — **Moura**
- Esq. Inst. — Soldado n.º 09924966 — **Moisão**
- Formação — Soldado n.º 06919066 — **Luiz**

# QUADRO DE HONRA

(Desde 1961 até final de 1968)

**MORTOS EM COMBATE**

338

**MORTOS POR OUTRAS CAUSAS**

183

**PROMOVIDOS POR DISTINÇÃO**

3

**TORRE E ESPADA**

1

**VALOR MILITAR**

14

**CRUZES DE GUERRA**

335

**SERVIÇOS DISTINTOS COM PALMA**

63



# TRIBUTO DE SANGUE

## Rol dos Cavaleiros Mortos em Campanha

### MORTOS EM COMBATE

05-01-68	— Alferes	Estêvão Ferreira de Carvalho
05-01-68	— Alferes	Manuel Luís Empadinha Kágado
05-01-68	— Soldado	António Bento Andrade Salgueiro
13-01-68	— Soldado	Amílcar Paulo Gomes Grilho
20-01-68	— Soldado	Mário José Serra Ramos
29-01-68	— Soldado	Ricardo Ângelo Pereira Benoliel
03-02-68	— 1.º Cabo	Amândio Cerqueira Pereira
03-02-68	— Soldado	Alberto Pedro
12-02-68	— Soldado	Paulo Lima
26-02-68	— Alferes	António Joaquim Moura Cavaco
07-03-68	— Soldado	Manuel José Agosto
11-03-68	— Alf. Mil.	Victor Garcia Guerra
11-03-68	— Soldado	Victor Manuel Amador Bibiu
11-03-68	— Soldado	Camilo Ferreira Alves
11-03-68	— Soldado	Amável Lopes Baptista
19-03-68	— Fur. Mil.	João Serra
27-03-68	— Alf. Mil.	Venâncio Marinho Cruz
27-03-68	— Fur. Mil.	José Martins Cavaco
27-03-68	— Soldado	Victor Manuel Azevedo C. Branco
27-03-68	— Soldado	Celestino do Carmo Pereira
27-03-68	— Soldado	Joaquim José Capela de Cristo
28-03-68	— Alf. Mil.	José Manuel Macedo Azevedo Pais
28-03-68	— 1.º Cabo	Domingos Fialho da Silva
28-03-68	— 1.º Cabo	Quintino Anastácio Risso Valério
28-03-68	— Soldado	Jacinto Guerreiro Curtina
28-03-68	— Soldado	Manuel Caetano Nunes
09-04-68	— Soldado	Alberto Reginaldo Willians
10-04-68	— Soldado	António dos Santos Vieira

# Revista da Cavalaria

09-05-68	— 1.º Cabo	<b>Delfim Vinagre Freire</b>
31-05-68	— 1.º Cabo	<b>Albano de Melo Faria</b>
04-06-68	— Soldado	<b>Flora da Silva</b>
12-06-68	— Soldado	<b>Sece Seidi</b>
26-06-68	— 1.º Cabo	<b>Alexandre da Silva Miguel</b>
27-06-68	— Fur. Mil.	<b>Jorge Manuel Baptista da Silva</b>
27-06-68	— Soldado	<b>Faia Dane</b>
05-07-68	— Soldado	<b>Fernando Franco</b>
24-07-68	— Soldado	<b>Joaquim Barreira</b>
10-08-68	— Soldado	<b>João Luís Alves Calçada de Oliveira</b>
13-08-68	— Soldado	<b>Adelino dos Anjos Serra André</b>
24-08-68	— Soldado	<b>Júlio da Silva Carreira</b>
11-09-68	— Soldado	<b>Francisco Ferreira Frederico</b>
13-09-68	— 1.º Cabo	<b>José de Oliveira Pita</b>
14-09-68	— Soldado	<b>José Andrade Correia</b>
24-09-68	— Soldado	<b>Eduardo Jacinto Moreira Rafanão</b>
07-10-68	— 1.º Cabo	<b>António Valdemar F. Rodrigues</b>
11-10-68	— 1.º Cabo	<b>Chene Jaconias Mocumbi Iharriche</b>
19-10-68	— 1.º Cabo	<b>Sebastião Coelho Trindade Amaral</b>
23-10-68	— Soldado	<b>Manuel Gonçalves Martins Lima</b>
23-10-68	— Soldado	<b>António Rosa Simões</b>
01-11-68	— Soldado	<b>Victor Manuel Ribeiro Lopes</b>
06-11-68	— Fur. Mil.	<b>António Oliveira Simões</b>
21-11-68	— Soldado	<b>Silvino Loureiro Rodrigues</b>
28-11-68	— 1.º Cabo	<b>Augusto Delgado Duarte</b>
07-12-68	— Soldado	<b>José da Silva Alves</b>
14-12-68	— Fur. Mil.	<b>António Joaquim Melanda Oliveirã</b>
15-12-68	— Alf. Mil.	<b>Celso Lopes Ferreira</b>

## MORTOS POR OUTRAS CAUSAS

13-01-68	— 1.º Cabo	<b>José Alberto T. Figueiredo Alho</b>
16-01-68	— Soldado	<b>Joaquim Rosa Louça</b>
17-01-68	— Fur. Mil.	<b>Mariano de Jesus Leal</b>
02-02-68	— Soldado	<b>Carlos Alberto Correia Cunha</b>
10-02-68	— 1.º Cabo	<b>José Nascimento António</b>
21-02-68	— 1.º Cabo	<b>António Aurélio Pinto Fernandes</b>
05-03-68	— Soldado	<b>Manuel Ermelindo Monteiro Mota</b>
10-03-68	— Soldado	<b>Joaquim de Jesus Patego</b>
15-03-68	— Soldado	<b>António Jorge da Silva</b>
25-03-68	— Soldado	<b>Alfredo Andrade Lima</b>
26-03-68	— 1.º Cabo	<b>Faquir Ibraimo Dilivane</b>
01-04-68	— Soldado	<b>Hernâni Gomes Pereira da Silva</b>
10-04-68	— 2.º Sarg.	<b>Pacífico Sá Teixeira</b>

# Revista da Cavalaria

11-04-68	— Soldado	<b>Alberto Davane Manhica</b>
17-04-68	— 1.º Cabo	<b>Fernando Olivença de Almeida</b>
02-05-68	— 1.º Cabo	<b>José Francisco da Silva Galegos</b>
18-05-68	— Soldado	<b>Manuel da Silva</b>
29-05-68	— Soldado	<b>Manuel Correia</b>
08-06-68	— Soldado	<b>António Fernandes Barreira</b>
08-06-68	— Soldado	<b>Alexandre Caniça</b>
05-07-68	— Fur. Mil.	<b>Carlos Manuel Gaspar da Fonseca</b>
11-07-68	— Fur. Mil.	<b>Ernesto Ferreira Lemos</b>
20-07-68	— Soldado	<b>Francisco Lourenço</b>
25-07-68	— Fur. Mil.	<b>António Nascimento Pires Quintas</b>
28-07-68	— Soldado	<b>João Francisco</b>
30-07-68	— Fur. Mil.	<b>António José Inácio</b>
13-08-68	— 1.º Cabo	<b>Romeu Marques Pontífice</b>
16-08-68	— Soldado	<b>João Noel Freitas Paulo</b>
31-08-68	— 1.º Cabo	<b>Manuel Teixeira Monteiro</b>
07-09-68	— Alf. Mil.	<b>José António Lopes Gonçalves</b>
07-09-68	— Fur. Mil.	<b>Edgar António Pinto dos Santos</b>
16-09-68	— 1.º Cabo	<b>José Luís Gonçalves Lourenço</b>
02-10-68	— Soldado	<b>Jacinto Manuel de Sousa</b>
02-10-68	— Soldado	<b>Luís Filipe Teles</b>
03-10-68	— Soldado	<b>João Luís da Silva</b>
03-10-68	— Soldado	<b>José Maria Pacheco Duarte</b>
10-10-68	— Soldado	<b>Silvério Figueiredo de Castro</b>
12-10-68	— Soldado	<b>Luiz Gonzaga Gonçalves Pinto</b>
04-11-68	— 1.º Cabo	<b>Rubens Guengo Pedro</b>

# Revista da Cavalaria

## Rol dos Cavaleiros Feridos em Combate

1965

(Não mencionado nas Revistas anteriores)

30-11-65 — 1.º Cabo **Eliseu Augusto Cubeiro**

1966

(Não mencionados nas Revistas anteriores)

16-01-66 — 2.º Sarg. **Amílcar Teixeira**  
16-01-66 — Fur. Mil. **Mário de Jesus Manata**  
16-01-66 — 1.º Cabo **Américo de Jesus Nunes**  
16-01-66 — 1.º Cabo **Luiz de Jesus Amaro**  
16-01-66 — Soldado **António Pimenta Vidreiro**  
16-01-66 — Soldado **Joaquim Teixeira Mota**  
16-01-66 — Soldado **José António Ricardo Mendes**  
16-01-66 — Soldado **Manuel da Silva Freire**  
16-01-68 — Soldado **Hilménio Nunes de Sousa**

1967

(Não mencionados na Revista anterior)

25-02-67 — 1.º Cabo **Carlos Manuel Rodrigues Bernardes**  
25-02-67 — 1.º Cabo **Álvaro Claro**  
25-02-67 — Soldado **António José Domingos**  
25-02-67 — Soldado **Amílcar Patinhas Falardo**  
03-03-67 — Soldado **Eusébio da Costa Semedo**  
03-03-67 — Soldado **Adelino Jesus Pereira**  
01-04-67 — Soldado **Joaquim do Carmo Fernandes**  
11-04-67 — 1.º Cabo **Miguel M. das Eiras G. Carregosa**  
11-04-67 — Soldado **Hernâni Manuel Ciríaco**  
18-04-67 — Soldado **Virgílio Ludovino Maria**  
19-04-67 — Fur. Mil. **João S. H. S. Amado**  
19-04-67 — Fur. Mil. **Manuel Freitas**  
19-04-67 — 1.º Cabo **Joaquim A. M. Guerra**  
19-04-67 — 1.º Cabo **Silvino J. G. Palma**  
19-04-67 — 1.º Cabo **Joaquim D. Pereira**  
19-04-67 — Soldado **Armando J. Silva**  
20-04-67 — Alf. Mil. **António Lopes Vicente**  
07-05-67 — Alf. Mil. **José A. C. Bretão**  
07-05-67 — 2.º Sarg. **Arlindo Alves Martins**

# Revista da Cavalaria

07-05-67	— 1.º Cabo	João Tavares Pinto
07-05-67	— Soldado	Eusébio G. Lourenço
07-05-67	— Soldado	Fernando Ludovico
07-05-67	— Soldado	Leonel Pires Ferro
07-05-67	— Soldado	Joaquim R. Coelho
07-05-67	— Soldado	António G. Guerra
07-05-67	— Soldado	António Fortunato
11-05-67	— Soldado	João Brites F. Oliveira
11-05-67	— Soldado	Diamantino João Carapinha
11-05-67	— Soldado	Francisco Macedo Ferreira
11-05-67	— Soldado	João Brites Freire de Oliveira
12-05-67	— 1.º Cabo	Joaquim Moreira Pimenta
12-05-67	— Soldado	António Maria Bragança Rodrigues
16-05-67	— Soldado	Francisco Arrenega Paiva
25-05-67	— 1.º Cabo	Manuel Garcia dos Santos
13-06-67	— Soldado	António Felisberto M. Geirinhas
20-06-67	— 1.º Cabo	Manuel Farinha da Silva
20-06-67	— 1.º Cabo	Antero Esponso da Costa
20-06-67	— Soldado	Joaquim Guerreiro
20-06-67	— Soldado	Azevino Ramos
20-06-67	— Soldado	Manuel de J. Duarte Sabugueiro
20-06-67	— Soldado	Manuel Alves de Sousa Marinho
20-06-67	— Soldado	Fernando de Jesus Gonçalves
20-06-67	— Soldado	João Silvestre Afonso
21-06-67	— Alf. Mil.	Manuel João Duarte Martins
21-06-67	— Soldado	António Fernando Escravana
21-06-67	— Soldado	Idomeu Carapuça da Silva Nora
21-06-67	— Soldado	David Silva da Cunha
21-06-67	— Soldado	Abel Lopes Rodrigues
21-06-67	— Soldado	João Manuel Coronha Lopes
21-06-67	— Soldado	José Manuel Gato Afonso
23-06-67	— Capitão	Eduardo M. P. de Alarcão
23-06-67	— Alf. Mil.	Carlos Matos de Oliveira
23-06-67	— Fur. Mil.	Augusto Octávio de Sousa
23-06-67	— Fur. Mil.	Manuel Timóteo de Matos
23-06-67	— Fur. Mil.	Francisco Borges Garcia
23-06-67	— 1.º Cabo	António Julião Pereira
23-06-67	— 1.º Cabo	Domingos Sousa Pires
23-06-67	— Soldado	António Luís Vieira
23-06-67	— Soldado	João Ribeiro Martins
23-06-67	— Soldado	José Armando de Oliveira Cardoso
23-06-67	— Soldado	Domingos Aires A. Fernandes
23-06-67	— Soldado	João António Dores Letras
23-06-67	— Soldado	João Luiz da Corte
23-06-67	— Soldado	João Amoroso Pinto

# Revista da Cavalaria

23-06-67	— Soldado	<b>José Domingos Pires dos Santos</b>
23-06-67	— Soldado	<b>Evaristo de Jesus Simões</b>
20-07-67	— Alf. Mil.	<b>Carlos Matos de Oliveira</b>
20-07-67	— Soldado	<b>João Amoroso Pinto</b>
12-08-67	— Soldado	<b>João Manuel Rainho</b>
12-08-67	— Soldado	<b>Francisco Maria</b>
16-08-67	— Alf. Mil.	<b>António Gonçalves Varandas</b>
16-08-67	— Fur. Mil.	<b>Manuel Torres Maltez da Costa</b>
16-08-67	— 1.º Cabo	<b>Fausto de Abreu Picão</b>
16-08-67	— Soldado	<b>Adelino da Silva</b>
16-08-67	— Soldado	<b>Obainho Mané</b>
16-08-67	— Soldado	<b>Francisco Bartolomeu Teixeira</b>
16-08-67	— Soldado	<b>António C. P. Correia</b>
16-08-67	— Soldado	<b>Francisco A. Patraquinho</b>
16-08-67	— Soldado	<b>António F. Silva Oliveira</b>
16-08-67	— Soldado	<b>António Parreira</b>
16-08-67	— Soldado	<b>José B. Ramos</b>
16-08-67	— Soldado	<b>António J. S. Rato</b>
27-08-67	— Fur. Mil.	<b>João Marques Rodrigues Maia</b>
02-09-67	— Soldado	<b>Leonel Pereira Oliveira</b>
02-09-67	— Soldado	<b>Nazimo Ussene Sucá</b>
12-09-67	— Alf. Mil.	<b>Michael Schnitzer da Silva</b>
12-09-67	— 1.º Cabo	<b>António da Luz Pinto</b>
12-09-67	— Soldado	<b>António Vieira Pereira</b>
16-09-67	— Soldado	<b>José C. Viegas</b>
16-09-67	— Soldado	<b>Luís F. Carvalho</b>
01-10-67	— Soldado	<b>António Joaquim Alexandrino</b>
02-10-67	— Soldado	<b>Eduardo Rodrigues Nunes</b>
02-10-67	— Soldado	<b>Renato Suterio dos Reis Chagas</b>
02-10-67	— Soldado	<b>Joaquim F. Guerreiro de Freitas</b>
20-10-67	— Fur. Mil.	<b>Nelson Nogueira Pinto de Sousa</b>
20-10-67	— Fur. Mil.	<b>José Augusto Vieira Gamelas</b>
11-11-67	— Fur. Mil.	<b>Manuel Fernando Pinto Vilaça</b>
16-11-67	— 1.º Cabo	<b>Rogério D. Lourenço</b>
16-11-67	— 1.º Cabo	<b>Lino António Vieira da Cruz</b>
16-11-67	— Soldado	<b>António da Conceição Silva</b>
16-11-67	— Soldado	<b>Joaquim A. Quintino dos Santos</b>
16-11-67	— Soldado	<b>Domingos da Conceição José</b>
16-11-67	— Soldado	<b>António José Farias</b>
16-11-67	— Soldado	<b>João Manuel Griló Baptista</b>
20-11-67	— Caç. Nat.	<b>Munfetá</b>
27-11-67	— Soldado	<b>Manuel dos Santos Zuzarte</b>
27-11-67	— Soldado	<b>Manuel da Costa Pacheco</b>
29-11-67	— Fur. Mil.	<b>Luís António Oliveira Frade</b>
29-11-67	— Soldado	<b>Carlos Alberto Tomás Gama</b>

# Revista da Cavalaria

- 02-12-67 — 1.º Cabo **António Carvalho Lopes**  
02-12-67 — Soldado **José V. Miranda de Andrade**  
02-12-67 — Soldado **António A. Calhau**  
02-12-67 — Soldado **José Joaquim Rodrigues da Cruz**  
02-12-67 — Soldado **Valentim Carlos Cipriano Piedade**  
02-12-67 — Soldado **João de Jesus Mendes**  
06-12-67 — 1.º Cabo **Amadeu Ferreira da Cruz**  
06-12-67 — Soldado **António Vieira Pereira**  
09-12-67 — Soldado **João Manuel da Silva Vieira**  
09-12-67 — Soldado **Manuel Martins Coelho**  
09-12-67 — Caç. Nat. **Induba Iogue**  
12-12-67 — Soldado **António Jorge Pimenta Cabral**  
13-12-67 — Fur. Mil. **Ibraim T. Martins**  
26-12-67 — 1.º Cabo **Luís José Castor Florindo**  
26-12-67 — Soldado **Fernando José Luís**  
26-12-67 — Soldado **João Medinas Colaço**  
26-12-67 — Soldado **Carlos Alberto da Silva Figueiredo**  
28-12-67 — Soldado **Álvaro Amadeu Scheidecker**  
— Alf. Mil. **Agostinho Tavares de Freitas**  
— Fur. Mil. **António José C. Mouzinho Leste**  
— 1.º Cabo **Francisco Carlos Abrantes Sampaio**  
— 1.º Cabo **José Freitas das Neves**  
— 1.º Cabo **Manuel Taborda Martins**  
— 1.º Cabo **Acácio Antunes Santos Neves**  
— 1.º Cabo **Antero da Costa Melo**  
— 1.º Cabo **António da Conceição**  
— 1.º Cabo **José Alberto Figueiredo Alho**  
— Soldado **Joãozinho Cabral**  
— Soldado **Fermiano Carmo Pablo**  
— Soldado **Sebastião Saraiva Registo**  
— Soldado **João Ribeiro**

1968

- 05-01-68 — Soldado **Albino João**  
05-01-68 — Soldado **Manuel Francisco Duarte**  
05-01-68 — Soldado **José Diogo Lobo**  
11-01-68 — Alf. Mil. **Michael Schnitzer da Silva**  
13-01-68 — Fur. Mil. **Carlos Alberto García R. da Araújo**  
13-01-68 — Soldado **Luís Manuel Pereira Augusto**  
18-01-68 — 2.º Sarg. **José A. B. Leão**  
18-01-68 — Fur. Mil. **João J. H. S. Amado**  
18-01-68 — Fur. Mil. **Victor M. B. M. Galhóz**

# Revista da Cavalaria

18-01-68	— Fur. Mil.	<b>Henrique A. Martins</b>
18-01-68	— Fur. Mil.	<b>Jacinto Francisco</b>
18-01-68	— Soldado	<b>José L. Freitas</b>
18-01-68	— Soldado	<b>António J. Cambado</b>
18-01-68	— Soldado	<b>José M. R. Marques</b>
19-01-68	— Fur. Mil.	<b>Joaquim Meireles Fernandes</b>
19-01-68	— 1.º Cabo	<b>Rogério A. Jesus</b>
19-01-68	— 1.º Cabo	<b>Henrique Campos Mendes</b>
19-01-68	— 1.º Cabo	<b>José Manuel Carvalheira Victorino</b>
19-01-68	— Soldado	<b>Lucílio Manuel Damásio</b>
19-01-68	— Soldado	<b>José António Pimenta Curtinhal</b>
19-01-68	— Soldado	<b>Bernardino Gomes de Oliveira</b>
19-01-68	— Soldado	<b>Manuel Inácio Jóia Duarte</b>
20-01-68	— Soldado	<b>Joaquim Eduardo dos S. Baptista</b>
26-01-68	— Fur. Mil.	<b>António da Silva Barbosa Gamelas</b>
26-01-68	— 1.º Cabo	<b>Cadu Adbul Narcy</b>
26-01-68	— Soldado	<b>Júlio dos Santos Changamire</b>
26-01-68	— Soldado	<b>Armindo Senda Chivale</b>
26-01-68	— Soldado	<b>Fernando Luís Pinhões Figueiredo</b>
01-02-68	— 1.º Cabo	<b>Manuel Pancada de Sousa</b>
01-02-68	— Soldado	<b>Carlos Alberto</b>
03-02-68	— 1.º Cabo	<b>Eduardo Santos Silva</b>
03-02-68	— Soldado	<b>José Belariano Sousa Cardoso</b>
07-02-68	— Fur. Mil.	<b>Francisco de Sousa Silva</b>
07-02-68	— Soldado	<b>João Mateus Pires Santos</b>
09-02-68	— Fur. Mil.	<b>Carlos de Castro César</b>
09-02-68	— Soldado	<b>Joaquim da Silva Carvalho</b>
09-02-68	— Soldado	<b>Felismino Gaspar Louro</b>
09-02-68	— Soldado	<b>Augusto Coutinho dos Santos</b>
16-02-68	— 1.º Cabo	<b>António José Lourenço P. Vale</b>
21-02-68	— Soldado	<b>Joaquim Augusto Neves Rodrigues</b>
23-02-68	— Fur. Mil.	<b>José Pereira Catarino</b>
23-02-68	— Caç. Nat.	<b>Amadu Canté</b>
23-02-68	— Caç. Nat.	<b>Albino Gabriel</b>
23-02-68	— Caç. Nat.	<b>Mário Gomes</b>
28-02-68	— Alf. Mil.	<b>João Manuel da Cruz</b>
28-02-68	— Soldado	<b>José Correia Santana</b>
02-03-68	— 1.º Cabo	<b>Serafim Geraldês Nabeiro</b>
02-03-68	— Soldado	<b>João Nazaré Fernandes</b>
07-03-68	— Alf. Mil.	<b>Artur Emílio Carvalho Mesquita</b>
07-03-68	— Fur. Mil.	<b>José Pedro Baptista</b>
07-03-68	— Soldado	<b>António Lucas Fontes</b>
07-03-68	— Soldado	<b>Bento Horta Gonçalves</b>
07-03-68	— Soldado	<b>José da Conceição P. Cigarro</b>
07-03-68	— Soldado	<b>António Manuel Cordeiro Inácio</b>

# Revista da Cavalaria

07-03-68	— Soldado	Santos Gonçalves Lobo
11-03-68	— Fur. Mil.	António de Araújo Dias Pimenta
11-03-68	— Soldado	Guilherme G. Aniceto
11-03-68	— Soldado	Carlos O. Borges
11-03-68	— Soldado	José D. Serrenho
16-03-68	— 1.º Cabo	Carlos Afonso Gomes
19-03-68	— 1.º Cabo	Luis Catarino Francisco
20-03-68	— 1.º Cabo	Mário Marques Bento
20-03-68	— 1.º Cabo	Sílvio Manuel Campos Braz
23-03-68	— Soldado	Fernando Passinhas Pardal
25-03-68	— Fur. Mil.	António Garcia Ricardo
25-03-68	— Soldado	Décio Gonçalves Albino
25-03-68	— Soldado	Idalécio Severino Figueiras
26-03-68	— Alf. Mil.	Michael Schnitzer da Silva
27-03-68	— Alf. Mil.	António Enes Azevedo
27-03-68	— 1.º Cabo	Joaquim Nogueira Marques
27-03-68	— 1.º Cabo	Manuel Paulo Gomes da Silva
27-03-68	— Soldado	Bento José M. Ferreira Algarvio
27-03-68	— Soldado	António Cuento dos Santos Botas
27-03-68	— Soldado	Fernando Pereira de Carvalho
27-03-68	— Soldado	Helder de Sousa Cristóvão
27-03-68	— Soldado	Fernando da Silva Seixas Dantas
27-03-68	— Soldado	Manuel Francisco Mourão Gaspar
27-03-68	— Soldado	José Vicente Refacinho Mourão
27-03-68	— Soldado	Laurindo Ferreira Moita
27-03-68	— Soldado	Manuel Gomes Pires
27-03-68	— Soldado	Manuel Tavares Ramalhete
27-03-68	— Soldado	Cândido Sousa Matas
28-03-68	— 2.º Sarg.	José Cruz de Oliveira
29-03-68	— Soldado	Alberto Amador do Carmo
30-03-68	— Fur. Mil.	António Herculano Dias de Azevedo
30-03-68	— Soldado	José Mendes Teixeira
04-04-68	— Tenente	Ricardo F. Figueiredo de Barros
04-04-68	— 1.º Cabo	Vítor Manuel Brigel Anacleto
04-04-68	— 1.º Cabo	Francisco Justino Evangelista
04-04-68	— 1.º Cabo	Manuel Ferreira Tobias
04-04-68	— Soldado	Carlos Alberto Mendes Cordeiro
04-04-68	— Soldado	Joaquim Carreira Gomes Grilo
09-04-68	— Fur. Mil.	Filipe Júlio Moreira Caseiro
09-04-68	— 1.º Cabo	Simão Salvador Mungambe
09-04-68	— Soldado	Sérgio José Dias Soares Pinheiro
09-04-68	— Soldado	Fausto Domingues Fidalgo
09-04-68	— Soldado	Inácio Soares do Rosário Lunguissa
11-04-68	— Fur. Mil.	José do Nascimento Figueiredo
11-04-68	— Soldado	Joaquim Martins da Costa

# Revista da Cavalaria

13-04-68	— 1.º Cabo	José Ramos Amaro
13-04-68	— Soldado	Acácio do Nascimento Veríssimo
13-04-68	— Soldado	António Lopes Caetano
16-04-68	— Soldado	José de Jesus Freire
22-04-68	— Soldado	José L. Cruz
25-04-68	— Soldado	Aemé Simá
02-05-68	— 1.º Cabo	Arnaldo dos Santos Martins
02-05-68	— Soldado	Manuel Pinto Carneiro
09-05-68	— Soldado	António José Borrhalho Tanganho
11-05-68	— Soldado	Delfim Oliveira Baptista
11-05-68	— Soldado	Manuel da Silva
16-05-68	— Soldado	José Mendes Teixeira
16-05-68	— Caç. Nat.	Amadu Jaló
16-05-68	— Caç. Nat.	Alfama Dames
16-05-68	— Caç. Nat.	Domingos Uomna
23-05-68	— Soldado	José Pós de Mina C. Matias
23-05-68	— Soldado	Carlos Alberto de Brito Lata
29-05-68	— Soldado	José Carlos Amaral Ferreira
29-05-68	— Soldado	Luís da Silva Costa
30-05-68	— 1.º Cabo	Martinho R. Domingues Gonçalves
30-05-68	— Soldado	Manuel Gonçalves Martins Lima
04-06-68	— Caç. Nat.	Mário Gomes
04-06-68	— Caç. Nat.	Ducalão Mantalé
08-06-68	— Capitão	Rui Fernando Leal Marques
08-06-68	— Soldado	José Caeiro Matias
08-06-68	— Soldado	Silvestre António Silva M. Pedrosa
08-06-68	— Soldado	Manuel Martins dos Santos
08-06-68	— Soldado	Adriano Augusto da Silva
08-06-68	— Soldado	Camilo de Oliveira F. da Silva
27-06-68	— Soldado	Mário Mestre Póvoa
13-07-68	— Fur. Mil.	José Soares de Campos
13-07-68	— Soldado	João Coelho Moreira
15-07-68	— Soldado	Raul José Piedade
28-07-68	— 2.º Sarg.	Manuel Alves Martins
28-07-68	— Fur. Mil.	Joaquim Baptista dos Santos
28-07-68	— Soldado	Vítor Manuel Correia Borges
28-07-68	— Soldado	José Fernando Vieira Tibúrcio
28-07-68	— Soldado	Francisco da Silva Gonçalves
28-07-68	— Soldado	Manuel Caeiro Augusto
22-08-68	— Caç. Nat.	Dubna Intanha
09-09-68	— 1.º Cabo	António Esmaias
09-09-68	— Soldado	António da Rosa Paixão
09-09-68	— Soldado	João Biscaia Baptista
12-09-68	— Soldado	Luís Mateus Pinela Caldeira
16-09-68	— Fur. Mil.	José do Nascimento Figueiredo

# Revista da Cavalaria

16-09-68	— 1.º Cabo	<b>Carlos Campos da Silva</b>
16-09-68	— 1.º Cabo	<b>Mário Afonso Pereira</b>
16-09-68	— 1.º Cabo	<b>Helder Justino Condeça</b>
16-09-68	— Soldado	<b>Manuel da Conceição Cenia</b>
16-09-68	— Soldado	<b>Joaquim Martins da Costa</b>
21-09-68	— 1.º Cabo	<b>José Luís Toureiro Peniche</b>
21-09-68	— Soldado	<b>Mário de Oliveira Leite</b>
21-09-68	— Soldado	<b>José Pires Fernandes</b>
21-09-68	— Soldado	<b>José Manuel Dores Martins</b>
21-09-68	— Caç. Nat.	<b>Ducalão Montalé</b>
23-09-68	— 1.º Cabo	<b>Carlos Maria Pereira de Figueiredo</b>
23-09-68	— Soldado	<b>Aires Mota Bento Figueiredo</b>
23-09-68	— Soldado	<b>Manuel Joaquim Noné</b>
24-10-68	— Fur. Mil.	<b>Artur Oliveira Lobo</b>
24-10-68	— 1.º Cabo	<b>João Quintino B. Pereira</b>
24-10-68	— Soldado	<b>Luís Santinho Morais</b>
24-10-68	— Soldado	<b>Manuel Fernandes Jordão</b>
31-10-68	— Soldado	<b>João Maria Monteiro</b>
21-11-68	— Soldado	<b>Manuel Ribeiro Pereira</b>
28-11-68	— Soldado	<b>Francisco Trindade Lourenço</b>
28-11-68	— Soldado	<b>António Gomes de Jesus</b>
30-12-68	— Fur. Mil.	<b>Manuel Ezequiel Paiva</b>
30-12-68	— 1.º Cabo	<b>José Fernandes Coelho Santos</b>
30-12-68	— 1.º Cabo	<b>Sezinando Álvaro Brito</b>
30-12-68	— Soldado	<b>Durval da Silva Ferreira</b>
30-12-68	— Soldado	<b>João Antunes Domingues</b>
30-12-68	— Soldado	<b>Américo de Oliveira Novo</b>
30-12-68	— Soldado	<b>Abel Marques Pereira</b>
30-12-68	— Soldado	<b>Manuel Joaquim Marques Silva</b>
	— Cap. Mil.	<b>Fernando António Ramos</b>
	— Fur. Mil.	<b>Fernando da Costa Santos</b>
	— 1.º Cabo	<b>Cassano Ray Issufo Remane</b>
	— 1.º Cabo	<b>José Alves Faria</b>
	— 1.º Cabo	<b>António Martinho Pacheco Felício</b>
	— 1.º Cabo	<b>Luís Carlos Pontes Queimado</b>
	— Soldado	<b>Alberto Silva</b>
	— Soldado	<b>Waldemar Frois da Silva</b>
	— Soldado	<b>Joaquim Ribeiro Gomes</b>
	— Soldado	<b>Nuro Dauto Sadó</b>
	— Soldado	<b>Manuel João de Brito</b>
	— Soldado	<b>Júlio Esteves</b>
	— Soldado	<b>Domingos H. Garrancho</b>
	— Soldado	<b>Armando Silva</b>
	— Soldado	<b>Armando Graça Eleutério</b>
	— Soldado	<b>Rui Fernandes M. Duarte</b>

## MORTOS EM COMBATE



Alferes Estevão Ferreira de Carvalho  
R. C. 3

*Filho de António Ferreira de Carvalho e de Belmira da Conceição. Natural de Sta. Mari-  
nha do Zézere — Baião. Idade 21 Anos. Fa-  
leceu a 5 de Janeiro de 1968.*



Alferes Manuel Luís Empadinha Kágado  
R. C. 3

*Filho de Silvano Manuel Kágado e de Lu-  
cinda Josefa Empadinhas. Natural de S. Pe-  
dro — Évora. Idade 24 anos. Faleceu a 5 de  
Janeiro de 1968.*



Soldado António Bento Andrade Salgueiro  
R. C. 3

*Filho de José Lourenço Salgueiro e de Maria  
Jacinta Soares Andrade. Natural de S. Sal-  
vador de Aramanha — Marvão. Idade 21 anos.  
Faleceu a 5 de Janeiro de 1968.*



Soldado Amílcar Paulo Gomes Grilo  
R. C. 7

*Filho de Augusto Gomes Grilo e de Emília  
Inácia Paula. Natural de Marinha Grande.  
Idade 22 anos. Faleceu a 13 de Janeiro de  
1968.*



Soldado Mário José Serra Ramos  
R. C. 6

*Filho de José Marques Ramos e de Irene Henriques Serra Ramos. Natural de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa. Idade 23 anos. Faleceu a 20 de Janeiro de 1968.*



Soldado Ricardo Ângelo Pereira Benoiel  
Esq. Cav. 2

*Filho de Raúl Oliveira Benoiel e de Odete Baptista Ferreira Benoiel. Natural de Lourenço Marques. Idade 21 anos. Faleceu a 29 de Janeiro de 1968.*



1.º Cabo Amândio Cerqueira Pereira  
R. C. 3

*Filho de José da Costa Pereira e de Custódia Gomes Cerqueira. Natural de Lavradas — Ponte de Barca. Faleceu a 3 de Fevereiro de 1968.*



Soldado Alberto Pedro  
R. C. 3

*Filho de Francisco Pedro e de Rosalina Cândida. Natural de S. Sebastião — Setúbal. Faleceu a 3 de Fevereiro de 1968.*



Soldado Paulo Lima  
R. C. 6

*Filho de Manuel de Lima e de Maria Cândida. Natural de Cepões — Lamego. Idade 23 anos. Faleceu a 12 de Fevereiro de 1968.*



Alferes António Joaquim Moura Cavaco  
R. C. 7

*Filho de António Joaquim Moura Cavaco e de Herminia Gertrudes de Moura. Natural de Santo Estevão — Benavente. Idade 24 anos. Faleceu a 26 de Fevereiro de 1968.*



Soldado Manuel José Agosto  
R. C. 7

*Filho de José Agosto e de Otilia dos Reis Horta. Natural de Paderne — Albufeira. Idade 24 anos. Faleceu a 7 de Março de 1968.*



Alferes Mil.º Vitor Garcia Guerra  
R. C. 3

*Filho de Augusto Luis Garcia Guerra e de Maria Augusta. Natural de Oleiros. Idade 21 anos. Faleceu a 11 de Março de 1968.*



Soldado Victor Manuel Amador Bibiu  
R. C. 3

*Filho de Francisco José Bibiu e de Mariana Rosa Amador. Natural de Cascais. Idade 21 anos. Faleceu a 11 de Março de 1968.*



Soldado Camilo Ferreira Alves  
R. C. 3

*Filho de Jofre Alves e de Isolina Ferreira Peixoto. Natural de Braga. Idade 22 anos. Faleceu a 11 de Março de 1968.*



Soldado Amável Lopes Baptista  
R. C. 3

*Filho de Guilherme Lopes Matias e de Ilda Baptista. Natural de Mouriscas — Abrantes. Idade 20 anos. Faleceu a 11 de Março de 1968.*



Furiel Mil.º João Serra  
R. C. 3

*Filho de Paulo Serra e de Rosária Rosa. Natural de Maçãs de Caminho — Alvaiazeres. Idade 23 anos. Faleceu a 19 de Março de 1968.*



Alferes Mil.º Venâncio Marinho Cruz  
R. C. 3

*Filho de João Baptista Marinho Cruz e de Matilde Gonçalves Ferreira Cruz. Natural de Celorico de Bastos. Idade 27 anos. Faleceu a 27 de Março de 1968.*



Furriel Mil.º José Martins Cavaco  
R. C. 3

*Filho de Manuel Cavaco e de Benvinda Martins Cavaco. Natural de Alcoutim. Idade 23 anos. Faleceu a 27 de Março de 1968.*



Soldado Victor Manuel A. Castelo Branco  
R. C. 3

*Filho de Francisco Costa Lacerda Castelo Branco e de Maria de Jesus Barata Castelo Branco. Natural de Santa Isabel—Lisboa. Idade 23 anos. Faleceu a 27 de Março de 1968.*



Soldado Celestino do Carmo Pereira  
R. C. 3

*Filho de Manuel Pereira e de Maria do Carmo Baló Pereira. Natural de Setúbal. Idade 23 anos. Faleceu a 27 de Março de 1968.*



Soldado Joaquim José Capela de Cristo  
R. C. 3

*Filho de António Joaquim Cristo e de Joana Rita Capela. Natural de Vera Cruz — Portel. Idade 23 anos. Faleceu a 27 de Março de 1968.*



Alferes Mil.º José Manuel M. Azeredo Pais  
R. C. 3

*Filho de José Azeredo Pais e de Laura Natália Macedo Pais. Natural de Ribeira Brava — Funchal. Idade 26 anos. Faleceu a 28 de Março de 1968.*



1.º Cabo Domingos Fialho da Silva  
R. C. 3

*Filho de Marcos da Silva e de Maria Fialho Franco. Natural de Moura. Idade 22 anos. Faleceu a 28 de Março de 1968.*



1.º Cabo Quintino Anastácio Risco Valério  
R. C. 3

*Filho de João Anastácio Valério e de Leandra Maria Risco. Natural de Alandroal. Idade 23 anos. Faleceu a 28 de Março de 1968.*



Soldado Jacinto Guerreiro Curtinha  
R. C. 3

*Filho de Jacinto Guerreiro Curtinha e de Mariana Teresa. Natural de S. Tiago de Cacém. Idade 22 anos. Faleceu a 28 de Março de 1968.*



Soldado Mannel Caetano Nunes  
R. C. 3

*Filho de João Nunes e de Maria do Céu Caetano. Natural de Caria—Belmonte. Idade 23 anos. Faleceu a 28 de Março de 1968.*



Soldado Alberto Reginaldo Williano  
Esq. Cav. 2

*Filho de Reginaldo e de Rosa. Natural de Marromeu. Idade 22 anos. Faleceu a 9 de Abril de 1968.*



Soldado Manuel António dos Santos Vieira  
R. C. 8

*Filho de António dos Santos Vieira e de Fernanda das Dolores Barros. Natural de Ponchal—Portimão. Idade 22 anos. Faleceu a 10 de Abril de 1968.*



1.º Cabo Delfim Vinagre Freire  
R. C. 3

*Filho de José Freire e de Emília Vinagre.  
Natural de Ancião. Idade 21 anos. Faleceu  
a 9 de Maio de 1968.*



1.º Cabo Albano de Melo Faria  
R. C. 3

*Filho de António Oliveira Macedo e de Izuraida de Melo Faria. Natural de Horta — Açores. Idade 21 anos. Faleceu a 31 de Maio de 1968.*



Soldado Flora da Silva  
R. C. 3

*Filho de Samper da Silva e de Cecília da Silva. Natural de Nossa Senhora da Natividade — Cacheu. Idade 22 anos. Faleceu a 4 de Junho de 1968.*



Furriel Mil.º Ernesto Ferreira Lemos  
R. C. 3

*Filho de Joaquim de Lemos e de Maria Ferreira da Silva. Natural de Massarelos — Porto Faleceu a 11 de Junho de 1968.*



1.º Cabo Alexandre da Silva Miguel  
R. C. 3

*Filho de Luis Miguel e de Maria Barros da Silva. Natural de Juncal — Porto de Mós. Idade 22 anos. Faleceu a 26 de Junho de 1968.*



Soldado Fernando Franco  
R. C. 8

*Filho de Joaquim Pinheiro Franco e de Maria da Piedade Franco. Natural de Reguengo do Fetal — Batalha. Idade 22 anos. Faleceu a 5 de Julho de 1968.*



Soldado Joaquim Barreira  
R. C. 8

*Filho de Luis Pereira Castanho e de Carminda Barreira. Natural de Socorro — Lisboa. Idade 21 anos. Faleceu a 24 de Julho de 1968.*



Soldado João Luís Alves Calçada de Oliveira  
Esq. Cav. 2

*Filho de Eugénio Oliveira e de Maria Eugénia Alves Calçada. Natural de Lourenço Marques. Idade 22 anos. Faleceu a 10 de Agosto de 1968.*



Soldado Adelino dos Anjos Serra André  
Rec. Prov.

*Filho de José Anunciação André e de Ilda Celeste Serra. Natural de Figueira de Castelo Rodrigo. Idade 23 anos. Faleceu a 13 de Agosto de 1968.*



Soldado Júlio da Silva Carreira  
R. C. 7

*Filho de Mário da Silva Carreira e de Ana Maria da Costa Leal. Natural de Gondifelos — V. N. de Famalicão. Idade 23 anos. Faleceu a 24 de Agosto de 1968.*



Soldado Francisco Ferreira Frederico  
R. C. 7

*Filho de Abílio Frederico e de Virginia Marques Ferreira. Natural de Pontevel — Cartaxo. Idade 22 anos. Faleceu a 11 de Setembro de 1968.*



1.º Cabo José de Oliveira Pita  
R. C. 3

*Filho de António de Simões Cravo e de Rosa de Jesus Pita. Natural de Murtosa. Idade 22 anos. Faleceu a 13 de Setembro de 1968.*



Soldado José Andrade Correia  
R. C. 3

*Filho de Inácio Correia e de Maria José Correia. Natural de S. Salvador de Arame-  
nha — Marvão. Idade 21 anos. Faleceu a 14  
de Setembro de 1968.*



Soldado Eduardo Jacinto Moreira Rafanão  
R. C. 7

*Filho de António Borges Rafanão e de Maria  
Moreira. Natural de Vale de Cavalos — Cha-  
musca. Idade 22 anos. Faleceu a 24 de Se-  
tembro de 1968.*



1.º Cabo Chene Joconias Mocumbi Ilharriche  
Esq. Cav. 2

*Filho de Joconias Mocumbi e de Mariana  
David. Natural de Inharrime. Idade 28 anos.  
Faleceu a 11 de Outubro de 1968.*



1.º Cabo Sebastião Coelho Trindade Amaral  
R. C. 7

*Filho de João António Amaral e de Laurinda  
Rosa Coelho. Natural de Castanheira de  
Pera. Idade 21 anos. Faleceu a 19 de Outu-  
bro de 1968.*



Soldado Manuel Gonçalves Martins Lima  
R. C. 8

*Filho de Eduardo Costa Lima e de Maria Gonçalves Manso. Natural de Arcozelo—V. N. de Gaia. Idade 22 anos. Faleceu a 23 de Outubro de 1968.*



Soldado António Rosa Simões  
R. C. 8

*Filho de Joaquim Simões e de Albertina Rosa. Natural de Casais—Tomar. Idade 22 anos. Faleceu a 23 de Outubro de 1968.*



Soldado Victor Manuel Ribeiro Lopes  
R. C. 6

*Filho de Paulino Monteiro e de Maria Luisa R. Lopes. Natural de Lisboa. Idade 22 anos. Faleceu a 1 de Novembro de 1968.*



Furriel Mil.º António Oliveira Simões  
R. C. 8

*Filho de Adérito Francisco Simões e de Angelina Rosa Veloso Simões. Natural de Oeiras. Idade 23 anos. Faleceu a 6 de Novembro de 1968.*



Soldado Silvino Loureiro Rodrigues  
R. C. 7

*Filho de Manuel Rodrigues e de Maria Loureiro. Natural de Monte Redondo — Leiria. Idade 22 anos. Faleceu a 21 de Novembro de 1968.*



1.º Cabo Augusto Delgado Duarte  
R. C. 3

*Filho de José Duarte e de Rita Rosa. Natural de Vila Franca das Naves — Trancoso. Idade 22 anos. Faleceu a 28 de Novembro de 1968.*



Soldado José da Silva Alves  
R. C. 7

*Filho de Joaquim Alves e de Maria Mónica. Natural de Cela — Alcobaça. Idade 22 anos. Faleceu a 7 de Dezembro de 1968.*



Furriel Mil.º António Joaquim M. Oliveira  
R. C. 3

*Filho de Joaquim Maria Oliveira e de Zulmira Jesus Melanda. Natural de Ferreira a Nova — Figueira da Foz. Idade 23 anos. Faleceu a 14 de Dezembro de 1968.*



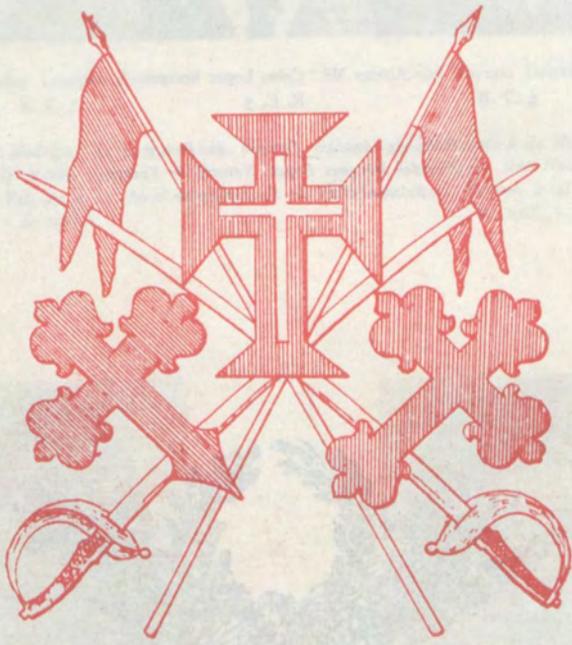
Alferes Mil.º Celso Lopes Ferreira  
R. C. 3

*Filho de António Ferreira do Pomar e de  
Florides Marques Lopes. Natural de Tondela.  
Faleceu a 15 de Dezembro de 1968.*





Faded text caption for the top portrait, possibly identifying the individuals.



Faded text caption for the map, likely describing its geographical focus.

Faded text block on the bottom left, possibly a dedication or introductory paragraph.

Faded text block on the bottom right, possibly a dedication or introductory paragraph.

PROF. DR. JOSE GONZALEZ

# HOMENAGEM

DISCIPLINA





PROMOÇÕES

POR

DISTINÇÃO

Tenente Mil.º Manuel Jorge de Carvalho Sampaio Faria

# Revista da Cavalaria

Manuel Jorge de Carvalho Sampaio Faria



Tenente Miliciano

O. E. n.º 11 — 2.ª Série — de 1 de Junho de 1968

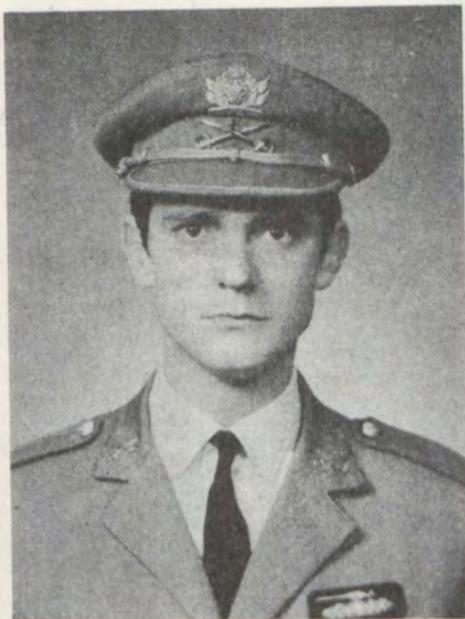


**ORDEM  
MILITAR  
DA TORRE  
E ESPADA,  
DO VALOR,  
LEALDADE  
E MÉRITO  
COM PALMA**

**Capitão Duarte Manuel de Amarante Rocha Pamplona**

# Revista da Cavalaria

Duarte Manuel de Amarante  
Rocha Pamplona



Capitão

*Grau de oficial, com palma, da Ordem Militar da Torre e Espada,  
do Valor, Lealdade e Mérito*

Considerando as qualidades de coragem, desembaraço, firmeza, sangue-frio e abnegação demonstradas pelo capitão de cavalaria Duarte Manuel de Amarante Rocha Pamplona quando, no dia 7 de Fevereiro de 1966, a companhia que comandava foi emboscada;

Considerando o absoluto desprezo pelo perigo e pela própria vida, de que deu provas, quando, já depois de haver perdido um oficial e duas praças e ele próprio ter sofrido vários ferimentos graves provocados por estilhaços de granadas, se lançou, por três vezes e sob forte

# Revista da Cavalaria

e violento fogo, com toda a audácia e valentia, contra as posições inimigas, não só dirigindo o ataque, como fazendo fogo com a própria arma;

Considerando que a notável acção deste oficial, como chefe militar em combate, foi extraordinário exemplo de heroísmo para os seus soldados, que o consideraram inultrapassável em valor;

Considerando que, estando ainda em tratamento dos ferimentos recebidos, voltou voluntariamente ao comando da sua companhia, na zona de acção, revelando uma vez mais as suas excepcionais qualidades militares;

Considerando que durante um ano de intensa actividade operacional no Niassa, ao transmitir à força do seu comando elevada eficiência e dando sempre o exemplo, na condução dos seus subordinados, em muitos e variados combates, revelou, mais uma vez, as suas altas qualidades de militar;

Considerando esta atitude heroica e destemida e a elevada noção dos seus deveres, como actos excepcionais de abnegação e sacrifício pela Pátria e pela humanidade:

Américo Deus Rodrigues Thomaz, Presidente da República e grão-mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas, faz saber que, nos termos do Decreto-Lei n.º 44 721, de 24 de Novembro de 1962, confere ao capitão de cavalaria Duarte Manuel de Amarante Rocha Pamplona, sob proposta do Presidente do Conselho, o grau de oficial, com palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Alvará de 23 de Maio de 1968

Publicado no *D. G.* n.º 144, 2.ª Série, de 19 de Junho de 1968

*O. E.* n.º 13, de 1 de Julho de 1968





# VALOR MILITAR COM PALMA

Alferes Mil.<sup>o</sup> **Venâncio Marinho Cruz**

Soldado **Antônio Nunes Soares**

# Revista da Cavalaria



Venâncio Marinho Cruz

Alferes Miliciano

*Medalha de Prata de Valor Militar  
com Palma*

(A título póstumo)

O. E. n.º 16 — 2.ª Série  
de 16 de Agosto de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Valor Militar, com Palma, a título póstumo, nos termos do Artigo 7.º, com referência ao § 1.º do Artigo 51.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pelas suas extraordinárias qualidades de coragem, abnegação e camaradagem, já antes demonstradas e sublimemente evidenciadas durante uma violenta emboscada sofrida pelas nossas tropas na noite de 27 para 28 de Março de 1968.

Nesta acção, comandando uma patrulha de pequeno efectivo e tendo a maioria dos seus homens sido atingidos aos primeiros tiros, deu rapidamente as ordens para a reacção e, vendo que em cima da viatura que os transportava, e que estava incendiada, jazia um seu subordinado, que começava a ser devorado pelas chamas, voltou para junto daquela e, só, indiferente ao fogo nutrido do inimigo, tentou puxar o corpo, quando, descoberto no meio da picada e iluminado pelo clarão de uma granada incendiária foi mortalmente atingido por uma rajada do inimigo.

Logo que se sentiu ferido, o alferes Cruz incitou os seus homens para o combate, recomendou-lhes que cuidassem das armas dos seus camaradas feridos e, sangrando abundantemente, arrastou-se para o capim, onde veio a falecer. A admirável valentia deste oficial e o excelso altruísmo e rara abnegação que o levaram, conscientemente, a sacrificar a vida por um seu subordinado são paradigma das mais acrisoladas virtudes militares, causam o comovido orgulho dos seus camaradas de armas, contribuem para a Glória do Exército que devotadamente serviu e honram a Pátria.



António Nunes Soares

Soldado

*Medalha de Prata de Valor Militar  
com Palma*

O. E. n.º 23 — 3.ª Série  
de 20 de Agosto de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Medalha de Prata de Valor Militar, com Palma, nos termos do Artigo 7.º, com referência ao § 1.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pelos seus feitos em combate, durante uma violenta emboscada sofrida pelas nossas tropas na noite de 27 de Março de 1968, pois sendo um dos poucos soldados ilesos e vendo diversos camaradas gravemente feridos, no meio da picada, indiferente ao fogo cerrado que o inimigo mantinha para tentar o assalto, e ao clarão de uma viatura em chamas que o iluminava, ras-tejando e somente com os seus próprios meios, conseguiu tirar para fora da «zona de morte», sucessivamente, cinco dos feridos, recuperar todas as suas espingardas automáticas e arrastá-los às costas para o meio do capim, salvando-os de morte certa, mercê da sua admirável coragem e acendrada abnegação.

Tendo depois verificado que nada podia fazer por um seu superior morto em cima de uma viatura incendiada e apercebendo-se que o inimigo já diversas vezes tentara o assalto a fim de capturar a espingarda automática daquele graduado, e apesar de já ter sido atingido mortalmente o seu Comandante ao aproximar-se da referida viatura, voltou para junto desta, desprezando o perigo, na altura em que um elemento inimigo se preparava para levar a arma abandonada e como, ao tentar fazer fogo com a sua espingarda, esta se encravasse, carregou para cima do bandoleiro e com uma coronhada na cabeça atirou-o inanimado para o capim, recuperando a arma que o mesmo já segurava.

Revelou, assim, o Soldado Soares ser um extraordinário combatente, possuidor de raras e preciosas qualidades de valentia, coragem física e moral, sangue-frio, desprezo pelo perigo e sublime abnegação e altruísmo, definindo no mais apurado sentido as virtudes incomparáveis do Soldado de Portugal.

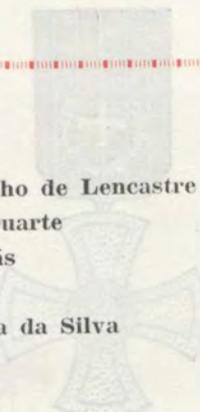




# CRUZ DE GUERRA

Capitão	<b>João Ramiro Alves Ribeiro</b>
Alferes	<b>Luís António Andrade Âmbar</b>
Soldado	<b>Armando Pedro Barreiro dos Santos</b>
Soldado	<b>José Dias António</b>
Capitão	<b>António Baptista Tomé</b>
Alferes Mil.º	<b>José Eduardo de Sousa Uva</b>
Alferes Mil.º	<b>José Manuel Martins Poças</b>
Furriel Mil.º	<b>Fernando Abel Jorge de Carvalho</b>
1.º Cabo	<b>Joaquim Pedro Carreiro Rendeiro</b>
1.º Cabo	<b>Luís José Castor Florindo</b>
Soldado	<b>Valentim Campos da Silva</b>
Soldado	<b>António Manuel Cordeiro Inácio</b>
Capitão	<b>José do Nascimento Martins</b>
Capitão	<b>António Diogo de Brito e Faro</b>
Alferes Mil.º	<b>Francisco Artur Bernardes Carneiro</b>
Alferes Mil.º	<b>José Manuel da Cruz Henriques</b>
Alferes Mil.º	<b>Gonçalo Nuno Duarte de Sampaio Fevereiro</b>
Alferes Mil.º	<b>Pedro Manuel de Oliveira Marinho Falcão</b>
Furriel Mil.º	<b>Armando Gaspar de Brito</b>
Soldado	<b>Olívio de Sousa Ferreira Mestre</b>
Soldado	<b>Francisco dos Santos Gonçalves Lobo</b>
Soldado	<b>Alberto Pedro</b>
Soldado	<b>Serafim Mário Moreira da Silva</b>
Soldado	<b>José Vicente Refacinho Mourão</b>
2.º Sargento	<b>António Fernando Heitor Morais</b>

# Revista da Cavalaria



2.º Sargento	<b>Arlindo Alves Martins</b>
Furriel Mil.º	<b>Estêvão Maria Sá Coutinho de Lencastre</b>
Furriel Mil.º	<b>José Filipe dos Santos Duarte</b>
Furriel Mil.º	<b>Renato David Gomes Brás</b>
1.º Cabo	<b>Manuel Guerreiro Coelho</b>
1.º Cabo	<b>Amadeu Gonçalves Vieira da Silva</b>
1.º Cabo	<b>Joaquim Duarte Dias</b>
1.º Cabo	<b>João Ramajal Alves</b>
1.º Cabo	<b>Fernando Cândido de Jesus</b>
1.º Cabo	<b>Armando Alves Nunes da Silva</b>
1.º Cabo	<b>Albino Ferreira Bessa</b>
1.º Cabo	<b>António Manuel Soares Ferreira Simões</b>
Soldado	<b>Domingos Aires Antunes Fernandes</b>
Soldado	<b>Joaquim Maria Correia Mourato</b>
Soldado	<b>Ricardo Ângelo Pereira Benoliel</b>
Soldado	<b>Manuel Arnaldo Sequeira Marques</b>
Soldado	<b>Manuel dos Santos Baptista</b>
Soldado	<b>Carlos Alberto da Silva Figueiredo</b>
Soldado	<b>António Mendes Nogueira</b>
Soldado	<b>Valentim Joaquim Lourenço</b>
Soldado	<b>Helder Martins</b>
Soldado	<b>José Henrique Mota Fernandes</b>
Soldado	<b>Silvio Alfredo Carneiro da Silva</b>
Soldado	<b>José Inácio de Medeiros</b>
Soldado	<b>Manuel Bruno Duarte</b>
Soldado	<b>José Joaquim Varela Martins</b>
Sold. Milfícia	<b>Bacar Camará</b>
Caç. Nat.	<b>Guela Baldé</b>



## João Ramiro Alves Ribeiro

Capitão

*Cruz de Guerra de 1.ª Classe*

O. E. n.º 8 — 2.ª Série  
de 15 de Abril de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

LOUVADO, porque, tendo servido no Comando Territorial Independente da Guiné durante 21 meses, se creditou como oficial excepcionalmente brioso, muito competente e experimentado, possuidor de sólidos e profundos conhecimentos sobre o género de guerra que enfrentamos no Ultramar. Incansável no seu dinamismo e entusiasmo, voluntarioso e muito trabalhador, apurado e disciplinado, dotado de invulgares qualidades de discernimento na apreciação, estudo e resolução de problemas que teve de enfrentar, mesmo aqueles de especial dificuldade ou melindre, houve-se sempre de maneira brilhante e altamente eficiente, por forma a impôr-se não só no meio militar, como também entre as autoridades administrativas e as populações, dotado do mais elevado e consciente espírito de missão, cuja determinação e firmeza teve oportunidade de afirmar durante a sua permanência numa região especialmente difícil e delicada pela sua situação junto da fronteira e onde o inimigo, activamente ousado até à sua chegada deixou de se fazer sentir devido à sua aureolada acção, às suas decisões de rara oportunidade e ao seu espírito manobrador.

Tomou parte em numerosas operações, tendo-se distinguido sobretudo nas «Holofote», «Gigante» e «Fósforo», pela eficiência de comando e prática de actos extraordinários de rara abnegação, valentia e coragem, com grave risco da vida.

A meritória actuação psicológica desenvolvida sobre as populações soube aliar um controle perfeito das mesmas, de acentuada feição prática e de especial importância relativamente à volumosa população transmigrada de outras regiões para a do Sul, do sector da sua companhia, o que conduziu à detenção e aprisionamento de diversos elementos inimigos, vivendo na clandestinidade no seio daquelas populações.

# Revista da Cavalaria

Este excelente militar, inteligente, muito desembaraçado, voluntarioso e enérgico, vivendo sempre com grande intensidade todas as situações que lhe foram criadas pelo inimigo, por mais difíceis que fossem, revelando grande agressividade, acompanhando sempre em operações, os seus grupos de combate, prestou, no exercício das suas funções, valorosos e distintos feitos de armas, de que resultaram brilho e honra para as forças armadas e para a Nação.

# Revista da Cavalaria



## Luís António Andrade Âmbar Alferes

*Cruz de Guerra de 1.ª Classe*  
(A título póstumo)

O. E. n.º 16 — 2.ª Série  
de 19 de Agosto de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, a título póstumo, pela sua extraordinária coragem, abnegação e espírito de sacrifício frente ao inimigo e debaixo do fogo amplamente demonstrados nas numerosas acções de combate em que tomou parte.

Destacam-se as suas actuações na operação «Quatro camaradas», em que, ao receber ordens para assaltar com o seu grupo de combate, em ataque frontal, as posições dominantes donde numeroso grupo inimigo varria as nossas tropas com intenso fogo de armas automáticas, morteiros e lança-granadas-foguete, foi o primeiro a lançar-se imediatamente para a frente, apesar de haver cerca de 800 metros de terreno a percorrer, plano, descoberto e batido pelo fogo inimigo. A sua actuação galvanizou de tal maneira os seus homens que estes não exitaram em segui-lo, conseguindo, juntamente com outro grupo de combate que actuava no seu flanco direito, desalojar o inimigo ao fim de hora e meia de violento combate. De realçar também a sua actuação na operação «Sobe-Sobe», em que, ao preparar-se para executar um golpe de mão a uma base inimiga e havendo sido detectado já sobre a base não hesitou em dar a ordem de assalto mais cedo do que fora previsto, a fim de evitar que o grupo inimigo se pusesse em fuga. Ao dar esta ordem de assalto, fê-lo com plena consciência do grave perigo que corria, devido à fraca visibilidade; no entanto, não hesitou em correr este perigo, sendo ele o primeiro a lançar-se ao assalto à frente dos seus homens, o que lhe custou a vida, pois foi atingido pelo fogo inimigo. Assim, o alferes Âmbar, com o seu heroísmo e total espírito de missão e sacrifício, acabou por dar, conscientemente, a sua vida pela Pátria.



## Armando Pedro Barreiro dos Santos Soldado

*Cruz de Guerra de 1.ª Classe*

O. E. n.º 1 — 3.ª Série  
de 10 de Janeiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela sua brilhante conduta debaixo de fogo quando, no dia 11 de Julho de 1967, uma pequena força em que ia incorporado foi violentamente emboscada. Quando as duas viaturas que constituíam a coluna foram colhidas por repentino e súbito fogo inimigo, que instantaneamente causou três mortos e quatro feridos, e verificando que debaixo de uma delas ficara uma lata contendo um líquido inflamável, deslocou-se sob fogo intenso, conseguindo retirá-la para local onde não oferecia perigo, apercebendo-se que o seu Comandante da Secção se encontrava ferido e com a arma inutilizada, sempre debaixo de fogo, dirigiu-se ao mesmo, encorajou-o e foi-lhe buscar outra arma; detectando um grupo inimigo dispondo de arma automática, que tentava o assalto, frustrou-lhe os seus intentos atingindo com o seu fogo o apontador daquela arma, de tal forma que aquele teve de ser arrastado pelos companheiros; uma vez posto o inimigo em fuga, não havendo meios de transmissão e estando as duas viaturas impossibilitadas de se moverem, ofereceu-se voluntariamente para, com mais dois camaradas, se deslocar a pé a uma distância de dezassete quilómetros a fim de comunicar a ocorrência e solicitar auxílio, muito embora estivesse bem consciente do novo perigo que corria dada a iminência de novo encontro com o inimigo. Através de toda a sua actuação perpassa uma serena e lúcida valentia, um espírito de camaradagem e abnegação extraordinárias, um correr de riscos pensado mas generosamente tomado que merecem ser apontados como nobilitante e raro exemplo e as enquadram nas tradições gloriosas do Exército Português.

# Revista da Cavalaria



José Dias António

Soldado

*Cruz de Guerra de 1.ª Classe*

O. E. n.º 1 — 3.ª Série  
de 10 de Janeiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela sua brilhante conduta debaixo de fogo quando, no dia 11 de Julho de 1967, uma pequena força em que ia incorporado foi violentamente emboscada, tirando partido da surpresa, da sua superioridade numérica e de abundante e variado armamento, o inimigo causou instantaneamente um número de baixas que se deve considerar elevadíssimo em relação ao pequeno efectivo da força empenhada na operação, entre elas a morte do apontador da Breda montada na viatura. Criadas, assim, pelo inimigo as condições ideais para o assalto com todas as probabilidades de êxito, na eminência do mesmo e com total desprezo pela vida, o Soldado Dias António, indiferente ao fogo intenso do inimigo, saltou para cima da viatura e substituiu o seu camarada morto, dirigiu o fogo mortífero da metralhadora pesada sobre os assaltantes, desencravando esta arma por três vezes, operação durante a qual ainda teve a decisão e o desembaraço de lançar uma granada de mão ofensiva sobre um grupo inimigo, que, aproveitando uma daquelas interrupções de tiro, tentava aproximar-se. A valente conduta deste Soldado, a sua firme determinação e a sua serena coragem debaixo de fogo contribuíram decisivamente para que a reacção dos seus camaradas se processasse pela forma mais enérgica, pondo o inimigo em fuga e causando-lhe baixas comprovadas, transformando, desta forma, uma situação muito melindrosa numa vitória para as nossas tropas. A valentia, decisão, sangue-frio e espírito de abnegação reveladas por este Soldado são dignas de ser apontadas como raro e nobilitante exemplo e enquadram-se nas tradições gloriosas do Exército Português.

# Revista da Cavalaria



António Baptista Tomé

Capitão

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 22 — 2.ª Série  
de 15 de Novembro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, pelas notáveis e excepcionais qualidades reveladas no comando da sua Companhia, tanto no que respeita ao interesse pelas instalações e pela instrução e ao elevado grau de disciplina e eficiência operacional que lhe imprimiu, como ainda pelo desprezo pelo perigo com que sempre enfrentou o inimigo nas operações em que tomou parte na Zona de Intervenção Norte, na Região Militar de Moçambique.

A sua formação militar, capacidade de sofrimento, tenacidade e espírito combativo deve aquela Companhia os êxitos que alcançou, não obstante desaperantes contrariedades iniciais.

Participando, por princípio, em qualquer das muitas operações da sua tropa, revelou ser sempre um planeador meticuloso e inteligente, cuja calma e valentia perante o inimigo o impuseram como um chefe militar de alto valor, acarretando-lhe a admiração e dedicação dos seus subordinados, a quem soube insuflar uma iniciativa e agressividade tais que permitiram à companhia manter sempre uma brilhante e frutuosa actividade, mesmo quando o Capitão Tomé não estava presente.

Ao seu dinamismo se deve a perseguição tenazmente movida aos bandidos, a qual se concretizou pela limpeza praticamente total da sua zona de acção e pelos excelentes resultados em armamento, munições e outro material capturado, inimigos abatidos e capturados e acampamentos ilegais e outros meios de vida destruídos.

Em contínua acção numa zona onde a implantação de minas pelo inimigo era frequente, nem mesmo quando ferido pelo rebentamento de uma delas deixou de prosseguir ousadamente na sua missão até final.

# Revista da Cavalaria

No comando das diversas operações revelou sempre, a par de frio raciocínio, uma inquebrantável determinação, que nem em períodos de crise de saúde foi afectada. De salientar a decisão e perseverança com que, na operação «Gazela», realizada de 23 a 27 de Novembro de 1966, conduziu a sua companhia à destruição da base geral de Meponda. Comandando-a igualmente na operação «Mousinho», e 29 de Junho a 1 de Julho de 1967, enfrentou as flagelações do inimigo com coragem, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo já revelados noutras circunstâncias, designadamente por ocasião da emboscada sofrida no decurso da operação «Zebra», que teve lugar de 4 a 9 de Dezembro de 1966, e na qual o inimigo atacou com tiro de bazooça e de armas semi-automáticas, sendo obrigado a retirar para se furtar aos efeitos da manobra decididamente esboçada pelas nossas tropas.

A escolha da sua Companhia para unidade de intervenção, no fim de mais de um ano de acção ininterrupta numa zona de intensa actividade operacional no Niassa, define, por si só, o Capitão Tomé como um chefe de alta craveira e de indiscutível valor militar, de cuja acção resultou, incontestavelmente, elevado lustre e glória para as armas portuguesas.



## José Eduardo de Sousa Uva

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 3 — 2.ª Série

de 1 de Fevereiro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, por durante a operação «Buepo Macio», por si comandada, devido ao comandante da sua Companhia se encontrar na altura doente, a qual conduziu à captura não só de Chairmam Saide Assize, como também de bastantes elementos da população fugida e de razoável quantidade de material de guerra inimigo, ter praticado actos de bravura que demonstram excepcionais qualidades de sangue-frio, coragem, decisão e desprezo pela vida, actos que o Alferes miliciano Uva não revelou por modéstia, só se vindo a saber mais tarde, por intermédio da Polícia Internacional e de Defesa do Estado de Vila Cabral, que em officio dirigido ao Comando da Região Militar de Moçambique citou a forma como o Alferes miliciano Uva tinha lutado corpo a corpo com o Chairmam Saide Assize, que desarmou e prendeu durante a referida operação.

O referido officio da Polícia Internacional e de Defesa do Estado resultou da confissão do citado Chairmam que declarou só não ter abatido o Alferes miliciano Uva na altura em que este entrou na sua palhota e o capturou, desarmando-o, depois da luta corpo a corpo, por não saber convenientemente fazer fogo com a sua arma, por a mesma lhe ter sido distribuída na véspera, em substituição de uma outra arma que possuía de tipo diferente.

Graças às excepcionais qualidades do Alferes miliciano Uva, foi possível às nossas tropas capturar o Chairmam Saide Assize, um dos elementos terroristas de maior projecção junto da base geral da serra Jeci, o que contribuiu para o desmantelamento da organização, capacidade e moral do inimigo.

Por tudo isto considero o Alferes miliciano Uva digno de servir de exemplo aos seus camaradas na luta em que estamos empenhados.



## José Manuel Martins Poças

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 15 — 2.ª Série  
de 1 de Agosto de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

LOUVADO, porque, no decurso da sua comissão nesta Província, tem demonstrado possuir excelentes qualidades de comando na condução do seu grupo de combate, nunca se poupando a esforços e evidenciando sempre grande espírito de sacrificio nas múltiplas e numerosas acções em que tomou parte.

Oferecendo-se voluntariamente para organizar, instruir e comandar o Grupo de Combate «Os Invulneráveis», arrogou-se desde logo o direito, no que foi secundado por todos os seus subordinados, de ocupar sempre a testa das forças empenhadas, chamando a si próprio as missões mais arriscadas, em todas as situações.

É especialmente digna de menção a sua actuação nas operações «Extremar III», «Fru-Fru», «Factura» e «Damasco Maduro», em que, com as suas excepcionais qualidades de coragem, decisão, audácia, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, galvanizou o seu grupo de combate levando-o a desalojar um IN muito numeroso e bem armado que foi sempre desbaratado.

Excelente colaborador e camarada, é digno e merecedor da estima e consideração dos seus superiores, camaradas e subordinados, constituindo um exemplo de homem e de militar a apontar à já gloriosa Juventude Portuguesa.

# Revista da Cavalaria



Fernando Abel Jorge  
de Carvalho

Furriel Miliciano

*Cruz de Guerra de 2.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 1 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 10 de Janeiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.<sup>a</sup> Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pelas extraordinárias qualidades de coragem, sangue-frio e invulgar espírito de sacrifício revelados durante uma emboscada que o inimigo montou às nossas tropas no dia 11 de Julho de 1967.

Beneficiando de grande potencial de fogo, tirando partido inicial da surpresa e actuando com elevado número de elementos, causou-nos o inimigo instantaneamente três mortos e quatro feridos, o que, numa força com o efectivo de dezasseis militares, poderia constituir um preponderante factor de desmoralização. Tal não sucedeu, antes pelo contrário, e para tanto muito contribuiu o exemplo dado pelo Furriel Carvalho que, apesar de gravemente ferido numa perna e com a sua arma inutilizada pelo fogo inimigo, encontrou coragem para pedir que lhe dessem outra arma, erguer-se coxeando e, incitando e orientando os seus subordinados, dirigir-se resolutamente sobre as posições ocupadas pelo inimigo, que debandou perante tão heróica, determinada e eficaz reacção.

Este graduado demonstrou possuir no mais alto grau a noção dos deveres e sacrifícios que as funções de comando devem implicar, demonstrando um estoicismo e um sereno raciocínio debaixo de fogo que só são possíveis num óptimo combatente. O desprezo pela vida, o espírito de abnegação e sacrifício, a coragem e determinação tão vincadamente demonstradas constituem justificados motivos de orgulho para a Arma a que pertence e enquadra-se na linha tradicional das gloriosas tradições do Exército Português.

# Revista da Cavalaria



## Joaquim Pedro Carreiro Rendeiro

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 33 — 3.ª Série  
de 30 de Novembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela sua brilhante conduta em combate quando, no dia 7 de Março de 1968, o grupo de combate em cuja secção da vanguarda ia incorporado caiu em forte emboscada. Tendo o inimigo conseguido isolar momentaneamente a sua secção, à qual provocara instantaneamente um elevado e desmoralizador número de baixas, nunca perdeu a serenidade e sangue-frio e, revelando uma valentia e veterania extraordinárias, lançou uma granada de mão defensiva que caíra junto de si e veio a rebentar nas posições inimigas; sempre debaixo de fogo intenso, e verificando a pouca eficácia do fogo de espingarda, sozinho, uma vez que o seu municionador havia sido morto aos primeiros tiros, introduziu as granadas no tubo do LGF, fez as ligações e disparou por várias vezes. A serena energia, extraordinária valentia e espírito de abnegação desta praça e dos seus camaradas de secção permitiram inverter uma situação que se apresentava crítica para as NT, pois contribuíram para criar as circunstâncias materiais e o clima moral que forçaram a retirada de um inimigo que havia disposto de todas as possibilidades de realizar o assalto, aniquilamento e pilhagem de toda a secção a que esta Praça pertencia. A heróica conduta do 1.º Cabo Rendeiro constituiu um nobilitante exemplo de valentia que bem se enquadra nas tradições gloriosas do Exército Português.



## Luís José Castor Florindo

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 33 — 3.ª Série

de 30 de Novembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, pela sua acção relevante quando da emboscada que sofreu uma coluna daquela Unidade, que ia render o pessoal do Posto de Vigilância n.º 11 — Nantomba da Zona de Intervenção Norte de Moçambique, em 26 de Dezembro de 1967. Tendo sido atingida por granadas de bazooka a Berliet em que seguia, o que provocou mortos e ferimentos graves em todos os seus ocupantes, o 1.º Cabo Florindo, com a perna esquerda esfacelada, apenas presa por uns músculos, saltou da viatura e, rastejando, conseguiu, à custa de um sacrifício e estoicismo invulgares, fazer fogo sobre as posições inimigas, protegendo com a sua acção os seus camaradas, mortos e feridos, de um possível assalto inimigo e ajudando a pôr este em debandada.

Com a coragem, sangue-frio, decisão, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida, e ainda que gravemente ferido, aumentou com a sua acção as gloriosas tradições da sua Arma. É de salientar a calma que este militar demonstrou, quando, já na sede da Companhia, era prestada assistência médica aos feridos, e os conselhos de serenidade que dava a um seu camarada que, gravemente ferido também, estava deitado ao seu lado.

Esta Praça alia às suas extraordinárias qualidades de coragem e bravura magníficas qualidades cívicas, humanas e militares, um espírito de camaradagem e um sentido do dever dignos dos mais rasgados elogios e de uma elevada e profunda admiração. Por tudo isto, o 1.º Cabo Florindo, que constitui um exemplo altamente dignificante, merece o respeito e a admiração de todos os seus superiores e camaradas, pois contribuiu para aumentar as gloriosas tradições do Exército Português, muito honrando a Pátria pela qual generosa e heróicamente derramou o seu sangue.



## Valentim Campos da Silva

Soldado

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 6 — 3.ª Série  
de 29 de Fevereiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, porque, no dia 19 de Janeiro de 1967, quando a coluna de cuja escolta fazia parte sofreu uma emboscada na estrada Catur-Vila Cabral, e o Unimog em que seguia foi atingido por uma granada de Bazooca que matou dois dos seus camaradas e feriu mais seis, apesar de ferido por inúmeros estilhaços nas costas e cabeça, infiltrou-se no capim, sozinho, e bateu o inimigo de flanco. Depois de ter esvaziado dois carregadores, foi ao Unimog buscar três granadas de Bazooca, e, sempre debaixo de fogo, rastejou com elas para junto dos mortos e restantes feridos onde se encontrava a Bazooca e onde se fazia sentir o maior esforço inimigo. Aí, foi enchendo os carregadores e fazendo fogo dum local e doutro para dar a ideia de que havia mais pessoal a atirar, havendo na realidade apenas mais dois camaradas seus que estavam capazes de responder ao fogo inimigo. Entretanto, na falta de enfermeiro, que se encontrava num dos extremos da coluna, onde só muito tarde, devido à extensão desta, se aperceberam da emboscada, fez ainda uma imobilização, servindo-se de canas, na perna partida dum seu camarada que se encontrava com dores.

O Soldado Valentim demonstrou exemplar noção do seu dever de militar, generosidade e abnegação, muita coragem, serenidade e sangue-frio, sendo digno de admiração e apreço de todos os seus camaradas.



## António Manuel Cordeiro Inácio

Soldado

*Cruz de Guerra de 2.ª Classe*

O. E. n.º 33 — 3.ª Série  
de 30 de Novembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela sua brilhante conduta em combate quando, no dia 7 de Março de 1968, o grupo de combate em cuja secção da vanguarda ia incorporado caiu em forte emboscada. Tendo o inimigo conseguido isolar momentaneamente a sua secção, apesar de gravemente ferido por um tiro que lhe arrancou quase e totalmente um músculo duma perna e com as costas crivadas de estilhaços, ao cair junto de si uma granada de mão defensiva não hesitou em arremessá-la imediatamente sobre as posições inimigas junto das quais rebentou; posteriormente, o seu estoicismo e a sua admirável fibra de combatente permitiram-lhe ainda encontrar forças para fazer fogo com a sua arma, não obstante o sofrimento que a gravidade dos seus ferimentos lhe provocava. Deve salientar-se que a acção desta Praça teve lugar sob condições particularmente desmoralizadoras, pois o súbito intensíssimo fogo com que o inimigo surpreendera a sua secção havia provocado imediatas e graves baixas entre os seus camaradas. A serena energia, extraordinária valentia e espírito de abnegação desta Praça e dos seus camaradas de secção permitiram inverter uma situação que se apresentava crítica para as nossas tropas, pois contribuíram para criar as circunstâncias materiais e o clima moral que forçaram a retirada de um inimigo que havia disposto de todas as possibilidades de realizar o assalto, aniquilamento e pilhagem de toda a secção a que esta Praça pertencia. A heróica conduta do Soldado Inácio constitui um nobilitante exemplo de valentia que bem se enquadra nas tradições gloriosas do Exército Português.



## José do Nascimento Martins

Capitão

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 11 — 2.ª Série  
de 1 de Junho de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, pela forma valorosa e notável como exerceu as funções de comandante do Esquadrão de Cavalaria 3, na Região Militar de Moçambique.

Durante o período de oito meses em que a sua unidade permaneceu em Mueda, o capitão Nascimento Martins tomou parte em quase todas as acções efectuadas pelo Esquadrão, ou pelas suas subunidades, e esteve inúmeras vezes debaixo de fogo inimigo, demonstrando sempre possuir em grau elevado qualidades de coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo.

Nas variadíssimas missões que comandou ou acompanhou, o capitão Nascimento Martins defrontou emboscadas, flagelações, cortes de itinerários, minas e armadilhas, cumprindo sempre integralmente todas as missões com um comportamento à altura das circunstâncias e fazendo com que o Esquadrão de Cavalaria 3 fosse considerado uma Unidade de elevado nível, que transmitia confiança total e permanente aos elementos a quem escoltava ou garantia protecção e que sempre desejavam o seu apoio.

Correcto, disciplinado e disciplinador, dotado do maior bom senso, ponderação, sentido de oportunidade nas decisões tomadas e de óptimo espírito de missão, este Oficial prestou, numa das regiões mais difíceis do Norte de Moçambique, serviços de muito mérito que merecem ser distinguidos e honram a Arma de Cavalaria a que pertence, a Região Militar de Moçambique e o Exército, que tão abnegadamente serve.

# Revista da Cavalaria



António Diogo de Brito  
e Faro

Capitão

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 23 — 2.ª Série  
de 1 de Dezembro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, porque ao longo de cerca de 22 meses demonstrou no comando da sua Companhia excelentes qualidades de chefe, conseguindo com a sua acção tirar o melhor rendimento da actuação do seu pessoal. Durante este período tomou parte em todas as operações e acções da Companhia, em posições de maior risco e responsabilidade, distinguindo-se especialmente, e por isso sendo citado numa operação em que com rara serenidade e firmeza comandou a sua Companhia num «baptismo de fogo» de oito horas seguidas debaixo de fogo intenso, e pela admirável coragem e energia com que impulsionou os seus homens numa outra operação numa situação invulgarmente difícil, de continuas e violentas emboscadas.

Últimamente a intensa actividade da Companhia, a intercepção dum grupo itinerante e um golpe de mão a um «quimbo» clandestino, onde se acoitava um bando, levaram à captura de numerosos elementos da UNITA, ocasionando pesadas baixas ao IN, ao qual foi capturado ainda diverso material.

Por todos estes feitos praticados em combate e demonstrativos de coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo e sangue-frio, qualidades que muito o honraram frente ao inimigo, é o Capitão Brito e Faro, credor da estima e consideração dos seus superiores e subordinados, e digno de ser apontado como exemplo.



## Francisco Artur Bernardes Carneiro

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 1 — 2.ª Série  
de 1 de Janeiro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela forma audaciosa como comandou o seu grupo de combate, reduzido a cerca de metade do efectivo normal, conduzindo-o com valentia, serenidade e decisão extraordinárias, durante a acção «Caça», contra um numeroso e muito bem armado grupo inimigo. Mercê da sua coragem, energia, desprezo pelo perigo e forma destemida como conduziu a acção, com risco até da própria vida, comandou directamente um dos três extremamente reduzidos núcleos em que por sua vez tãcticamente articulou o seu grupo de combate, com o qual fez uma cuidadosa aproximação e realizou o assalto, obtendo, sobre o inimigo, notáveis resultados, quer pelo número de baixas que lhe infringiu, quer pelo armamento, equipamento e diverso material que este foi compelido a abandonar no terreno.

Subalterno inteligente, muito correcto e apumado, possuidor de elevadas qualidades morais e iguais dotes de carácter, vem-se qualificando como um oficial muito calmo, voluntarioso, disciplinado e disciplinador, com perfeita noção do dever, impondo-se à consideração geral e comandando com a maior eficiência o seu grupo de combate nas mais diversas situações, conseguindo também, mediante a sua acção de comando, melhorar consideravelmente as condições de vida do seu destacamento, apesar dos escassos meios ao seu dispor.

Pelo brilho e valor de toda a sua conduta anteriormente referida, constitui o Alferes Carneiro um exemplo das nobres virtudes militares e os serviços que prestou na Zona de Intervenção Leste da Região Militar de Angola devem ser considerados extraordinários e de alto valor.



## José Manuel da Cruz Henriques

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 3 — 2.<sup>a</sup> Série  
de 1 de Fevereiro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, quer pela forma como comandou o Pelotão de Reconhecimento da CCS/B. Cav. 1836, do qual é comandante, quer ainda, os elementos que integrava no Pelotão de Sapadores da mesma CCS, na reacção às emboscadas sofridas num itinerário do subsector, tudo isto como consequência da persistente e eficiente instrução e treino, por si anteriormente ministradas quer, muito especialmente, pelo exemplo de coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo, sangue-frio e de bravura que deu a todos os seus subordinados, conseguindo, mediante ordens rápidas e seguras tirar o melhor rendimento do pessoal e material, obrigando o IN a retirar, após ter sofrido baixas prováveis. Todo este procedimento não só se enquadra no espírito que tem animado constantemente este Oficial Subalterno afirmando-o possuidor, além de elevados dotes de carácter, de especial aptidão para servir nas mais diversas circunstâncias, o que por vezes efectuou com denodado espírito de sacrifício perante condições de inferioridade física de momento confirmando as suas elevadas qualidades de abnegação e comprovando mais uma vez a sua coragem moral. Pelos factos acabados de referir, pelo seu espírito de decisão e sacrifício, todos eles patenteando as suas qualidades de chefia, não só o Alferes Cruz Henriques se vem impondo constantemente à consideração dos chefes e subordinados como ainda desempenhando-se de molde a honrar-se em presença do IN.



## Gonçalo Nuno Duarte de Sampaio Fevreiro

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 4 — 2.ª Série  
de 15 de Fevereiro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, por no comando do seu grupo, em Moçambique, ter exercido sempre extraordinária e eficiente actividade na condução dos seus homens em combate, evidenciando elevada técnica de combate e enorme vontade no cumprimento integral das missões de que é incumbido. Em diversas operações tem conseguido assinalados êxitos, nomeadamente na operação «Pamplona», onde, com firme determinação, serena e consciente energia, debaixo de fogo, entrou à frente do seu grupo num aquartelamento inimigo, onde este resistia, e em arrojado corpo-a-corpo, abateu vários elementos armados, capturando-lhes as armas.



## Pedro Manuel de Oliveira Marinho Falcão

Alferes Miliciano

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 16 — 2.ª Série  
de 19 de Agosto de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, porque durante o tempo em que serviu no Niassa, demonstrou grandes qualidades de desembaraço, correcção e aprumo, fazendo do seu pelotão uma Unidade de elite, como foi manifestado em louvor colectivo dado pelo B. Caç. 1870. Em inúmeros combates em que tomou parte durante 10 meses de actividade operacional, foi sempre um exemplo dos seus camaradas. É igualmente de destacar que na emboscada desencadeada pelo inimigo, no dia 17 de Abril de 1966 contra o seu grupo de combate, transportado em viaturas (uma das quais foi atingida por uma granada de bazooka, e intenso fogo de metralhadora que causou 5 mortos e 14 feridos, o Alferes Marinho Falcão, sob o fogo do inimigo, e com os poucos elementos válidos, reagiu de forma a pôr os terroristas em fuga. Em tudo revelou qualidades de decisão e coragem e sangue-frio debaixo de fogo que o tornaram digno de ser apontado como exemplo de elevadas virtudes militares.



## Armando Gaspar de Brito

Furriel Miliciano

*Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 25 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 10 de Setembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela maneira desembaraçada e eficiente como comandou a sua secção durante 24 meses na ZIN em Angola. Este graduado, possuidor de grande coragem e ousadia debaixo de fogo IN, marchou sempre na vanguarda dos seus homens.

É de realçar a sua acção numa operação no Sector D, em que voluntariamente seguiu com a sua secção em flecha de agrupamento debaixo de intenso fogo IN. Rompeu por 4 vezes a barragem dos fogos inimigos, tentando chegar o mais depressa possível ao R. Dange, a fim de evacuar 3 feridos graves em campanha.

Numa operação no Sector Q, comandou a sua secção com desembaraço, valentia e abnegação. É ainda de destacar a forma como comandou a sua secção no golpe de mão efectuado numa operação também no Sector Q, em que se provocaram vários mortos controlados ao IN.

Por estas extraordinárias qualidades, pela sua actuação exemplar e sempre igual, tanto em combate como na vida interna da sua Companhia é o Furriel Brito digno de que sejam considerados de muito mérito os serviços que prestou ao Exército e à Pátria.



## Olívio de Sousa Ferreira Mestre Soldado

*Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe*  
(A título póstumo)

*O. E. n.º 3 — 3.<sup>a</sup> Série*  
de 30 de Janeiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo a título póstumo, com a Cruz de Guerra de 3.<sup>a</sup> Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em ações de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, a título póstumo, o Soldado Condutor Auto Rodas n.º 77/65-C Olívio de Sousa Ferreira Mestre, do Esquadrão de Cavalaria 3, por no dia 11 de Abril de 1967 e durante uma emboscada que o seu pelotão sofreu, ripostou corajosamente ao fogo do IN, que praticamente estava concentrado sobre a sua viatura, a primeira do pelotão, revelando serena energia debaixo do fogo, sangue-frio, coragem e decisão invulgares.

Apesar de gravemente ferido, o que lhe viria a provocar a morte, conseguiu ajudar ainda um camarada seu bastante ferido a deslocar-se para local seguro. O altruísmo desta atitude impressionou fortemente todos os militares que, quer directa quer indirectamente, viveram esta operação. Já em operações anteriores, tinha o Soldado Mestre demonstrado um espírito de sacrifício e colaboração invulgares e uma extraordinária boa vontade, que aliadas a um desprezo constante do perigo, fizeram deste Soldado um óptimo elemento.

Além destas qualidades, no desempenho das suas funções de condutor, mostrou-se sempre possuidor de grande sentido de responsabilidade, dedicando o melhor do seu esforço nos serviços de que era encarregado e ao tratamento da sua viatura. Militar extremamente correcto e educado nas suas relações com superiores e camaradas, tornando-se, assim, digno de ser apontado como exemplo aos seus camaradas.



## Francisco dos Santos Gonçalves Lobo

Soldado

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 27 — 3.ª Série  
de 30 de Setembro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, pela sua brilhante conduta quando o grupo de combate em cuja secção da vanguarda ia incorporado caiu em forte emboscada. Tendo o inimigo conseguido isolar momentaneamente a sua secção e verificando que este se encontrava abrigado no cimo de alto talude que dominava a estrada e a escassos metros de distância, ao cair junto de uma granada de mão defensiva não hesitou em arremessá-la imediatamente sobre as posições inimigas. Este seu acto de valentia e sacrifício cujos sérios perigos quis generosa e conscientemente correr, veio a causar-lhe grave ferimento numa perna devido ao rebentamento no ar da granada que devolvera. Deve salientar-se que a acção teve lugar sob condições particularmente desmoralizadoras, pois o súbito e intenso fogo com que o inimigo surpreendera a sua secção havia provocado imediatas e graves baixas entre os seus camaradas. A serena energia, extraordinária valentia e espírito de abnegação desta Praça e dos seus camaradas de secção, permitiram inverter uma situação que se apresentava crítica para as NT, pois contribuíram para criar as circunstâncias materiais e o clima moral que forçaram a retirada de um inimigo que havia disposto de todas as possibilidades de realizar o assalto, aniquilamento e pilhagem de toda a secção a que pertencia. A heróica conduta do Soldado Lobo constituiu um nobilitante exemplo de valentia que bem se enquadra nas tradições gloriosas do Exército Português.



Alberto Pedro

Soldado

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*  
(A título póstumo)

O. E. n.º 35 — 3.ª Série  
de 20 de Dezembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, pela sua acção relevante quando do ataque inimigo que sofreu o Posto de Vigilância 11 (Abiamuanlo)-ZIN-Moçambique, em 3 de Fevereiro de 1968. Tendo sido gravemente ferido por estilhaços de granada de bazooka no início do ataque, o Soldado Pedro, procurou utilizar a metralhadora, a fim de evitar o assalto de elementos inimigos, mas tendo-se encravado aquela arma, imediatamente utilizou a sua arma automática e com estoicismo admirável aguentou o ataque inimigo até ser atingido mortalmente. Pela sua coragem, sangue-frio, decisão, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida, foi o Soldado Pedro um exemplo altamente dignificante, que merece o respeito de todos os camaradas e superiores, pois contribuiu com a sua acção valorosa para aumentar as gloriosas tradições do Exército Português com o que também muito honrou a Pátria pela qual generosamente deu o seu sangue e a vida.

# Revista da Cavalaria



Serafim Mário Moreira  
da Silva

Soldado

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 1 — 3.ª Série  
de 10 de Janeiro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, porque, fazendo parte, como apontador de metralhadora numa viatura da escolta a uma coluna, que no dia 14 de Outubro de 1966, no itinerário Lumbala-Caripande, sofreu uma forte emboscada, em consequência do que, logo nos primeiros tiros, foi ferido numa perna. Mediante o espírito de maior abnegação, teve a serenidade e sangue-frio bastante para continuar a efectuar fogo com aquela arma, só abandonando o seu posto quando um estilhaço de granada o feriu também num braço, impossibilitando-o de continuar a sua acção. Com esta conduta constituiu o Soldado Moreira da Silva um exemplo da maior coragem e decisão frente ao IN, com lustre para o Exército e para a Nação e que é de toda a justiça digna de referência.



**José Vicente Refacinho  
Mourão**  
Soldado

*Cruz de Guerra de 3.ª Classe*

O. E. n.º 35 — 3.ª Série  
de 20 de Dezembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

LOUVADO, porque tendo o seu grupo de combate sido emboscado no regresso duma emboscada, vendo uma granada lançada pelo inimigo cair perto de uma criança nativa que seguia à sua frente, e que fora recuperada, não hesitou, para a salvar, em cobri-la com o seu corpo, de que resultou ficar gravemente ferido.

Demonstrou com este procedimento possuir além das qualidades de coragem, serena lucidez perante o perigo, sangue-frio e valentia, raro espírito de sacrifício e abnegação, qualidades estas que merecem ser apontadas como exemplo nobilitante que se enquadra nas gloriosas tradições do Exército Português.



## António Fernando Heitor Morais

2.º Sargento

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 36 — 3.ª Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 18 de Outubro de 1968.

LOUVADO, porque, servindo na ZIN há cerca de 8 meses, mostrou sempre ser um graduado à altura da espinhosa missão que àquele pelotão tem sido atribuída. Nos momentos mais cruciais demonstrou muita coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo, sangue-frio e outras qualidades que o honraram como militar em frente do IN. Assim, nas emboscadas sofridas na picada da Chomba nos dias 15 de Novembro de 1967, 27 de Novembro de 1967 e 26 de Janeiro de 1968, esta última violentíssima, teve o 2.º Sargento Morais uma reacção muito relevante na reacção ao IN, o que contribuiu fortemente para a sua retirada. Acresce salientar ainda o comportamento havido no dia 30 de Março de 1968 na picada de Nanacatari, onde mais uma vez deu extraordinárias provas de valentia, eficiência e serenidade debaixo de fogo, tendo ainda detectado e levantado apreciável quantidade de engenhos explosivos.

Por todas estas qualidades, o acho digno de exemplo a ser seguido por todos os que se orgulham de ser Cavaleiros.



## Arlindo Alves Martins

2.º Sargento Miliciano

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 7 — 3.ª Série  
de 10 de Março de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas na Guiné, de 8 de Março de 1968.

LOUVADO, pela forma excepcional como tem desempenhado todas as missões de combate de que tem sido encarregado, tornando-se notável pela sua grande coragem, sangue-frio, espírito de iniciativa, decisão e verdadeiro desembaraço. Sendo voluntário para todas as acções de combate, quer no comando da sua secção, quer no comando da secção de milícias, sempre deu provas mais que suficientes das suas qualidades de chefe e combatente, qualidades essas que ficaram bem patentes na reacção ao violento ataque IN, no decorrer da operação «Finca-Pé II», em que, encaminhando-se a descoberto sob o intenso fogo inimigo para a posição de um morteiro, bateu com incedível perícia a linha de ataque do IN, ao mesmo tempo que orientava a sua secção, a sua acção, acção oportuna, pronta e eficaz teve como resultado não só o ter provocado pesadas baixas ao IN, como ainda a apreensão de importante quantidade de armamento e outros materiais, abandonados na precipitação da retirada. O seu comportamento excepcional, em combate, do qual tem dado sobejas provas, torna-o merecedor do maior apreço, consideração e confiança dos seus superiores, camaradas e subordinados, e digno de ser apresentado como verdadeiro exemplo a seguir.



## Estêvão Maria Sá Coutinho de Lencastre

Furriel Miliciano

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 17 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 20 de Junho de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, o Furriel Miliciano de Cavalaria, Estêvão Maria Sá Coutinho de Lencastre, da Companhia de Cavalaria 1465 — Batalhão de Cavalaria 1868 — Regimento de Cavalaria 3, porque servindo durante dois anos na Zona de Intervenção Norte, na Companhia de Cavalaria 1465, como comandante de secção demonstrou ser possuidor de elevado sentimento de dignidade e forte vontade de bem cumprir, e, pelo seu exemplo de serena energia e coragem em ocupar sempre em frente do inimigo os lugares de maior risco, impôs-se à consideração e estima de superiores e subordinados.

O Furriel Lencastre, que em todas as acções de internamento no mato marchou sempre na vanguarda da sua secção, esteve várias vezes sob o fogo inimigo, sempre revelando exemplar serenidade e coragem. É de destacar a sua acção durante uma operação em que o seu pelotão, que fazia escolta a uma coluna de viaturas, foi emboscado, tendo então o Furriel Lencastre, que se encontrava a meio da coluna, corrido imediatamente, sempre debaixo de fogo, em auxílio do pessoal da primeira viatura, que eram apenas três homens e se encontravam a ser fortemente atacados.

É de distinguir também a sua acção durante outra operação, quando voluntariamente se ofereceu para, debaixo de fogo, ir socorrer dois elementos de outra Companhia, que se encontravam feridos e a ser batidos pelo fogo inimigo. Alcançou com êxito o objectivo a que se propôs, juntamente com outros elementos também voluntários, trazendo para local abrigado os dois feridos.

Este Furriel deixou assim bem demonstrado o seu espírito combativo, coragem e abnegação, pelo que é de toda a justiça conferir-lhe o presente louvor, e considerar os importantes serviços que prestou à Pátria e ao Exército.



## José Filipe dos Santos Duarte

Furriel Miliciano

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 36 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 2 de Outubro de 1968.

LOUVADO, porque, servindo na Zona de Intervenção Norte há cerca de 8 meses, mostrou sempre ser um graduado à altura da espinhosa missão que àquele pelotão tem sido atribuída. Nos momentos mais cruciais, demonstrou sempre este graduado, muita coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo, sangue-frio e outras qualidades que o honraram como militar em frente do inimigo. Assim, no dia 21 de Setembro de 1968 tomou parte voluntariamente na operação «Tufão IV», tendo com a sua acção de relevante mérito contribuído para a existência de 6 baixas inimigas e captura de armamento. Na reacção às numerosas emboscadas que sofreu o seu Pelotão nomeadamente na picada da Nancatari no dia 9 de Abril de 1968, abateu um elemento inimigo armado que o alvejava a poucos passos de distância, tendo ainda capturado uma pistola metralhadora com carregadores, uma espingarda semi-automática e um sabre baioneta, bem como levantou algumas granadas de mão inimigas armadilhadas na berma. Distinguiu-se ainda na detenção e levantamento de numerosos engenhos explosivos que o inimigo colocou nas picadas percorridas incessantemente por este Esquadrão, pelo que aponto o Furriel Duarte como um exemplo a seguir por todos aqueles que se orgulham de ser Cavaleiros.



Renato David Gomes  
Brás

Furriel Miliciano

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 36 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 6 de Novembro de 1968.

LOUVADO, porque no passado dia 11 de Março, ao ser emboscada pelo IN uma coluna desta C. Cav., da qual resultou a morte do Oficial Comandante dessa coluna, logo que teve conhecimento da baixa, imediata e enèrgicamente assumiu as funções de comandante, exaltando e orientando os seus subordinados de forma a que respondessem com eficácia ao fogo IN, sem que contudo descurassem o consumo de munições.

E como a certa altura houve necessidade de remuniamento das armas do seu pessoal, e porque a sua localização no dispositivo era a mais favorável, foi ele próprio que o executou transportando cunhetes das várias viaturas para os locais necessários, debaixo de fogo intenso do IN, arriscando com indiferença e relevância a sua vida por uma missão que se impunha.

O Furriel Miliciano Brás demonstrou assim durante o combate, qualidades de comando, coragem, decisão, abnegação, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, que muito são de salientar, merecendo pela sua conduta a consideração dos seus superiores, camaradas e subordinados, e dignificando com ela a sua classe, a Arma e o Exército a que pertence.



## Manuel Guerreiro Coelho

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 3 — 3.ª Série  
de 30 de Janeiro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 10 de Novembro de 1967.

LOUVADO, porque durante a operação «Gazela» seguindo à frente de uma secção durante um golpe de mão, à Base Geral de «Meponda», mostrou extraordinária valentia, sangue-frio, decisão e desprezo pela vida, ao lançar-se sobre uma sentinela inimiga armada da referida base inimiga. Esta acção não foi porém totalmente coroado de êxito pois que o 1.º Cabo Coelho ao lançar-se sobre a sentinela inimiga tropeçou, caindo no chão, mas a sentinela inimiga apavorada, pela bravura do Cabo Coelho fugiu, abandonando a sua arma. Momentos depois um homem da secção do 1.º Cabo Coelho avistou uma outra sentinela inimiga, armada, avisando-o, imediatamente o 1.º Cabo Coelho lançou-se de novo sobre a sentinela inimiga, agora ajudado por um camarada da sua secção, conseguindo dominá-la e capturar-lhe a sua arma, mostrando mais uma vez a sua extraordinária valentia, sangue-frio, decisão e desprezo pela vida. O comportamento extraordinário do 1.º Cabo Coelho durante o assalto à Base Geral de Meponda contribuiu de maneira decisiva para o bom êxito da operação «Gazela» que permitiu às nossas tropas aprisionar ao IN bastante material de guerra, documentos importantes, e causar ao inimigo baixas. O 1.º Cabo Coelho contribuiu assim para o prestígio do Exército Português devendo ser apontado como extraordinário exemplo a seguir por todos os seus camaradas.



## Amadeu Gonçalves Vieira da Silva

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 6 — 3.ª Série  
de 29 de Fevereiro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 6 de Novembro de 1967.

LOUVADO, porque fazendo parte do efectivo da guarnição do Posto de Vigilância n.º 12, durante 20 dias e tendo o posto sido surpreendido por violento fogo IN em dias sucessivos no mês de Maio, indiferente ao perigo, durante um dos ataques, com grande coragem, decisão e serena energia debaixo de fogo, foi dos primeiros a ocupar a sua posição na defesa, frente a uma metralhadora, com que o IN procurava interditar aos movimentos dentro da posição e sem cuidar de se abrigar, com grande sangue-frio, ainda que pondo em risco a sua própria vida, respondeu ao fogo IN e por tal forma que logrou calar a metralhadora IN, permitindo com a cobertura do fogo, que o resto da guarnição do Posto, ocupasse todas as posições e reagisse ao ataque com energia e prontidão necessária, de que resultou terem os atacantes retirado em debandada. Além disso o 1.º Cabo Vieira da Silva, durante o período de permanência no Posto avançado mostrou ser possuidor de notável espírito de sacrifício ao oferecer-se como voluntário para todos os patrulhamentos realizados na área do seu Posto por vezes em deficientes condições físicas. Esta praça mostrou, aliadas às dificuldades atrás apontadas, ser possuidor de muitas e apreciáveis qualidades cívicas e militares, comportando-se de tal maneira que merece ser apontado como exemplo prestante.



Joaquim Duarte Dias

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 6 — 3.ª Série  
de 29 de Fevereiro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 26 de Outubro de 1967.

LOUVADO, porque quando se procedia à articulação de dispositivo a fim de atacar um Acampamento IN e, tendo-lhe sido atribuída a missão de guardar os prisioneiros que serviam de guias pediu para ser substituído neste serviço para poder tomar parte no ataque, vindo a ser durante ele, ferido pelo rebentamento de uma granada que obrigou posteriormente à sua evacuação.

Dotado de grande agressividade, espírito de sacrifício, força de vontade e sangue-frio, apesar de ferido continuou o 1.º Cabo Dias a fazer fogo sobre o IN, abatendo alguns elementos.

Possuidor, ainda, de boas qualidades morais é tido pelos seus superiores e camaradas como militar brioso, impondo-se ao seu respeito pela forma evidente como tem com as suas qualidades contribuído para o prestígio da sua Subunidade, o que é de justiça realçar.



## Fernando Cândido de Jesus

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 20 — 3.ª Série  
de 20 de Julho de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 18 de Maio de 1968.

LOUVADO, porque, durante a emboscada em que caiu a coluna de que fazia parte deu provas de excepcional coragem e notável serenidade debaixo de fogo. Verificando, mal se instalaram num abrigo, que grande parte dos seus camaradas estavam impossibilitados de reagir por terem sido atingidos pelo fogo IN ou por as suas armas não funcionarem, audaciosamente se descobriu e abriu intenso fogo impossibilitando assim o grupo de assalto do IN de atingir os seus fins e abatendo os terroristas que, armados de catana procuravam acabar com um Soldado que, gravemente ferido, pedia ajuda. Mantendo um sangue-frio extraordinário e uma atenção concentrada, foi ainda o 1.º Cabo Cândido de Jesus quem protegeu com o seu fogo o seu Comandante de Secção a quem se lhe encravar a arma e num gesto de extraordinária abnegação, progredindo e mantendo-se debaixo de fogo, alcançou o soldado gravemente ferido que já salvara da acção do IN, para lhe aplicar com o seu lenço, um garrote até à chegada dos enfermeiros.



## Armando Alves Nunes da Silva

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 29 — 3.ª Série  
de 20 de Outubro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 29 de Agosto de 1968.

LOUVADO, porque no dia 8 de Julho de 1967, aquando do rebentamento de um engenho explosivo, seguido de uma emboscada imposta em terreno difícil e apesar de ter sido ferido, saltou à picada e empunhando uma arma que encontrou na viatura em que seguia, muito embora soubesse que essa atitude o transformaria no alvo principal do inimigo, valente e abnegado, avançou a peito descoberto, fazendo rajadas oportunas e ajustadas, em direcção ao IN, conseguindo com a sua iniciativa, tenacidade e valentia desalojar o IN e pô-lo em debandada. Pela destemida forma como agiu nesta missão e pelo conceito em que já era tido, demonstrou excepcionais qualidades de heroísmo, abnegação, coragem e desprezo pela vida. Militar brioso, correcto e disciplinado, sempre soube impôr-se à consideração e estima de superiores e camaradas, levando-me a apontá-lo como exemplo de Militar Português.

# Revista da Cavalaria



Albino Ferreira Bessa

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 34 — 3.ª Série  
de 10 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 21 de Setembro de 1968.

LOUVADO, porque fazendo parte duma coluna da sua Companhia que se dirigia a uma povoação depois de uma acção e que foi duramente emboscada por um grupo IN bem armado e municiado, teve procedimento notável e digno da melhor menção.

Sendo apontador de uma metralhadora acoplada na primeira viatura, apesar de se encontrar numa posição elevada e facilmente referenciável, iniciou imediatamente o fogo de reacção. Tendo-se encravado a arma várias vezes, remediou as avarias e pô-la em funcionamento outras tantas, tendo no intervalo dessas operações e sempre debaixo de fogo nutrido do IN, vindo ao solo, a fim de colaborar com o fogo da sua espingarda, dando com o seu procedimento e conduta no combate, exemplo frisante de noção do dever militar.

O 1.º Cabo Bessa, revelou com o seu comportamento grande coragem, sangue-frio e serena e lúcida energia debaixo de fogo, qualidades estas que muito o honram e ao Exército a que pertence.

# Revista da Cavalaria



## António Manuel Soares Ferreira Simões

1.º Cabo

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 36 — 3.ª Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 21 de Novembro de 1968.

LOUVADO, pelo seu comportamento brilhante no dia 28 de Março de 1968, quando, fazendo parte de um grupo de combate que escoltava uma coluna de reabastecimentos, de Mueda para Mrovuma, demonstrou ser um militar corajoso, decidido, possuidor de um notável sangue-frio, muito competente e diligente nas funções da sua especialidade. Com efeito, tendo a coluna tido já, um quilómetro atrás, um incidente, por rebentamento dum fortíssimo engenho explosivo comandado pelo inimigo, e do qual resultaram baixas que o 1.º Cabo Simões serena e competentemente assistiu nas funções da sua especialidade, voltou ela a ser emboscada fortemente, sobretudo a terceira viatura, que se encontrava no troço da picada onde os fogos de armas automáticas eram mais intensos e onde rebentavam granadas de mão em grande profusão.

Com baixas a lamentar entre os elementos das NT que guarneciam aquela viatura, houve necessidade de chamar o 1.º Cabo Simões ao local, para tratamento dos feridos. Então, corajosamente, decidido e com sangue-frio extraordinário percorreu a picada debaixo de fogo como se se tratasse duma intervenção de rotina, demonstrando, aos que presenciaram a sua atitude, relevante bravura, serenidade e notável abnegação. Já a tratar dos feridos, e ainda debaixo de intenso fogo inimigo, a sua calma permaneceu intangível e a sua competência voltou a ser confirmada.

Por todas as virtudes evidenciadas se considera o 1.º Cabo Simões como exemplo digno de ser apontado pois é militar que honra a sua especialidade, a sua Unidade e o Exército que serve.



## Domingos Aires Antunes Fernandes

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

*O. E. n.º 7 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 10 de Março de 1968*

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas na Guiné, de 8 de Fevereiro de 1968.

LOUVADO, pelo comportamento brilhante que tem demonstrado em todas as acções de combate. Durante a operação «Fabiola» em que, como apontador da Bazooka, ocupou sempre as posições da frente tornando-se notada a sua pericia e comedimento na utilização desta arma, sendo de referir a sua particular actuação no ataque a uma base central, porque escolhendo uma posição fortemente batida pelo IN, em que correu grave risco, mas também aquela que lhe proporcionou melhor visão do alvo, fez uma pontaria a todos os títulos merecedora da admiração e felicitações dos seus superiores e camaradas. Evidenciou igualmente extraordinários dotes de combatente durante a execução dum golpe de mão no decorrer da operação «Espadeirar» em que indo na frente, utilizando o L. G. Fog. com a mesma precisão e ferido com certa gravidade, continuou a fazer fogo sobre a posição inimiga até ser socorrido. Esta Praça confirmou, mais uma vez, as suas excepcionais qualidades de valentia, coragem, sangue-frio, serena energia debaixo de fogo e espírito de sacrifício que a tornam digna de ser apontada como exemplo. Prestigia muito a Unidade a que pertence pelo papel relevante que tem desempenhado em todas as acções. É por isso credor da muita estima, simpatia e consideração dos seus superiores e camaradas.



## Joaquim Maria Correia Mourato Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 7 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 10 de Março de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas na Guiné, de 8 de Fevereiro de 1968.

LOUVADO, porque em todas as acções de combate tem demonstrado invulgares qualidades de coragem, espírito de sacrifício, entusiasmo e sangue-frio. Nas situações de maior perigo sempre se tem havido de modo a causar o espanto e a admiração dos seus superiores e camaradas, pois nunca foi visto, mesmo debaixo de fogo mais nutrido a procurar abrigar-se. Sempre em pé, transmitindo ânimo, localizando as posições inimigas e aconselhando os seus camaradas, tem sido um elemento muito válido nos momentos de combate mais aguerrido. De registar a sua atitude no decorrer da operação «Fabiola» em que na exploração dum sucesso, tendo avistado a grande distância alguns terroristas armados, em fuga, instantaneamente entregou parte do seu equipamento a um camarada para se sentir mais aliviado e se lançou em corrida veloz sobre eles, através dum capim altíssimo e denso, movendo-lhes perseguição aturada. Na operação «Efusão III» em que tendo sido ferido com certa gravidade o guia nativo, debaixo de fogo, demonstrando igualmente uma humanidade e gratidão excepcionais, lhe prestou os primeiros socorros, sem se impressionar com o que se passava à sua volta. Esta Praça apumada, correcta e leal é um exemplo constante que muito prestígia e honra a Unidade a que pertence.



## Ricardo Angelo Pereira Benoliel

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*  
(A título póstumo)

O. E. n.º 20 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 20 de Julho de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 4 de Junho de 1968.

LOUVADO, por sempre se haver revelado possuidor de qualidades de coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo, sangue-frio em frente do IN, nomeadamente no dia 21 de Setembro de 1967, no decorrer da operação «Tufão IV» em que mais uma vez se ofereceu voluntariamente para o assalto à Loko Branch Chipungo que foi destruída com a captura de material e baixas infligidas ao IN.

Também e novamente ocorrendo voluntariamente a Nancatari, quando da acção de socorro ao segundo ataque IN no dia 29 de Janeiro de 1968, conduzindo voluntariamente a 1.<sup>a</sup> viatura, ao ter passado no local onde estava montada uma fortíssima emboscada IN, que comandou à distância o accionamento de 16 fornilhos, atingiram seriamente a sua viatura, sendo projectado, gravemente ferido.

Com a sua arma destruída, impossibilitado de ripostar ao fogo IN, que estava concentrado fortemente na sua viatura, não se deixou desanimar, antes porém procurou incitar os seus camaradas à luta, até que as suas forças gradualmente lhe foram faltando, vindo a falecer horas depois da sua evacuação. Os serviços prestados ao Esq. Cav. 2, ao Exército e à Pátria pelo Soldado Benoliel ficarão bem presentes para sempre na nossa memória.



## Manuel Arnaldo Sequeira Marques

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 23 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 20 de Agosto de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 29 de Junho de 1968.

LOUVADO, porque durante os dois anos de permanência na ZIN na Província de Angola, revelou ser um extraordinário combatente, possuidor de serena energia debaixo de fogo, e dum total desprezo pelo perigo.

A sua actuação distinguiu-se durante uma operação no Sector I, quando de um dos três ataques sofridos pelas NT nesse mesmo dia, em que, sempre debaixo de fogo do IN, atravessou a correr a picada em direcção às posições por este ocupadas, fazendo-o desalojar com o seu fogo e contribuindo assim para que o IN debandasse.

Por estas suas extraordinárias qualidades, tornou-se este soldado digno da admiração e estima dos seus superiores e camaradas.



## Manuel dos Santos Baptista Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 23 — 3.ª Série  
de 20 de Agosto de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 29 de Junho de 1968.

LOUVADO, porque durante os dois anos de permanência na ZIN na Província de Angola, revelou ser um soldado extraordinariamente apto para o combate e possuidor de uma extraordinária coragem e sangue-frio debaixo de fogo, e um total desprezo pelo perigo.

A sua actuação distinguiu-se durante uma operação no Sector I, nos três ataques sofridos pelas NT nesse mesmo dia, porque sendo apontador da metralhadora Breda, se manteve sempre na sua posição, embora muito batido pelo fogo do IN, a sua acção é tanto mais de assinalar, quanto é certo que contribuiu fortemente para encorajar os seus camaradas.

Por estas extraordinárias qualidades tornou-se este soldado digno da admiração e estima dos seus superiores e camaradas.



## Carlos Alberto da Silva Figueiredo

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 23 — 3.ª Série  
de 20 de Agosto de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 8 de Julho de 1968.

LOUVADO, pela sua actuação relevante quando da emboscada que sofreu uma coluna Auto daquela Unidade que ia render o pessoal do posto de Vigilância n.º 11 (Nantomba) ZIN-Moçambique, em 26 de Dezembro de 1967.

Tendo sido atingida por granadas de bazooka a Berliet em que seguia o que provocou mortos e feridos graves em todos os seus ocupantes, o Soldado Figueiredo, com ambas as pernas atingidas por estilhaços, saltou da viatura e debaixo de fogo IN procurou ajudar os feridos, recolhendo o armamento espalhado pelo chão ao mesmo tempo que fazia fogo sobre as posições inimigas, evitando um possível assalto.

Pela sua coragem, sangue-frio, decisão, serena energia debaixo de fogo e elevado espírito de camaradagem, honra o Soldado Figueiredo a sua Arma e o Exército Português.



António Mendes  
Nogueira  
Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 25 — 3.ª Série  
de 10 de Setembro de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, porque durante os dois anos de permanência na ZIN na Província de Angola, revelou ser um soldado extraordinariamente apto para o combate, possuidor de uma extraordinária coragem e sangue-frio debaixo de fogo e um total desprezo pelo perigo.

A sua actuação distinguiu-se, durante uma operação no Sector I, nos três ataques sofridos pelas NT nesse mesmo dia, em que sendo apontador da metralhadora Breda, nem por um só momento, abandonou a sua arma, apesar dela se ter encravado várias vezes e do eficaz e intenso fogo do IN. A sua acção contribuiu poderosamente não só para desalojar o IN das suas posições, mas também para exemplo e forte moralização dos restantes elementos das NT que sofreram as emboscadas.

Por estas extraordinárias qualidades, tornou-se este soldado digno de admiração e estima dos seus superiores e camaradas.



## Valentim Joaquim Lourenço Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 27 — 3.ª Série  
de 30 de Setembro de 1968

Condecorado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos Artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

LOUVADO, porque durante os 24 meses em que actuou em vários locais da ZIN em Angola, demonstrou constantemente perfeito sentimento do dever, desembaraço e grande coragem.

Tendo tomado parte na totalidade das operações em que a sua Companhia se empenhou, ocupou no seu Grupo de Combate os lugares de maior risco demonstrando debaixo de fogo IN, serenidade, energia e sangue-frio exemplares. De todas as acções de combate em que interveio, são de salientar as que realizou nos Sectores D e Q onde a sua resistência física e grande determinação ficaram bem patentes.

O seu espírito de sacrificio e desejo de bem servir, aliados às suas qualidades inatas de combatente ardoroso e bravo, fazem do Soldado Lourenço um exemplo a apontar a todos os seus camaradas e tornam-no um extraordinário militar que muito prestigiou a sua Unidade e o Exército a que pertence.



Helder Martins

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 27 — 3.ª Série  
de 30 de Setembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 23 de Julho de 1968.

LOUVADO, pela sua acção em combate na noite de 27 de Março de 1968 em que fazendo parte duma patrulha que caiu numa violenta emboscada do IN e sendo um dos poucos elementos das NT que saiu ileso, reagiu prontamente ao fogo IN não deixando que consumasse o assalto e a captura das armas abandonadas na «zona de morte» pelos militares mortos, entre os quais o seu Comandante de Destacamento, e pelos feridos das NT.

Logo que o fogo do IN diminuiu de intensidade, ajudou o transporte, para o meio do capim, dos camaradas seus gravemente feridos, contribuindo assim, para os salvar da morte certa, encorajando-os e velando sempre pela sua segurança.

Deu assim o Soldado Martins um exemplo frisante de coragem, sangue-frio, desprezo pelo perigo e alta noção de camaradagem, debaixo de intenso fogo do IN, honrando de sobremaneira a sua Unidade e o Exército a que pertence.



## José Henrique Mota Fernandes

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 27 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 30 de Setembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 23 de Julho de 1968.

LOUVADO, pela maneira aguerrida como tomou parte numa operação e quando no assalto a um acampamento IN em que este lançado na luta corpo a corpo, tinha já atingido com punhaladas três dos seus camaradas.

Dando mostras de assinalável coragem, camaradagem e sangue-frio, lutando com um elemento IN conseguiu abatê-lo, e imeditamente socorreu os seus camaradas feridos.

O Soldado Fernandes demonstrou ser um extraordinário combatente merecendo pelos seus feitos de armas a admiração e estima dos seus superiores e camaradas, prestigiando assim a unidade e o Exército a que pertence.



## Sílvio Alfredo Carneiro da Silva

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 29 — 3.ª Série  
de 20 de Outubro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 22 de Agosto de 1968.

LOUVADO, por no dia 26 de Junho de 1967, a quando de uma das emboscadas sofridas em terreno muito difícil, ter demonstrado uma calma, sangue-frio extraordinários, conseguindo, debaixo de fogo, dominar a sua viatura que seguia sem controle, devido a ter sido ferido gravemente o soldado condutor. Em seguida começou a fazer fogo com grande eficiência sobre o grupo inimigo, contribuindo assim com a sua actuação calma e decidida para a rápida fuga do grupo inimigo. Já em missões anteriores tem demonstrado ser um elemento valioso dotado de alto espírito de colaboração nunca se poupando a esforços para que as missões de que é incumbido sejam cumpridas com a maior eficiência. Seguindo sempre na viatura da frente, devem-se-lhe a detecção e levantamento de várias armadilhas, nas quais ele trabalha voluntariamente e com muita eficiência. Pelas suas óptimas qualidades de trabalho, desembaraço e espírito de iniciativa, leva-me a considerá-lo um bom elemento digno da estima dos seus superiores e de ser apontado como exemplo aos seus camaradas.



Manuel Bruno Duarte

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 36 — 3.ª Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, de 28 de Outubro de 1968.

LOUVADO, pelas qualidades de combatente de que sempre deu mostras enquanto prestou serviço neste Sector. Em todas as operações em que tomou parte e nomeadamente na operação «Mousinho», durante o assalto a uma base inimiga, demonstrou possuir coragem e sangue-frio, separando-se do seu Pelotão e atravessando um curso de água, para cortar a retirada dos elementos inimigos, tendo sido ferido ligeiramente por uma rajada dos elementos inimigos que fugiam e que decididamente tentou interceptar. Também na operação «Cravo» contribuiu pela sua coragem e eficiência para a captura de quatro armas, respectivos elementos armados e 50 elementos da população fugida, sem que fosse dado um único tiro. Por tudo isto é digno o Soldado Bruno Duarte deste público testemunho das suas qualidades.



## José Joaquim Varela Martins

Soldado

*Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe*

O. E. n.º 36 — 3.<sup>a</sup> Série  
de 30 de Dezembro de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.<sup>a</sup> Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, de 21 de Novembro de 1968.

LOUVADO, porque, no decorrer de uma operação levada a efeito no Norte de Moçambique na zona de acção da C. Cav. 2377, a que estava adido, se houve com extraordinário valor, cometendo, por própria iniciativa, actos de bravura que importa destacar.

Voluntário para a referida operação, como apontador de Lança-Granadas-Foguete, tendo sido, em plena acção, alvejado pelo adversário com rajadas de armas automáticas que bateram o terreno a seus pés e ceifaram a palhota a que estava encostado, não só não recuou, nem tomou abrigo, como, municiando ele próprio e sozinho o seu Lança-Granadas, fez três disparos com os quais pôs em debandada o grupo inimigo, causando-lhe baixas prováveis, conforme os vestígios deixados no local.

Nesta acção demonstrou o Soldado Varela Martins possuir elevada noção do dever e qualidades de coragem, audácia, valentia, serenidade debaixo de fogo e decisão que levam a apontá-lo como um exemplo a seguir e a distingui-lo, pela maneira valorosa como, assim, serviu a Pátria e o Exército.



Bacar Camará

Soldado Milícia

*Cruz de Guerra de 4.ª Classe*

O. E. n.º 7 — 3.ª Série

de 10 de Março de 1968

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do Artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas na Guiné, de 8 de Fevereiro de 1968.

LOUVADO, porque, com o seu dinamismo e capacidade de comando, impulsiona os seus homens nos momentos de maior risco por forma a acometerem com grande agressividade o IN.

Na operação «Bolo Rei», em 22 de Dezembro de 1967, quando elementos IN reagiram à presença das NT na península de Inquida, alvejando-as com uma diversidade de armas e densidade de fogo apreciáveis, foi dos primeiros a avançar com o Grupo de Combate que progredia para a bolanha que separa Inquida de Insumete e onde se localizou o IN, magnetizando os seus homens e as NT pela sua atitude decisiva.

Referenciada uma guarnição de morteiros naquela bolanha acometeu sobre ela. Muito próximo de aniquilar e capturar a arma foi, infelizmente ferido por um tiro de arma ligeira numa perna, que o não deixara levar a cabo o seu intento. Pela coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo e qualidades de comando evidenciadas, considero de toda a justiça a concessão do presente louvor ao Bacar Camará, exemplo para todos aqueles que lutam pela paz na Guiné.



# SERVIÇOS DISTINTOS COM PALMA

- Brigadeiro **Eduardo Joaquim Magalhães Almeida  
Martins Soares**
- Ten.-Coronel **Fernando Maria de Fontes Pereira de Melo**
- Coronel **António Ferreira de Carvalho Freire  
Damião**
- Coronel **Abílio de Oliveira Ferro**
- Ten.-Coronel **João Carlos Craveiro Lopes**
- Ten.-Coronel **José Vítor da Costa Moraes**
- Ten.-Coronel **Joaquim Rodrigues Alho**
- Alferes Mil.º **José Manuel Macedo Azeredo Pais**
- Furriel Mil.º **Mário Nunes da Silva**

# Revista da Cavalaria



Eduardo Joaquim  
Magalhães Almeida  
Martins Soares

Brigadeiro

*Medalha de Ouro de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 8 — 2.ª Série  
de 15 de Abril de 1968

Condecorado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 15.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, ambos do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma brilhante e altamente meritória como desempenhou a muito importante comissão de serviço de comandante de um sector da zona de intervenção norte da Região Militar de Angola, revelando em todas as circunstâncias grande inteligência, excelente ponderação e grande capacidade de comando.

Oficial muito competente, dinâmico e de trato extremamente agradável, soube sempre inculcar nas tropas a determinação e agressividade tão necessárias na presente conjuntura, nunca descuidando os aspectos de humanidade e camaradagem que sempre utilizou da melhor maneira. Por esta forma, e exercendo a sua acção no tradicionalmente muito difícil sector operacional dos Dembos, o brigadeiro Martins Soares, apesar de muitas vezes combatido por um estado de saúde precário, conseguiu, mercê das suas excelentes qualidades militares e de grande competência profissional e através de planeamentos cuidadosos e exaustivos, resultados práticos assinaláveis, que muito contribuíram para o êxito obtido pelas forças em operações.

Patenteando sempre excepcional lealdade e excelente formação moral, cívica e profissional, o brigadeiro Martins Soares deu mostras de sangue-frio e espírito de sacrifício admiráveis e prestigiou as instituições militares, devendo os importantes serviços que prestou na Região Militar de Angola e à Nação ser considerados altos e extraordinários, relevantes e muito distintos.



## Fernando Maria de Fontes Pereira de Melo

Tenente-Coronel

*Medalha de Ouro de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 10 — 2.ª Série  
de 15 de Maio de 1968

Condecorado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, com Palma, em substituição das duas medalhas de prata da mesma classe, que já possui, por nesta data ser considerado abrangido pelo disposto na alínea b) do Artigo 15.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma altamente meritória, eficiente e correctíssima como há cerca de dois anos comanda o Batalhão de Cavalaria 1884, desempenhando todas as importantes funções que lhe têm sido cometidas com elevada competência, zelo, lealdade e muita dedicação.

Em sector durante cerca de um ano, numa zona de guerrilha no norte de Angola, orientou sempre a actividade do seu Batalhão de maneira criteriosa, firme e decidida, conseguindo imprimir-lhe grande agressividade e espírito de corpo que muito contribuíram para o bom êxito de todas as missões que lhe foram atribuídas. Colocada posteriormente a sua unidade numa zona de características diferentes, mais uma vez confirmou as suas excelentes qualidades de comando, vincada personalidade, esmerada educação e notáveis qualidades morais, militares e de carácter, conseguindo através delas incutir a todos os seus subordinados a mais estrita noção do dever, pelo que granjeou dos mesmos a mais elevada consideração e estima.

Considera-se por esta forma que o tenente-coronel Fontes Pereira de Melo prestigiou de forma notável as instituições militares, e que os serviços por si prestados ao País e à Região Militar de Angola devem ser mui justamente considerados como distintos, relevantes e extraordinários.

# Revista da Cavalaria



## António Ferreira de Carvalho Freire Damião Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 11 — 2.ª Série  
de 1 de Junho de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela maneira dinâmica e eficiente como desempenhou as importantes missões de que foi incumbido como comandante do Batalhão de Cavalaria 1879, em campanha no Norte de Moçambique, num subsector onde o inimigo se mostrava aguerrido e dominava quase toda a população, refugiada na mata, situação em que, mercê da sua competência profissional, dotes de comando e sentido de oportunidade na condução das operações, levou o seu Batalhão a obter os melhores resultados, com muitas baixas no adversário e vultosas apreensões de material.

Numa actividade inteligentemente orientada, que conduziu à derrota de bandos terroristas que infestavam a região do lago Niassa, conseguiu a apresentação de mais de 13 000 pessoas, às quais proporcionou segurança e defesa contra as acções inimigas.

Comandando directamente forças de pequeno ou de grande efectivo em acções de combate contra o inimigo, o coronel Freire Damião deu a todos os subordinados exemplos de abnegação, firmeza e decisão, sendo de salientar aquele em que, seriamente contundido pelo rebentamento duma mina accionada pela viatura em que seguia, percorreu, a pé, para ir buscar reforços, algumas dezenas de quilómetros em região muito perigosa, apenas acompanhado por uma força de reduzido efectivo.

Transferida a unidade para outro sector, após treze meses de permanência numa área difícil da zona de intervenção norte, continuou o coronel Damião a exercer o seu comando com a mesma eficiência. Sob o seu impulso e, muitas vezes, com a sua presença, o patrulhamento feito pelo Batalhão possibilitou-lhe um perfeito conhecimento de todo o subsector e o contacto com as populações,

# Revista da Cavalaria

sobre as quais foi exercida intensa e orientada acção psicológica e social. Deu assim constantes provas da sua capacidade para o comando de tropas em campanha e evidenciou, em grau elevado, as virtudes militares que lhe têm granjeado a estima, a confiança e o apreço dos seus chefes, estão na base dos altos serviços prestados na Região Militar de Moçambique, que devem ser considerados extraordinários, relevantes e distintos.



Abílio de Oliveira Ferro

Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 11 — 2.ª Série  
de 1 de Junho de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma distinta e eficiente como desempenhou as importantes funções de comandante de Batalhão de Cavalaria 1890 e de um subsector da zona de intervenção norte, funções em que realizou uma acção de comando objectivo e eficiente que levou a sua unidade ao cabal cumprimento de todas as missões que lhe foram cometidas, embora, por vezes, muito penosamente, não só pela extensão do difícil subsector à sua responsabilidade, como pelos reduzidos meios ao seu dispor.

Oficial de sólida formação profissional, forte personalidade e aprumo, dedicou todo o seu entusiasmo e todo o seu saber ao planeamento, preparação e execução das variadíssimas operações realizadas pela sua unidade, as quais conjugadas com uma acção psicossocial intensa e bem conduzida, deram alta rentabilidade na obtenção de informações que foram extremamente úteis.

Leal e dinâmico, orientou toda a actividade da sua unidade por elevado espírito de bem cumprir, mantendo, a par da actividade operacional, trabalhos de remodelação das instalações tendentes ao bem estar do seu pessoal, com que demonstrou ser um oficial dotado de espírito de iniciativa, zelo e perseverante. Bem merece por tudo isso, o coronel Ferro que os serviços por ele prestados na Região Militar de Moçambique sejam considerados extraordinários, relevantes e distintos.



## João Carlos Craveiro Lopes

Tenente-Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 8 — 2.ª Série  
de 15 de Abril de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma muito meritória como desempenhou todas as missões que há cerca de dois anos lhe têm vindo a ser atribuídas na Região Militar de Angola, quer como chefe do estado-maior do comando de um agrupamento na zona de intervenção leste, quer posteriormente, como comando do Grupo de Cavalaria 1, durante as quais foi ainda chamado para coordenar a acção de diversas entidades no estudo de medidas contra a subversão.

Oficial extremamente dedicado pelo serviço, muito competente e determinado, nunca se poupou a esforços para que os serviços a seu cargo, alguns deles de características especiais, respondessem da melhor maneira ao que deles se esperava aquando da sua organização e funcionamento, tendo o seu trabalho sido muito apreciado mesmo fora do campo militar.

Dotado de sólida preparação militar e esforçado dinamismo, entregando-se plenamente ao cumprimento do dever, vem comandando relevantemente o Grupo de Cavalaria 1 da Região Militar de Angola, evidenciando-o como unidade de valor, não só pela firme determinação posta na execução de todas as tarefas que lhe têm sido cometidas e reflexo de uma criteriosa e esclarecida acção de comando, como ainda pela forma como no seu âmbito de acção tem contribuído para o êxito e eficiência da sua tropa em campanha.

Devem assim os serviços prestados pelo Tenente-Coronel Craveiro Lopes à Região Militar de Angola mui merecidamente ser considerados relevantes, distintos e extraordinários.



## José Vítor da Costa Morais

Tenente-Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 16 — 2.ª Série  
de 19 de Agosto de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea *a*) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, porque, durante o período de aproximadamente dez meses, revelou possuir excelentes qualidades de comando e uma dedicação e zelo incedíveis no cumprimento dos seus deveres, quer pela actividade operacional que soube imprimir, quer pela acção psicossocial que desenvolveu junto das populações autóctones, quer ainda pelo espírito de disciplina, de coesão e compreensão do dever que soube inculcar às subunidades subordinadas.

Durante a sua acção sempre revelou grande dedicação pelo serviço, brio e competência profissional, sabendo impôr-se pelas suas qualidades de inteligência, lealdade e carácter que, aliadas a uma natural modéstia e sã camaradagem, o tornaram digno da maior estima e consideração de superiores e subordinados.

A importante actividade deste oficial é de molde a considerar os seus serviços extraordinários, relevantes e distintos.



## Joaquim Rodrigues Alho

Tenente-Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 22 — 2.ª Série  
de 15 de Novembro de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma muito meritória, abnegada e fortemente caracterizada por um elevado espírito de bem cumprir como desempenhou as funções inerentes ao seu cargo, demonstrando possuir qualidades de iniciativa e espírito de cooperação que levaram os serviços prestados por aquele oficial a um nível de eficiência.

A sua acção ponderada, persistente e invulgarmente criteriosa muito contribuiu para o bom rendimento de um serviço particularmente difícil e com incidências profundas na vida e disciplina das tropas, sendo de salientar ainda a manutenção da ordem e sossego das populações nativas dos bairros suburbanos da cidade de Luanda, conseguidos à base de um serviço de patrulhamento constante e exaustivo da Polícia Militar, o qual foi sempre e directamente acompanhado pelo Tenente-Coronel Alho.

Oficial muito sensato, extremamente leal e dotado de excelentes qualidades de trabalho, o Tenente-Coronel Rodrigues Alho foi um elemento com que o comando sempre pôde contar em todos os momentos, por mais difíceis que fossem, devendo os importantes serviços que prestou à Região Militar de Angola ser considerados como extraordinários, distintos e relevantes.



## José Manuel Macedo Azeredo Pais

Alferes Miliciano

*Medalha de Prata de Serviços Distintos  
com Palma*

(A título póstumo)

O. E. n.º 22 — 2.ª Série  
de 15 de Novembro de 1968

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Artigo 17.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pelas extraordinárias qualidades de combatente reveladas em dois anos de campanha na Região Militar de Angola que o impuseram à consideração dos seus superiores e lhes conquistaram a admiração e incondicional confiança dos seus directos subordinados.

Nomeado para comandar uma força que teria de prosseguir uma acção na qual as nossas tropas haviam já sofrido baixas em consequência da violenta actividade inimiga, o alferes Pais, perfeitamente conhecedor, pela sua larga experiência de combate duramente adquirida, da situação e do inimigo que ia de frontar, consciente, portanto, do perigo e do isolamento em que ia trabalhar, reuniu os seus graduados, dando-lhes as suas instruções, alertando-os em relação ao inimigo, mas vincando-lhes ao mesmo tempo a sua firme determinação de cumprir a importante missão que lhe tinha sido cometida e de vingar a morte dos seus camaradas, tombados na véspera.

Durante a execução da operação o inimigo, emboscado, desencadeou fogo ajustado e intenso, tendo às primeiras rajadas atingido mortalmente o alferes Pais, que pela sua agressividade e espírito combativo constituiu exemplo perene de extrema coragem e total espírito de sacrifício, devendo os serviços que prestou à Região Militar de Angola ser com toda a justiça considerados como extraordinários, relevantes e distintos.



Mário Nunes da Silva

Furriel Miliciano

*Medalha de Cobre de Serviços Distintos  
com Palma*

O. E. n.º 9 — 3.ª Série  
de 30 de Março de 1968

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército condecorá-lo com a Medalha de Cobre de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea *a*) do Artigo 18.º, com referência ao § 2.º do Artigo 51.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

LOUVADO, pela forma excepcional como durante os dois anos de comissão no Leste de Angola desempenhou as difíceis e muito trabalhosas funções de mecânico radiomontador da Companhia de Comando e Serviços do Batalhão de Cavalaria 1863, nas quais demonstrou competência inexcelável e extrema dedicação e zelo pelo serviço.

Mercê dos profundos conhecimentos da sua especialidade, desde a organização da Unidade até ao último dia da sua actividade operacional, conseguiu que todos os postos emissores-receptores e ainda o restante material da rede de transmissões se mantivessem permanentemente em elevado nível de eficiência, não obstante o serviço intenso e contínuo a que foram submetidos.

Evidenciando constantemente as suas raras qualidades de abnegação e espírito de sacrifício, trabalhando muitas vezes muito para além do que humanamente lhe poderia ser exigido, o Furriel Nunes da Silva, mercê das suas qualidades e a acção constante e profícua, muito contribuiu no seu âmbito de acção para o bom êxito da actividade operacional do seu Batalhão.

Dotado de excelentes dotes de carácter, de esmerada educação e correcção, tornou-se o Furriel Miliciano Nunes da Silva um graduado de excepcional valor e merecedor de alta estima e consideração do Comando, que considera os importantes serviços por ele prestados à Região Militar de Angola como distintos, relevantes e extraordinários.

Repblică de România

Republica Română 6801

Mărio Năgău de Silva

Paulin Năgău

Ministerul de Cultură și Turism  
Strada 131

Str. E. nr. 131  
București



Text is mirrored from the reverse side of the page, appearing as bleed-through. It includes phrases such as "Ministerul de Cultură și Turism", "Strada 131", and "București".

# PRÉMIOS

## GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

- Alferes Mil.º **Armindo Castro e Nunes**
- Alferes Mil.º **Carlos Manuel Rodrigues de Faria Carvalho**
- Furriel Mil.º **Fernando Abel Jorge de Carvalho**
- Soldado **José Adriano de Jesus**
- Soldado **Carlos Moreira Monteiro**
- Soldado **José Dias António**
- Soldado **Porfírio Viegas de Sousa**
- Soldado **Armando Pedro Barreiro dos Santos**
- Soldado **Amândio de Jesus Lopes Caldeira**

## GOVERNADOR GERAL DE MOÇAMBIQUE

- Furriel Mil.º **Filipe Júlio Moreira Caseiro**
- 1.º Cabo **António Lourenço Carvalheira**
- Soldado **António Joaquim Ferreira Bastos**
- Soldado **Maurício Motiço**

## PRÉMIO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA



Alferes Miliciano  
*Armindo Castro e Nunes*



Alferes Miliciano  
*Carlos Manuel Rodrigues  
de Faria Carvalho*



Furiel Miliciano  
*Fernando Abel Jorge  
de Carvalho*  
Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1538



Soldado  
*José Adriano de Jesus*  
Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1539

# Revista da Cavalaria



Soldado

*Carlos Moreira Monteiro*

Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1539



Soldado

*José Dias António*

Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1538



Soldado

*Porfirio Viegas de Sousa*

Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1538



Soldado

*Armando Pedro Barreiro  
dos Santos*

Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1538

# Revista da Cavalaria



Soldado

*Amândio de Jesus Lopes  
Caldeira*

Bat. Cav. 1884 — Comp. Cav. 1538

## PRÉMIO GOVERNADOR GERAL DE MOÇAMBIQUE



Furriel Miliciano

*Filipe Júlio Moreira Caseiro*

Esq. Cav. N.º 1



1.º Cabo

*António Lourenço Carvalheira*

Bat. Cav. 1880 — Comp. Cav. 1508

# Revista da Cavalaria



Soldado  
*António Joaquim Ferreira  
Bastos*

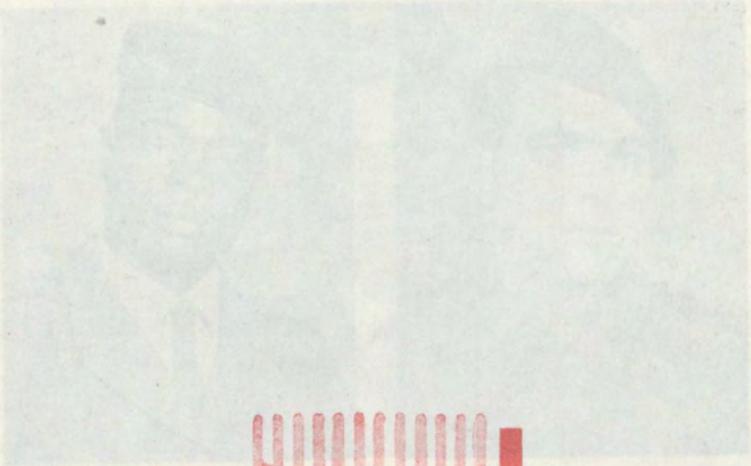
Bat. Cav. 1880 — Comp. Cav. 1508



Soldado  
*Maurício Motiço*  
Esq. Cav. N.º 1



PROJET DE LOI



PRÉMIER MINISTRE DE LA RÉPUBLIQUE DE GUINÉE-BISSAU



PRÉMIER MINISTRE DE LA RÉPUBLIQUE DE GUINÉE-BISSAU

PRÉMIER MINISTRE DE LA RÉPUBLIQUE DE GUINÉE-BISSAU

# CONDECORAÇÕES E LOUVORES COLECTIVOS



# Revista da Cavalaria

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1928

Referência elogiosa feita por Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Exército, que em 11 de Dezembro de 1968 visitou o Batalhão:

«O Batalhão de Cavalaria N.º 1928 mantém em Cangamba as Tradições da Cavalaria Portuguesa — bate-se, cumpre e acrescenta valor ao valor do Regimento de Cavalaria N.º 7.

Para todos, uma afirmação segura, inabalável de confiança.»

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1897

Louvo o Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 1897, pela brilhante orientação imprimida a todas as actividades do Batalhão, caracterizada por uma aplicação consciente, objectiva e profícua de todas as suas responsabilidades, alicerçadas num estudo aprofundado do IN em todas as suas manifestações e no aproveitamento equilibrado da capacidade dos meios e das suas Forças já tão duramente provadas em longas e repetidas acções de combate, acompanhada de recuperação física e valorização humana de todos os seus componentes, de que resultou um verdadeiro rejuvenescimento do Batalhão.

Animado do mais profundo espírito de missão, consciente da dureza da tarefa a empreender e certo dos valores individuais dos seus componentes e das Unidades executantes, todo o Comando do Batalhão se irmanou, com um notável espírito de equipa, sob a magnífica orientação do seu Comandante, na reestruturação do seu potencial para prossecução das já longas realizações do Batalhão, encetando todo um conjunto de medidas que conduziram à consciencialização de valores e ao florescimento de iniciativas e, através de um doseamento dos esforços compatíveis com o estado das suas forças e adaptados à situação e ao cumprimento da missão, ao estabelecimento de mútua, inteira e total confiança e cooperação, de que resultou uma mística de acção que se reflectiu profundamente no rendimento operacional e na evolução no Sector.

Orientando objectiva e criteriosamente a actividade operacional no sentido da realização integral de todas as finalidades que a missão comporta, obteve o Comando do Batalhão assinalados êxitos em todos os aspectos, e em particular na destruição das forças da subversão, na reconversão da população e na colheita de informações.

# Revista da Cavalaria

Pela assinalável obra de reafirmação, pela continuação dos notáveis empreendimentos no aspecto de recuperação e conquista psicológica das populações, pelos brilhantes resultados operacionais a que tem conduzido as suas forças, pelo elevado ambiente de disciplina e organização e pelo extraordinário espírito de missão e de determinação que tem mantido nas suas forças, constitui o Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 1897 um excelente baluarte, verdadeira realização do espírito militar, que ilustra e honra as Forças Armadas e a Nação.

(O. S. n.º 16 de 18 de Abril de 1968  
do C. T. I. da Guiné)

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1915

Louvo o **Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 1915**, pela forma altamente inteligente, determinada e criteriosa como tem conduzido, orientado e impulsionado a actividade das suas forças, dentro de um elevado espírito de missão, o que está exuberantemente patenteado nos sucessivos êxitos obtidos em todos os aspectos e finalidades que a repressão da subversão comporta, ao longo da sua comissão nesta província.

Tendo iniciado a comissão no Leste da província, logo os méritos da sua actuação se evidenciaram e se impuseram ao apreço dos superiores, o que lhe mereceu a honra de ser chamado a assumir a responsabilidade do Sector 01, um dos mais exigentes e difíceis da Guiné, onde não só confirmou mas ampliou o alto conceito em que já era tido. Integrado por um conjunto de elementos de reconhecido valor, comprovado mérito e longa experiência, o Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 1915 tem revelado um elevado espírito de iniciativa, que servido por um consciente, laborioso e persistente estudo dos mais diversos, complexos e difíceis problemas que a actividade diária do seu Sector impõe, tem conduzido a realizações de vulto nos mais árduos aspectos desta luta e, em particular, na reconversão das populações subvertidas, obra a que justamente votou especial entusiasmo e dedicação, e em que está obtendo real êxito, cimentando num espírito de entreaajuda, vivida com as autoridades civis da zona com quem mantém estreita e fecunda colaboração.

Apoiando, orientando e incentivando a iniciativa dos comandos seus subordinados, com vista a um aproveitamento total das potencia-

# Revista da Cavalaria

lidades positivas da personalidade dos seus 8 comandantes de companhia, polarizados para o cumprimento da sua missão, tem o Comando do Batalhão obtido assinalados e repetidos sucessos, materializados pelo aniquilamento e captura de elementos IN e seus colaboradores, e apreensão de material que, constituindo uma valorização das forças actuantes, contribui decisivamente para a melhoria da situação do sector, pela intranquilidade provocada ao IN e pelos benéficos efeitos sobre a população.

Para além destes factos, é ainda de salientar a actuação do Comando do Batalhão no planeamento consciente, cuidadoso e seguro de acções especificamente dirigidas contra as forças de subversão, algumas delas com muitos efectivos e implicações de vulto, e na eficiente conduta que permitiu a obtenção de assinalados e repetidos sucessos.

Animado do mais profundo espírito de missão, traduzido no abnegado esforço desenvolvido por todos os seus componentes, tem-se afirmado o Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 1915 como o fiel intérprete das directivas de actuação dos comandos superiores, pelo que, no seu conjunto, se tornou credor do especial apreço pelos seus serviços, que muito honram as Forças Armadas e a Nação.

*(Despacho de 8 de Abril de 1968 do Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1485

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1485**, porque durante o tempo que serviu no B. Caç. 1876, o fez com muita dedicação, muita coragem ponderada, muita determinação e muito brilho. Sendo uma Companhia que muito sofreu e lutou, jamais voltou a cara a quaisquer missões que lhe fossem atribuídas e jamais pôs quaisquer reticências ao seu cumprimento, por mais difíceis que fossem. Antes porém integrando-se no espírito de agressividade do Batalhão patenteou bem o desejo firme de fazer sempre mais, propondo e executando operações por iniciativa do seu Comandante, para além do planeamento operacional do Batalhão. Todos os Oficiais, Sargentos e Praças são merecedores do reconhecimento, da admiração e do respeito que lhe dedica o seu CMDT de Batalhão. E de entre todos me seja permitido realçar o seu grupo «ÍNDIOS» pela agressividade em combate que sempre patenteou, pela sua decisão, fé e certeza no cumprimento da missão.

# Revista da Cavalaria

Sempre os encontrei na primeira linha e algumas vezes houve que refrear-lhe os ímpetos. Por tudo e ainda pela missão difícil que lhe foi atribuída da implantação de um aquartelamento em terreno inimigo, o que permitiu que a nossa BANDEIRA ali flutue altaneira, é a C. Cav. 1485 que para si criou a divisa «E ASSIM NASCEU BIAMBE», digna de ser distinguida e colocada entre as melhores, em terras da Guiné Portuguesa.

Pode dizer-se, sem pretensiosismo, que a C. Cav. 1485 correspondeu inteiramente à confiança que nela depositavam os seus superiores e mercê da sua actuação e do seu esforço, vê compensados todos os momentos de sofrimento e de luta. BIAMBE, onde flutua a bandeira verde-rubra é terra portuguesa!

*(Despacho do Comandante Militar  
do C. T. I. da Guiné)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1615

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1615**, porque tendo sido submetida a uma actividade operacional intensa, consequência de ter sido considerada como Companhia de intervenção, durante a quase totalidade de tempo de comissão, sempre se desempenhou das missões que lhe foram atribuídas com muito mérito, agressividade e determinação, qualidades tantas vezes patenteadas em muitas acções de combate, com demorados e fortes contactos com o IN.

Das suas actuações em combate, destacam-se as operações «Finca-Pé» pelo forte contacto e numerosas baixas causadas ao IN, «Festival», «Farolim» e «Farejar 3» pela longa duração e vincada determinação, «Fabiola», pela sua duração com fortes e demorados contactos com o IN, «Exterminar 3» pelas numerosas baixas causadas ao IN, «Esponja 3», pela enorme quantidade de material capturado, «Epigeu», «Epicentro», «Epinema», «Esticadela», «Estiolar» e «Alma Forte», esta pelo elevado número de elementos da população recuperados.

Foi brilhante nalguns golpes de mão nocturnos, com resultados positivos e, na maioria das vezes, sem consumo de munições.

Se a sua conduta foi brilhante em combate, em missões de paz a C. Cav. 1615 foi muito apreciada pelas populações de Mansoa e Olos-

# Revista da Cavalaria

sato onde a sua passagem deixou assinaláveis motivos para que a sua conduta fosse considerada exemplar.

Pelas inúmeras e brilhantes actuações, pela missão de sacrifício a que está sujeita uma tropa de intervenção e pela agressividade, determinação e coragem constantemente patenteadas pelos seus Oficiais, Sargentos e Praças é a C. Cav. 1615 merecedora deste público louvor que se lhe confere não podendo restar quaisquer dúvidas que até à data do seu embarque saberá cumprir cabalmente todas as missões que ainda lhe venham a ser solicitadas, como ficou demonstrado quando recentemente parte da Companhia foi destacada de Bissau para fins operacionais no interior da Província.

A C. Cav. 1615 dignificou a sua Arma e prestigiou o Exército, na honrosa missão que lhe coube.

*(Despacho do Comandante de Agrupamento n.º 2951)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1616

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1616**, porque apesar de ter sido, na maior parte da sua comissão, considerada como Companhia de quadrícula, desenvolveu uma constante e intensa actividade operacional, passando quase todo o tempo da sua comissão no interior da província, suportando sem queixumes e com alto sentido de missão e de dever a cumprir a contingência de não poder acompanhar para Bissau as outras duas Companhias operacionais do seu Batalhão, com as quais sempre conviveu, na paz e na guerra.

Subunidade de elevado espírito de corpo, que o seu primeiro comandante soube cultivar, suportou com determinação e sem desfalecimento, por ferimentos em combate, desse comandante, depressa se adaptando ao capitão substituto com total entusiasmo e devoção correspondendo à elevada personalidade e valor militar do seu novo comandante com determinação, tenacidade e coragem em todas as acções a que foi chamada a intervir.

Das suas actuações em combate destacam-se as operações «Fisca-Pé» pelo forte contacto e numerosas baixas causadas ao IN, «Farolim», «Farejar 3», pela longa duração e forte determinação, «Fabiola» pela sua duração e fortes e demorados contactos com o IN, «Equinócio» e «Exterminar 3» pelo elevado número de baixas causado ao IN, «Esponja 3» pela agressividade revelada e enorme quantidade

# Revista da Cavalaria

de material capturado, «Epidemia» pela forte determinação na destruição duma base central IN, «Esturrada» pela quantidade de população recuperada e «Alma Forte» pela forte determinação face aos grupos IN detectados.

Foi brilhante nos golpes de mão, que realizou em plena noite, sempre com resultados positivos e na maioria das vezes sem consumo de munições. Mas se nas missões de combate foi brilhante também nas missões de paz foi devidamente apreciada pelas populações nativas e muito especialmente pelas do Olossato, onde, muito contribuiu para que todos, militares e civis, comungassem, com fervor, na luta em que estavam empenhados.

Pelas brilhantes actuações, pela determinação, agressividade e coragem que os seus Oficiais, Sargentos e Praças sempre revelaram é a C. Cav. 1616 merecedora deste público louvor e deve ser apontada e justamente considerada como uma subunidade que tanto prestigiou o seu Batalhão. Dignificou a Arma e muito honrou o Exército Português na actual conjuntura.

*(Despacho do Comandante de Agrupamento n.º 2951)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1617

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1617**, porque nas variadas missões que lhe foram atribuídas sempre se revelou como uma subunidade de real valor, desempenhando sempre essas missões com muito mérito e determinação, bem demonstrado nas acções de combate que sustentou com demorados e fortes contactos com o IN. Deslocada após o treino operacional, para Cutia, com a missão de dar protecção aos trabalhos de alcatroamento da estrada Mansoa-Mansabá, a sua relevante conduta tornou possível que os trabalhos se processassem com o máximo rendimento e brevidade, não obstante as diversas flagelações do IN, o que mereceu elogiosas referências de parte dos chefes.

Das suas actuações em combate destacam-se as operações «Festival», «Fabíola» pela sua duração com fortes e demorados contactos com o IN, «Equinócio» e «Espadeirar 3» pelas baixas causadas ao IN, «Efusão 3», «Epigeu», «Epíciclo» pela longa duração, «Estilo» pela forte determinação revelada e baixas causadas ao IN, e «Esenda» pela população recuperada. É também de realçar a forte determinação e agressividade sempre reveladas em todas as emboscadas que os

# Revista da Cavalaria

seus G. Comb. suportaram na protecção das colunas, na estrada Mansabá-Bissau. Também no contacto com as populações nativas a C. Cav. 1617 revelou um elevado espírito de missão e foi sempre total o entendimento entre o seu pessoal e a gente de Mansabá, proporcionando momentos de franco convívio, o que muito contribuiu para que a população se fosse identificando com a alta missão atribuída ao Exército.

Pelo que fica registado, pela determinação e coragem, reveladas pelos seus Oficiais, Sargentos e Praças é a C. Cav. 1617 merecedora deste público louvor que se lhe confere, na certeza que até ao fim da sua comissão estará sempre pronta a cumprir qualquer missão que lhe for determinada, continuando a prestigiar o seu Batalhão, a Arma e o Exército Português.

*(Despacho do Comandante de Agrupamento n.º 2951)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1693

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1693, Reserva do Agrupamento Leste da Província da Guiné**, por durante cerca de 5 meses em que a sua acção esteve orientada no Sector L3, ter demonstrado possuir em alto grau, virtudes militares que muito a dignificam e honram o pessoal que faz parte do seu efectivo, amplamente demonstrado nas várias escoltas a colunas de reabastecimentos aos Destacamentos do Boé em que demonstrou possuir vincada determinação no cumprimento das missões que lhe foram confiadas, espírito de sacrifício quando se lhe exigiu esforços violentos, que sempre soube suportar com estoicismo e grande aprumo moral.

A apresentação do seu pessoal, o espírito de disciplina que a caracteriza e o sentido do Dever a cumprir que a orienta, são penhor de garantia nas acções em que a C. Cav. 1693 seja chamada a intervir, quaisquer que sejam as circunstâncias e a considerar esta C. Cav. uma unidade de elite, que muito honra a Arma a que pertence e as gloriosas tradições do Exército, que muito me apraz registar e a que faz jus este louvor.

Por todos os motivos apresentados é com muito pesar que o Agrupamento vê o seu afastamento imposto por determinação superior.

*(O. S. n.º 101 de 2 de Outubro de 1967  
do Comando do Agrupamento n.º 1980)*

# Revista da Cavalaria

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1749

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 1749**, porque apesar de se encontrar em Mansabá há cerca de 3 meses, depois de uma intensa actividade operacional noutra sector, depressa se integrou no espírito de corpo deste Batalhão e nas operações que executou na sua nova unidade revelou-se uma subunidade coesa, combativa e em que todos os seus elementos estão sempre animados duma firme vontade de bem cumprir. Mesmo em períodos de intensa actividade, que as circunstâncias exigiram, sempre os G. Comb. da Companhia se mostraram prontos a cumprir as missões, sem desfalecimentos. Nas relações com as populações de Mansabá os componentes da C. Cav. 1749 têm tido um comportamento muito correcto que todos apreciam e tanto contribuiu para uma mais íntima ligação entre militares e civis e para o prestígio do Exército.

*(Louvor conferido pelo Comando do Batalhão  
de Cav. n.º 1897)*

## ESQUADRÃO DE CAVALARIA N.º 2

Louvo o **Esquadrão de Cavalaria n.º 2**, porque ao longo de toda a sua actuação, como reforço, na zona do planalto de Mueda, no Sector B da Região Militar de Moçambique, tem mantido, ininterruptamente, uma actividade operacional que se caracteriza pelo dinamismo, eficiência e distinção honrando assim as melhores tradições da sua Arma.

Fez o Esquadrão de Cavalaria n.º 2 dezenas de escoltas e reconhecimentos e actuou ainda como uma companhia de caçadores. Quase todos os seus elementos estiveram inúmeras vezes sob intenso fogo inimigo, situações em que revelaram a maior serenidade, espírito de disciplina, sangue-frio e confiança total e permanente, que se transmitia às tropas integradas nas colunas que escoltava e sempre desejaram o seu apoio.

No desempenho das variadíssimas missões que lhe foram cometidas defrontou, frequentemente, emboscadas, flagelações, cortes de itinerários, minas e armadilhas, o que nunca o impediu de cumprir integralmente tais missões, ainda que, por vezes, à custa de estoicismo e espírito de sacrifício dignos do maior apreço.

A sua reacção perante o inimigo caracterizou-se igualmente por elevado espírito de agressividade e ousadia.

# Revista da Cavalaria

Para além da sua impecável organização e da sua disciplina, o Esquadrão de Cavalaria n.º 2 mostrou, em todos os momentos, ser uma unidade de elevado nível, sempre pronta a cumprir as mais difíceis missões, justificando-se assim, que sejam considerados muito distintos e de elevado mérito os serviços que prestou em campanha, numa das zonas mais difíceis do Norte de Moçambique.

*(Por Portaria de 23 de Outubro de 1968)*

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1129

Louvo, porque isso me é imposto pelos mais elementares princípios de justiça, cumpro o grato dever de divulgar tudo quanto me foi dado apreciar, a propósito da relevante actuação dos valorosos elementos do **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 1129** enquanto tão prestante subunidade se manteve sob a dependência operacional deste comando.

Animados do nobre ideal de servir com devoção e honra, lograram, sem reservas atingir o seu desideratum, evidenciando em todas as circunstâncias extrema coragem, serenidade perante o perigo, muito espírito de sacrifício e solidarismo.

Muitas e muito arriscadas foram as missões confiadas a este valioso elemento de apoio. Não obstante, nunca tal facto constituiu razão bastante para o abalar das suas bem arreigadas convicções e para o enfraquecimento do ânimo, valor e espírito de perfeita cooperação sempre patenteadas.

De tão valorosos militares, sempre ligados por elos sólidos de leal e sã camaradagem, poderá ser dito que souberam glorificar o Exército e honrar a Pátria.

*(O. S. n.º 52 de 4 de Março de 1968  
do Bat. Caç. n.º 1933)*

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1133

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 1133/RC 6**, porque durante cerca de ano e meio em que tem dependido deste Batalhão, se distinguiu em todas as missões que lhe foram cometidas, com especial relevância para as de carácter operacional. Actuando perfeitamente integrado no espírito e tradições da arma de origem, o Pelotão AM

# Revista da Cavalaria

Daimler n.º 1133, constitui um todo homogéneo de real valor, dotado de espírito de corpo apreciável e de agressividade combativa sempre que actuava frente ao IN. Habilmente conduzido pelo seu comandante, tomou parte em dezenas de escoltas, patrulhamentos e operações, sendo de realçar a sua actuação na operação «Grão Duque» em que colectivamente todos os seus elementos demonstraram serenidade, sangue frio e coragem debaixo de fogo.

No estacionamento aproveitaram-se as aptidões de vários elementos do Pelotão para funções compatíveis com as suas profissões civis com muito bons resultados.

Pelas razões apontadas, o Pel. Rec. Daimler n.º 1133 é justamente reconhecido como um elemento valoroso e eficiente o qual é de justiça conferir público testemunho do apreço e reconhecimento pela sua acção que, prestigiando-se, prestigia o exército a que pertence.

*(O. S. n.º 5 de 6 de Janeiro de 1968  
do Bat. Caç. n.º 1888)*

## PELOTÃO DE AUTO-METRALHADORAS N.º 1135

Louvo o Pelotão de Auto-Metralhadoras n.º 1135, porque, durante o tempo de permanência na Guiné, soube sempre com excepcional galhardia, espírito ofensivo e muito desembaraço, desempenhar as missões de que foi encarregado. Em especial na escolta a colunas, sempre que sujeitas a emboscadas, distinguiu-se o pessoal deste Pelotão pela sua eficiente actuação, merecendo os mais rasgados elogios dos Comandantes das colunas, pela maneira animosa, entusiástica e muito aguerrida como atacava e perseguia o IN. De realçar, ainda, o espírito de corpo deste pessoal, a sua constante entreaajuda e noção de responsabilidades. Tendo de actuar, em geral, sem graduados, souberam sempre, estas Praças, solucionar as situações, por mais difíceis que estas se apresentassem. Nos ataques realizados pelo IN ao seu Aquartelamento, o pessoal das AM, nunca permitiu, mercê do seu rápido aparecimento e actuação, que o IN se fixasse, antes levando-o rapidamente a retirar. Honrando e dignificando a sua Arma, de que foram pelo seu desembaraço e valentia, dignos elementos, concorreram para o cumprimento da Missão comum que os trouxe à Guiné.

*(O. S. n.º 116 de 15 de Maio de 1968  
do Bat. Cav. n.º 1897)*

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1137

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 1137**, porque durante o tempo em que serviu no Batalhão de Caçadores n.º 1876, cumpriu as missões que lhe foram atribuídas com muita dedicação, muita coragem, muita agressividade e muito entusiasmo e sem quaisquer hesitações ou receios. Apesar da fragilidade e das precárias condições mecânicas do material nunca as guarnições das AM Daimler hesitaram em entrar decidida e corajosamente no mato, fosse qual fosse a força e o efectivo do IN em presença. Todos os Oficiais, Sargentos e Praças, merecem o reconhecimento deste Comando, pela maneira como sempre patentearam o seu espírito de corpo, que os mantinha sempre ligados entre si, como se só um fossem e ao Batalhão a que se dedicaram incondicionalmente e ao qual deram tudo o que era possível em esforço, vontade, entusiasmo e alegria no cumprimento das missões, mesmo as mais espinhosas.

Comandado por um Oficial — Alferes Condesso — dotado de excepcionais qualidades de combatente e de condutor de homens, o Pelotão AM Daimler, continuará, estou certo, na sua nova situação a dar o mesmo rendimento e a merecer dos seus chefes as referências elogiosas que este comando saudosamente aqui deixa exarada.

*(O. S. n.º 97 de 31 de Julho de 1967  
do Bart. n.º 1914)*

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1138

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 1138**, porque, ao longo de dezoito meses de permanência neste Esquadrão, integrou-se de tal forma no espírito da Unidade, que muito contribuiu para o êxito das nossas missões.

Formando um todo dinâmico, eficiente, agressivo e desembaraçado o Pel. Rec. Daimler mostrou bem o seu valor, na pronta reacção aos intuitos IN, nomeadamente, em 26 de Janeiro de 1967, na estrada de Béli e, em 29 de Março de 1967, na estrada de Canhâmina-Farim, junto a Sare-Dico, no decorrer da operação «Incidência».

Fora do aspecto operacional, tem também o Pel. Rec. Daimler 1138 um lugar destacado na maneira brilhante como trabalha, quando é certo que desde Outubro de 1967 que ocupa parte da ZA de Geba

# Revista da Cavalaria

(acessos ao Mansomine e Ganado), após a recolha das forças do E. Rec. pelo muito que aí tem feito, mesmo sòzinho.

Constituído por um punhado de militares coesos, disciplinados e muito correctos, o Pel. Rec. 1138 é bem o modelo frisante do «MUITO» que «MESMO POUÇOS» podem fazer.

*(O. S. n.º 11 de 24 de Janeiro de 1968  
do Comando de Agrupamento n.º 1980)*

## 1.º PEL. REC. FOX DO ESQ. CAV. N.º 2

Louvo o 1.º Pelotão de Reconhecimento Fox, porque ao longo dos 9 meses em constante actividade na ZIN, sempre se haver comportado de uma forma dinâmica e eficiente e da maneira mais distinta, tendo capturado ao IN muitos explosivos, material diverso e elevada percentagem de GM defensivas e ofensivas.

Fez o 1.º Pelotão de Reconhecimento Fox várias dezenas de escoltas e reconhecimentos, tendo quase todos os seus elementos estado inúmeras vezes sob intenso fogo IN, e revelou sempre nesses momentos, serenidade, espírito de disciplina, sangue frio e confiança total e permanente.

Nas variadíssimas missões para que foi nomeado, defrontou frequentemente emboscadas, flagelações, cortes de itinerários, minas e armadilhas, nunca deixando de cumprir integralmente todas as missões que lhe foram confiadas, comportando-se sempre à altura que as circunstâncias exigiam, para além da sua impecável organização e disciplina patenteou o 1.º Pelotão de Reconhecimento Fox, do E. Cav. 2, ser um corpo de elevado nível operacional, sempre pronto a cumprir as mais difíceis missões e merecedor, por isso, de que os seus serviços em campanha, numa das zonas mais difíceis do Norte de Moçambique, sejam considerados de relevante mérito.

*(O. S. n.º 28 de 5 de Julho de 1968  
do Com. Sec. «B»)*

## 3.º PEL. REC. FOX DO ESQ. CAV. N.º 2

Louvo o 3.º Pelotão de Reconhecimento Fox, porque ao longo de 9 meses, em constante actividade na ZIN, sempre se haver comportado de uma forma dinâmica e eficiente e de maneira distinta, tendo captu-

# Revista da Cavalaria

rado ao IN muitos explosivos e armamento, e inflingindo-lhe numerosas baixas no decorrer das suas frequentes missões.

Fez o 3.º Pelotão de Reconhecimento Fox várias dezenas de escoltas e reconhecimentos, tendo quase todos os seus elementos estado inúmeras vezes sob intenso fogo IN, e revelou sempre nesses momentos, serenidade, espírito de disciplina, sangue frio e confiança total e permanente.

Nas variadíssimas missões que lhe foram atribuídas defrontou muitas vezes com emboscadas, flagelações, cortes de itinerários, minas e armadilhas, nunca deixando de cumprir integralmente todas as missões que lhe foram confiadas, comportando-se sempre à altura que as circunstâncias exigiam, e, para além da sua impecável organização e disciplina, patenteou em todos os momentos o 3.º Pelotão de Reconhecimento Fox, do E. Cav. 2, ser um corpo de elevado nível operacional, sempre pronto a cumprir as mais difíceis missões, e merecedor, por isso, de que os seus serviços em campanha, numa das Zonas mais difíceis do Norte de Moçambique, sejam considerados de relevante mérito.

(O. S. n.º 23 de 31 de Maio de 1968  
do Com. Sec. «B»)

**RESUMO**  
**DA**  
**ACÇÃO EM CAMPANHA**  
**DAS**  
**UNIDADES**  
**REGRESSADAS**  
**EM 1968**



## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1868

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *João Pedro de Almada Saldanha e Quadros Gouveia*  
2.º Comandante: Major de Cavalaria *Dionísio de Almeida e Santos*



Batalhão de Cavalaria 1868 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 3 e embarcou para a Região Militar de Angola em 20 de Novembro de 1965 tendo ali chegado a 29 do mesmo mês.

Poucos dias após a sua chegada a esta Província seguiu o B. Cav. 1868 para a sua zona de acção na região de Tomboco. As características especiais da zona que lhe foi atribuída à sua responsabilidade, região de passagem quase permanente de grupos inimigos em trânsito de e para o território vizinho e actuação de grupos móveis na região, levaram a que o Batalhão orientasse numa primeira fase a sua actividade operacional de modo a que com oportunidade fossem detectados ao longo dos principais eixos de infiltração os bandos inimigos infiltrados ou em trânsito; para isso, intenso esforço de pesquisa de informações foi cometido a todas as suas forças e concomitantemente foram realizadas numerosas acções de batidas, emboscadas e patrulhamentos, visando sempre as regiões de mais provável passagem do inimigo.

Deste modo decorreram os primeiros meses de actividade operacional que trouxeram para a Unidade um melhor conhecimento da sua zona de acção e do inimigo que tinham de enfrentar, tendo igualmente sido executadas numerosas escoltas a colunas civis e militares e dedicando ainda a sua atenção e interesse na construção de novos aquarteramentos e melhoria nos já existentes, para um melhor conforto e bem estar das suas tropas, preocupação que não foi descurada pelo Batalhão.

Já devidamente estruturado e senhor da sua zona de responsabilidade, o B. Cav. 1868 incrementou ainda mais a sua já intensa actividade operacional continuando as suas Forças a actuar em permanência na região, executando reconhecimentos ofensivos com o fim de detectar vestígios da passagem do inimigo, emboscadas nos pontos de provável passagem do inimigo e numerosas acções e operações foram realizadas e toda a zona de acção vasculhada por forma a que a intranquilidade

## Revista da Cavalaria

e insegurança fossem as areias movediças que o inimigo sentia par a passo, dia a dia, da acção das Nossas Tropas. Desgastante, contínua, persistente, oportuna e agressiva foram predicados que a acção das forças do B. Cav. 1868 implantaram na região de Tomboco e dos quais o inimigo procurou a todo o transe furtar-se. De salientar ainda a bem conduzida e eficiente acção psicossocial levada a efeito na sua zona de acção em íntima e leal colaboração havida com as Autoridades civis locais e que levou a criação de Milícias, que asseguraram assim um sentimento de mais íntima colaboração com parte activa na defesa e integridade do solo Pátrio.

Das numerosas acções e operações que realizou no cumprimento da sua missão colaborou integrado na missão de escalão superior, nas quais o seu pessoal sempre demonstrou agressividade, espírito combativo, entusiasmo e pôs a melhor vontade por forma a obter o melhor rendimento dessa actividade e que mereceram referências elogiosas às Subunidades intervenientes e o louvor colectivo ao Batalhão por parte do Comando superior da zona operacional, salientam-se as seguintes:

Operações: «Cilindragem», «Muralha AT», «Quissonde», «Festa Brava», «Apolo», «Estrela», «Primeira Busca», «Fio de Espada», «Ao Galope», «Dragão Vermelho», «Dragão Dourado».

Acções: «Relâmpago», «Tira Dúvidas», «Arcabuz», «Catana», «Flecha», «Fanzendas», «Canhangulo», «Pirué» e «Lança».

Desta actividade merecem o maior realce e destaque as duas acções de perseguição e batida de grupos inimigos detectados, uma na região do itinerário Ambrizete-Tomboco, em que foi oportuna, eficaz e agressiva a actuação das NT e que conduziu à captura de um grande volume de material de guerra, vestuário, medicamentos e documentos e outra na região do vale do Rio Luso em que foram provocadas baixas e capturados documentos e material diverso.

Em Março de 1967, assume a responsabilidade de nova zona de acção na região de Catete, onde realizou no campo operacional, uma acção digna de registo através de várias operações de um elevado número de acções com bons resultados, que desarticularam o inimigo da região, nomeadamente da Central de Catete (Pange) e que o levaram a efectuar inúmeras apresentações, dada a insegurança e carência de meios de subsistência que lhes foi criada e mantida pela actuação das Nossas Tropas.

Tendo em atenção a actividade mencionada, a actuação do Batalhão bem merece a gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Janeiro de 1968.

# Revista da Cavalaria

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1879

- Comandante: Inicialmente: Tenente-Coronel de Cavalaria *António Ferreira de Carvalho Freire Damião* (Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma)  
Depois: Tenente-Coronel de Cavalaria *Augusto da Fonseca Lage*
- 2.º Comandante: Inicialmente: Major de Cavalaria *Augusto da Fonseca Lage*  
Depois: Major de Cavalaria *António Manuel da Palma Baracho*

O Batalhão de Cavalaria n.º 1879 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 3. Embarcou em 12 de Janeiro de 1966 para Moçambique onde chegou em 28 do mesmo mês e onde lhe foi atribuída a responsabilidade da zona do Lago Niassa, nome que sugeriu, aos seus soldados, o tomarem a designação de «Dragões do Niassa».

Foi reforçado com as Companhias de Caçadores 73 e 1478 que já se encontravam aquarteladas na zona, respectivamente em Olivença e Maniamba e deixou logo de início em Vila Cabral, como força de intervenção do Comando do Sector, a sua Companhia 1505 que só após meses de remarcada actividade operacional e já com algumas baixas, viria a regressar ao Batalhão para rendição da Companhia de Caçadores 1478.

O Comando do Batalhão, juntamente com a sua C. C. S., instalou-se em Metangula e as suas duas outras Companhias, 1506 e 1507, foram aquartelar-se, a primeira em Nova Coimbra e, a segunda, no Cobué.

Foi, logo no início, durante a deslocação para a sua ZA, efectuada ao longo de uma estrada serpenteada entre inúmeras povoações destruídas e totalmente abandonadas, sob a inclemência de copiosas chuvas e numerosos atoleiros impossíveis de evitar e que tornaram a marcha extremamente penosa, que o Batalhão recebeu o seu baptismo de fogo através de uma emboscada que lhe foi montada e de algumas minas e flagelações.

O inimigo, moralizado por um anterior ataque a uma lancha que considerou um sucesso e pela liberdade de actuação que a débil quadrícula existente não podia evitar obrigara todas as populações a abandonarem os seus povoados, mantendo-as refugiadas no mato sob seu

## Revista da Cavalaria

inteiro domínio e fazia largo uso do seu esplêndido armamento cujas munições gastavam sem restrições, nomeadamente de minas de que se encontrava profundamente abastecido e que utilizava, inteligentemente, em escala extraordinariamente elevada.

Procurando superar as enormes dificuldades com que deparou em instalações, reabastecimentos de material de toda a ordem, o Batalhão de Cavalaria 1879, deu imediata execução a uma dinâmica e bem conduzida actividade operacional que rapidamente cortou toda a iniciativa aos bandos terroristas, desmoralizando-os, desarticulando-os e levando-os a perder, progressivamente, o controle das populações que, em crescendo de intensidade, se foram apresentando.

Nessa actividade, em que foi frequentemente reforçado por forças de intervenção do Comando Superior e que efectuou em colaboração assídua com os meios e forças navais operantes no Lago e com as autoridades administrativas, há a destacar o golpe de mão à base inimiga do N'Gofi, as operações «Estribo», «Lança em Riste» e «Armimarte» e a ocupação de Estremoz-a-Nova no planalto de Miandica. Toda ela ficou francamente materializada pelo elevado número de terroristas mortos e capturados, pelo avultado e importante quantitativo de armamento, municiamento e equipamento apreendido, pelos numerosíssimos acampamentos inimigos destruídos, pelas largas centenas de quilómetros de picadas abertas para viaturas auto e por cerca de 15 000 elementos de população que foram recuperados e que ficaram aldeados em aberta colaboração com as autoridades militares e administrativas.

Em Março de 1967, após 14 meses de esforços contínuos e esgotantes, o Batalhão deixou o Niassa, deslocando-se para o Norte da Zambézia, zona não activa, onde ocupou um extenso subsector com o comando inicialmente em Alto Molocué e, posteriormente, em Vila Junqueiro. Com as suas Companhias distribuídas por aquelas povoações e pelas do Molumbo (fronteira com o Malawi), Erego e Gilé com destacamentos em Pebane (no Índico), Namoroi e Lioma, montou um activo sistema de patrulhamento através do qual manteve estreito contacto com as populações em que há a destacar a assistência sanitária exercida e traduzida numa salutar confiança e simpatia daquelas para com os seus soldados.

O Batalhão mereceu dos escalões superiores expressivos louvores colectivos e referências elogiosas, tendo sido atribuído aos seus elementos uma Torre e Espada de Valor Lealdade e Mérito, 6 Cruzes de Guerra, uma medalha de prata de Serviços Distintos com Palma e

# Revista da Cavalaria

7 prémios Governador Geral de Moçambique. Foram 26 meses de árdua comissão em que sempre revelou elevado moral, grande espírito combativo e bem honrou a Arma de Cavalaria e o Exército.

Regressou à Metrópole em Março de 1968.

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1880

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *Abílio de Oliveira Ferro* (Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma)

Depois: Tenente-Coronel de Cavalaria *José Victor da Costa de Morais* (Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma)

2.º Comandante: Major de Cavalaria *José Victor de Morais*

Depois: Major de Cavalaria *José Maria Coelho Casquilho*

O Batalhão de Cavalaria 1880 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 7 e embarcou para a Região Militar de Moçambique em Janeiro de 1966, tendo ali chegado a 28 do mesmo mês.

Foi destinada a Mueda, ficando dependente do Sector de Porto-Amélia. Além das Companhias orgânicas, teve outras na sua dependência operacional.

O Batalhão organizou e tomou parte, durante o período que permaneceu em Mueda, em várias operações, sendo de destacar as «Centauru Colaborante», «Papagaio», «Centauru Irritante», «Centauru Pica Pau», «Centauru Vingador», «Centauru Castelão», «Centauru Glorioso», «Centauru Indomável» e «Centauru Insatisfeito».

Em todas as operações em que tomou parte, obteve bons resultados, sendo de salientar a captura de material inimigo, documentos de interesse, destruição de acampamentos e baixas infligidas.

Teve particular interesse a operação que levou à completa destruição da importante base inimiga Moçambique e durante a qual foram abatidos 15 inimigos.

Em Janeiro de 1967 o Batalhão foi transferido para a Zambézia, assumindo a responsabilidade da região de Mocuba, dependente do comando do Sector de Quelimane. Nesta nova situação desenvolveu intensa actividade de patrulhamento e de acção psicológica e social.

# Revista da Cavalaria

Tendo em atenção a actividade mencionada, a actuação do Batalhão e das suas subunidades bem merece a gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1883

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *António Pais Andorinho Romão*

2.º Comandante: Inicialmente: Major de Cavalaria *Manuel da Fonseca Pinto Bessa*

Depois: Major de Cavalaria *António L. Monteiro da Graça*

O Batalhão de Cavalaria 1883 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria 3 e embarcou para a Região Militar de Angola em 15 de Abril de 1966 tendo ali chegado a 26 do mesmo mês.

Marchou inicialmente para a região de Quicabo, onde marcou a sua presença, através da intensa actividade operacional, desenvolvida. Executou várias operações das quais se destacam pelos resultados obtidos as seguintes: «Apoio Quissonde», «Quissonde» (que mereceram do Comando Superior referências elogiosas pela actuação das suas Subunidades) «Passo Alongado», «Alta Escola», «Passo Concentrado», e ainda o golpe de mão executado sobre o quartel inimigo de Banza-Bungo que mereceu a atribuição de citação pelo Comando da RMA à Subunidade que realizou a acção.

Deslocado em Junho de 1967 para a região de Luso, ali permaneceu até final da sua comissão de serviço na Província.

Nesta segunda zona de acção, com novas características continuou o B. Cav. 1883 a denotar o mesmo interesse no cumprimento da missão que lhe foi atribuída, desenvolvendo até final da sua comissão, intenso esforço de patrulhamento na ZA, explorando com a oportunidade que os meios lhe permitiram todos os indícios e informações sobre o IN, obtidos à custa do bem desenvolvido esforço de pesquisa e que conduziram à obtenção de vultuosos resultados.

Da actividade operacional desenvolvida, são exemplos mais destacados entre as numerosas acções levadas a efeito, as operações «Mama Sume» e «Exodus II», no decurso das quais, além das baixas causadas ao IN, foram recuperados numerosos elementos de população.

# Revista da Cavalaria

O espírito acentuadamente ofensivo das suas tropas e o inteligente aproveitamento de todos os meios foram particularmente evidenciados numa acção duma das suas subunidades, nos últimos dias de permanência na ZA, no decurso da qual e na tenaz perseguição, movida a GR IN referenciados, foram causadas elevadas baixas. Por outro lado assegurou protecção e manteve a segurança das principais infraestruturas e centros populacionais da sua zona de acção.

O interesse, dedicação e elevado espírito de sacrifício com que oficiais, sargentos e praças do B. Cav. 1883 se deram ao cumprimento das missões que lhes foram atribuídas, determinam que o Comando da RMA lhe manifeste, ao terminar a sua permanência nesta Província, todo o apreço e reconhecimento pelos serviços prestados.

Pela sua actividade esta Unidade tornou-se credora da gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1884

- Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *Fernando Maria Fontes Pereira de Melo* (Medalha de Ouro de Serviços Distintos com Palma)
- 2.º Comandante: Inicialmente: Major de Cavalaria *Luis S. Rodrigues Pena*  
Depois: Major de Cavalaria *António V. Romeiras Júnior*

Este Batalhão teve por Unidade Mobilizadora o Regimento de Cavalaria 7 em Lisboa e desembarcou em Luanda no dia 26 de Abril de 1966, juntamente com a Companhia de Artilharia 1561, que por razões de ordem operacional foi atribuída ao Batalhão.

Seguiu inicialmente para a região de Zemba, onde após ter assumido a responsabilidade da sua zona de acção, deu início a uma actividade operacional que, tendo um sentido marcadamente ofensivo e um planeamento perfeito, com vista a uma melhor e mais rápida adaptação ao meio local, permitisse a obtenção de resultados positivos que ajudassem a fortalecer o moral das tropas e o seu espírito de luta.

Assim, todo o esforço das Subunidades do Batalhão sob a judiciosa orientação do respectivo Comando, foi fundamentalmente dirigido

## Revista da Cavalaria

no sentido de impôr na zona de acção à sua responsabilidade, uma vasta acção de detecção e destruição dos quartéis inimigos, actividade que o B. Cav. 1884, ao longo de 12 meses, soube cumprir de maneira brilhante e que através das numerosas acções e operações realizadas na zona, tiveram como consequência final o completo desequilíbrio dos bandos terroristas activos. A continuidade e agressividade das Nossas Tropas, não permitiram a iniciativa do inimigo que se sentiu desorientado e batido nos seus refúgios habituais.

Dos resultados destas numerosas acções e mormente das operações «Primeira Achega», «Primeira Vista», «Passo Suspenso», «Passar de Mão», «2.º Assalto», «Rapto das Sabinas», «Direita Circular», «Em Forrageadores» e «Nunca se Sabe», merecem especial destaque pela sua influência, a destruição dos quartéis inimigos da secção de Hala, do Paz-Cólua, quartel de Quiuanda e Mufuque, em que foram causadas pesadas baixas para os grupos inimigos, além da captura de material, documentos e destruição de meios de vida.

Além da actividade operacional, de iniciativa própria, as tropas do B. Cav. 1884, prestaram ainda a sua colaboração na execução de operações a nível superior, com destaque para as operações «Quissonde», «Determinados», «Osiris» e «Apolo». Em Maio de 1967, numa mudança de situação, o B. Cav. 1884 é transferido para a região de Ambriz, onde na senda da actividade operacional já anteriormente desenvolvida, continuou até final da sua comissão de serviço na Província a produzir uma eficiente actividade, no isolamento da guerrilha, dedicando especial cuidado e vigilância à sua zona de responsabilidade, executando numerosas acções e patrulhamentos vários e desenvolvendo o seu esforço na pesquisa e colheita de informações.

Da actividade desenvolvida nesta segunda situação, salienta-se a acção «Capim Verde», em que foi destruído o quartel inimigo de Lu-xingi-Muandalala.

A atestar o bom comportamento e o valor das suas tropas e a determinação com que sempre cumpriram as missões que lhes foram atribuídas, levam consigo as Subunidades do B. Cav. 1884, as merecidas e justas citações, que lhes foram atribuídas, pelo Comando da RMA e pelo Comando do Sector operacional de que dependeram. Bem cumprindo a sua missão, pode o B. Cav. 1884, pela acção que desenvolveu ao longo de mais de dois anos de permanência em Angola, colocar-se no número das Unidades, que pelo relevo dos serviços aqui prestados na defesa da sua integridade territorial e das suas populações, consti-

# Revista da Cavalaria

tuem penhor do reconhecimento da RMA e da Província que tão abnegadamente serviu.

Pela sua actividade esta Unidade tornou-se credora da gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Junho de 1968.

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1897

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *Miguel Fernandes Moreno*

Depois: Tenente-Coronel de Cavalaria *António Maria Rebelo*

2.º Comandante: Major de Cavalaria *Carlos Correia de Sampaio de Vasconcelos Porto*

O Batalhão de Cavalaria 1897 teve por Unidade Mobilizadora o Regimento de Cavalaria 3 em Estremoz e desembarcou na Guiné em 4 e 18 de Novembro de 1966.

Muito embora inicialmente tivesse assumido a responsabilidade de um Sector, em Maio de 1967, foi deslocado para um outro, não menos importante na região do Oio onde se manteve até final da comissão.

Unidade dotada de um notável espírito de corpo, logo desenvolveu uma bem orientada actividade operacional em que além de inúmeras baixas causadas ao IN, soube apreender quantidades importantes de armamento e material diverso.

Destacam-se as operações «Finca Pé», «Forejar III», «Exterminar III», «Etelvina», «Epinema», «Estilo», «Efigénia», «Espenda» e «Esponja III». Saliente-se, que só nesta última acção, foi destruída uma importante base IN e apreendidas 21 armas e cerca de 14 300 munições diversas, algumas delas GR LGFog e Mort.

Outras operações houve, em que foram recuperados dezenas de nativos que viviam na clandestinidade sob coacção do IN.

De entre estas carece especial referência a operação «Alma Forte» em que foram recuperados 107 elementos da população.

Paralelamente, o Comando deste Batalhão empenhou-se na protecção aos trabalhos de construção de estradas, organizações da defesa dos quartelamentos e na melhoria das condições de vida do seu pessoal, através da construção de instalações funcionais e cómodas e da

# Revista da Cavalaria

criação de hortas e pomares, o que em muito valorizou a alimentação dos militares e até da própria população.

As relações com a população foram sempre mantidas num elevado espírito de compreensão e perfeito entendimento do que é a Comunidade Lusíada, sem qualquer preconceito de raças ou de credos.

Pelos excelentes resultados operacionais em que interveio e pelo extraordinário espírito de missão e da determinação que sempre manteve, foi pelo Comando Chefe das Forças Armadas da Guiné prestado público louvor ao Comando do Batalhão de Cavalaria 1897 como prova de reconhecimento das Forças Armadas que tão brilhantemente soube honrar.

Pela sua actividade esta Unidade tornou-se credora da gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Agosto de 1968.

## BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 1905

Comandante: Inicialmente: Tenente-Coronel de Cavalaria *Francisco José Falcão e Silva Ramos*

Depois: Major de Cavalaria *Luis Augusto Rodrigues de Carvalho* (int.); Major de Cavalaria *Alvaro Lemos da Fontoura*

2.º Comandante: Major de Cavalaria *Luis Augusto Rodrigues de Carvalho*

O Batalhão de Cavalaria 1905 teve por Unidade Mobilizadora o Regimento de Cavalaria 3 em Estremoz e desembarcou no CTI da Guiné a 6 de Fevereiro de 1966.

Seguiu imediatamente para Teixeira Pinto onde, a 7 de Fevereiro, assume o comando do Sector O1 (A) ao qual pertenciam ou vieram a pertencer ou a actuar, além dos elementos orgânicos (CCS. CCAV. 1649, 1650 e 1651) outros elementos das mais diversas proveniências.

O inimigo exercia o seu esforço no sentido de dominar o «chão dos manjacos» (Teixeira Pinto, Cacheu, Calequisse e Caió) executando acções contra as NT e contra a população.

Alheio às inúmeras dificuldades surgidas consegue o Batalhão dificultar as intenções do IN actuando em todas as áreas do Sector mas com particular atenção no Churo, Jul e na área de Có, onde o IN se mostrava mais activo.

## Revista da Cavalaria

As variadíssimas operações realizadas, algumas das quais com resultados francamente compensadores, a acção psicológica e a presença do Batalhão nas áreas onde o IN tentava aliciar as populações, quer pela propaganda quer pelo terror, tornaram possível contrariar as suas intenções.

Numa remodelação de dispositivo, em Agosto de 1967, é o Batalhão rendido neste Sector e transferido para Bissau (Brá) onde fica em reserva do Comando-Chefe.

Nesta situação decorre o mês de Setembro de 1967 actuando, em operações: a C. Cav. 1650 nos Sectores de Buba (S2) e de Bafatá (L2) e a C. Cav. 1651, no de Tite (S1).

No fim deste mesmo mês assume o comando do Sector L2 (Bafatá) onde, a par da intensa actividade operacionais desenvolvida com incidência nas áreas de Caresse e de Mansomine — limítrofes do Sector Oeste — e onde o IN se mostrava activo, se emprega a fundo na acção psicológica na área de Bafatá e de todos os outros regulados do Sector.

As suas companhias (orgânicas) recebem missões noutros Sectores. Assim, a C. Cav. 1649 permanece no Sector O1 (A) até Abril de 1968 assumindo a responsabilidade do Sector de Quinhamel, de Maio a Novembro de 1968; à C. Cav. 1650 compete-lhe a responsabilidade do Sector de Bissorã, de Outubro de 1967 a Julho de 1968, passando depois a constituir uma das subunidades do Batalhão de Bissau, até ao seu embarque; o Sector de Pirada fica sob o comando da C. Cav. 1651, desde Setembro de 1967 até Novembro de 1968.

Pelos seus feitos em combate, as numerosas baixas causadas ao inimigo e material capturado; pela notável acção psicológica desenvolvida em todas as situações, deixou o B. Cav. 1905 bem marcada a sua passagem pelo C. T. I. da Guiné durante os quase 22 meses que ali permaneceu sendo merecedor da consideração e do reconhecimento da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Novembro de 1968.

### COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1601

Comandante: Capitão de Cavalaria *Mário Augusto Baptista Tomé*  
(Cruz de Guerra de 2.ª Classe)

A Companhia de Cavalaria 1601 foi mobilizada pelo Regimento de Cavalaria 3 e embarcou para a Região Militar de Moçambique em 24 de Agosto de 1966, tendo ali chegado no mês de Setembro.

# Revista da Cavalaria

Inicialmente foi destinada a uma área do Niassa Ocidental, zona em que o Inimigo se mostrava particularmente activo. A sua actuação levou à destruição da base principal do inimigo e seguidamente à sua retirada dessa região. Paralelamente à acção operacional levou a efeito uma acção de recuperação de populações e de libertação de itinerários, ambos coroados de muito êxito.

Passou depois a Companhia a actuar como força de intervenção do Comando Superior do Niassa. Durante 15 meses competiu-lhe a realização de dezenas de operações, nas quais dispendeu um grande esforço sem que no entanto desse mostra de cansaço. Como resultado dessa actuação cita-se a apreensão de numeroso armamento e outro material, além das baixas produzidas ao inimigo.

A Companhia de Cavalaria 1601, situa-se, devido à sua actuação entre as melhores das que têm agido na R. M. M. e a atestá-lo está a condecoração que foi atribuída ao seu comandante e o louvor colectivo que lhe foi concedido.

Bem merece a gratidão da Arma e do Exército a que pertence.

Regressou à Metrópole em Setembro de 1968.

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1602

Comandante: Capitão de Cavalaria *José R. de Oliveira Pinto*

A Companhia de Cavalaria 1602 foi mobilizada pelo Regimento de Cavalaria 3 e embarcou para a Região Militar de Moçambique em 24 de Agosto de 1966, tendo ali chegado no mês de Setembro.

Durante um ano permaneceu na região do Chai tendo a sua actuação sido caracterizada por um acentuado espírito ofensivo.

Foi seguidamente para a área de Montepuez onde permaneceu até ao fim da comissão, onde revelou um denodado esforço e espírito de sacrificio notável. Ao mesmo tempo que mantinha uma intensa actividade operacional, teve uma importante acção na segurança dos aldeamentos existentes na sua zona de acção.

Ao regressar à Metrópole pôde a Companhia de Cavalaria 1602 fazê-lo com a consciência do dever cumprido e considerar-se credora da gratidão da Arma a que pertence.

Regressou à Metrópole em Setembro de 1968.

# Revista da Cavalaria

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 1662

Comandante: Capitão Miliciano de Artilharia *António de Sousa Pereira*

A Companhia de Cavalaria 1662 teve como Unidade Mobilizadora o Regimento de Cavalaria 7 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 1 de Fevereiro de 1967, tendo ali chegado a 6 do mesmo mês.

Inicialmente permaneceu em Nova Lamego como unidade de intervenção do Batalhão de Caçadores 1856 tendo a Companhia executado escoltas, patrulhamentos e operações entre as quais é de destacar a operação «Mourão II» na área ao sul de Che-Che.

Em princípio de Abril de 1967 deslocou-se para Piche, sector bastante vasto, onde permaneceu cerca de 18 meses desenvolvendo uma actividade operacional e uma acção psicológica muito intensa, assim como trabalhos em melhoramentos de instalações. São de mencionar as operações «Militar», «Mato», «Ano Novo» e «Relâmpago» nas quais foram infringidas ao inimigo bastantes baixas.

Ao regressar à Metrópole pôde a Companhia de Cavalaria 1662 fazê-lo com a consciência do dever cumprido.

Bem merece a gratidão da Arma a que pertence.

Regressou à Metrópole em Novembro de 1968.

## ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 1578

Comandante: Capitão de Cavalaria *António Francisco Martins Marquilhas*

O Esquadrão de Reconhecimento Fox 1578 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 8 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 7 de Maio de 1966 tendo ali chegado a 13 do mesmo mês.

Foi destinado a Bafatá na dependência operacional do Agrupamento Leste como reserva móvel. Durante este período o esquadrão actuou em cooperação com muitas outras unidades através do emprego das suas subunidades e assim foram cumpridas muitas missões de escolta, de acorrer a pontos atacados pelo inimigo, de defesa de certos pontos com relevo para Piche, etc.

# Revista da Cavalaria

Em Outubro de 1967 foi atribuído ao Esquadrão um Subsector temporário a Sul do regulado de Chana tendo a partir dessa data executado muitas acções de patrulhamento, sofrido algumas emboscadas e a acção de minas que lhe causaram alguns feridos, tendo por sua vez causado ao inimigo sérias baixas.

Também a acção do esquadrão englobou activa participação na construção de edifícios cobertos.

Atendendo à actividade, esforço dispendido, louvores recebidos, o Esquadrão 1578 é bem digno da consideração da Arma a que pertence.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 1101

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *José Fernando do Carmo Pais Assis Pacheco*

O Pelotão de Reconhecimento Fox 1101 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 8 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 7 de Maio de 1966.

Foi destinado a reforçar o sector de Aldesa Formosa, em cuja área desenvolveu uma importante actividade operacional materializada por numerosos patrulhamentos ao longo dos itinerários existentes no sector, por fornecimento de escolta a colunas e pelas operações em que, reforçando outras Unidades, tomou parte, de que se destacam as operações «Roménia», «Roldão», «Rotina» e «Repontão».

A sua actividade é bem digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO AML N.º 1106

Comandante: Alferes de Cavalaria *João Francisco Ramos do Rego Breyan*

O Pelotão de Reconhecimento AML 1106 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 7 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 31 de Maio de 1966.

# Revista da Cavalaria

Foi destinado ao Sector de Bula, onde actuou em reforço primeiramente do B. Cav. 790, depois do B. Caç. 1876 e finalmente do B. Cav. 1915.

Durante a sua permanência neste importante Sector, patrulhou quase todos os itinerários nele existentes, deu protecção a colunas que por eles transitam e tomou parte em operações, como reforço doutras forças, de que se destacam as operações «Bolanha», «Bernarda», «Borrasca» e «Brusquidão», nas quais, após forte contacto, contribuiu para o desbaratamento do Inimigo.

A sua actividade é bem digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1129

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Celestino António Jorge de Sousa Guerreiro*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1129 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

O Pelotão ficou em Nova Lamego adido à CCS/BCAÇ 1856 e uma vez rendido este passou ao B. Cav. 1915. Aí se manteve até ao fim da sua comissão.

Variadas foram as missões atribuídas aos elementos do pelotão mas dum modo geral implicaram com acção de carácter psicossocial, escoltas, patrulhamentos, reconhecimentos, montagem de emboscadas, etc., tendo assim oportunidade de entrar em combate variadas vezes. Mereceu um louvor colectivo.

A sua actividade é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1130

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *João Manuel Figueiredo da Ponte*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1130 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

# Revista da Cavalaria

Inicialmente o Pelotão ficou adido à Companhia de Cavalaria 787 em Teixeira Pinto. Em Abril de 1967 o Pelotão deslocou-se para Inoré destacando uma secção para S. Domingos.

É de realçar a actividade do pelotão em Inoré quer em escoltas, quer em patrulhamentos, tendo sofrido várias emboscadas e ataques. O Pelotão cumpriu duma forma digna as missões que lhe competiram e alguns dos seus elementos foram louvados o que merece ser mencionado.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## **PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1131**

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Augusto Miguel N. Antunes*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1131 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

Durante a sua permanência no C. T. I. da Guiné, actuou primeiro, integrado no Batalhão de Caçadores 1860 e depois no Batalhão de Artilharia 1914.

Desempenhou ao longo da sua comissão, especialmente, missões de patrulhamento, escolta e abertura de itinerários, tendo também colaborado nas operações «Nó Cego», «Napalma» e «Querença». Tendo em atenção o modo como cumpriu essas missões, as suas baixas e os louvores recebidos é de mencionar a actuação deste pelotão.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## **PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1132**

Comandante: Alferes de Cavalaria *Fernando dos Santos Caetano*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1132 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

A sua actividade exerceu-se sempre no sector de Catió e constou essencialmente de escoltas, patrulhamentos e segurança da pista.

A sua actividade é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1133

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Carlos Manuel de Sá Ramalho*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1133 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

Inicialmente ficou adido ao Batalhão de Caçadores 1888, mas em Janeiro de 1968 ficou adido ao Batalhão de Artilharia 1904. Até Novembro de 1966 esteve aquartelado na Fazenda Experimental de Fa, depois até Maio de 1967 em Bambadinga.

Cumpriu o Pelotão, essencialmente missões de reconhecimento, patrulhamento, ataques e escoltas. A sua acção psicológica foi bastante activa.

Pela sua actividade, que lhe valeu um louvor colectivo e pelas baixas causadas ao inimigo, a actuação do pelotão é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1134

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Manuel de Paiva e Sousa*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1134 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

O Pelotão desenvolveu intensa actividade, especialmente em missões de escolta. Teve diversos contactos com o inimigo especialmente na região de Farim e em Bigene. Numerosos elementos foram louvados.

A sua actividade é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1135

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Carlos Alberto Martins*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1135 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

A sua localização distribuiu-se por Mansoa e Mansabá.

Teve uma actividade muito intensa especialmente cumprindo missões de escolta, abertura de itinerários, acorrer a pontos atacados e protecção de trabalhos, durante os quais teve várias oportunidades de entrar em combate e mereceu louvor colectivo.

A sua actividade é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1136

Comandante: Alferes Miliciano *Manuel Augusto Machado Pinheiro Torres*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1136 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

Inicialmente foi adido ao B. Caç. 1876 e mais tarde ao B. Art. 1904, depois foi para Cacine adido à C. Caç. 1620 e mais tarde à 1692.

Foi muito intensa a actividade do Pelotão. As missões cumpridas foram variáveis, com predomínio de escoltas, patrulhamentos, abertura de itinerários, guarda de aeródromos, etc.

Pela sua actividade e louvores recebidos, bem merece ser mencionado.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1137

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *António José Pires*  
*Condesso* (Cruz de Guerra de 4.ª Classe)

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1137 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

O Pelotão iniciou a sua actividade em Bula, tendo depois passado sucessivamente para Teixeira Pinto e Cacheu. Esteve adido ao B. Cav. 790, B. Caç. 1876, B. Cav. 1905 e B. Caç. 1911.

Foi muito variada e intensa a actividade deste pelotão, bastando mencionar-se que sofreu dezenas de emboscadas, mais de uma dezena de ataques aos seus aquartelamentos e que só as missões de escolta se contam por perto de três centenas, assim como as rondas e patrulhamentos. Teve alguns feridos e produziu sensíveis baixas ao inimigo. Desenvolveu também uma intensa acção psicossocial. Por toda a acção desenvolvida, foi louvado colectivamente, sendo de assinalar a Cruz de Guerra de 4.ª Classe atribuída ao seu comandante.

Bem merece a gratidão da Arma e do Exército a que pertence.  
Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 1138

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Hugo Domingos Mateus Gomes*

O Pelotão de Reconhecimento Daimler 1138 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 6 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 30 de Julho de 1966 tendo ali chegado a 4 de Agosto.

O Pelotão actuou quase sempre no âmbito do Esquadrão de Reconhecimento 1578, contribuindo largamente para o êxito de actuação desta Unidade. Foi também notável a acção psicossocial desenvolvida. A actividade desenvolvida deu-lhe jus a um louvor colectivo e bem merece ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO AML PANHARD N.º 1143

Comandante: Tenente de Cavalaria *Amilcar Maximiliano Rebelo*  
*Alves Casquilho*

O Pelotão A. M. L. Panhard 1143 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 7 e embarcou para o C. T. I. da Guiné em 11 de Janeiro de 1966 onde desembarcou a 18 do mesmo mês.

Inicialmente ficou em Bissau, indo em Fevereiro para Bafatá adido ao Esquadrão de Reconhecimento 1578 e às ordens do Agrupamento 1980. Neste período executou missões de escolta, patrulhamento, defesa de Geba e Piche. Em Fevereiro de 1967 voltou para Bissau, tendo em Julho regressado a Bafatá onde esteve até Outubro. Em Outubro foi para Teixeira Pinto, tendo sido violentamente emboscado, mas causando sérias perdas ao inimigo. Aqui patrulhou todo o sector e fez escoltas. Em Dezembro de 1967, com uma fracção reforçou o destacamento de Pelundo. São de salientar as operações «Albatroz», «Acidino I», «Almourol», «Alexandria», etc., em que foi estabelecido violento contacto com o inimigo.

Tendo em conta a sua actividade e os louvores de alguns dos seus elementos, a actuação do Pelotão é digna de ser mencionada.

Regressou à Metrópole em Dezembro de 1968.

## PELOTÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 1165

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Michael Schmitzer da Silva*

O Pelotão de Reconhecimento Fox 1165 foi mobilizado pelo Regimento de Cavalaria 8 e partiu para o C. T. I. da Guiné em 11 de Janeiro de 1966 onde chegou a 18 do mesmo mês.

Praticamente teve o seu estacionamento em Grileje durante toda a comissão. Nesta região, variadas foram as missões atribuídas ao Pelotão, sendo de realçar que as escoltas e os patrulhamentos se contam por três centenas. As emboscadas, ataques ao seu estacionamento, minas e armadilhas levantados e rebentados foram muito numerosos, tendo provocado no pelotão mortos e variados feridos, entre os quais,

# Revista da Cavalaria

por três vezes, o próprio comandante do pelotão. Dum modo geral, o pelotão viveu permanentemente uma situação de combate, tendo por sua vez causado muitos feridos ao inimigo.

Tendo em conta a sua actuação, o número de baixas que sofreu e causou ao inimigo e os louvores recebidos, a sua actividade é bem digna de ser mencionada e honra a Arma a que pertence.

Regressou à Metrópole em Dezembro de 1968.

## COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 1529

Comandante: Capitão de Cavalaria *João José Segurado Rolão Candeias*

A Companhia de Polícia Militar 1529 foi mobilizada pelo Regimento de Lanceiros 2 tendo embarcado para a Região Militar de Angola em 18 de Janeiro de 1966 e tendo ali chegado a 28 do mesmo mês.

Dias após o desembarque, assumiu a responsabilidade da sua zona de acção juntamente com os P. P. M. 1018 e 1203, subunidades a que ficou intimamente ligada a sua actividade.

Inúmeras foram as missões que lhe foram confiadas no decurso da sua comissão de serviço.

Para além da missão específica que lhe cabia em relação à cidade de Luanda, as tropas da 1529 executaram missões de escoltas, em que se tornou notável o seu grau de eficiência.

A sua actividade foi incessante, não conhecendo limites que não fossem os definidos pelo integral cumprimento das missões que ia recebendo.

Quer em Luanda, Nova Lisboa, Cabinda, Caxito, a C. P. M. 1529 demonstrou possuir elevado grau de eficiência e sentido das responsabilidades, impondo-a igualmente pelo valor dos seus efectivos, com saliência para o aprumo, brio, correcção, excelente espírito de corpo e disciplina do seu pessoal e dedicação pelo serviço que lhe dá jus a ser mencionada a sua actuação.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

# Revista da Cavalaria

## COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 1530

Comandante: Tenente de Cavalaria *Jorge Manuel Morais da Silva Duarte*

A Companhia de Polícia Militar 1530 foi mobilizada pelo Regimento de Lanceiros 2 tendo chegado à Região Militar de Moçambique em 21 de Fevereiro de 1966.

Foi destinada a Nampula. Durante a sua permanência desenvolveu uma intensa actividade tendo, além do serviço normal de P. M. à cidade, efectuado ainda patrulhamentos no seu sector e no de Quelimane, policiamento do porto de Nacala, escolta a prisioneiros, escolta a colunas auto, etc.

No cumprimento destas missões teve alguns feridos e vários elementos foram louvados. Regressou com a consciência do dever cumprido.

Regressou à Metrópole em Fevereiro de 1968.

## COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 1579

Comandante: Capitão de Cavalaria *Francisco Xavier da Silveira Montenegro Carvalhais*

A Companhia de Polícia Militar 1579, mobilizada pelo Regimento de Lanceiros 2, foi destinada ao C. T. I. de S. Tomé para onde embarcou em 12 de Abril de 1966.

Durante a sua comissão de serviço naquela Província, a C. P. M. 1579, desempenhou, especialmente, missões específicas de Polícia Militar, cooperando com o Comando no sentido de fiscalizar o cumprimento das determinações militares.

As suas missões poderão resumir-se ao seguinte: fiscalização individual e de circulação de elementos militares, rondas, policiamentos a espectáculos, escoltas a prisioneiros, etc.

Regressou à Metrópole em Julho de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 1170

Comandante: Alferes de Cavalaria *António Joaquim Rodrigues das Neves*

O Pelotão de Polícia Militar 1170 foi mobilizado pelo Regimento de Lanceiros 2 tendo embarcado para o C. T. I. da Guiné em 12 de Novembro de 1966 e tendo ali chegado a 18 do mesmo mês.

Foi atribuído como reforço à C. P. M. 1849.

Em Julho de 1967 passou a reforçar o C. P. M. 1751 por motivo de rendição.

Durante o seu período de comissão realizou, em especial, patrulhamentos de rotina na área de Bissau e zona suburbana, segurança de instalações e de entidades, fiscalização de trânsito e de movimentos individuais, escoltas e guardas de honra e, em colaboração com outras forças e autoridades civis, procedeu a rusgas em diversas zonas.

Regressou à Metrópole em Agosto de 1968.

## PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 1083

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Aquiles Vieira Fontes*

Foi mobilizado pelo Regimento de Lanceiros 2 e embarcou para o C. T. I. de S. Tomé em 27 de Maio de 1966, tendo sido atribuído, como reforço, à guarnição normal daquela Província Ultramarina.

Regressou à Metrópole em Maio de 1968.

## PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 1084

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *Dinarte Conceição Coelho*

O Pelotão de Polícia Militar 1084 foi mobilizado pelo Regimento de Lanceiros 2 e embarcou para o C. T. I. de Macau no dia 12 de Abril de 1966, destinado a reforço da guarnição normal daquela Província Ultramarina.

Regressou à Metrópole em Julho de 1968.

# Revista da Cavalaria

## PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 1153

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *António Domingos Santos*

Foi mobilizado pelo Regimento de Lanceiros 2 e embarcou para Cabo Verde em 9 de Agosto de 1966.

Desempenhou durante a sua estadia naquela Província missões específicas de Polícia Militar.

Regressou à Metrópole em Agosto de 1968.

## PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 1171

Comandante: Alferes Miliciano de Cavalaria *António V. M. Lucas*

Mobilizado pelo Regimento de Lanceiros 2 embarcou para Cabo-Verde no dia 25 de Novembro de 1966.

Regressou à Metrópole em Novembro de 1968.

Repositório

PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR Nº 1081

Comandante Alvaro Machado de Castro, Estado do Rio de Janeiro

Este pelotão de Polícia Militar foi organizado pelo Regimento de Armas nº 1081 em 1956, destinado a manter a ordem e a segurança pública na zona urbana.

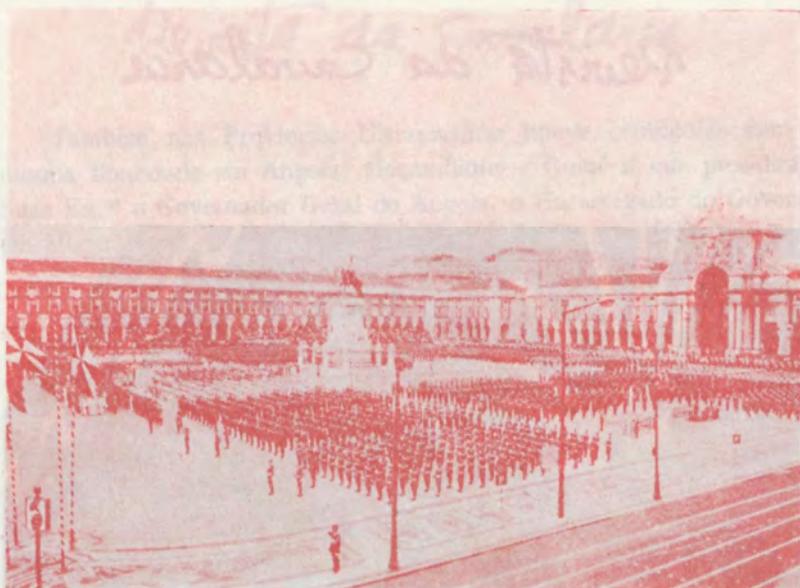


PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR Nº 1081

Comandante Alvaro Machado de Castro, Estado do Rio de Janeiro

O Pelotão de Polícia Militar nº 1081 foi organizado pelo Regimento de Armas nº 1081 em 1956, destinado a manter a ordem e a segurança pública na zona urbana.

Regimento de Armas nº 1081, Rio de Janeiro, 1956



## Dia da Raça



ando seguimento à tradição, realizou-se no dia 10 de Junho de 1968 — Dia da Raça — em Lisboa, na Praça do Comércio, a cerimónia principal cujos objectivos foram homenagear a memória dos mortos em campanha e a imposição das condecorações concedidas a algumas Unidades e aos militares dos três ramos das Forças Armadas, por feitos em campanha no Ultramar. Esta cerimónia foi presidida por Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República e a ela assistiram Altas Individualidades e muito povo. As honras militares foram prestadas por forças do G. M. L., da Marinha, da Força Aérea, da G. N. R., da P. S. P. e da Guarda Fiscal sob o comando do brigadeiro Alberto Rosa Garoupa, 2.º comandante do G. M. L.

Usou da palavra o estudante Luís Fernando Campos Nunes de Sousa da Universidade do Porto, antigo combatente na Guiné.

Com o mesmo significado realizaram-se na Metrópole cerimónias idênticas no Porto, em Coimbra, em Vila Real e em Elvas tendo sido presididas respectivamente por Suas Ex.<sup>as</sup> os Ministros da Saúde e da Justiça, Secretários de Estado do Comércio e da Agricultura.

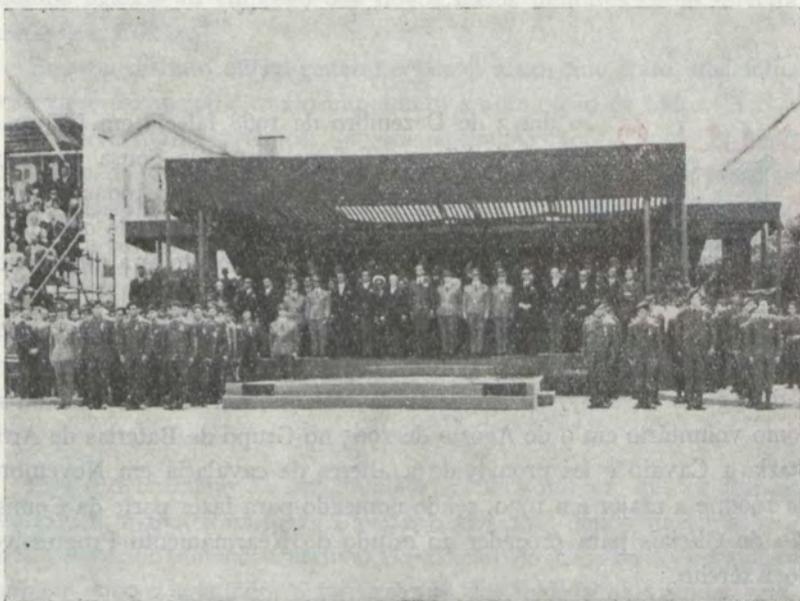
# Revista da Cavalaria



O Capitão de Cavalaria Duarte Pamplona  
condecorado com a Torre e Espada

# Revista da Cavalaria

Também nas Províncias Ultramarinas houve cerimónias com a mesma finalidade em Angola, Moçambique e Guiné a que presidiram Suas Ex.<sup>as</sup> o Governador Geral de Angola, o Encarregado do Governo em Moçambique e o Governador da Guiné.



A tribuna de honra e os condecorados em Vila Real

Factos de tão elevada projecção patriótica e militar não podiam deixar de ser assinalados na *Revista da Cavalaria*, sendo de anotar que entre os condecorados se encontravam numerosos elementos da Arma e de destacar a condecoração da Torre e Espada atribuída ao capitão de cavalaria Duarte Pamplona, a mais alta distinção concedida no actual ano.

# O GENERAL AFFONSO BOTELHO



o dia 3 de Dezembro de 1968 falecia em Lisboa o General Affonso Tallaya Lapa de Sousa Botelho, e era sepultado no dia seguinte, com todas as honras militares, prestadas pela G. N. R. de que tinha sido comandante. Neste momento era presidente da Comissão Central Administrativa da Liga dos Combatentes e presidente da direcção da *Revista Militar*. O General Affonso Botelho contava 81 anos, pois nascera em 9 de Agosto de 1887, na freguesia das Mercês, em Lisboa. Alistou-se como voluntário em 9 de Agosto de 1905 no Grupo de Baterias de Artilharia a Cavallo e foi promovido a alferes de cavalaria em Novembro de 1909, e a major em 1930, sendo nomeado para fazer parte da Comissão de Oficiais para proceder ao estudo do Rearmamento Progressivo do Exército.

Como coronel, comandou os Regimentos de Cavalaria n.ºs 6 e 7. Promovido a brigadeiro a 7 de Agosto de 1943, foi director da Arma de Cavalaria. Pertenceu às comissões de estudos da última guerra e do regulamento de remonta, da organização e regulamentação da nova táctica de cavalaria e técnica da mesma arma e das alterações a introduzir no plano de uniformes e, em 1928, pertenceu ao júri do Concurso Hípico Internacional de Madrid; esteve em 1934, em Inglaterra, no desempenho de funções oficiais, tendo comandado a 2.ª Divisão nas grandes manobras realizadas em 1943.

A sua colaboração em diversos jornais e revistas, especialmente nos da *Sociedade Hípica, Militar, Defesa Nacional e Cavalaria*, sobre assuntos militares, foi muito valiosa.

Com o posto de general, a que ascendeu em 1943, foi comandante-general da Guarda Nacional Republicana, cargo que exerceu até 9 de Agosto de 1957, quando passou à situação de reforma. Além destas funções desempenhou ainda os cargos de vogal do Conselho Superior do Exército e chanceler do Conselho da Ordem Militar de Cristo.

## Revista da Cavalaria

O General Affonso Botelho foi combatente na I Grande Guerra, integrado no C. E. P. em França, donde regressou em 25 de Julho de 1919.

Depois de passar à situação de reforma dedicou grande parte da sua actividade à defesa dos interesses dos antigos combatentes e a assuntos ligados ao emprego dos novos meios militares como director da *Revista Militar*.

Era um distinto oficial-general e aliava a um fino trato uma folha de serviços excepcional que o impunham à admiração de todos.

Contava muitos prémios, louvores e condecorações, entre as quais a medalha da Vitória, grã-cruz de Mérito Militar, medalha de prata de Serviços Distintos e medalha militar de ouro da Classe de Bons Serviços. Era Grande Oficial da Ordem Militar de Avis e possuía a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, grã-cruz da Ordem Militar Civil (Espanha) e grã-cruz da Royal Victorian Order (Grã-Bretanha).

\*

Este é o bosquejo da sua invulgar carreira militar, que os jornais divulgaram, mas a *Revista da Cavalaria* não pode deixar de vir salientar a personalidade inconfundível do Oficial de Cavalaria, perfeito e completo, nunca igualado, e foi exemplo das mais altas virtudes militares. Além disso a sua decisiva acção na génese da nossa Escola e nos destinos da Arma, é credora da maior gratidão de toda a Cavalaria.

\*

A Cavalaria a Cavallo tinha saído mal ferida da última fase da guerra de 1914-18, dada a estabilização das frentes em França e o emprego generalizado das armas automáticas. O então tenente Affonso Botelho, comandante do Pelotão de Estafetas a Cavallo do Q. G. do C. E. P. tinha tido ocasião de o constatar pessoalmente.

Finda a guerra, os extremistas da opinião diziam que ela tinha os dias contados. A Escola de Equitação, mais tarde Escola Prática de Cavalaria, que tinha mobilizado como Depósito de Remonta, voltava à sua anterior missão de instrução equestre, quase exclusiva então. Dela continuaram a sair os mais notáveis Cavaleiros da nossa época que tanto elevaram o nome de Portugal no estrangeiro. Ainda hoje

# Revista da Cavalaria

General Affonso Botelho, foi condecorado com a Ordem de Avis em 25 de Junho de 1911.



General Affonso Tallaya Lapa de Sousa Botelho

## Revista da Cavalaria

os vemos em provas hípicas com galões de coronel e alma de alferes, a atestar a elevada categoria da Escola que os instruiu e moralmente os formou.

Mas, pelas razões apontadas o valor operacional da Arma era precário, com alguns regimentos a 30 cavalos, arrastando uma existência rotineira e sem futuro.

Colocado na Escola, o capitão Affonso Botelho, que também era mestre de equitação, revelou logo o seu inconformismo com o estado da sua Arma e, agrupando alguns cavalos velhos que sobravam da equitação logo fundou o 1.º Esquadrão, que passou a ser o órgão experimental da Comissão Técnica da Arma, de que Ele era um dos principais membros na elaboração dos novos regulamentos tácticos. Com a colaboração dos seus dedicados subalternos, fiéis discípulos e amigos, organiza o embrião das restantes instruções técnicas, transmissões, armamento, sapadores, os primeiros cursos de metralhadoras, etc., etc., que mais tarde teriam o maior desenvolvimento.

A personalidade do Capitão A. Botelho logo se impôs, grangeando-lhe o maior prestígio na Escola e fora dela.

Inteligente e culto estava a par da evolução dos exércitos estrangeiros, designadamente das suas cavalarias, fazendo a Escola beneficiar dessa actualização.

Quando apareciam novidades nas revistas militares nacionais, já eram do conhecimento dos oficiais da Escola por meio das suas palestras e conferências. É claro que não lhe davam os meios actualizados que necessitava para a instrução, mas isso não o esmorecia. Quando apareceram em França as primeiras auto-metralhadoras, logo as improvisou com viaturas de aluguer que camuflava, não perdendo tempo em actualizar a Escola no seu emprego táctico. Quando a Arma motorizou, fê-lo com facilidade e melhor sentido de adaptação, mercê de uma conveniente mentalização que vinha de longe e que era obra do capitão Affonso Botelho.

Era um organizador por excelência, metódico, com o seu tempo totalmente disperso pelas necessidades, todo ele atribuído ao serviço da sua Escola. Conhecia com o maior detalhe os meios que utilizava, a sua unidade, homens, cavalos, material, instalações. As suas ordens eram normalmente escritas em cadernos m/II, fazia-o com a maior facilidade. Quem as recebia ficava pasmado com o seu detalhe, o que originava um cumprimento integral e perfeito. A génese da Escola podia estudar-se nos seus «*cadernos copiadores*». Os seus «*mementos e auxiliares de instrução*» eram elementos preciosos para quem os utili-

## Revista da Cavalaria

zava. Tinha sempre tempo para montar a cavalo, de relógio em punho, trabalhando primorosamente os seus cavalos, praticando todas as modalidades da equitação e não faltando às competições equestres, especialmente provas de obstáculos e o Campeonato do Cavalo de Guerra que exigia uma longa e dura preparação.

Às vezes, quando as circunstâncias lhe alteravam o horário pessoal, vinha para a messe ainda a rabiscar um resto de ordem no intervalo da sopa, para que o serviço de instrução seguinte não tivesse qualquer dificuldade de execução.

Era um oficial de campo e entendia que a vida escolar se deveria passar no exterior em contacto com as realidades de campanha. Era interessante ver o movimento nas paradas após o toque de alvorada, precedendo a saída para o campo. Quem não estava habituado, tinha de início certa dificuldade de adaptação àquele dinamismo. Muitos oficiais vinham servir na Escola atraídos pela sua personalidade de Chefe e pelo ambiente escolar. Fez «*escola*» e muitos procuravam seguir os seus métodos no possível com grande benefício para a Arma. Além do mais era extremamente bondoso, afável principalmente fora das exigências do serviço, com uma alta noção dos deveres de camaradagem.

Com o rodar dos tempos as necessidades escolares cresceram e os órgãos foram simultaneamente aumentando.

O 1.º Esquadrão transformou-se no Grupo de Esquadrões de Instrução (G. E. I.) do comando do major Affonso Botelho que cumulativamente era o Director das Instruções.

Nessa altura, nos meios teóricos do exército falava-se muito em cooperação das escolas práticas, exercícios de conjunto de várias Armas, etc., etc., mas era só palavriado. Mas quem na realidade o executava por sua iniciativa era o major Affonso Botelho, com a maior determinação, vencendo rotinas, burocracias e resistências passivas.

Por ocasião dos exercícios de aplicação dos cursos de comandantes de Esquadrão e Grupo, conseguia a participação das unidades vizinhas, artilharia e ciclistas de Santarém, aviação, engenharia e pontoneiros de Tancos. O triângulo Santarém-Torres Novas-Tancos, era então nessa altura um verdadeiro campo de instrução militar. Nos cursos, alguns oficiais, vindos das secretarias e da rotina dos quartéis, enfrentavam pela primeira vez as dificuldades do serviço de campanha.

Julgamos que esta instrução de campo conjugada com a teoria de escola central era o mais perfeito sistema de preparar oficiais para o comando nos postos superiores. Também nos parece que a Escola

# Revista da Cavalaria

atingia nessa altura a sua mais alta expressão como órgão de instrução no exército.

Os anos foram passando neste labor constante. E sendo já ten.-coronel antigo e 2.º comandante, vagou o comando da Escola. Todos esperavam que recebesse então esse justo prémio da sua Obra, mas deram o comando a outro.

\*

Nunca recebeu, clara ou veladamente, qualquer provento, além do modesto soldo de simples militar que era.

Trabalhou sempre até ao fim, com plena lucidez e espírito jovem, no constante propósito de bem servir. Que descanse agora em paz.

Quando o seu corpo desceu à sepultura e por ocasião das descargas da ordenança nos perfilámos em última continência, sentimos que era também parte da velha Arma que desaparecia, mas que no Alto ficava pairando, para exemplo dos vindouros, a sua pura e nobre Alma de SOLDADO e CAVALEIRO.

Brigadeiro GOMES JÚNIOR

# General

## Luís Valentim Deslandes



o dia 21 de Fevereiro de 1968, faleceu no Pavilhão da Família Militar o General Luís Valentim Deslandes, que exercia as funções de Director do Colégio Militar desde 10 de Dezembro do ano anterior. Não obstante haver sido submetido alguns dias antes a delicada intervenção cirúrgica, as melhoras acentuavam-se, pelo que a sua inesperada morte causou a mais profunda emoção e constituiu rude golpe para quantos esperavam vê-lo regressar às actividades que vinha desempenhando com a invulgar competência profissional de que sempre dera as mais altas provas.

Educado no Colégio Militar, onde logo mereceu, como aluno-graduado, um expressivo louvor transcrito em «Ordem do Exército», ingressou na antiga Escola Militar, onde concluiu brilhantemente o Curso de Cavalaria em 1926. Devotado ao estudo da Arma de Cavalaria e estudioso dos assuntos militares, completou a sua preparação com outros cursos não só em Portugal — de Esgrima de Baioneta e granadas (1930), de Transmissões (1937), de Equitação (1938/39), de Informação e Observação (1940/41) — como no estrangeiro — Armored Officer Advanced nos E. U. A. (1952), Comandante de Carros M-47 na Alemanha (1955), 11.º Curso no Colégio de Defesa da OTAN em Paris (1957) —.

Entretanto dera provas de aptidões especiais para duas actividades desportivas em que se distinguiu: a *Esgrima* em que obteve vários prémios nos Concursos Militares de Esgrima e Regimentais e a *Equitação* em que alcançou ópticas classificações nos Campeonatos de Cavalo de Guerra e provas hípcas Regimentais.

Tendo prestado serviço em várias unidades do Exército e da G. N. R., a sua brilhante folha de serviços, espelho fiel de uma vida integralmente consagrada ao Exército e à Nação regista numerosas comissões em que sobressaem a de Professor do Curso de Formação para a Promoção a Oficial Superior, 2.º Comandante e Director das Instruções da E. P. C., 2.º Comandante da 1.ª Região Militar, 2.º Comandante-Geral da G. N. R., Chefe de Gabinete Militar das Forças Arma-

## Revista da Cavalaria

das de Angola, Inspector da Arma de Cavalaria, Director Interino da Arma de Cavalaria, Professor do Curso de Altos Comandos, Director do Colégio Militar além de missões no estrangeiro como as de representação militar de Portugal junto da SHAPE, remonta de cavalos para o



*General Luís Valentim Deslandes*

Exército na Argentina e observador da instrução do 61.º Batalhão de Carros da 9.ª Divisão de Infantaria, na Alemanha. Fez também parte da Comissão encarregada de elaborar o Regulamento da Arma de Cavalaria.

Desta carreira militar, cujos principais tópicos acabamos de assinalar, falam significativamente os muitos e honrosos louvores que lhe foram concedidos não só por comandantes das unidades onde prestou serviço, como ainda pelo General-Director da Arma de Cavalaria, pelo General-Director do Instituto de Altos Estudos Militares, pelo General Governador Militar de Lisboa, pelo General Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, pelo General-Comandante da 1.ª Região Militar, pelo Comandante-Geral da G. N. R., bem como por Ministros da Guerra. De dois destes numerosos louvores extraem-se as seguintes palavras que melhor parecem definir o perfil moral e militar do General Luís Valentim Deslandes: «... *arreigado amor pelo seu País e pela carreira das Armas, que serve sem restrições e indiferente às comodidades ou aos interesses pessoais de qualquer natureza*» (do Ministro da Guerra, em 1944); «... *técnico militar de comprovada capacidade, português da melhor ténpera e senhor de qualidades morais de excepção*» (do General Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, em 1963).

Além destes louvores, atestam públicamente a personalidade inconfundível do extinto as condecorações nacionais e estrangeiras que por seus méritos granjeou: Medalha Militar de Prata de Comportamento Exemplar (1936), Cavaleiro da Ordem Militar de Avis (1938), Oficial da Ordem Militar de Cristo (1944), Medalha de Mérito Militar de 3.ª Classe (1946), Medalha de Prata de Serviços Distintos (1950), Medalha de Mérito Militar de 2.ª Classe (1957), Comendador da Ordem Militar de Avis (1957), Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar (1962), Medalha Comemorativa das Expedições ao Norte de Angola (1963), Medalha de Mérito Militar de 1.ª Classe (1964) e Medalhas de Mérito Militar de 1.ª Classe e de Cavaleiro da Ordem de Isabel a Católica, concedidas pelo Governo Espanhol, respectivamente em 1948 e 1950.

Português da mais fina ténpera, militar de indiscutível competência profissional, dotado de excepcionais qualidades de inteligência, homem de bem cujo indefectível carácter foi sempre traço dominante da sua personalidade bem vincada, o General Luís Valentim Deslandes honrou a Arma que tão devotadamente serviu em todas as contingências da sua vida. A *Cavalaria* devia-lhe esta singela e sincera homenagem que ora lhe presta com saudade e gratidão.

# Carta ao Camarada de lá



MIGO, O TEU CAMARADA COMBATENTE EM  
ÁFRICA TEM VOZ E CHAMA-TE...

Chama por ti pela consanguinidade e porque espera de ti mais do que o desembaraço da juventude, mais do que a generosidade dos bons, mais do que o sacrifício dos estoicos, mais do que a lealdade do irmão, espera de ti o cumprimento do dever. É pois para ti, jovem amigo, que eu falo. Para ti que serves provisoriamente nas fileiras ou no quadro permanente do exército.

Primeiro do que tudo, frisa bem, nós fazemos uma guerra que não nos envergonha. Não quero com isto dizer que rejubilemos de sermos só nós a fazê-la, porque isso é o sinal de que o ocidente dificilmente arranjará uma ideologia porque se bata e que o arranque do seu estado letárgico, passivo, assistente. Mas, sentimos a nossa razão.

Ouviste dizer que a guerra adveio dos erros da nossa colonização. Há infelizmente grande parte de verdade nesta frase, mas os erros emendam-se e se o «casus belli» não fosse esse, inventar-se-ia outro qualquer, porque o verdadeiro, o único, é que a nossa política contraria a ideologia e ambições adversárias. E, se a nossa capacidade de realização não foi tão grande como desejaríamos, se faltaram os planeamentos profundos que tantas vezes suprimos mal com as soluções de emergência, que não nos falte agora a coragem para os reconhecermos e a tenacidade para os repararmos. É por isso que tu e eu que amamos a paz, temos que fazer e fazemos a guerra.

CAMARADA, ESTA É A NOSSA GUERRA, POR ISSO TE FALO...

Há uma inúmera série de situações na guerra que nos doiem. O afastamento daqueles a quem queremos, o camarada que cai e que nos corta o coração, a rajada que passa que nos corta o ar, a correia do equipamento que nos corta a carne... Mas é nesses momentos e depois que o nosso espírito procura àvidamente O PORQUÊ. E não queiras saber a quantidade de sentimentos que nos assaltam. É a dor, a raiva, o orgulho, o eu, o medo, a plenitude. Os olhos estão cansados e os ner-

vos tensos mas amanhã pedir-nos-ão um novo esforço, e, nessa dádiva total, encontrarás coisas que nunca viste e que não esquecerás. São os olhos francos e leais do teu camarada, a tensão dos teus músculos, a repentinidade dos teus reflexos, o peso e orgulho do teu dever e a nobreza dos nossos corações.

Aí, estamos cansados de ouvir cansadas frases sobre a guerra, das bancadas aos cafés. Cansados dos derrotistas dos ultra-profetas e dos papagaios. Aqui na humidade da mata, aclaram-se-nos as ideias. Aqui, no miúdo faminto que capturaste e que morde com os seus lábios já grossos parte da tua ração, encontras a resposta para esta guerra. É o teu coração, o teu coração que te não pertence e que é muito maior que as críticas fundamentais ou não mas que nos fazem. É a tua (nossa) capacidade de amar.

Aqui, aprendes também, que o mais habilidoso, o mais resistente, o mais apto, é o melhor. E, o melhor é que vence.

Mas a guerra pede-nos mais do que aquilo que pensamos saber sobre ela. Diz-nos que, «para submetemos o adversário à nossa vontade é necessário pô-lo numa situação mais desfavorável que o sacrifício que nós lhe pedimos». E isto vai-te fazer pensar com pena porque temos uma DEFESA quando só vencemos atacando. Isto vai exigir coragem, persistência, tenacidade. Vai exigir querer e saber querer. Vai exigir a contrariação sistemática do nosso sangue berbere que prefere os repentes coloridos à constância parda. Isto vai exigir conhecimentos e disciplina. Sim, PORQUE OS ERROS EM COMBATE PAGAM-SE COM SANGUE. E DESCONHECER EM COMBATE É PERDER. E O COMBATENTE TEM QUE SER EFICAZ.

Sem saber, sem querer, sem eficácia prefiro que fiques não-camarada.

Mas ser eficiente consegue-se sabendo, e, sabe-se aprendendo e praticando.

Amigo, é o teu camarada em África que te fala...

Se não foste ainda desnacionalizado, se não passaste ainda ou queres regressar da fronteira do comodismo, se não adoras ainda o bem estar, se não veneras o conforto, se tens ainda um coração para amar e uma vontade suficientemente grande para querer então conto contigo.

MAS, LEMBRA-TE! ENQUANTO NÃO ABATERES O ADVERSÁRIO TERÁS SEMPRE A TEMER QUE ELE TE ABATA.

# Sombra de Mousinho

Vinda da noite ardente, a sombra calma  
torna-se silhueta e ganha voz,  
Voz sem palavras, mas que fala à alma  
de cada um de nós.

Sentinela na noite, atenta escuta  
Quem ousa vir de longe, da distância  
Despertar ecos de bravura e glória,  
Que o soldado recorda bem da História  
Que lhe ensinaram na infância.

A voz lhe diz e a sentinela escuta:  
«— Pouco importa onde estás e em que função.  
Pouco importa a feição que assume a luta.  
Importa, sim, que CUMPRAS A MISSÃO.

Elo inquebrável, onde um só estiver,  
Herói sem par, indómito guerreiro,  
Vives além da morte, enquanto houver  
Esse espírito ímpar de cavaleiro.

Que importa o tempo? pelos tempos fora  
Hão-de ligar-se os elos da corrente.  
Fomos outrora o que vós sois agora:  
— Invieta geração da LUSA GENTE.

Bissau, 14 de Julho de 1967.

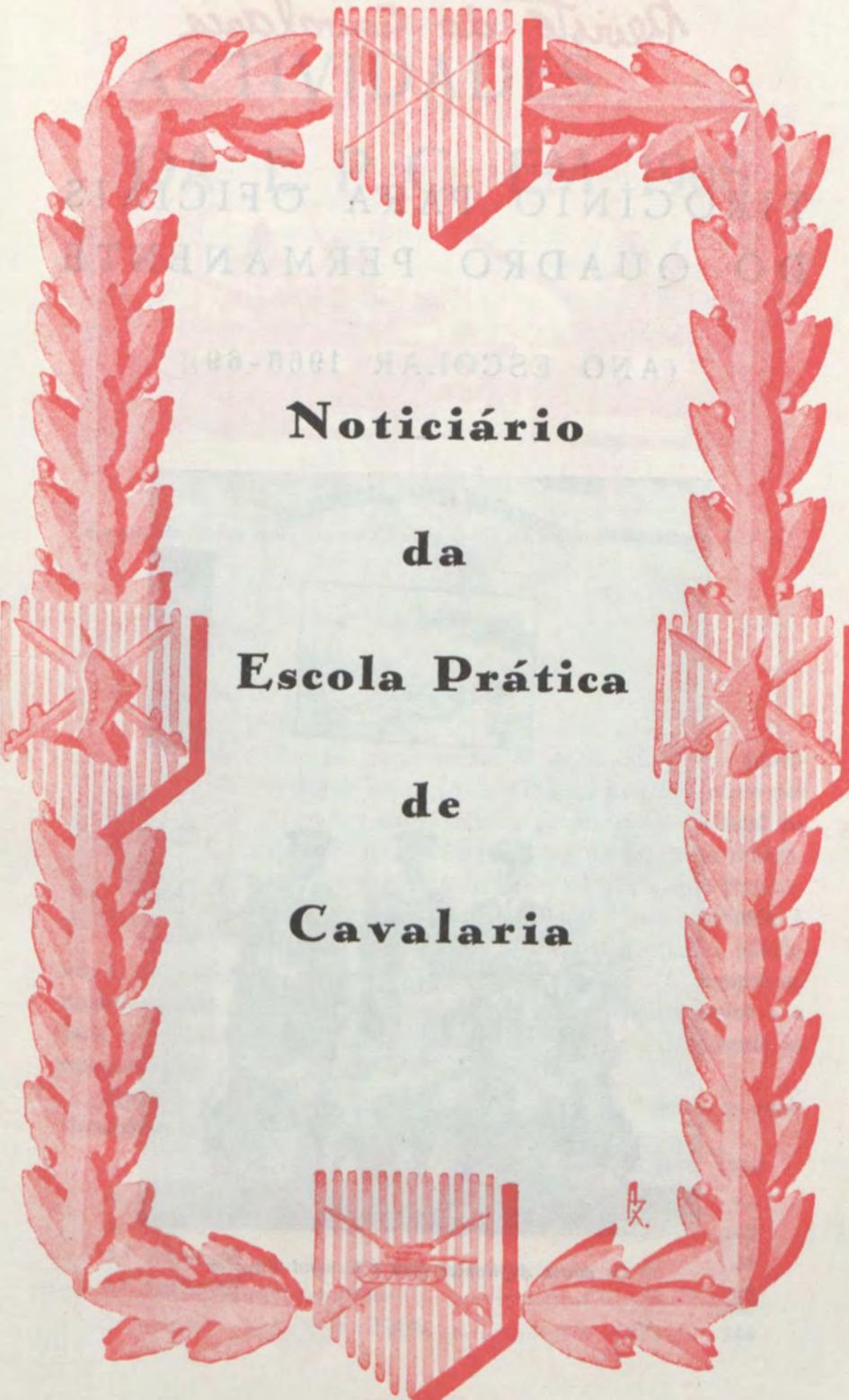
Major MANUEL PEDROSO GONÇALVES

O ESQUADRÃO  
DE CAVALARIA 2

(MUEDA)



*Monumento alusivo à estadia do Esquadrão de Cavalaria em Mueda*



**Noticiário**

**da**

**Escola Prática**

**de**

**Cavalaria**

# Revista da Cavalaria

## TIROCÍNIO PARA OFICIAIS DO QUADRO PERMANENTE

(ANO ESCOLAR 1968-69)



*Os novos Aspirantes com o General Director*

# ACTIVIDADES DA E. P. C. EM 1968



*Aspecto do desfile realizado na Avenida de Sá da Bandeira no Dia da E. P. C.*

## 1 — Escolares

### a) — Cursos do QC



Como não podia deixar de ser, o esforço das actividades de instrução da EPC, foi exercido, como nos últimos 7 anos, sobre a preparação de pessoal do QC, em Cursos de Oficiais e de Sargentos milicianos. A única diferença em relação a anos transactos esteve no facto de não ter sido atribuída à Escola, em 1968, a missão de formação básica, isto é, de preparação de pessoal do 1.º ciclo, a qual obriga sempre ao desdobramento do fraco efectivo escolar por dois aquartelamentos — a Sede e o Destacamento — com os inconvenientes que facilmente se compreendem.

Deste modo, houve apenas o funcionamento de 2.ª ciclos, os quais tiveram as seguintes frequências:

	COM	CSM
4.º Turno/67 .....	89	—
1.º Turno/68 .....	78	118
2.º Turno/68 .....	37	88
3.º Turno/68 .....	71	138
<i>Totais</i> .....	275	344

Como vem sendo hábito, foi mais uma vez destinado à EPC o encargo da instrução do 1.º ciclo do Curso Especial de Oficiais Militianos Reinspeccionados (CEOMR — médicos, farmacêuticos e veterinários), o qual com a duração de 4 semanas, teve a frequência de 66 soldados-cadetes.



Outro aspecto do desfile realizado na Avenida de Sá da Bandeira no Dia da E. P. C.

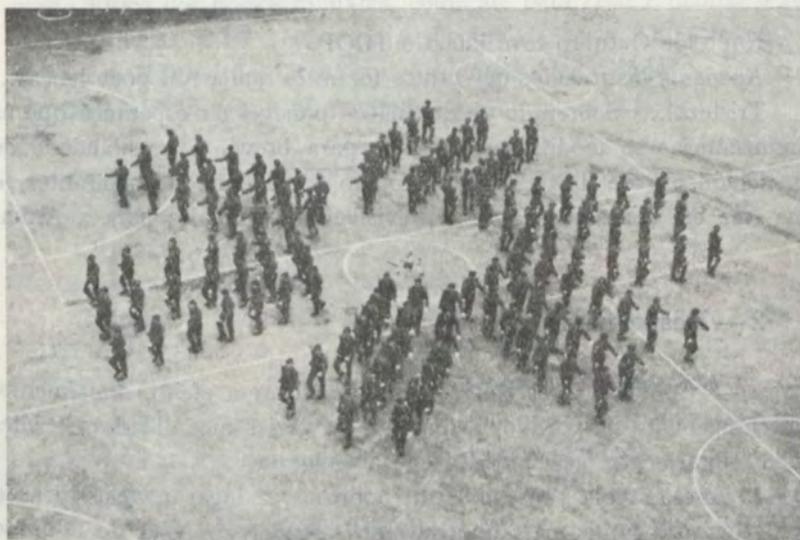
### b) — Tirocínio, Estágios e Cursos (QP)

Durante o ano de 1968 e por iniciativa da EPC, bem aceite pelas entidades superiores, realizaram-se dois Estágios de Actualização para Tenentes do QP, com o objectivo de familiarizar os subalternos em vésperas de promoção a capitão — e, assim, à beira de nomeação para o desempenho das respectivas funções no Ultramar — com os conhe-

# Revista da Cavalaria

cimentos práticos indispensáveis à boa eficiência desses importantes serviços.

Com efeito, os subalternos do QP existentes na Escola e nas Unidades metropolitanas, haviam, desde a sua promoção a alferes, desempenhado funções de instrutor de várias especialidades da Arma, particularizando muito a sua preparação e, por isso mesmo, perdendo o contacto com os assuntos gerais, sobretudo de interesse para o desempenho de funções de comando de Companhia em campanha.



«Tatoo» realizado no Dia da E. P. C.

A existência na EPC de um grupo de Oficiais de comprovada competência e com larga experiência de serviço no Ultramar, permitiu a montagem de um primeiro Estágio em condições que garantiram elevado rendimento da instrução e excelente aproveitamento dos 18 instruídos que o frequentaram.

Para o 2.º Estágio, já a Escola não pôde dispor de instrutores. Mas, com o reforço de dois oficiais estranhos à EPC, o Major Vasconcelos Porto, do RC. 3 e o Capitão Mendes Paulo, da DAC — foi possível manter-se o nível anterior para os 12 instruídos que estiveram presentes.

# Revista da Cavalaria

Além daqueles Estágios, funcionaram ainda:

- 3 Cursos de Polícia Militar para capitães, com um total de 16 instruendos e,
- Curso de Transmissões (2.<sup>a</sup> Parte) para Oficiais, para 2 instruendos.

\*

Em 1 de Outubro teve início o TOQP.

Apenas 5 instruendos que tantos foram os que a AM pôde lançar...

Tristeza!... Sobretudo porque não é possível ter esperança que as circunstâncias se modifiquem e haja, para breve, a possibilidade de funcionamento de TOQP's com número confortante de aspirantes, o que traz em consequência bem previsíveis dificuldades para a Arma.

## 2 — Desportivas

a) — Continua a II Região Militar a levar a efeito, anualmente, um campeonato desportivo, disputado em várias modalidades de interesse militar, entre as Unidades que a integram.

A nossa Escola conseguiu um honroso 3.<sup>o</sup> lugar na classificação final; honroso tanto mais que devemos atender ao facto de a quase totalidade dos seus quadros andar empenhada diàriamente na instrução dos diferentes Cursos, Estágios e Tirocínios e, assim, sem possibilidades de se dedicar a fundo aos necessários treinos.

— Classificação obtida por modalidades:

— Ténis de Mesa .....	5. <sup>o</sup> lugar
— Andebol de sete .....	3. <sup>o</sup> »
— Futebol .....	9. <sup>o</sup> »
— Basquetebol .....	9. <sup>o</sup> »
— Voleibol .....	3. <sup>o</sup> »
— Atletismo .....	8. <sup>o</sup> »
— Futebol de cinco .....	13. <sup>o</sup> »
— Natação .....	3. <sup>o</sup> »

# Revista da Cavalaria

A destacar:

- O record da 2.<sup>a</sup> RM nos 100 metros braços (Categoria de Sargentos) que ficou a pertencer ao Furriel Miliciano Fernando L. D. Raposo, com o tempo de 1 m. 34,1 segundos.
- No Triatlo, prova puramente militar, conseguiu a equipa da EPC um brilhante 3.<sup>o</sup> lugar, tendo somado 21 pontos, e competido com 24 representações doutras Unidades da 2.<sup>a</sup> RM.

b) — Paralelamente, e não só como meio complementar de Educação Física dos nossos militares, como até para criar e manter o gosto pelo Desporto, a EPC manteve a disputa da Taça EPC/68, entre os 5 (cinco) Esquadrões Orgânicos, em várias modalidades.

Nela se obtiveram as seguintes classificações finais:

1. <sup>o</sup> lugar — Esquadrão de Reconhecimento .....	36 pontos
2. <sup>o</sup> lugar — Esquadrão de Instrução .....	30 »
3. <sup>o</sup> lugar — Esquadrão de Comando .....	27 »
4. <sup>o</sup> lugar — Esquadrão de Serviços .....	22 »
5. <sup>o</sup> lugar — Esquadrão de C. Combate .....	13 »

c) — Hipismo — Integrado nas comemorações do «Dia da Cavalaria» realizou-se uma Poule Hípica, em duas mãos, entre os Oficiais desta Escola, cuja classificação final foi a seguinte:

- 1.<sup>o</sup> lugar — Major Duarte Silva
- 2.<sup>o</sup> lugar — Capitão Garcia Correia
- 3.<sup>o</sup> lugar — Capitão Costa de Sousa

### 3 — Festas comemorativas e outras cerimónias

a) — 9 de Abril

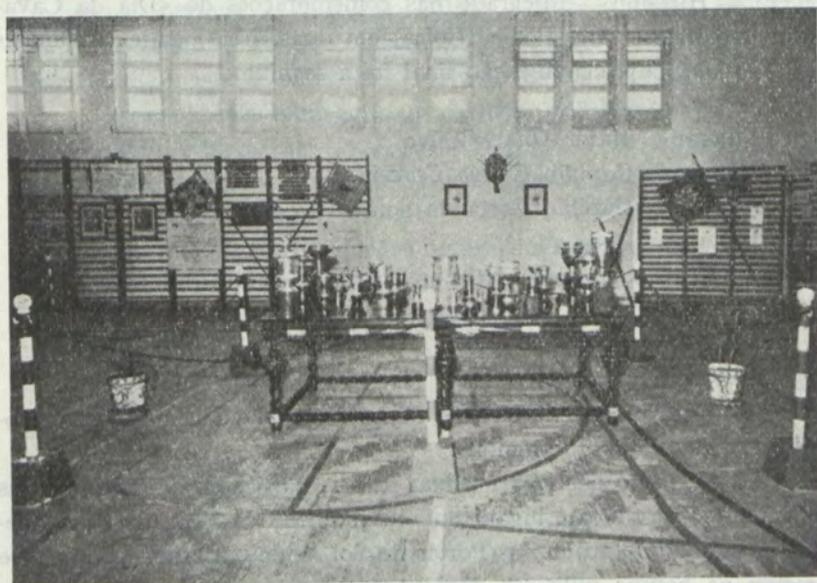
O 50.<sup>o</sup> aniversário da batalha de La Lys, foi solenemente comemorado na cidade de Santarém.

A EPC, como não podia deixar de ser, participou activamente nas solenidades que tiveram lugar ante o monumento ao Soldado Desconhecido existente no Jardim das Portas do Sol, onde um esquadrão apeado prestou as honras militares devidas aos combatentes portugueses na 1.<sup>a</sup> Grande Guerra.

# Revista da Cavalaria



*Major Duarte Silva, vencedor da poule hípica realizada no Dia da Cavalaria*



*Aspecto da Exposição realizada no Dia da E. P. C.*

## Revista da Cavalaria

Aí compareceram, além das autoridades civis, representações da Liga dos Combatentes e muito povo.

Pelo Ex.<sup>mo</sup> Comandante, foi deposta na base do monumento, um artístico ramo de flores decorado com as cores da Arma.

Seguidamente, o Ex.<sup>mo</sup> Comandante e uma deputação de Oficiais e Sargentos da Escola, dirigiram-se ao Cemitério dos Capuchos onde, no talhão dos Combatentes, foi deposto também um ramo de flores.

### b) — Dia da EPC (17-4-968)

Dia de festa para a EPC, pela passagem do 78.º Aniversário da sua criação. Esta data, considerada desde há 2 anos, como o Dia Festivo da Escola, revestiu-se, este ano, de especial significado com a realização de importantes cerimónias, às quais se dignou presidir Sua Ex.<sup>a</sup> o General António Amaro Romão, Comandante da 2.<sup>a</sup> RM e a que assistiram, além do Governador Civil, Presidente da Câmara e outras entidades civis, os antigos Comandantes da EPC, ainda vivos.

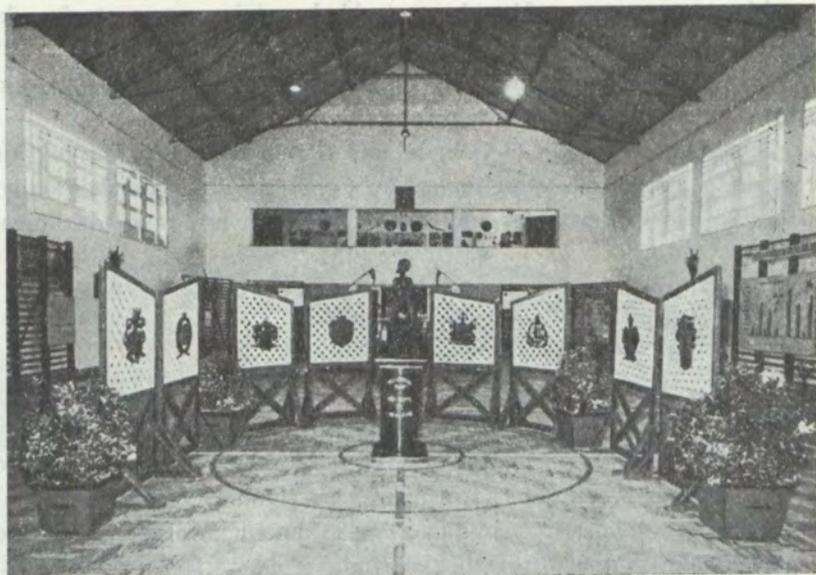
O programa das cerimónias teve início, pelas 11 horas, com um grandioso e imponente desfile das forças da EPC, nos seus máximos efectivos e sob o Comando do Ex.<sup>mo</sup> Tenente-Coronel Alves Morgado, 2.º Comandante da EPC, na Avenida de Sá da Bandeira.

Pelas 14,30, e em continuação das cerimónias, foram executadas na Parada «Chaimite», evoluções, tipo «Tatoo», por dois Esquadrões apeados, comandados respectivamente pelos Srs. Tenentes Sentieiro e Maia. Mais tarde, e a encerrar as comemorações, foi inaugurada, no Ginásio e Anexos, uma exposição militar, subordinada aos seguintes assuntos:

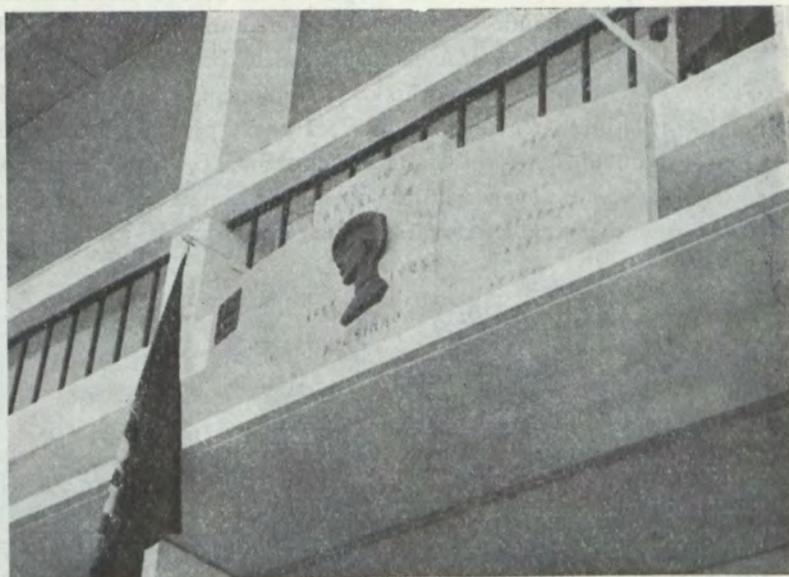
- A EPC através dos tempos
- A Cavalaria Portuguesa
- A Cavalaria na Luta no Ultramar

Esta exposição, constituída por documentos e variadíssimas peças de alto valor histórico, cedidas para o efeito por Oficiais, Sargentos e Praças regressadas do Ultramar, esteve aberta ao Público, durante uma semana.

# Revista da Cavalaria



Aspecto da Exposição realizada no Dia da E. P. C.



Um aspecto do busto de Mousinho de Albuquerque que foi descerrado na Parada Chaimite no Dia da Cavalaria

# Revista da Cavalaria

c) — *Dia da Cavalaria* (21-7-968)

Festejado este ano na EPC, por antecipação, no dia 19 de Julho. Mais uma vez, foi um dia da consagração ao Herói Nacional — Patrono da Arma de Cavalaria — Major Mousinho de Albuquerque.

As cerimónias na EPC revestiram-se de grande significado e a elas assistiram representativas entidades, quer civis, quer militares. Iniciaram-se cerca das 10,30 com uma formatura geral, sob o Comando do Ex.<sup>mo</sup> Major Souto Pires, tendo sido feita uma alocução alusiva, pelo Sr. Capitão Moura dos Santos.

Seguidamente, foi feita a chamada dos militares presentes na Escola Prática e condecorados por acções no nosso Ultramar.

No prosseguimento das cerimónias, o Ex.<sup>mo</sup> Comandante Militar de Santarém, Ex.<sup>mo</sup> Coronel Hugo Leitão, procedeu ao descerramento do busto de Mousinho de Albuquerque, na Parada «Chaimite».

Em continuação, foram entregues placas com a efígie do Patrono da Arma a 5 Praças desta Escola (uma por cada Esquadrão).

- 1.º Cabo n.º 1505/65 — António Gaspar dos Santos — E. R.
- 1.º Cabo n.º 1604/65 — Diamantino Pais da Silva — E. I.
- Soldado n.º 1095/65 — António Marques Simões — E. S.
- Soldado n.º 1572/65 — Manuel Eugénio G. Silva — E. C. C.
- Soldado n.º 1630/65 — Fernando da S. Marques Rosa — E. C.

praças estas, que durante o ano se distinguiram pelo seu aprumo, dedicação pelo serviço e disciplina.

Foram ainda entregues medalhas relativas aos Campeonatos Desportivos Militares, disputados entre as subunidades Escolares, prémios referentes ao Concurso Literário da 2.ª RM e Placas aos elementos civis, que colaboraram no programa radiofónico «Momento Militar». Seguiu-se o desfile das forças em Parada.

À tarde realizou-se uma Poule Hípica, para disputa de uma taça e cujos resultados já tivemos ocasião de mencionar.

A fechar tão brilhantes cerimónias, realizou-se à noite na Casa do Campino, no recinto da Feira do Ribatejo, um interessante espectáculo de variedades, com uma assistência calculada em cerca de 3000 pessoas, em que tomaram parte a título gracioso, elementos civis e militares.

# Revista da Cavalaria

## *d) — Juramento de Bandeira do CEOMR (20-9-968)*

Mais um Curso de Officiais Médicos, Farmacêuticos e Veterinários, reinspeccionados passou por esta Escola de Cavalaria, onde lhes foram ministrados os ensinamentos militares considerados indispensáveis para o cumprimento das suas futuras missões.

Essa instrução terminou com a cerimónia da ratificação de Juramento de Bandeira, por parte dos instruendos.

A esta cerimónia, presidiu Sua Ex.<sup>a</sup> o Director da Arma de Cavalaria, General Ribeiro de Carvalho, tendo sido lida uma palestra alusiva ao acto, pelo Tenente de Cavalaria Freire Themudo.

## *e) — Visita de despedida do Comandante da 2.<sup>a</sup> RM*

Em 25 de Outubro estive na EPC em visita de despedida, por ter sido nomeado Comandante da Academia Militar e, por isso, deixar o Comando da 2.<sup>a</sup> RM, o Ex.<sup>mo</sup> General António Amaro Romão.

Recebido com as devidas honras, foi Sua Ex.<sup>a</sup> cumprimentado pelos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Governador Civil do distrito e Presidente da Câmara Municipal de Santarém, bem como pelas autoridades militares e militarizadas da cidade.

Em reunião com todos os Officiais, Sargentos e Cabos milicianos, proferiu Sua Ex.<sup>a</sup> sentidas palavras de agradecimento pela colaboração que a EPC sempre prestou ao Comando da 2.<sup>a</sup> RM, e de exortação para o futuro da Família Militar que esta mesma 2.<sup>a</sup> RM representa.

Ao almoço que seguidamente se realizou na messe de Officiais, o Ex.<sup>mo</sup> Comandante agradeceu a Sua Ex.<sup>a</sup> a honra da visita, expressando os melhores votos pelo êxito da importante e delicada missão que lhe havia sido confiada.

## *f) — Festa do Natal*

Como vem sendo tradicional, em 20 de Dezembro de 1968, realizou-se no Ginásio Escolar, uma reunião dos familiares de Officiais e Sargentos em serviço na EPC, tendo sido oferecidos brinquedos às crianças e uma merenda a todos os presentes.

Ainda no Ginásio, que se encontrava decorado com uma árvore de Natal e um Presépio, foram projectados filmes destinados às crianças.

## Revista da Cavalaria

Também integrado na comemoração das Festas do Natal, realizou-se na noite de 22 para 23 de Dezembro, no Refeitório Geral e com a presença de todas as Praças, uma ceia a que se dignou presidir o Ex.<sup>mo</sup> Comandante, acompanhado do Capelão Militar, restantes Oficiais e Sargentos. Na devida altura, e referindo-se ao significado de tal reunião da Família Militar, usaram da palavra o Ex.<sup>mo</sup> Comandante e o Sr. Capelão.

Também às famílias das Praças necessitadas, foram entregues lembranças, agasalhos e apreciáveis quantias em dinheiro, que a Direcção da Sala de Cabos e Soldados, gostosamente custeou.

Entreguei corpo e alma a severos instrutores — recebi em troca um carácter.

KIPLING

Nada há mais prejudicial na guerra do que deixar enferrujar o soldado ou o capitão. Pendurai a vossa celada ou a vossa couraça no cabide, e vereis que em pouco tempo ganhará ferrugem e teias de aranha; o mesmo se dará com os guerreiros se os deixarem na ociosidade.

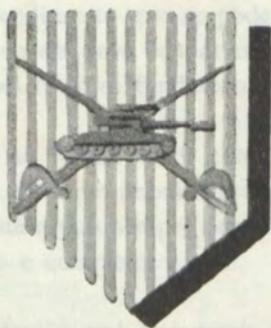
MONLUC



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

## **Doutrina**

e



## **Cultura Militares**

lx.



# Verdades simples de sempre

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

### 1 — Generalidades



vida militar é constituída por elementos simples, logicamente agrupados, equilibradamente organizados e hierarquizados com flexibilidade. Só assim poderá a sua actividade ser orientada para a execução das missões que às forças militares de mar, terra e ar podem ser atribuídas.

O rendimento que se pode esperar da vida militar e o lugar equilibrado que ela deve ocupar na vida duma nação implicam a existência de dois factores fundamentais:

- espírito prático, na objectividade com que encara o real,
- filosofia de vida com que imbui o prático dos seus pensamentos e acção, para que sejam sempre orientados no sentido do mais elevado, perfeito e completo,

sem os quais a sua projecção será fortemente reduzida.

Não existe servidor zeloso como não existe chefe verdadeiro sem que, a animá-los, se evidencie efectiva filosofia de vida.

Isto são evidências, qualquer que seja o país ou forças militares considerados.

As grandes figuras militares da História como as nossas figuras, são o resultado e expressão prática dum pensamento tornado realidade.

Pode dizer-se que os princípios, codificados em regulamentos, estiveram primeiro codificados no próprio espírito dos homens.

É vulgar ouvir-se que a vida de hoje se processa a correr, enquanto antigamente havia tempo para pensar. Isto é a um tempo verdadeiro e falso. Verdadeiro mais na aparência, é contudo falso na essência. É falso porque, sendo a reflexão, hoje como ontem, um acto indispensável, apenas haverá que pensar com maior velocidade, em pura adaptação às circunstâncias da evolução da vida ao longo do tempo.

## 2 — Problema

Entre vários problemas, que se põem no sector militar, um avulta como problema de base, problema que se põe, aliás, em todos os empreendimentos humanos.

Para este problema não há soluções fixas mas tão somente tendências de solução, sobre que haverá que influir, corrigindo e orientando.

Pode ele assinalar-se como sendo a concorrência contraditória que, sobre uma massa humana disponível, exercem as necessidades de quantidade e as exigências de qualidade.

A satisfação predominante de qualquer destas solicitações conduz forçosamente a desequilíbrio que, no momento seguinte, urge ser corrigido.

No caso concreto do empreendimento militar, é fundamental que seja alcançado equilíbrio entre elementos tão essenciais como qualificação técnica/qualificação humana, por um lado, e as exigências de número, por outro.

## 3 — Considerações diversas

Relativamente ao tempo, que na Metrópole e no Ultramar se vive, e relativamente à circunstância da existência de Unidades que duram apenas dois anos de comissão, refere-se muito a «instabilidade».

Essa instabilidade é um facto. Negá-lo ou desvirtuá-lo será tudo menos ir-lhe ao encontro e procurar soluções possíveis.

Procurando definir essa «instabilidade», podem-se-lhe descobrir origens, como:

- resultantes de organização (sua constituição permanente ou temporária),
  - resultantes de mobilidade dos quadros (tanto QP como QC),
- ambas interrelacionadas estreitamente.

Essa instabilidade afecta o rendimento possível da acção militar, em que a continuidade é exigida em mais elevado grau.

Importa tirar das tropas (de mar, terra e ar) um rendimento tal que permita como que multiplicá-las.

Não podendo facilmente actuar-se sobre os números, a solução que resta será a de actuar sobre o qualitativo do elemento humano, melhorando sempre as suas capacidades iniciais.

# Revista da Cavalaria

Só, de resto, actuando sobre o *qualitativo* (instrução, exigência, estímulo), em geral, e *qualitativo dos quadros* (instrução/selecção), em especial, se poderá atenuar e superar a falta da continuidade.

A chave do problema estará, agora e no futuro, na qualidade dos quadros permanentes e, nestes, nos quadros de Oficiais. Apesar de todas as carências de quantidade, a *qualidade é essencial*, é factor durável, é factor que constantemente terá no futuro seguinte reflexos iniludíveis (favoráveis ou desfavoráveis).

Antes de se proseguir, ocorrem as seguintes perguntas:

- porquê a unidade X (de constituição eventual) sob a acção do Oficial A ou do Sargento B é boa ou não é boa?
- porquê a unidade Y (permanente) tem no seu enquadramento F... ou F... que não conseguem alterar a boa actuação tradicional existente?
- porquê do Oficial C ou do Sargento D (mais vulgarmente do Oficial, pela maior projecção da sua conduta ou impulso criador) se referem ainda hoje as suas invulgares qualidades (humanidade, capacidade de comando e acção, senso, firmeza esclarecida, abnegada dedicação, etc.), quando, é certo, há muito desapareceram do rol dos vivos?
- porquê F..., chegado a uma função, se empenha em modificar (mais modificar que melhorar) o que anteriormente existia?

Naqueles que sintetizam a melhor expressão do alto sentido do «servir da vida militar» há motivações de base. Cultivado no exemplo e imanente no indivíduo, *esse impulso interior*, que leva o militar a ser elemento de eleição, chefe de escol, *existe* vincadamente.

## 4 — Orientação

Onde obter os necessários elementos orientadores?

Onde alcançar esse *sentido de continuidade* que se impõe existir em todos os militares e que obvie à instabilidade dos quadros e supere o carácter eventual da constituição das Unidades (e também do seu emprego ou permanência nos locais)?

Onde então ir obter doutrina, se a ética está dispersa por tanta obra?

Vejamos o que consta no Regulamento de Campanha — OPERAÇÕES — 1954.

# Revista da Cavalaria

A págs. 28/29 — Cap. III — O exercício do comando — Sec. I — Princípios de Guerra, pode ler-se:

*Unidade de Comando* (álnea 55)

«Pela Unidade de Comando, consegue-se aquela unidade de esforço que é essencial para a aplicação decisiva de todo o poder combativo das forças disponíveis. A unidade de esforço é facilitada por meio duma completa cooperação entre os elementos componentes duma dada unidade.

.....»

A seguir, na Sec. II — Comando, consta:

— álnea 62

«Comandar é a acção de autoridade que um indivíduo, no serviço militar, exerce legalmente sobre os subordinados por virtude do seu posto ou nomeação.

.....»

— álnea 63

«Comando e chefia são inseparáveis.

Quer a força seja grande ou pequena, quer as funções do comando sejam complexas ou simples, o comandante deve ser o chefe coordenador.»

— álnea 69

«.....»

Um comandante não deverá tornear os outros comandantes na cadeia do comando, excepto em caso de emergência. Quando um comandante se sobrepõe, numa situação de emergência, a outro comandante dentro da cadeia do comando, deverá providenciar para que o comando seja informado, na mais rápida oportunidade, das instruções que tenham sido dadas.»

A interpretação do conceito «UNIDADE DE COMANDO» poderá orientar-se no sentido de:

— aspecto *indivíduo*,

— aspecto *função*.

No aspecto *indivíduo*, a interpretação será talvez a mais restrita e menos esclarecedora para a análise que se pretende e soluções possíveis. Efectivamente corre-se o risco de exaltar «pessoalismos», quando, é

# Revista da Cavalaria

certo, as capacidades pessoais visam alcançar finalidades que excedem o próprio indivíduo.

Assim, o aspecto prevalectente será a FUNÇÃO.

A FUNÇÃO poderá o indivíduo, durante o seu exercício sempre temporário, emprestar todo o impulso da sua real capacidade (*cunho pessoal* da sua acção) e assegurar a continuidade no tempo, ligando-a ao exercício que o antecedeu e ao exercício que lhe sucederá (*cunho geral*, de ordem nitidamente superior).

O verdadeiro sentido de UNIDADE só poderá entender-se considerando-o, a um tempo, *pessoal* (o indivíduo, em si) e *funcional* (o indivíduo como fiel depositário duma responsabilidade que lhe é confiada).

Deste último aspecto resultará alcançar-se, portanto, a CONTINUIDADE que se requiere para a acção dos homens como para o cunho que deverá imprimir-se à Instrução, Constituição e Conduta de qualquer Unidade, grande ou pequena, permanente ou temporária.

A matéria regulamentar, se meditada, parece conter em si mesma os conceitos suficientes para uma orientação em bom sentido, uma vez que não contraria a integração dos indivíduos em UNIDADES de âmbito cada vez maior, realizando-se na vida que tenham escolhido ou em que sirvam, e cumprindo a sua missão.

## 5 — Conclusão

A qualidade do elemento humano nas forças militares deve ser objecto da mais acalorada e permanente defesa, compreendendo-se a qualidade no seu sentido mais amplo e profundo (técnico, humano, cultural, etc.).

A continuidade, para que possa ser constante e vivificamente construtiva, terá que se apoiar na qualidade do ser humano que a estabelece.

Para superar a instabilidade, será a qualidade que pode fornecer a chave do problema (eficiência, simplificação, rendimento, padronização, etc.).

Na Paz ou regressada a tranquilidade, ainda será ao qualitativo das Forças Armadas, alfofre de tantas virtudes, que se poderá recorrer ou apoiar todo um esforço de reerguer ou construir.

Coronel LUIZ DE BARROS E CUNHA

# HELICÓPTEROS

A existência de helicópteros garante uma eficaz actividade helicotransportada?

## Generalidades



oi-me solicitada a colaboração, por camarada que me atendera da melhor maneira quando nos encontrávamos em situações inversas. Vou procurar retribuir, embora me encontre sem tempo, sem disposição e sossego, e talvez até sem conhecimento para o fazer. Mas na preocupação de mostrar quanto apreciei a colaboração que outrora recebi, não quero deixar de dar agora a minha.

Por circunstâncias ocasionais surgiu-nos a possibilidade de adquirirmos certa experiência em actividade operacional dispondo de meios heli, a par da actividade de superfície do BCAV que comandámos numa ZA definida à nossa responsabilidade.

Vou falar um pouco sobre a actividade que primeiro referi, pois que a segunda só já tem novidades para quem as quiser ter uma vez que é bem sabido que um BAT é o que forem os seus quadros.

Parece-me útil referir que me vou ocupar de actividade desenvolvida em área de terreno acidentado, mas não muito coberto e com um IN que não se apresenta em grupos de grandes efectivos e que se inicia a partir da fronteira e se aprofunda no interior do T. N. Actividade de esquema muito simples e lógico, por isso adaptável a qualquer situação, exige flexibilidade na conduta e dos meios utilizados. Essa flexibilidade só é possível com uma perfeita coordenação entre todos os diversos meios a utilizar e dispondo de ligações rádio asseguradas. Só assim se poderá falar de actividade operacional heli.

# Revista da Cavalaria

## Meios heli

— São os meios heli só por si suficientes para mudarem o aspecto da luta que travamos no Ultramar?

Respondendo especificamente à pergunta a nossa resposta é negativa.

Para se obter o rendimento possível dos helicópteros em actividade operacional, torna-se indispensável definir e aplicar uma doutrina para o seu emprego e organizar e coordenar os meios que os completem, o que só um apropriado estudo, mentalização e a prévia constituição desses meios o permitirá. Então sim, estamos plenamente convencidos que com actividade operacional nestes moldes se alteraria o aspecto da luta no Ultramar.

— São os helis extremamente caros e portanto fora das possibilidades de compra nacional?

A pergunta não tem sentido em noções de administração. Mas apresenta-se desta forma por ser assim que a vemos equacionar. Tentemos responder-lhe.

No estudo da aquisição de uma máquina, ela não é nada pelo seu preço, mas só quando, pelo seu emprego se não libertar mão-de-obra, se não conseguir tirar dela toda a capacidade de trabalho, seja em qualidade seja em quantidade, e o «Produto Fabricado» não sair compensador para o fabricante e acessível ao comprador e não encontrar mercado que o absorva completamente.

Introduzindo estas noções no estudo de aquisição de helis, parece que algumas perguntas fundamentais deverão ser apresentadas e respondidas, tais como:

Um helicóptero, ou melhor a formação elementar de utilização operacional, que estimamos em quatro (4), encontra actividade constante — só limitada pelas exigências da máquina — na situação que temos no Ultramar?

Parece que se pode responder afirmativamente, isto é, a «máquina» tem «mercado» que absorva toda a sua produtividade.

Os helicópteros pelo seu emprego libertam efectivos ou dão aos que existem a possibilidade de multiplicarem por coeficiente elevado a sua produtividade normal de actividade?

# Revista da Cavalaria

Também parece não haver dificuldade em responder afirmativamente, e até, com um pouco mais de trabalho em se encontrar o valor que represente esse aumento. Bastava calcular para uma unidade tipo Batalhão por exemplo o que custa a sua instrução, constituição, deslocamento e vigência durante uma comissão no Ultramar e o que rende a sua actividade. Estimar depois o rendimento da mesma unidade dispondo de meios heli trabalhando dentro de esquema definido, e a partir daí, calcular o custo em BAT que seriam precisos para com eles se conseguir o rendimento que então obtivera o BAT, dispondo dos heli.

Falando por experiência própria informo que com 4 helis e os meios e método que mais à frente se descrevem, trabalhamos em poucos dias com minúcia bem superior à que conseguiríamos, a área que corresponde às ZA de duas das nossas companhias e cujo trabalho está planeado para absorver muito tempo a cada!

Esse aumento verificado representará então o valor exacto do rendimento da actividade dos helis. Conhecido também o custo dos helis, sua manutenção e consumo, teríamos o valor do capital e o valor do trabalho produzido, e portanto, o juro ao capital investido, e seria neste que se tem que encontrar a resposta de ser ou não cara a máquina heli, em doutrina económico-financeira, o que é completamente diferente do muito ou pouco dinheiro necessário para a sua aquisição.

Os números que materializam o raciocínio apresentado darão uma expressão concreta, do benefício da utilização dos heli. Mas a conclusão será viciada se não forem simultaneamente estudados, criados e treinados todos os outros meios que permitam o emprego dos heli com «total rentabilidade». Teríamos então uma «máquina caríssima».

Como corolário do que dissemos parece que nos devemos acautelar da maneira de ver «dona de casa» — custa muito dinheiro não compro, ou se comprar guardo e utilizo pouco para se não gastar! — e da «improvisação e desorganização», tão dentro dos nossos defeitos, pois uma e outra levarão a uma má conclusão ou a um mau aproveitamento.

Não somos então adeptos do emprego em larga escala de helicópteros?

São os meios que permitem tirar deles total rendimento, difíceis de criar ou dispendiosos?

Somos adeptos incondicionais do seu uso sempre que se inscreva esse uso dentro dum esquema de trabalho definido com prévia reunião de todos os meios que permitam a execução desse esquema. Adeptos incondicionais por termos verificado na prática, que seu emprego per-

# Revista da Cavalaria

mitirá fazer uma guerra mais barata — em valor escudos — e mais rendosa — em valor resultados favoráveis às N. T.

Já fizemos diversas referências a «meios complementares» e a «um esquema de trabalho». Iremos agora tratar deles.

## Meios complementares

Para que os helis sejam utilizados em actividade operacional, e para que essa actividade deles tire o máximo rendimento, torna-se indispensável criar certo ambiente e certos meios, que passamos a referir.

### — *Mentalidade*

É fundamental uma mentalidade adaptada e integrada nas necessidades que há a resolver para que os helicópteros possam render totalmente nas suas diversas missões, conforme as circunstâncias, como meios de transporte, de reconhecimento, tático, evacuação, combate, reabastecimento, ligação, comando, etc.

Todo o pessoal deve ter o conhecimento exacto da máquina e suas possibilidades e do esquema de trabalho em que está integrado, o que lhe dá a consciência de ser peça fundamental no conjunto.

### — *Ligações rádio*

Sem ligações rádio, não só se não poderá montar o esquema de trabalho que se pretende, comprometendo-se a actividade operacional heli, como se pode criar situações extremamente difíceis às N. T. envolvidas nessa actividade, que se encontrem no mato.

As ligações têm que ser impecáveis, para o que tem que se manter em perfeito estado operacional o material necessário tanto em qualidade como em quantidade. O comando de uma actividade heli, tem que dispor permanentemente de ligação com os aviões ligeiros, os helis, os pisteiros, os grupos em terra e o seu PC, se se encontrar fora deste.

Tem que se garantir ligações entre os heli, entre os helis e os aviões ligeiros, entre os helis, aviões ligeiros e a tropa em terra, entre esta e a sua base sempre que possível e entre os diversos grupos em terra, quando trabalharem numa mesma acção.

Indispensável haver conhecimentos técnicos do material por forma a tirar-se dos meios o rendimento necessário com o mínimo de ocupação das redes.

# Revista da Cavalaria

Para a garantia das ligações contribui não só a utilização apropriada dos postos E/R, como a imaginação com que os soubermos explorar como seja pela montagem de «Postos Relais» sempre que necessário, tanto em aviões ligeiros que se hipotéquem para esse fim como por «postos» que se coloquem no cume dum monte, etc., etc.

## — *Equipes de pisteiros*

Verdadeira «Abelha mestra» no esquema de trabalho que utilizamos, exige dos seus elementos, boa formação e conhecimentos militares grande resistência física e fundamentalmente uma natural aptidão para a concentração e observação no mato. A par da preparação militar normal recebem os pisteiros uma especialização que lhes desenvolve e apura os dons para a observação e interpretação dos vestígios que o homem deixar ao passar no mato.

O trabalho de pistagem é realizado por 4 elementos em que um é graduado e chefe da equipe de pisteiros.

A equipe persegue vestígios encontrados, estuda-os e interpreta-os. Se concluir que se tratam de vestígios deixados por elementos In., relativamente recentes, lança-se atrás deles, utilizando meios heli por vezes ou só a pé, conforme o atraso que levar sobre aqueles que persegue. Trabalho de perseguição dum rasto, tão eficiente e indispensável como é o trabalho do perdigueiro na caça.

## — *Grupos helicópteros*

Devem ser os Gr. Comb. adaptados a esta «guerra» constituídos por efectivos pequenos — 16/18 homens. Os seus elementos têm que ser desembaraçados e de bom moral, de elevado espírito ofensivo e de grande resistência física. Destinados a acções de surpresa sobre o In., capazes de actuarem em pequenos efectivos isolados, muitas vezes a permanecerem dias e dias em áreas adversas, eles precisam possuir nesta «guerra», para o bom desempenho da sua função, o velho espírito que nós cavaleiros tivemos e tentamos conservar, e que só reconstituiremos verdadeiramente quando de novo nos for entregue uma modalidade de acção que utilize meios rápidos, flexíveis e ousados — ontem o cavalo, hoje o heli (?).

Parece que à nossa Arma bem se poderia abrir um vasto campo de actuação, reconstrução e afirmação, se lhe fossem entregues estas

# Revista da Cavalaria

missões e estes meios pois ela mais do que nenhuma se encontra mais perto e mais preparada para os compreender e utilizar.

Todo o Gr. Comb. deve ter em si integrado um elemento conhecedor de línguas nativas e da técnica de interrogatório o que permitirá, logo que seja capturado um elemento In. ou da população, ser prontamente trabalhado e assim se poderem colher notícias e informações que podem ser de interesse para exploração imediata.

Deve ainda junto do Comando da operação a nível correspondente existir um delegado dos «Serviços de Segurança» que pelos seus conhecimentos e técnica de trabalhos consegue normalmente obter resultados dos elementos capturados ou apresentados que têm o maior interesse para a conduta da operação.

## — Pilotos heli

O piloto heli em actividade operacional, tem que ser não só ousado, experiente e conhecedor da máquina e suas possibilidades como possuir bons conhecimentos militares pois virá a intervir quase que directamente na acção.

\*

Adquiridos os meios e preparado o pessoal — Comando flexível e empreendedor, imaginativo e infatigável; pilotos experientes, conhecedores e ousados; mecânicos conhecedores e bons profissionais; ligações rádio seguras; infatigáveis equipas de pisteiros e grupos de combate de elevado espírito ofensivo, risquemos o esquema de trabalho que defendemos.

## Esquema de actividade operacional ao nível Batalhão dispondo de meios heli

A apresentação que se faz pressupõe o trabalho a partir de uma área de fronteira, para que seja mais clara a sequência das fases desta actividade e não porque ela só possa ter interesse naquelas condições. Será uma sequência lógica de trabalho, que segue naturalmente e sem interrupção a caminho do interior do T. N. até ao mais fundo desse interior; aliás esta actividade cria, como se verá, um circuito fechado de actividade que se alimenta a si própria e só termina, teóricamente claro, pela liquidação total do In., seus grupos, elementos, bases, etc., que se encadeiam e constituem a «organização inimiga».

## Revista da Cavalaria

Consideremos pois uma fronteira com país vizinho onde o terrorismo tem organizações, meios e elementos combatentes, e encontra apoio para a sua actividade dentro do T. N., onde se infiltra a partir do referido país.

Montemos ao longo de toda a fronteira considerada, com carácter de permanência e continuidade de acção uma linha de patrulhamentos muito ténue — efectivos de secção por 4/5 quilómetros de frente — percorrendo cada patrulhamento diàriamente e com a maior minúcia a sua área o que permite cobrir diàriamente toda a fronteira referida. A finalidade deste trabalho é a observação cuidada e constante da faixa da fronteira, na procura sistemática de todo e qualquer vestígio que sempre deixa a passagem de quaisquer elementos.

Atrás desta linha de trabalho, convém existir uma picada ou estrada acompanhando toda a sua extensão.

Montar-se nova linha de patrulhamentos a uma profundidade de 20 a 30 km da anterior, de forma idêntica, com igual actividade e finalidade. Igualmente uma picada ou estrada a deverá acompanhar.

Numa e noutra linha deverão existir Postos Militares que servirão de apoio e base àqueles patrulhamentos.

Da área entre estas duas linhas de patrulhamentos retirarem-se todas as populações e destruiram-se todos os meios de vida.

Devidamente estudada a ZA do Batalhão, localizarem-se os Postos Militares e os Comandos de Companhia e Batalhão e ainda as zonas de carregamento heli, onde se colocam combustíveis, etc., etc. Preverem-se desde logo zonas de carregamento eventuais

Os helicópteros têm que estar sempre em condições operacionais e de alerta, por forma a serem prontamente colocados, logo que pedidos, à disposição do Comando da Operação, acompanhados por um Oficial Superior — Chefe de esquadrilha heli — que fica integrado no Comando onde se pronunciará, sobre as possibilidades e limitações dos heli, em cada situação que se cria.

As Subunidades são constituídas em Gr. Comb./heli, instruídos sobre os cuidados a ter nos carregamentos e descarregamentos e devidamente conhecedores das características da sua actuação, formações, etc., etc.

Vamos supor que a primeira ou segunda cintura de patrulhas descobre vestígios, normalmente pegadas. Imediatamente é transportada ao local uma equipe de pisteiros que estudará os vestígios encontrados, como tipo de pegada, tipo de calçado, antiguidade da pegada, número de elementos de que se distinguem pegadas, direcção seguida, etc., e a partir dali inicia-se imediatamente a perseguição. Se a pegada se apre-

## Revista da Cavalaria

sentar já com certa antiguidade, é montada perseguição utilizando o heli, que por meio de «longos saltos» sobre a linha de vestígios, vai recuperando o tempo de atraso.

Quando as pegadas se mostram já relativamente frescas, continua o trabalho dos pisteiros mas a pé, agora sempre sobrevoados por um avião ligeiro como «Posto Relais» para a ligação com o Comando e que simultaneamente vai reconhecendo a área.

Entretanto os heli começam a transportar para área próxima daquela onde se supõe ir ter lugar a acção o número de grupos heli que o Comando decida empregar, conforme os esclarecimentos que foi recebendo e lhe permitem decidir sobre a acção que se prevê. Terminado esse transporte ali descem igualmente os heli, ficando uns e outros aguardando o momento de intervirem.

A seu tempo por meios heli a equipe de pisteiros fora reforçada, reforço que vai até um Gr. Comb.

Quando se prevê próximo o contacto com o In. ou o encontro com organização In., os heli transportam os Gr. Comb. para as posições convenientes ao cumprimento das suas missões e instalam pequenas equipes emboscadas nos locais que pareçam mais favoráveis à fuga ou ao acesso de elementos In., em relação à área em que se adquire quase a certeza de que irá ter lugar a acção.

Os Gr. Comb. logo que desembarcados aproximam-se rapidamente do Gr. In. ou sua organização enquanto um dos heli se coloca na vertical do objectivo e ali permanece como posto de observação e comando, enquanto os restantes aguardam próximo, prontos a carregarem elementos dos grupos, ou grupos inteiros já empenhados na acção, para locais que se possam verificar mais favoráveis em relação ao objectivo, e à acção em curso, seja contra uma base seja contra um grupo In. instalado ou em fuga.

Esta é a mais rendosa função dos heli, verdadeira peça táctica intervindo directamente na acção.

Aos heli competirá o transporte de mais grupos em reforço dos já empenhados se assim decidir o comando da operação.

Terminada a acção bem se pode dizer que em realidade ela se inicia e sem solução de continuidade, pois que a partir dos novos vestígios obtidos na área do objectivo atacado e/ou como resultado de exploração imediata de declarações feitas por eventuais prisioneiros, se dá início a uma verdadeira exploração do sucesso, que mais não é do que o reinício de idêntico ciclo de actividade, que sucessivamente se vai repetindo enquanto existirem elementos In. e suas organizações. Vão-se deixando

## Revista da Cavalaria

sempre sobre os objectivos atacados, elementos das NT. emboscados, por vezes dias seguidos, o que sempre tem obtido óptimos resultados.

No desenrolar desta sequência de actividade vão-se apoiando os «grupos» por reabastecimentos aéreos realizados por aviões ligeiros, e vão-se reforçando, prolongando ou rendendo, conforme se manifeste necessário.

Verdadeira «batida às lebres ou caçada à raposa», onde os pisteiros são a «matilha», e os Gr. Comb. «caçadores favorecidos» por andarem continuamente no «cheiro e no rasto da caça».

Actividade empolgante tanto para quem comanda como para quem executa, pois todos nela tomam directamente parte até com a presença física. Rápida na acção, cheia de decisão e extremamente eficiente, afecta o In. muito para além dos resultados imediatos obtidos, pois o desmoraliza profundamente lhe dá uma sensação de insegurança total.

Actividade de grande rendimento perde no entanto grande parte das suas possibilidades, se não trabalhar devidamente o pisteiro, se as ligações não estiverem garantidas, se o avião ligeiro não estiver sempre operacional, se não se tiver sempre em alerta o heli e seu piloto (verdadeiro conjunto cada um valorizando o outro, pois se a máquina apresenta recursos formidáveis, é a prontidão e ousadia do piloto que permite que eles se manifestem), se o Gr. Comb. heli não for pleno de decisão e espírito ofensivo, e não existir comando tão flexível quanto o são os meios de que dispõe, tão decidido e eficiente na conduta como o têm que ser os seus subordinados na execução.

Bem se poderá dizer «guerra nova para gente nova» a exigir simultaneamente organização, coordenação e eficiência que só a experiência e a consciência profissional garantem. Então sim seremos incondicionais apologistas da formação de unidades helis que tão bem se enquadram na Arma de Cavalaria e tanta falta fazem no nosso Ultramar, para nos aproximarmos mais rapidamente do fim da luta que ali temos.

\*

O que apresentamos tem o valor e a referência que lhe dá o facto de tudo sair do que foi por nós vivido e realizado. Tudo é tirado da prática e não da teoria sem esta. São factos verificados sujeitos sem dúvida à apreciação pessoal de cada um. É a nossa apreciação que aqui deixámos, mas... como resultado do que praticamos.

Tenente-Coronel RODRIGO DA SILVEIRA



# TROPAS A CAVALO

(ELEMENTOS PARA UMA DISCUSSÃO  
SOBRE AS PU DE ÁFRICA)



entro de poucos dias vamos ser espectadores de um dos maiores acontecimentos científicos da Humanidade. Três homens vão andar à roda da Lua. Basta abrir-se um jornal para se ver que, para se conseguir o que até há pouco tempo parecia um sonho, foram precisos milhões. Milhões de tudo. Milhões de problemas que se tiveram de resolver, milhões de dólares para os resolver, milhões de peças, milhões de quilómetros, milhões de experiências que custaram milhões. Só uma coisa não foi gasta aos milhões, foi o tempo.

As soluções foram preparadas com o auxílio das técnicas mais avançadas, mas no fim houve sempre alguém que teve de decidir. Essa decisão comportava um risco maior ou menor, mas teve que ser dada.

No caso da tropa a cavalo para as nossas PU, a única coisa que tem sido gasta aos milhões é o tempo, porque o resto, neste caso, não representa grande coisa. Os problemas são todos de fácil solução. As despesas a fazer são mínimas. As experiências que se podiam ter feito, já foram feitas. E parece que tudo nos leva à conclusão que é oportuna, e, já se perdeu grande parte da oportunidade, a criação de Unidades a Cavalo nas PU.

Mas será de facto assim?

Desde que se começou a falar em Unidades a Cavalo só se têm ouvido os seus defensores. Com certeza que há opositores. Não se vêem, não se ouvem, mas com certeza que os há, pois que só assim se

## Revista da Cavalaria

explica esta falta de UMA DECISÃO. Não é assunto que necessite de tanto estudo. É tão corriqueiro que nem se justifica que seja medido numa gaveta, para que o tempo, ao passar-lhe por cima, lhe dê importância. Ou será porque na época em que se vai à Lua, em que há Divisões helitransportadas, em que poderosos engenhos assentes em almofadas de ar deslizam indiferentemente sobre a água, a terra ou o pântano, é perder tempo a falar de cavalos?

Ché Guevara é frequentemente invocado quando se trata de assuntos de Guerra de Guerrilhas. Mas Ché foi um técnico da Guerrilha ou da Subversão? Se temos admitido que este médico, nos poucos anos que passou nas matas de Cuba e da Bolívia aprendeu mais do que nós homens de carreira aprendemos em sete anos nas matas de Angola, Guiné e Moçambique, não ponhamos de parte o cavalo. Há fotografias, e a leitura do diário deste guerrilheiro, que provam que ele se serviu dos solípedes para o transporte de pessoal e de carga.

É nestes dois aspectos que se deve encarar a reaparição do cavalo nas PU. Como «transporte» de combatentes vem dar a estes um «diferencial» de velocidade sobre um inimigo que anda a pé. A autonomia e a extensão das etapas, por muito exagero que haja ao apreciar os recursos do inimigo, também será muito maior para quem vai a cavalo do que para quem anda a pé. O problema da observação (comandamento) a que Mousinho se referia, ainda continua a constituir uma vantagem para quem vai a cavalo. Como transporte de carga também é um factor que se tem que considerar. As operações estão muito sujeitas ao que cada um pode levar consigo, já que as possibilidades de reabastecimento nem sempre existem ou quebram o segredo. Mas cada homem pouco leva consigo, cinco dias quando muito. Mesmo que seja possível contratar carregadores, cada um não leva mais de 20 kg e além disso, também come. Qualquer cavalo, mula ou garrano leva 100 kg em cima, não precisa de levar comida e em último caso até pode ser comido.

Além destas duas possibilidades que o cavalo pode dar à tropa nas PU, há outras não menos importantes. Uma delas é o efeito psicológico que o cavalo só por si exerce sobre o inimigo. Além do efeito como «arma» pela sua velocidade, massa e autonomia há também o efeito a que podemos chamar «ancestral». Nessas terras o cavalo nunca foi um órgão de trabalho mas sim um atributo dos chefes. Só aqueles é que os dominavam e nas mentalidades simples isto também conta. Mas esse efeito sobre o moral não é só sobre o inimigo que se fará sentir. Quem o utiliza depressa se aperceberá que as probabilidades de

## Revista da Cavalaria

ser emboscado diminuem muito se se deixar de usar a viatura. Com efeito, a grande percentagem de baixas que temos tido nas PU dão-se quando vamos sobre rodas. Ou nos muitos acidentes de viação ou principalmente nas emboscadas, que, especialmente em Angola e Moçambique, aquelas que nos têm causado mais baixas são feitas às colunas auto. Porque é que as nossas forças a pé são menos emboscadas que as colunas auto?

Porque é que mesmo quando o são, o inimigo não consegue resultados espectaculares? As respostas a estas duas perguntas são bastante simples. Ora uma tropa a cavalo não anda pela picada como a coluna auto, não faz barulho, não leva luzes, o pessoal vai mais atento, o próprio cavalo ajuda a assinalar a presença de estranhos e embora o conjunto cavaleiro-cavalo seja mais volumoso que o homem a pé, é muito menor que um Unimog com catorze homens num espaço tão pequeno. Lembremo-nos mesmo que em determinadas zonas o cavalo está menos sujeito ao trilho que o homem, e, que quanto menos se andar por sítios onde o inimigo possa prever a nossa passagem, menos vezes seremos surpreendidos e mais vezes surpreenderemos.

O que se disse até aqui é facilmente aceite por quem não esteja com ideias preconcebidas ou não tenha medo de cair no ridículo ao aceitar a hipótese do retorno do cavalo ao campo de batalha. Mas, como é que vão actuar e qual a organização a dar às unidades a cavalo? O estudo teórico pode-se fazer a partir de dois pontos, e, é natural que se acabe por chegar à mesma conclusão. Ou tomar como ponto de partida as tradicionais unidades a cavalo e ir tentando adaptá-las às condições da contra-guerrilha nas PU, ou partindo das unidades que estão a ser utilizadas na contra-guerrilha e começando a imaginá-las com cavalos à sua disposição.

A Cavalaria tem como missões específicas: a Segurança e a Intervenção. Para a primeira contribui principalmente através do Reconhecimento e de acções de Cobertura em que jogando com as suas Potências, Mobilidade e Transmissões, contribui para que o Comando negocie os factores Espaço e Tempo. Como Arma da Decisão vale-se da Mobilidade e Acção de Choque. Numa Guerra Convencional são estas as suas principais missões. Para isso foi dotada de meios, aperfeiçoou a sua táctica e até teve de criar um Espírito próprio, como de resto as outras Armas criaram o seu. Mas num tipo de guerra como a que temos nas PU ainda haverá necessidade de distinguir as Armas? As missões não serão as mesmas para todos? Será que as forças de terra só se dividem em: de quadrícula e de intervenção? Este problema é bastante

## Revista da Cavalaria

complexo para ser discutido num artigo que se propõe tratar só da «Tropa a Cavallo». Haveria que estudar primeiro se a organização que existe foi devida às necessidades, a não haver meios para montar outra, para satisfações de ordem psicológica; ou porque de facto se chegou à conclusão que esta é que é a mais indicada para o cumprimento da missão? E chegou-se logo a essa conclusão em 1961? Quadricula, intervenção e uma amostra das Armas, porque já as havia? Em sete anos não houve necessidade de mudar o conceito inicial? Quanto a nós, a Cavalaria, certamente que não só a cavalo, tem missões próprias na guerra das PU que justificam a sua presença como Arma sem que para a empregar fosse preciso chamar às suas unidades B. Cav. ou C. Cav.

Por ironia das coisas, talvez até as unidades que se venham a formar a cavalo não sejam justamente as mais Cavaleiras se atendermos às missões que é natural lhes venham a ser cometidas. Quando se diz que as missões específicas da Cavalaria são a Segurança e a Intervenção (como Arma de Decisão), imaginam-se as suas unidades integradas numa GU que trabalha em determinada Zona de Operações. Estes conceitos têm de ser adoptados ao caso das PU onde não há propriamente GU com as várias Armas a desempenhar acções que se completam umas às outras. Na contra-guerrilha embora haja uma acção estratégica da GU constituída por todas as forças actuantes em cada Província, não há propriamente uma táctica das GU subordinadas (Agrupamentos) que as constituem. Há sim, uma série de acções isoladas ao nível de escalões bastante baixas que embora no seu conjunto contribuam para um resultado comum, não são em geral uma série de acções que se completem umas às outras.

Convencionou-se que é uma guerra de subalternos e capitães. Mas será? Na realidade, a maioria das vezes, é.

Não discutindo o papel da Cavalaria, mas só o caso particular da Tropa a Cavallo, consideremos agora qual a sua possível acção nestas condições.

Como poderá a Tropa a Cavallo desempenhar missões que se possam integrar nas missões específicas da Cavalaria? Para isso como deverá ser organizada? Que partido se poderá tirar do cavalo na contra-guerrilha dentro das missões normais neste tipo de guerra?

Como missões de Segurança atribuídas à Cavalaria podemos considerar as missões de Cobertura e Reconhecimento, isto é, dispositivo e informação.

## Revista da Cavalaria

A ideia duma Força de Cobertura numa dada direcção, numa guerra em superfície não é real a não ser que se imagine uma faixa destinada a preservar uma área ainda não contaminada pela guerrilha ou para se guarnecer uma zona destinada a interdizer determinada passagem, por exemplo uma interdição de fronteiras. Sendo possível reunir os meios necessários de maneira a não dar a cada unidade a cavalo uma «frente» superior a 50 km e considerando sempre que este tipo de unidade não é próprio para zonas de floresta densa ou muito ravinhadas, consideram-se as unidades a cavalo especialmente aptas para este fim. Além das possibilidades de actuação da tropa a pé, até porque também anda a pé quando for preciso, dispõe dum meio óptimo para a perseguição. Num caso destes aproveitam-se ao máximo a velocidade, a autonomia, a não dependência de itinerários e o facto de poder transpôr quase todos os obstáculos que o inimigo transpõe, como sejam os cursos de água. Como em geral os 50 km não poderão ser respeitados, e é pouco provável que se possam dar à tropa a cavalo os mesmos meios auto que às unidades de caçadores, poderá adoptar-se a solução de combinar tropas de caçadores com tropas a cavalo. Uma tropa auto-transportada tem possibilidade de se deslocar mais depressa e a distâncias maiores que a tropa a cavalo, mas está sujeita aos itinerários e uma vez apeada tem um raio de acção muito pequeno. Por seu lado a tropa a cavalo embora não possa ir tão rapidamente a pontos tão distantes, até às distâncias consideradas óptimas para sua acção, pode ir sempre. Não está sujeita às condições atmosféricas, aos obstáculos, aos itinerários, nem à falta de sobressalentes. Considera-se que a frente de 50 a 60 km, isto é, o raio de acção de 25 a 30 km, o óptimo para a Tropa a Cavalo. Se houvesse meios suficientes, seria óptimo até, dotar as unidades a cavalo com viaturas capazes de as transportar às grandes distâncias (3 Berliet transportam um pelotão) para depois actuarem nas zonas escolhidas.

Como por necessidades operacionais é vantajoso que cada núcleo seja de efectivo da ordem de Esquadrão com quatro pedras de manobra, teríamos que a um esquadrão cabia uma ZA da ordem dos 50 km. No caso de as ZA terem de ser maiores, julga-se que a boa combinação dentro duma unidade ao nível B. Caç., seria o Batalhão reforçado com um Esquadrão a Cavalo que poderia estar numa das seguintes situações: a) Como reserva do Batalhão e portanto sem ZA atribuída; b) Com uma ZA atribuída, naturalmente aquela que fosse mais própria para a actuação dos cavalos, ou que comportasse um corredor de infiltração mais propício a acções de perseguição; c) Com um pelotão

## Revista da Cavalaria

a cavalo a reforçar cada uma das C. Caç. e o E. Cav. (—) reforçado com um Pel. Caç. de cada uma das C. Ca. Neste caso o E. Cav. apoiava os seus pelotões tènicamente e quando surgissem missões indicadas para a actuação do Esquadrão em conjunto, reunia os seus pelotões e actuava como um todo. Considera-se esta terceira hipótese aquela que será de mais corrente applicação. Mas aponta-se desde já que tem um grande perigo, que é o de separar os pelotões do Esquadrão. Os pelotões além de não terem em si os órgãos de apoio logístico que não podem encontrar numa unidade de caçadores, precisam de estar ligados ao esquadrão (menor escalão independente a formar na Tropa a Cavalo) cujo comandante será sempre o conselheiro técnico para o emprego das unidades a cavalo.

O tipo de actuação atrás descrito está de facto dentro da missão de cobertura, missão clássica da Cavalaria. Embora essa missão seja hoje desempenhada por unidades de qualquer Arma nas PU e agora já todos a achem natural, no início dos «acontecimentos», a Arma que mais avontade se mostrou foi a Cavalaria, cuja forma de actuar já era muito semelhante. Grandes frentes, limites vagos, falta de vizinhos, vasta iniciativa eram factores muito conhecidos da Cavalaria antes de 1961.

Para o desempenho de missões de Reconhecimento, mesmo a grandes distâncias nas PU e em zonas favoráveis ao cavalo, consideram-se também estas unidades especialmente aptas. Durante as experiências do pelotão a cavalo de Silva Porto, foram percorridas distâncias da ordem dos 600 km. Qual o outro tipo de unidade que dispunha de autonomia ou possibilidades para percorrer distâncias desta ordem por zonas sem itinerários, duma forma discreta e sem estar sujeita às condições atmosféricas? Há muitas zonas no nosso Ultramar onde quase que só é costume passar-se de avião. Em determinadas regiões a rede de estradas (?) é tão pouco densa que nas suas malhas podem viver milhares e milhares de pessoas que não são controladas. Enquanto não se inventarem aviões silenciosos será muito difícil à observação aérea descobrir grandes coisas nessas zonas. É preciso lá ir, mas não há estradas e o homem a pé não chega lá. Mesmo que houvesse helicópteros suficientes não se conseguia surpresa, e uma vez desembarcado o homem pouco podia andar naquela imensidão. A Tropa a Cavalo se for transportada para a região, ou no combóio ou em camionetas (como também já se fez a experiência) já não falando em avião (Nord Atlas) para que não me chamem fantasista, pode bater as regiões mais inacessíveis. E além de ser especialmente apta para o

# Revista da Cavalaria

reconhecimento, ainda tem a vantagem de que uma vez estabelecido o contacto, o IN já não lhe pode fugir.

Como atrás se disse, para se estudar a tropa a cavalo, também se pode partir das unidades do tipo caçadores. Talvez para o estudo da organização pormenorizada seja vantajoso o estudo comparado das missões anteriormente indicadas e da experiência já colhida com as unidades que presentemente actuam nas PU.

O antigo Pel. a Cavalo com as suas três esquadras de exploradores, duas de ML e a esquadra de comando estava preparado para actuar articulado em duas secções. Na esquadra de comando havia elementos de ligação para curtas distâncias e elementos de apoio (ferrador) para os solípedes. Nos pelotões das unidades tipo caçadores a organização é do tipo ternário, há órgãos de apoio de fogo, elementos de transmissões e do serviço de saúde. Por outro lado é ponto assente que a menor equipa de trabalho é constituída por cinco homens.

As razões que levaram à actual organização do Pel. Caç. são válidas para o Pel. Cavalo, acrescidas das que são impostas pelas necessidades dos cavalos. Entre estas, está a necessidade de haver um homem em cada equipa que segure os cavalos quando esta tem necessidade de combater a pé. Vê-se portanto que a antiga esquadra de seis satisfaz às necessidades. Também será frequente as secções trabalharem independentes e daí a necessidade de se poder dispor dos meios (reforço de munições, alimentação) para se lhes atribuírem.

Por outro lado, com o armamento actual não é preciso organizar esquadras de ML e de exploradores.

Tomando em conta todas estas considerações, podemos imaginar o Pel. Cav. com a seguinte organização:

## I — Comando

- a. Comandante
- b. Esquadra de Comando

- (1) — Rádiatelegrafista
- (2) — Clarim
- (3) — Maqueiro
- (4) — Ferrador
- (5) — 3 Condutores de baste

## II Cavalos

# Revista da Cavalaria

2 — 3 Secções

a. Comandante — (Sarg.º)

b. 2 Esquadras

(1) — 2 Cabos

(2) — 9 Soldados

12 Cavalos

Total: 44 homens

47 cavalos

Material:

Rádio — Para a rede de Esquadrão um posto com as características do AN/GRC-9 a transportar num dos bastes.

— Para a rede do pelotão, três postos do tipo do AVP-1.

Armamento colectivo:

— 1 Mort. 60 mm

— 1 Lança-Foguetes

A transportar nos outros dois bastes.

Um pelotão deste tipo fica mais «pesado» do que era o antigo Pel. Cav., mas se se atender que muitas vezes terá que trabalhar isolado e durante bastante tempo, já se admite este «excesso» de força. É de resto uma unidade bastante flexível que poderá actuar completa ou desfalcada.

Quanto ao Esquadrão a Cavalos, prevê-se a sua organização a quatro pelotões. Tem-se verificado que quase na sua totalidade, as C. Caç., uma das primeiras coisas que fazem ao chegar às zonas de operações, é organizarem-se a 4 grupos de combate.

É indiscutível a necessidade de quatro elementos operacionais e se não é a totalidade de unidades que se organiza assim é porque por vezes 1/4 de Companhia não é força suficiente.

Não tenho experiência de Guerra Convencional, mas nos muitos temas e exercícios que estou habituado a resolver desde sempre, nunca tive que contar com unidades para o serviço interno do estacionamento,

# Revista da Cavalaria

ou para os reabastecimentos ou para as folgas. Nos temas ou manobras, embora possamos, em teoria ter a unidade desfalcada empregam-se todos os meios de que se dispõe. A realidade no Ultramar é no entanto bem diferente. Um comandante de C. Caç. que tenha a sua companhia com a organização regulamentar está uma grande parte do tempo privado de iniciativa pois que não pode fazer mais que guardar o estacionamento e tratar dos reabastecimentos. Se se vão agora organizar Unidades a Cavallo, aproveitemo-nos logo desde o princípio da experiência já colhida e não vamos formar esquadrões a três pelotões. Considera-se portanto que o esquadrão deve ter quatro pelotões iguais.

Segundo o critério que nos levou à organização do Pel. Cav., vamos partir da C. Caç. e ver o que ela precisará mais por ter os cavalos. No caso do Esquadrão isolado em relação a outra tropa a cavallo, será preciso um veterinário. Considera-se no entanto que se poderá, conforme a distância a que os Esquadrões estejam uns dos outros, ir até um veterinário para cada dois Esquadrões.

Atendendo ao muito maior volume de pessoal e animal, é de aconselhar a criação dum adjunto do Comdt./Esq.

Na Formação do Esquadrão, além dos elementos existentes numa C. Caç. serão necessárias uma Secção de Veterinária e de Seleiro-Correeiro preparadas para poder destacar até três «antenas» para o caso dos pelotões destacados. Igual critério deverá ser adoptado na constituição das outras Secções incluindo a de Reabastecimento que deverá ter as viaturas 2,5 Ton. necessárias para quando se destacarem os pelotões se poder fazê-los acompanhar duma dessas viaturas. Se assim não se fizer será uma grande sobre-carga para a unidade que recebe o pelotão ter que o reabastecer com os seus meios normais.

Atendendo a que será natural que, pelo menos de início, não haja um Depósito de cavalos, e mesmo quando o houver, não esteja perto das unidades em operações, convém dotar o Esquadrão com uma reserva de 16 cavalos.

Um Esquadrão assim constituído ficaria com cerca de:

230 Homens

204 Cavalos

17 Viaturas

É realmente mais do que o que se estava habituado. Mas a questão não é essa, o que interessa é saber se uma unidade assim constituída seria ou não capaz de cumprir o tipo de missões atrás indicadas. Estou

# Revista da Cavalaria

convencido que apesar do seu aparente «peso», este Esquadrão a Cavalos manteria no Ultramar todas as características da Cavalaria, as principais das quais são a mobilidade e a flexibilidade.

Não se pretende fazer comparações que correm sempre o risco de ser mal interpretadas. E se sempre foi necessário um Espírito de Corpo que congregasse e aproveitasse todos os elementos das Forças Armadas, no momento presente ainda é mais preciso. Nas PU onde hoje está uma Unidade duma Arma, amanhã estará doutra. É preciso que nos conheçamos mais intimamente, e essa foi uma das razões que me levou a escrever mais estas linhas sobre Tropa a Cavalos.

Muitas vezes, camaradas de outras Armas, e até da Força Aérea e da Marinha, me perguntaram: «Olha lá, os vossos cavalos aqui não dariam?».

A minha resposta é SIM.

Major DUARTE SILVA

Para sobreviver, o combatente moderno, deve ser um profissional eficiente, bem instruído, e sobretudo, excepcional atirador.



*Cavalaria é essencialmente uma atitude perante a vida mas é também uma maneira peculiar de empenhamento de determinada tropa com determinados meios.*



uando, em 1897, Mousinho se lançou na carga de Macontene, de certo que o não fez em vão. Ele demonstrou então a validade da tropa a cavalo nas campanhas do mato africano. Dizemos que esse acto cavaleiro não foi em vão porque a demonstração não deixou dúvidas, quer em relação ao tipo da campanha, quer no que respeita à natureza do adversário. Depois, foi Mousinho a pé até Chaimite para prender o Gungunhana e resolver definitivamente o problema dos vátuas. Demonstrou, assim, que Cavalaria é também Atitude, independentemente dos meios postos à disposição dos cavaleiros.

Por cima destes dois acontecimentos decisivos passou mais de meio século e de novo surgiu a Cavalaria em África, a bater-se pela integridade duma Pátria universalmente implantada no tempo e no espaço, e, por isso, cíclicamente obrigada a tais vicissitudes. Das lições do passado que deixamos apontadas, esqueceu-se facilmente a primeira e aproveitou-se ansiosamente a segunda, e, deste modo, mandou-se a Cavalaria para o Ultramar, não nas suas Unidades e meios formais, mas quase exclusivamente como tropa de caçadores.

Logo de princípio, de tal maneira se impôs a Cavalaria-Atitude à consideração dos chefes, que quase todas as suas Unidades foram desig-

## Revista da Cavalaria

nadas para as situações mais críticas e missões mais difíceis, não ficando dúvidas sobre o valor anímico e profissional dos quadros e das tropas, patenteados largamente pelas distinções e referências elogiosas que lhes couberam, enaltecendo o espírito cavaleiro, os êxitos obtidos e o serviço dado nas mais variadas circunstâncias.

Por tudo isto se sente a Cavalaria-Atitude muito orgulhosa e honrada, na medida em que, à MORTE que por muitos Cavaleiros teve de passar, se juntou a GLÓRIA que, na guerra, também se procura.

Orgulhosa e honrada está, decerto, mas não contente, uma vez que a incomodidade, o isolamento e os riscos porque passou estão muito aquém dos seus anseios, assim privada dos meios tradicionais de empenhamento escolhidos, um dia, pelo que para a Arma foram voluntários, ou nela se integraram devotadamente.

Não há cavaleiro que não lamente não ver as tropas a cavalo, de reconhecimento e de carros, e, até, a cavalaria do ar tão explorada nos temas das nossas Academias e Institutos, condignamente representada em qualidade e em números, na guerra que, em três largas frentes, andamos a fazer.

Quis o destino que o autor deste trabalho assistisse em Angola a uma muito forçada «experiência» de tropas a cavalo, que, segundo lhe consta, confirmam a prova feita por Mousinho há setenta e um anos. A «experiência» pareceu-lhe desnecessária, mas foi e é imenso o seu contentamento pelo êxito confirmado.

O mesmo destino quis também que comandasse, já em períodos críticos, Esquadrões de Reconhecimento, e que, no comando de um Batalhão do tipo Caçadores, se integrasse no trabalho de tropas de intervenção helictransportadas. Não se é, também, alheio às Unidades de CC e às suas características técnicas e táticas. Finalmente, tem um total de 19 anos de vida ultramarina, com mais de dez vividos em Moçambique, três em Angola e seis na Índia. Lógicamente que não apontamos todas estas credenciais para valorização destas considerações, na medida em que elas só terão valor pelo que, delas, se reconhecer de aproveitável. Quis-se apenas referir que as ideias expostas e as que se seguirão, são produto de observação directa e certo conhecimento do ambiente e do terreno físico e humano em que se defende a aplicação dos meios formais da Cavalaria, e não tanto dos articulados dos regulamentos, mais ou menos clássicos de campanha.

Vamos andar no tempo só por questão de método, uma vez que, as diversas e bem diferentes Unidades de Cavalaria, podem ter aplicação simultaneamente no mesmo ou diferentes lugares, consoante as si-

# Revista da Cavalaria

tuações e as características das áreas. Assim, o falarmos numas antes das outras não quer dizer que consideremos aquelas mais importantes, mas, somente, que escolhemos a ordem cronológica para as apresentar.

## As Tropas a Cavallo

Como em qualquer outra parte, há, em África, zonas favoráveis ou aconselháveis para a aplicação de tropas montadas e zonas onde o seu empenhamento não será rentável ou conveniente. Considerando, portanto, terrenos onde seja possível manobrar a cavalo e onde as montadas se possam manter com certa segurança e saúde, serão elas de empregar sempre no controle de áreas populacionais e na interdição de movimentos logísticos e operacionais do inimigo. Na interdição de fronteiras em particular, e onde escasseiam as vias normais de comunicação, o cavalo dará às tropas uma velocidade e flexibilidade de manobra que pode bem compensar a instintiva vantagem do inimigo na guerra do mato. A detecção de emboscadas e a reacção pronta a este tipo de acção, serão sempre mais fáceis por tropas que se deslocam por toda a parte, do que pelas que, em viaturas ou a pé, passam por caminhos obrigatórios ou se deslocam penosa e lentamente por todo o terreno.

O inimigo, no costume que tem de bater e fugir, só não se apanha porque teimamos em não usar meios capazes de correr atrás dele, seja por onde for, e de correr mais velozmente no seu encalço.

Admitindo condições propícias ao emprego de tropas montadas, temos de concluir que estas, numa guerra deste tipo, representam uma vantagem em relação ao adversário, difícil de suplantar de qualquer outro modo.

A acrescentar à vantagem da manobra e da velocidade, há ainda a do efeito moral, e, quanto à vulnerabilidade não temos dúvidas em afirmar que é menor do que a duma coluna de viaturas cheias de pessoal, ou, mesmo, duma morosa coluna apeada. Aqui, o próprio instinto de conservação do animal poderá ajudar o cavaleiro, como o volume do alvo é inferior ao de um Unimog ou Berliet, e muito superior o poder de dispersão das forças.

Pouco mais vale a pena dizer sobre as tropas a cavalo, a não ser que a manutenção dos animais é problema a resolver pelos veterinários e enfermeiros hípicas. De resto, considerando Moçambique, já há cava-

# Revista da Cavalaria

los absolutamente aclimatados em Lourenço Marques, na Beira e em Nampula, em grande parte propriedade de agremiações e pessoas que não são militares, que os sabem cuidar e manter em boas condições. Com mais forte razão, nós o poderemos fazer. Em Angola há cavalos no Sul, e, agora no leste, e também os têm os nativos da Guiné.

## Tropas de Reconhecimento

Conhecemo-las bem, quer no que se refere à sua aplicação em fase pré-insurreccional, quer no trabalho que fazem em zonas activas de operações. Sabemo-lo bem e por experiência própria e afirmamos que é extraordinário o seu rendimento, quer pelos efeitos, quer pelo próprio potencial, quer, ainda, pelo respeito que infundem ao inimigo e moral que incutem às nossas tropas. Um simples Pel. Rec., na escolta duma coluna, multiplica a sua segurança extraordinariamente, e as AMC, a carregar para cima de elementos inimigos emboscados, desfazem, repentinamente todo o seu dispositivo e propósitos.

Pode dizer-se que um Esquadrão de Reconhecimento, com as suas características de potência e fogo, manobrabilidade e outras, substitui um Batalhão de Caçadores, já porque tem mais espírito, já porque tem mais força, já porque dispõe de melhores ligações, já porque é sempre mais mexido e agressivo.

Forçosamente que não pode um E. Rec. ser empenhado em áreas onde não haja uma rede de comunicações razoável, mas há muitas áreas em toda a parte da África, onde as estradas se abrem com a própria passagem das viaturas e onde qualquer viatura com possibilidades TT transpõe todos os obstáculos. Assim faziam os madeirenses e os caçadores em muitos lados e muitas são ainda as picadas por eles abertas e que hoje nos servem de estradas, a substituir as que não se construíram.

As Unidades de Reconhecimento — poucas mas boas — são, pelo seu trabalho esforçado e útil, a melhor prova do valor deste tipo de tropa caracteristicamente cavaleiro, e a sua falta traduz-se essencialmente no que retira às Unidades tipo caçadores da capacidade operacional necessária ao cumprimento das suas missões específicas.

São poucas as Unidades de Reconhecimento, e, a não serem renovadas no material que desde a origem as vem dotando, nem com essas, poucas, poderemos contar dentro de algum tempo. Contudo, mesmo assim, estas Unidades ainda hoje fazem milagres...

# Revista da Cavalaria

## Unidades de Carros

Há anos, cremos que em Cabinda, foi exibido às populações um documentário de actualidades militares que passava um desfile de carros de combate, ocorrido numa parada realizada em Lisboa.

Um chefe terrorista recuperado, teve então este comentário:

«Então vocês também têm disto? Se os mandassem para cá ganhavam a guerra em pouco tempo.»

Isto dizia um chefe terrorista recuperado e andamos nós a dizer há muito tempo. Em Angola, três carros de combate levados para lá por um Capitão, sabe-se lá em que condições, têm demonstrado à priori o valor destas Unidades face ao inimigo. Morreu já um Alferes deste Pelotão de CC quando sofreu uma emboscada, uma coluna apeada em que seguia. Ali, os carros têm carregado para cima das emboscadas tal como as AMC das Unidades de Reconhecimento, e o certo é que aquelas não resistem à simples ameaça. E parece que não nos faltam carros em condições de serem atribuídos a Unidades blindadas deste tipo, como não será decerto difícil obter viaturas especiais para o mesmo efeito.

E, sobre CC nada mais diremos a não ser que, tal como os cavalos, são dispensáveis as experiências...

## Cavalaria do Ar

Durante o CPOS que frequentámos, muito trabalho se teve nas salas e exercícios de campo, com os chamados Esquadrões de Cavalaria do Ar da Divisão ROAD Americana. Teoria, diziam alguns. Outros, porém, que haviam tido já oportunidade de trabalhar com forças de intervenção helicóptero transportadas, em Angola e na Guiné, não tiveram dúvidas em aceitar a possibilidade de passarmos da teoria à prática deste tipo novo de Unidades, até porque, mesmo com Cavalaria, já as tinham visto trabalhar. De facto, não foram poucas as Operações a que assistimos e de cujo Comando tomámos parte, com lançamento de tropas transportadas em helicópteros, emprego de helicópteros de apoio e intervenção imediata.

Não temos dúvidas de que, no género de guerra que estamos a fazer, só com tropas deste tipo se poderão alcançar êxitos bastante sobre o adversário traiçoeiro e fugidio que se nos opõe. Muitos dos êxitos dos nossos pára-quedistas se devem, a par do valor intrínseco

# Revista da Cavalaria

da tropa, a disporem destes meios extraordinários de acção e estarem a eles perfeitamente adaptados.

Foi-nos dado mesmo acompanhar pessoalmente um lançamento desta natureza e não nos ficaram dúvidas de que não é fácil ao inimigo frustrar-se à surpresa e fulminância de acções deste género, bem ajustado aliás, ao espírito e características da tropa de Cavalaria tradicional.

Não há razão para estranhar nem é utópico que se fale na Cavalaria do Ar e que nas nossas Academias e Institutos se estude o seu emprego. O que faltam, sem dúvida, são os meios indispensáveis para que se constituam tão eficientes como cavaleiras Unidades.

## Unidades Tipo Caçadores

Já não é a primeira vez que reconhecemos a necessidade que houve de enquadrar com Oficiais e Sargentos estas Unidades e de Mobilizar profusamente para elas, na Cavalaria. A necessidade que houve. Não a que há...

A partir de certa altura, o que foi uma generosa atitude de cooperação e animoso gesto de solidariedade e patriotismo no conjunto das nossas Forças Armadas, está a redundar em perigosa situação para um futuro que se advinha próximo, de regresso, por indispensável, às Unidades formais da Arma.

Já há quadros que, para além da Academia Militar e Escola Prática, nunca tiveram contacto com as Unidades clássicas de Cavalaria, a que preferimos sempre chamar formais. Quadros há, que de tanto trabalharem com Unidades de Caçadores vão esquecendo conhecimentos e práticas antigas, e criando vícios e hábitos no trabalho apeado — quase exclusivamente apeado.

O inimigo vai evoluindo e apresenta-se cada vez melhor dotado de meios. Nada nos admiraria se num futuro breve nos surgisse equipado com blindados, aviões, helicópteros, ou outros meios mais modernos. Então teríamos que correr para as AMC e CC de que dispusessemos e que fazer à pressa tropas da verdadeira Cavalaria.

É caso para perguntar. Teríamos então quadros bastantes para instruir, treinar e comandar as Unidades que houvessemos que organizar.

Demos provas francamente positivas nas tropas tipo Caçadores porque somos Cavalaria-Atitude, e porque, de certo modo, a aplicação dessas tropas em África se ajusta ao nosso espírito e formação técnica

# Revista da Cavalaria

e tática. Mas será essa, razão para que continuemos a explorar os quadros em detrimento de futuras necessidades que se afiguram mais prementes?

Nós cremos firmemente que não! Acreditamos que é preciso rever a posição da Cavalaria, não tanto para satisfação dos Oficiais que um dia quiseram ser Cavaleiros e fazem a guerra como Caçadores, mas porque se prevê, de facto, a necessidade próxima do seu empenhamento, em condições normais, isto é, em tropas tipicamente de Cavalaria, a cavalo, de Reconhecimento, Moto-blindados e de Cavalaria helictransportada.

Comandar é prever.

Prever neste caso, será repôr a Arma de Cavalaria no seu devido lugar para bem das nossas FA e da Missão que, a todos compete.

Comandar é promover boas-vontades. Promover boas-vontades será, também neste caso, dar satisfação aos anseios dos Oficiais e Sargentos de Cavalaria, que um dia voluntariamente para a Arma se ofereceram, ou a ela se devotaram entusiasticamente.

E assim se expressa um desejo que cremos unânime e em que se junta o útil ao agradável. Assim queremos servir melhor no mato, não nas retaguardas — nas situações mais críticas e nas missões mais difíceis, precisamente como temos servido até agora!

Isto é um depoimento!

Não um simples artigo para publicar ou documento com que se especule. O que, neste trabalho se escreveu, é sério, grave, e, talvez, duro. Mas é sincero e escrito por bem, com a franqueza e lealdade de quem quer ser, como sempre foi — Cavaleiro-Atitude, mas, também, Cavaleiro-Profissão.

Major ANTÓNIO MACHADO

# Interdição de fronteiras

*Não há guerra subversiva que vingue se não for alimentada do exterior.*



os últimos oito anos passámos seis com o Comando — ou no comando — de Unidades Operacionais em diversas missões de campanhas.

Vivemos com unidades de reconhecimento a fase pré-insurreccional da nova maneira de fazer a guerra, e, passada esta à fase superficial, estivemos na quadrícula e na intervenção, e, também, com a missão específica de interdição duma fronteira. Sobre outras modalidades de empenhamento já escrevemos bastante, julgando ter concorrido, com experiência própria e observação directa, para a defesa da Cavalaria em todas as suas formas — Reconhecimento, a Cavallo, Blindada e Helicotransportada.

Com meios formais ou informais, cremos sinceramente que as tropas da Arma são as mais calhadas, pelo seu espírito e formação táctica e técnica, para este género de guerra. Com mais forte razão elas serão também as ajustadas para interdizer fronteiras, desde que lhes concedam o mínimo de condições e de meios para esse efeito.

Interdizer uma fronteira é, essencialmente, vigiá-la, batê-la em toda a sua extensão, percorrê-la constantemente, interdizer as linhas de penetração que a cruzem, dominá-la, enfim, neutralizando todas as violações que nela se verifiquem.

Esta é, pois, uma missão transcendente e complexa, que não se compadecendo com certas limitações e defeitos de estrutura, tem exigências extraordinárias de planeamento e coordenação, e também de meios humanos e materiais. Lógicamente que estes meios têm de corresponder à extensão e natureza da linha a interdizer e à falta de respeito que por ela se constate. Uma coisa é certa. Esta é missão que só se pode — ou deve — atribuir, quando criadas as condições mínimas para o seu cumprimento, princípio que aliás tem de ser seguido sempre que se atribui uma missão, seja qual for. Isto, se não se querer

## Revista da Cavalaria

atraioar a própria ética, ou abalar o conceito do dever, ou comprometer as retaguardas, ou impôr apenas uma missão de abnegado sacrifício. Em qualquer destes casos, poderá, quando muito, dar-se às Forças uma missão de cobertura sobre itinerários de penetração para o interior, sendo elas, de qualquer modo, forças para «queimar» em troca do Espaço e Tempo, para outras acções de maior vulto operacional.

Considerando, portanto, o espírito da missão chamada de *interdição de fronteiras*, convém assentar que a mesma só pode de facto ser consignada, face a determinadas condições reais ou potenciais de execução, e não apenas por questão de posição no dispositivo ou puro critério de concepção de manobra.

Além disso, o volume e valor das forças têm de corresponder à extensão e natureza da frente, ou compensada a sua escassez ou fraqueza com uma rede de comunicações bastante e meios próprios e de reforço suficientes e concorrentes para uma boa vigilância de área, e rápida intervenção em qualquer ponto da ZA.

Com itinerários transversais e axiais, meios de transporte e de ligação eficientes, apoio aéreo às operações e à logística, a missão de interdição de fronteiras, é, sem dúvida, das mais interessantes e compensadoras para qualquer Unidade ou forças empenhadas.

O cumprimento da missão em si, exige dos comandos e das tropas uma atenção e agressividade constantes, e, também, um trabalho eficiente de administração do pessoal e dos meios. Exige espírito de Cavaleiro e meios de Cavalaria reunidos em subunidades de vários tipos, sejam as de reconhecimento, motorizadas e a cavalo, forças blindadas, tropas aerotransportadas, e as de apoio móvel de Artilharia e Engenharia. Exige um apoio logístico eficaz, e, também, apoio moral preciso para manter as forças em acção sem desfalecimentos. Exige finalmente, o apoio indispensável das informações, obtidas por departamentos especializados, por uma cobertura aero visual e fotográfica permanente, e, também, através da escuta electrónica.

\*

Do que deixamos referido se pode concluir que, na guerra subversiva, esta missão é imperativa, tanto para quem a atribui, como para aqueles a quem compete a execução. Contudo, será sempre a quem está acima que competirá estabelecer as condições da sua exequibilidade e melhorar constantemente essas condições com perfeita noção das realidades e esforçado interesse.

## Revista da Cavalaria

Por outro lado considerando as características já tradicionais da guerra do mato, a que se juntam agora as manobras de guerra subversiva alimentada — sempre — do exterior, teremos ainda de concluir que é fechando as portas a essa ajuda que a guerra se poderá extinguir.

Assim, a interdição das fronteiras adquiriu uma importância capital, entendendo-se por isso que para esta actividade operacional se devem canalizar todos os meios humanos e materiais possíveis, deixando às forças policiais a segurança das retaguardas.

Esta noção de extinção parece-nos válida na medida em que a subversão é como um incêndio que se tem de apagar, mais neutralizando o combustível, do que atacando as chamas.

Um dia assistimos a uma grande queimada e, quando supunhamos que os bombeiros iam opôr-se à linha rubra do fogo, vimo-los atear novo incêndio do lado em que soprava o vento. Ficámos assim a saber que era mais rápido e eficaz o esforço dispendido daquele lado, do que andar a correr por aqui e por ali, a apagar as fogueiras que eclodiam. Quanto a estas, bastava controlá-las de modo que acabassem por se extinguir por si.

Cortados que sejam os canais de alimentação da subversão interna com forças convenientemente dispostas e dotadas, parece mais fácil extinguir os focos da subversão do que ter as forças dispersas ou concentradas de dentro para fora.

Claro que as extensões são grandes e as forças, quiçá, insuficientes, mas cremos sinceramente que uma boa coordenação de esforços entre as tropas dos três ramos das F. A., e entre estas e as outras forças a quem a guerra também compete, envolvendo afinal todas as potencialidades, políticas, administrativas, económicas, sociais, etc., não será difícil criar uma estrutura capaz de extinguir o grande incêndio que de há anos alastra ou se mantém activo nos nossos territórios ultramarinos. Para tanto, basta que tudo concorra para neutralizar os canais de combustível que o alimentam, e que correm, como todos sabem, de fora para dentro, em busca do comburente.

Quanto a este, outro tipo de campanha se tem de desenvolver, nos campos psicológico, educativo, social e económico. Sem esta, os espíritos continuarão secos ou virão a secar, e, facilmente se lhes pegará o fogo da propaganda que os nossos inimigos também trazem com as armas e alimentos.

Viçosos que estejam os nossos Campos, não haverá fogo que se lhes pegue!

Major ANTÓNIO MACHADO



Uma vez mais,

## CAVALARIA...



Em fins de 1967 desembarcaram algures em África 3 velhos carros de combate M5A1.

Postos em marcha no cais, lá seguiram pelo seu pé, através das lindas avenidas da cidade e pouco depois, com o «seu» Batalhão de Cavalaria, fizeram rumo ao Norte, percorrendo sem incidentes os duzentos e tal quilómetros de picada até ao local de destino. Seis meses depois tinham à sua conta cerca de 15 000 km dessas mesmas picadas, quando não em mata ou em todo o terreno, não propriamente em passeio, mas em acções operacionais em que se fazia ouvir não só o barulho dos motores, mas também o cantar das metralhadoras e o troar do canhão...

Neste momento lá continuam o seu serviço, noutras paragens porque foram mais para o Norte, mas lá continuam fazendo escoltas, firmes à testa das colunas, impondo o respeito da sua presença e das suas armas, garantindo a segurança nos acampamentos e altos, apoiando a abertura de novas estradas e pistas e sempre, em cada momento, acompanhando, amparando, animando os nossos soldados nas suas missões, duma forma simples, mas fortemente positiva: Eu estou aqui...

Porque aconteceu uma companhia inteira bater palmas à chegada dos «vêlhinhos» ao seu quartel depois de tantas horas duma certa angústia... porque se vão sair numa escolta em região perigosa a primeira coisa a saber é se «eles» também vão... porque sempre que «os» sentem roncando a seu lado, junto dos homens e das armas vai também

# Revista da Cavalaria

uma alma nova e um certo desejo que os «turras» apareçam para ver como é...

O destino destes carros, a sua missão, a sua utilidade, o seu aproveitamento, as conclusões da experiência feita, são tudo problemas que se equacionam nas páginas dos relatórios e na burocracia dos gabinetes de altas patentes.

Mas a sua presença amiga, a dádiva generosa das suas últimas energias, a história já escrita pelas suas armas e lagartas, são factos verídicos, vividos, sentidos, que merecem uma história da forma como se completam e confundem aquelas chapas de ferro soldadas e as almas dos homens que as animam.

\*

Coube aos cavaleiros do meu tempo viverem e sentirem em toda a verdade uma passagem do cavalo para o motor, motivo de tantas palestras e discursos, sempre com o mesmo mote e sempre com o desfecho brilhante que a Cavalaria seria sempre Cavalaria fosse a cavalo, de carro de combate ou... de helicóptero como se poderia já acrescentar.

Porque se não assistimos à chegada épica das primeiras motos NORTON ou dos carros BREN ou VALENTINE, ensinaram-nos tudo o que rezavam os regulamentos da táctica a cavalo, fizeram-nos montar e criar «calo» no fundo das costas, com toda a «tralha» a bater à volta da sela e muitas vezes segurando por uma espécie de bengala um fortemente ajaezado e carregado équino que dava pelo nome de «baste» e depois de nos verem cientes da arte de bem cavalgar em todas as guerras, mandaram fazer «alto», uma festa no fiel amigo, apeare e... montar novamente mas noutra tipo de montada, que se não mordida ou dava coices, nos deixava ainda muito mais maltratados.

Ainda na Escola do Exército eram intermediados os exercícios a cavalo e de carro e as exigências de pormenor, bem rigorosas, eram semelhantes nos dois casos, para nos entrar bem na cabeça que o carro precisava das mesmas atenções do cavalo, que primeiro estava o cavalo/carro e só depois nós, que uma luva branca passada no cavalo/carro não podia acusar a mais ligeira sujidade e assim por diante. E a coisa entrou mesmo.

A mão que nos altos ia apalpar os tendões foi sentir o aquecimento dos eixos e roletes de apoio; a verificação da cabeçada e cilha foi substituída pela leitura de níveis e instrumentos e assim mudámos, mas com

## Revista da Cavalaria

o mesmo rigor nos actos de serviço, as mesmas tradições na conquista da perfeição do conjunto, o mesmo entusiasmo para viver novas sensações e novas aventuras que o carro nos ia oferecer.

Quem podia ficar indiferente na sua presença imponente e agressiva, no momento único de motores em marcha na restolhoada gritante do primeiro arranque...

Como lembro hoje os bons tempos do 7, quando, com um galão dourado, dominava os meus cinco centauros...

Eram velhinhos, cheios de mazelas, com doenças crónicas que exigiam miraculosas mézinhas, mas que, quando o Sol sorria e os Deuses estavam de feição... Ah! Fazenda... quem poderia esquecer o troar maravilhoso do seu ROLL'S ROYCE, bem quente, bem certinho, com as chamas avermelhando o largo escape vertical, fazendo rugir assustadoramente os elos das lagartas...

O grande objectivo das guerras de então, a aventura máxima desses tempos era a ida ao Guincho, fazer fogos reais, duas vezes ao ano...

Uma semana antes tinham início os preparativos.

Revisão de ponta a ponta, mudar o óleo que só tinha meia dúzia de horas ou quilómetros, nova pintura verde azeitona por fora e alumínio por dentro.

Disputavam-se as latas, os pincéis e principalmente as peças de reserva. Sim, porque para se chegar lá, para se ganhar a corrida, havia que levar um saco bem recheado de cavilhas para as lagartas, discos, veios de ventoinha e arame, muito arame.

Depois havia os segredos, os truques de maior importância: treinava-se afincadamente o matulão escolhido para bater a cavilha e tirava-se à sorte o «voluntário» que iria segurar na mesma cavilha e não tirasse a mão quando a marreta se aproximava com toda aquela delicadeza...

Na véspera ninguém dormia. Colocavam-se as baterias que estavam à carga até à última hora, sangrava-se uma vez mais a direcção, desistia-se de tentar ligações rádio, sintonizando-se os postos amadores que davam sempre e terminava-se com uma longa conversa, cheia de carinho e promessas amorosas...

Tudo a postos. Chefe de carro à frente. Ordem de marcha. Últimas recomendações e logo, antes de começar, a palavra do dia: já sabem, cada carro que lá não chegue, pagas uma cerveja!

A marcha iniciava-se com um barulho ensurdecedor, com o falhar desagradável de bancadas completas e muito óleo e fumo negro num sintoma triste de velhice prematura...

## Revista da Cavalaria

Por alturas de Algés começam os sinais característicos... um fio de óleo sujo no alcatrão que vai engrossando cada vez mais enquanto a guarnição, crispada sobre o monstro, ainda acredita no impossível, até que um trovão mais forte atira com um tampão do radiador por ares e ventos e o vapor sai num jacto de mau agouro. Parar. Deixar arrefecer. Localizar o tubo de óleo. Enrolar o lenço à volta bem apertado com arame. Deixar passar todos os carros ouvindo as chacotas e contando mentalmente as cervejas...

Lembro-me que um dos carros, o 27-84, gastava uma cavilha de 5 em 5 minutos. Era o fim. Mas não foi porque estava lá o Vila Real. Pega na marreta e, bem firmado sobre a blindagem do motor, descarregou a sua raiva na cavilha traiçoeira que teimava em saltar em cada volta da lagarta. Acertava 1 em cada 3 mas lá se foi andando até que por alturas de S. Amaro foi cavilha e foi marreta e só não foi o Vila Real porque o carro, bem compreensivo, deu uma guinada oportuna para o outro lado.

Mas entre os cinco do Pelotão havia sempre um que salvava a honra da família. É impossível traduzir o que se sentia cá dentro quando «aquilo» atingia as 4000 r.p.m. na plena pujança do seu vigor, quando obedecia fiel às rédeas de abertura, quero dizer às alavancas de direcção, quando em plena marginal ultrapassava um a um os menos afortunados e finalmente, glória das glórias, fazia a sua entrada triunfal na encosta reservada ao tiro.

No dia seguinte a cerveja também contava no tiro ao alvo. Não havia sistemas complicados. Era questão de «olho», mas acertava-se mesmo. Havia que ter um certo cuidado em não nos colocarmos atrás da culatra, porque esta às vezes recuava, recuava e abria um pequeno rombo no velho posto P.19...

Depois destes velhos amigos que fomos abandonando, um a um, na parada de Beírolas, com as suas aventuras e as suas histórias, outros vieram, com novas modas, novos truques, novas amizades e enquanto lidámos com eles com aquele carinho e a atenção trazida do contacto com o cavalo, eles correspondiam, conheciam o dono e formava-se um conjunto perfeito, com uma identificação completa.

Depois veio a guerra no Ultramar, necessidades prementes de pessoal trouxeram grandes lacunas nas guarnições dos carros, alterações constantes impediram a continuidade de colocações e foi-se desconjuntando lentamente primeiro e cada vez mais depressa depois toda aquela maçonaria de vidas e leis próprias...

## Revista da Cavalaria

Esqueceram-se os jeitos, os truques, a história de cada carro... Passaram a ser grupos, números, monstros sem vida ou pelo menos sem alma.

E é por isso que agora, ao desenterrar da poeira do esquecimento estes 3 M5A1, escolhidos ao acaso entre os abandonados de há muitos anos, ao dar-lhes de novo condições de vida, ao criar, para cada um, aquela equipa que vai nascer do ferro e da carne, da máquina e da alma, me veio a lembrança dos bons tempos e ao vê-los fazer o que fazem, para além das conclusões técnicas ou táticas que se venham a tirar e que não estiverem presentes no âmbito deste artigo, volta de novo toda a beleza de ser cavaleiro, pelos campos fora, pela mata adentro, na tradição e no presente, a sentir e levar o fiel «bicho» sempre para o lado de lá, para onde a vontade quer, mesmo que seja um velho e cansado M5A1...

Porque a máquina, seja qual for o seu tipo, forma ou grau de automatismo, precisa sempre do homem no comando, ditando a sua vontade e para que esse conjunto resulte no cumprimento das missões próprias que nos estão atribuídas terão de se unir, de se completar muito bem, e terão sempre emprego, serão sempre necessários os ensinamentos dos cavalos, as lições do passado, o trato, entusiasmo e fé do verdadeiro cavaleiro com a sua montada.

\*

Nenhum dos homens que se tinham oferecido como voluntários, da CCS do Batalhão, tinha já visto um carro de combate.

O primeiro contacto foi difícil. Nada sabiam um do outro. Mas havia muito para dar, de parte a parte e a coisa começou.

Como havia que cumprir o plano das instruções do I. A. O. era depois das horas de serviço e durante a noite que se estabelecia o namoro... e como iriam enfrentar juntos a vida e a morte, era um namoro muito a sério.

Peça por peça, tudo foi desmontado, tudo foi limpo, tudo foi preparado. Ficaram a conhecer-se bem e começaram a compreender-se cada vez melhor.

Durante duas noites, no intervalo das patrulhas, fez-se a rodagem dos motores, 30 minutos a 1500 r.p.m., 15 a 1000. Olhar atento nos instrumentos, registo das leituras de 5 em 5 minutos.

## Revista da Cavalaria

Depois provas de marcha. Ensaios de lagarta e caixa. Rotação da torre. Aparelhos de pontaria. Fogos reais. Tirar a máxima cadência das metralhadoras.

Aquela lâmpada que não acende, a fita que não corre, aquela caixa de transferência que verte óleo...

Corrigir, afinar — conhecer, sentir, amar...

Grande dia o da prova final. Voltam os bons tempos. Já se conhecem, já se compreendem. São um todo. Para o que for preciso. E os três carros cumprem os 200 km à média de 50 km/hora — os carros e os homens, que não vivem separados.

Quem olhasse nessa madrugada para aqueles cavaleiros feitos à pressa, comungando com os «seus» carros da euforia daquela pequena vitória, podia imaginar-se na final do Campeonato do Cavalo de Guerra quando, junto do bicho, cansados os dois, revivem os bons momentos que passaram e sonham com voos maiores.

O mais difícil estava feito.

Não é de estranhar depois que em qualquer alto, já lá na «guerra», enquanto o pessoal comia e repousava um pouco, o carro fosse revisto de ponta a ponta, à espreita da fuga traiçoeira, do aquecimento dum rolamento, duma correia solta. Que nas noites de chuva se vissem em cima dos carros os «seus» homens a aconchegar a cobertura, secar o distribuidor, tapar as armas, com o carinho duma Mãe que vela pelo seu Filho... que uma hora depois do regresso da lama os carros brilhassem como numa parada para a revista...

Que eram malucos, diziam à partida. Que rebentavam num minuto, que nem passavam do porto a ferver por todos os lados...

Não, ainda não rebentaram, nem ferveram, embora sejam «obsoletos» e com destino à sucata...

Que perguntem, sim, aos turras, como «fervem» as balas das suas Ponto 30...

Como fogem da emboscada traiçoeira ao sentirem a sua chegada, como temem o «jeep-elefante»...

Que contem as marcas dos seus elos nas picadas e zonas de «festa» certa...

E se nos dermos ao trabalho de verificar o número de carros operacionais entre a centena e meia de modelos recentes, de técnica avançada, beneficiando do apoio de todos os escalões, se somarmos nos seus registos as poucas centenas de quilómetros percorridos no alcatrão e pistas de exercícios, teremos de vibrar também um pouco com aqueles 3 carros vindos do Norte de África ou das praias da Normandia, espre-

# Revista da Cavalaria

midos em Aveiro, Belém ou Estremoz, abandonados há vários anos em Beiroas, continuando em forma, pelas picadas poeirentas e acidentadas lá do Norte com a lama, o clima e os turras pelo meio, a viver, com as suas guarnições, novas aventuras, no esteio das mais belas tradições duma Arma e do verdadeiro espírito cavaleiro.

NOTAS — 1 — O carro de combate M5A1 é uma versão aperfeiçoada do STUART M5 e foi fabricado em Detroit de 1938 a 1945.

Distinguiram-se no Norte de África, Oceania e Europa, principalmente na tomada de Paris e na ponte de Remagem.

2 — Os 3 carros destinados ao Bat. Cav., como viaturas de acompanhamento, tiveram unicamente as seguintes alterações, feitas pelas guarnições, com a ajuda muito grata do comando e pessoal das O. G. M .E.:

- colocação de uma rede fina nas entradas de ar de arrefecimento;
- remoção do termostato;
- aumento da circulação de ar pelo corte de chapas e abertura de orifícios;
- remoção de chapas e caixas desnecessárias;
- rodagem conveniente dos motores.

3 — As acções realizadas, substituição de peças, consumo de munições, quilómetros percorridos e demais pormenores relativos à experiência em curso e ao comportamento dos carros, encontram-se nos relatórios enviados mensalmente.

Capitão MENDES PAULO



# Patrulhamentos

(Alguns ensinamentos de campanha)

*Definição;*

*Finalidade;*

*Aspectos fundamentais;*

*Diferenciação de Província para Província.*

Ao iniciar esta palestra, convém antes de mais, relembrar o que se entende por um «patrulhamento».

Segundo os nossos regulamentos, «Patrulhamento» é a acção levada a efeito por patrulhas, que percorrem, com a maior frequência e densidade possíveis as regiões não guarnecidas, onde se sabe ou se presume, que existam elementos rebeldes, a fim de:

- a) Obter notícias sobre o IN e dados sobre o terreno e população;
- b) Procurar o IN e hostilizá-lo o mais possível, atacando-o directamente, destruindo as suas instalações e minando ou armadilhando as zonas mais percorridas pelos rebeldes e as linhas de infiltração;
- c) Manter contacto com a população afastada das povoações guarnecidas, colaborando na acção psicossocial e no controle dessa população.

Consoante os patrulhamentos são levados a efeito utilizando viaturas ou não, assim são chamados **MOTORIZADOS** ou **A PÉ**, podendo ainda considerar-se os que, utilizando os dois meios de deslocamento,

## Revista da Cavalaria

se denominam MISTOS (será o caso de uma patrulha que faz parte do itinerário em meios auto e outra parte a pé). Mistos serão ainda os patrulhamentos em que a força executante utiliza inicialmente, para o seu deslocamento, helicópteros ou embarcações.

Vamos hoje tratar em especial dos patrulhamentos a pé.

Conforme a sua missão principal, as patrulhas designam-se ainda de:

- Vigilância;
- Abertura;
- Reconhecimento;
- Combate;
- Contacto com a população.

- a) *Patrulhas de vigilância* são aquelas que têm como missão principal a vigilância móvel dos itinerários, procurando obter informações sobre a actividade do IN e criar a este um clima de insegurança, que o impeça de executar obstruções, colocar minas e armadilhas e preparar emboscadas;
- b) *Patrulhas de abertura*. Muitas vezes a falta de meios disponíveis ou até a pequena importância de alguns itinerários impede ou não justifica a constituição de patrulhas de vigilância, que pressupõem sempre uma certa frequência na sua actividade. São então constituídas patrulhas de abertura, que precedem, com a antecedência conveniente, as colunas a deslocar. Têm estas patrulhas de abertura como finalidade inspecionar o itinerário, desobstruí-lo, desembaraçá-lo de quaisquer minas e armadilhas existentes e, eventualmente, explorar as suas imediações, por forma a repelir quaisquer elementos rebeldes emboscados;
- c) *As Patrulhas de reconhecimento, de combate e de contacto com as populações* têm respectivamente as finalidades atrás indicadas, ao darmos a definição do patrulhamento.

No entanto ao planear-se uma acção de patrulhamento, não se deve ter a preocupação de dar às patrulhas uma designação específica, uma vez que, em regra, elas terão simultaneamente as finalidades de reconhecer, combater e de contactar com as populações, ainda que uma dessas finalidades tenha prioridade sobre as outras.

## Revista da Cavalaria

É o patrulhamento a pé a actividade preponderante e também a mais difícil para o nosso militar na guerra em que estamos empenhados na Guiné, em Angola e Moçambique.

É actividade preponderante, porque é através dos patrulhamentos que tomamos conhecimento exacto e pormenorizado da zona de responsabilidade da nossa subunidade, dos seus acidentes e itinerários, da extensão e tipo das suas manchas florestais e regiões pantanosas, do IN que nela opera, das populações que nela vivem ou se refugiam, etc., etc.

E porque os Comandos necessitam de estar sempre actualizados acerca destes elementos, pode dizer-se que os patrulhamentos a pé são o pão nosso de cada dia» do combatente no nosso Ultramar.

É também o patrulhamento a pé a actividade mais difícil, pois é a que exige maiores qualidades físicas e morais, uma sólida instrução individual do combatente, uma grande disciplina, espírito de sacrifício e um acentuado espírito de missão.

Estou ainda tentado a dizer que é o patrulhamento a pé, de entre todas, a actividade mais ingrata.

Na realidade, só quem ao longo de uma ou mais comissões, palmilhou, nas zonas afectadas pelo terrorismo e subversão, os matos de Angola, Guiné ou Moçambique, de espingarda automática nas mãos, sofrendo os calores ardentes dos capinzais e bolanhas ou tiritando ao frio das madrugadas africanas, com o camuflado encharcado de suor ou de chuva, quantas vezes das duas coisas, por paradoxal que pareça, só quem sentiu cravarem-se na carne os espinhos dos arbustos ou pior ainda, o chumbo das balas inimigas, só quem durante horas, sob vegetação cerrada, quase impenetrável, progrediu de «gatas» ou com o corpo dobrado, só quem, esgotado pela caminhada de longas horas, às vezes dias, patrulhou, combateu e sofreu, poderá alcançar no seu inteiro significado, a afirmação feita de que é o patrulhamento a pé a actividade mais difícil e ingrata, desenvolvida pelas NT no Ultramar.

Para se fazer uma ideia do que se afirma, bastará no entanto pensar-se que a finalidade principal da maioria dos patrulhamentos a pé é da obtenção de informações sobre o IN. São patrulhamentos em que nomeadamente se procura o contacto e por conseguinte de características nitidamente ofensivas, a tal ponto, que há a tendência de designar esses patrulhamentos de ofensivos. E se nos lembrarmos, que estas acções quase sempre levadas a efeito, em regiões de subversão activa; com um desconhecimento quase total, da nossa parte, do terreno que percorremos, em contraste com o IN que o conhece perfeitamente, por

## Revista da Cavalaria

na maioria das vezes nele sempre ter vivido; onde a nossa tropa é o elemento que se desloca e o IN o elemento estacionado, onde a nossa missão é positivamente andar «à pesca» como em calão vulgarmente se diz, fácil é compreender que o IN tem, em relação a esta nossa actividade, muitas vantagens.

Tem o IN muito cuidado com a sua segurança, montando em volta dos seus «quartéis» ou das suas bases um sistema que se mostra muito eficaz. Estabelece-se nos pontos mais inacessíveis das matas, monta sentinelas por vezes a 3 e mais quilómetros dos seus refúgios, armadilha os itinerários de acesso, camufla por vezes os inícios desses itinerários, patrulha as regiões em volta e ao fim e ao cabo acaba quase sempre por detectar as NT. Na maioria dos casos, após essa detecção, tem tempo para decidir sobre a atitude a tomar. Se tem força e agressividade monta emboscadas e reage à penetração das NT, caso contrário não se revela ou dispersa-se. Na primeira hipótese existem muitas probabilidades de contarmos algumas baixas entre o nosso pessoal; na contrária, as NT regressarão ao quartel sem contacto e com informações de nenhum ou reduzido valor sobre o IN que queremos destruir. E se as baixas sofridas podem afectar o moral do nosso pessoal, o certo é que as saídas em falso, em que nada se viu, em que o IN não se revelou, em que não houve um tiro, não são menos desalentadoras. E quantas vezes isto não acontece consecutivamente em 3 ou 4 acções de patrulhamento?!... O pessoal começa a sentir a pouca ou mesmo nula rentabilidade do seu esforço, sente-se ludibriado pelo IN e tende a desanimar.

Como solução, só há que insistir na actividade operacional, e se possível orientá-la sobre um objectivo definido que proporcione o desejado contacto. Conseguido este, tudo se renova. O nosso militar esquece as saídas em falso e é com entusiasmo e orgulho, que, à chegada ao quartel, relata aos camaradas que ficaram, os inimigos abatidos, os presos feitos ou as armas capturadas.

Vejamos de seguida a que distância dos aquartelamentos das NT, podem ser levados os patrulhamentos apeados.

Diz-nos o guia «O Exército na Guerra Subversiva» no seu volume II «Operações contra bandos armados e guerrilhas», que serve de base a este trabalho, que em regra o raio de acção das patrulhas apeadas não poderá ir muito além de metade da distância que é possível percorrer numa dezena de horas (isto com tropas bem treinadas). Este conceito parece-me um tanto vago. Vejamos o que a experiência me diz.

# Revista da Cavalaria

Vários factores condicionam o raio de acção das patrulhas:

- Inimigo (forte ou fraco, aguerrido ou desmoralizado);
- Terreno (plano ou acidentado, de mata ou savana, pantanoso, etc.);
- Efectivos da patrulha;
- Ligações com o comando que as destacou;
- Possibilidades de reabastecimento (munições, água, víveres, etc.);
- Carregadores;
- Etc.

Dentro ainda deste aspecto, atentemos no que se passa no nosso Ultramar.

O IN acoita-se normalmente em zonas muito afastadas dos aquartelamentos das NT e para as alcançar, é frequente ultrapassarem-se os 30 ou 40 km. E para nos certificarmos melhor que assim é, bastará reparar-se nas horas de saída das NT. Em regra estas saiem dos aquartelamentos entre as 21h00 e as 23h00. A noite é toda passada a andar. Tirando pequenos intervalos, a caminhada só acaba com a chegada ao quartel, lá já para o meio da tarde. E se na Guiné estas distâncias são mais frequentemente menores, em Angola os patrulhamentos apeados são normalmente levados a distâncias quase impossíveis. Evidentemente que existem várias maneiras de alargar o raio de acção das patrulhas apeadas: transporte inicial das forças incumbidas de um patrulhamento, por helicóptero, com viaturas ou embarcações ou lançando mão de patrulhas de nomadização ou de base de patrulhas.

Quanto a *utilização de meios heli* para transporte das patrulhas, pode dizer-se que não é processo utilizado no nosso Ultramar. Como razão única e admissível desta utilização, apenas o número reduzido de helicópteros em serviço, que praticamente apenas são empregues e com raríssimas excepções, em evacuações, reabastecimentos de tropas em operações e transportes operacionais de tropas de comando ou das forças pára-quedistas.

O *transporte inicial de uma patrulha em viaturas ou mesmo em barcos* é processo corrente por nós utilizado no Ultramar, embora muito mais frequente o primeiro do que o segundo; mas enquanto o transporte em viaturas contribui para a quebra da surpresa, o segundo expõe bastante, aos fogos vindos das margens, o pessoal que o utiliza, além de que os barcos, que sendo normalmente de borracha e portanto sem

## Revista da Cavalaria

qualquer espécie de protecção, utilizam muitas vezes motores fora de bordo, com os óbvios inconvenientes de barulho, o que denuncia as NT.

No que se refere a *patrulhas de nomadização*, estas não são mais do que forças que dispõem de um equipamento e instruções que lhes permitem actuar longe dos seus aquartelamentos por alguns dias.

Quanto a *bases de patrulhas* estas são normalmente do efectivo de Companhia, que deslocando-se para pontos sucessivos da zona a patrulhar, deles fazem irradiar os elementos necessários, em regra ao nível pelotão, para a execução dos patrulhamentos.

Antes da execução de um patrulhamento, e para que dele se tire o maior rendimento, é necessário que se tenham em atenção os seguintes pontos:

- a) *Missão* — A cada patrulha deve ser dada uma missão precisa e pormenorizada. Caso contrário arriscamo-nos a obter resultados nulos ou muito fracos. A missão deve ser do conhecimento de todos os elementos da patrulha, que igualmente devem ser instruídos, em pormenor, do que se sabe acerca do IN que será possível encontrar, das possibilidades deste, do terreno a percorrer e da população a contactar;
- b) *Preparação* — Deve ser o mais cuidadosa e detalhada possível. Há que atender à missão, à duração do patrulhamento, a que distância da base este será levado, ao IN em presença (seu valor, agressividade, efectivos e articulação, etc.), ao armamento e equipamento a utilizar, aos efectivos a empregar, às dotações suplementares de munições, ao número de carregadores, etc. De notar que todos estes factores são interdependentes e se influenciam mutuamente, tendo todos por base a missão a cumprir;
- c) *Comdt/Patrulha* — Antes de se decidir sobre quem comandará a patrulha, há-de considerar-se que:

(1) — Um Comdt/Patrulha deve possuir, além de uma sólida competência técnica e boa capacidade física, espírito combativo, iniciativa, bom senso, simpatia da maior parte dos seus subordinados e, sempre que possível, experiência de acções semelhantes;

(2) — Em certos casos será aconselhável que os Comdt/Patrulha sejam escolhidos, atendendo às suas qualidades, pois

# Revista da Cavalaria

que destas dependerá em grande parte o sucesso do patrulhamento;

- (3) — Em contrapartida é de toda a vantagem que as patrulhas sejam efectuadas por elementos de uma unidade constituída — secções, pelotões ou mesmo companhias — sob as ordens do respectivo comandante, de modo a garantir uma inteira cooperação, que só é possível entre indivíduos habituados a combater juntos.

A constituição de uma patrulha depende, principalmente, de:

- missão a desempenhar;
- natureza do terreno a percorrer;
- actividade do IN;
- atitude da população nativa;
- distância a que a patrulha se vai afastar da base;
- duração do patrulhamento.

Em qualquer caso, o efectivo da patrulha será sempre de modo a garantir:

- o cumprimento da missão;
- uma segurança permanente.

Sobre este assunto, vejamos o que a experiência de duas comissões no Ultramar (em Angola de 1962 a 1964 e na Guiné de 1966 a 1968) me ensinou.

Antes de mais convém frisar que o efectivo de uma patrulha deverá ser o mínimo possível, tendo em atenção, como já se disse o cumprimento da missão e a segurança da própria patrulha.

Enquanto estive em Angola no comando de uma companhia operacional, o IN, com que me tinha de defrontar, permitiu-me que na maioria das vezes não tivesse de empregar em patrulhamentos mais que um grupo de combate e algumas vezes até efectivos inferiores aos de um pelotão normal.

Outras vezes empenhei dois Grupos de Combate e outras ainda cheguei a utilizar a quase totalidade da companhia, deixando no estacionamento apenas os indispensáveis elementos de segurança.

Na Guiné, onde desempenhei as funções de Oficial de Operações de um Bat. Cav. e onde só esporadicamente tomei o comando de forças

# Revista da Cavalaria

em operações, raras vezes as Companhias do meu Batalhão utilizaram, em patrulhamentos, efectivos inferiores a 2 Grupos de Combate, empenhando correntemente 3 Grupos de Combate (praticamente toda a Companhia) reforçados por elementos da milícia local.

Quer isto dizer que os efectivos a empenhar são condicionados fortemente pelo factor segurança, imprescindível para o cumprimento da missão. A um IN forte, moralizado e aguerrido terá forçosamente de corresponder da nossa parte um efectivo volumoso em pessoal e armamento. Em contrapartida um IN mal armado, pouco manobrador e com pouca ou nenhuma aguerrividade, permitirá a utilização de efectivos mais reduzidos. Em qualquer caso todavia, só muito raramente e em condições excepcionais, um Comdt/Companhia se atreverá a lançar para o mato, a não ser que ele próprio também vá, efectivos inferiores a um Pelotão, com missão de patrulhamento.

## Ligação

É evidente que a ligação entre as patrulhas e o comando da Unidade que as destaca, terá de ser feita pela rádio.

Outros meios são pouco viáveis, para não dizer impraticáveis, pelo menos com a eficiência que é de desejar.

Vejamos o que colhi da experiência.

Em Angola levei acções de patrulhamento a distâncias consideráveis do estacionamento da minha companhia, para já não falar da sede de um Batalhão. Porque em Angola nunca contei com apoio aéreo em acções deste género, o único rádio, que sempre me assegurou as ligações com a retaguarda, foi o AN/GRC-9. Utilizei uma vez o HF-156, mas com péssimos resultados.

Mas será o AN/GRC-9 um rádio portátil, fácil de transportar através de matas emaranhadas? A resposta terá forçosamente de ser negativa. Então como me havi? Utilizando carregadores nativos.

Já na Guiné o problema foi de mais fácil solução.

Quantos por lá passaram tiveram com certeza ocasião de constatar quanto ali são difíceis as ligações rádio terra-terra, principalmente a determinadas horas.

Felizmente que ali conta-se em grande número de acções com o apoio aéreo e o AN/PRC-10 resolve da melhor forma a ligação terra-ar. Mas quando não há avião a questão muda muito de figura.

O AN/PRC-10 assegura a ligação à superfície apenas a curtas distâncias e além desse tipo de rádios o meu Batalhão apenas dispunha

# Revista da Cavalaria

de rádios DHS, que muito dificilmente cumpriam. O que acontecia, era que na maior parte das vezes e quando não havia PCV, as tropas empenhadas não se comunicavam com a base com a regularidade desejada, ou não o conseguiam em absoluto. Pois se os AN/GRC-9 instalados nos estacionamentos, com antenas bem montadas e devidamente orientadas, não falavam entre si a certas horas do dia e a partir de certas da noite, nem utilizando a grafia!...

## Deslocamentos

São 4 os princípios pelos quais a patrulha deve orientar a sua actuação durante o deslocamento:

- Silêncio;
- Alerta permanente;
- Reacção pronta;
- Surpresa:
  - Medidas de decepção;
  - Itinerário;
  - Silêncio;
  - Rapidez de progressão.

## Formações

As formações a utilizar dependem:

- Das características do terreno;
- Probabilidade de emboscada e outros encontros com o IN;
- Volume de fogos necessário a desencadear em determinado momento;
- Necessidade de maior ou menor controle por parte do comandante.

As formações utilizadas na grande maioria dos casos são o losango e a coluna.

Só o terreno (matas fechadas por exemplo) ou a falta de visibilidade podem impôr a formação em coluna, pois na quase totalidade dos

# Revista da Cavalaria

casos será o losango a formação utilizada, que oferece as seguintes vantagens:

- Possibilidade de vigilância e de fogo em todas as direcções;
- Grande flexibilidade de desenvolvimento;
- Facilidade de comando.

Em ambas as formações o Comdt/Patrolha deve deslocar-se junto dos elementos mais avançados, para observar o terreno, manter a direcção e controlar a velocidade de marcha.

Os elementos especializados devem ser incluídos no meio da formação ou mesmo na retaguarda.

Quanto aos guias, embora colocados junto aos elementos mais avançados não devem deslocar-se na frente das formações, pois o facto de marcharem nas testas, traz-lhes inibições que podem levar a erros voluntários ou não da sua parte e ainda serem mais facilmente abatidos ou feridos o que privaria a patrolha do seu concurso.

Convém salientar, que em qualquer operação no mato, os elementos intervenientes das NT devem actuar agrupados em parelhas, cujos componentes se auxiliam, protegem e apoiam mutuamente em todas as circunstâncias. É oportuna a ocasião de referir o que sobre este assunto foi adoptado pelo meu Batalhão, durante a sua comissão no CTIG; o sistema de parelhas foi criado logo desde a I. A. O. ainda na metrópole e levado a tal ponto, que, já na Guiné, se procurou que os elementos de cada parelha tivessem nas casernas as camas sobrepostas e no refeitório lugares contíguos.

## *Locais de pernoita ou para bases de patrolhas*

No Norte de Angola, onde o terreno se mostra em regra bastante ondulado, por vezes até montanhoso, os lugares mais convenientes para uma tropa pernoitar na mata ou para a instalação de bases de patrolhas, parece-me serem os pontos altos, em opposição aos vales.

No caso da Guiné, em que predomina a planície, e onde existem terrenos pantanosos (bolanhas) ligados a matas mais ou menos fechadas, parece-me que os locais que oferecem maiores condições de segurança são dentro da mata, junto à orla que confina com a bolanha. Ocupar clareiras, como me foi dado ver, é o mesmo que convidar o IN a ocupar as orlas da mata, e daí, a coberto, desencadear, quando lhe apeteecer, os seus ataques, como também aconteceu.

# Revista da Cavalaria

## Reacção das patrulhas

Finalmente e para terminar este trabalho, quero referir, ainda que de maneira esquemática, as reacções das patrulhas, que são em número de quatro:

- Contra-emboscada;
- Emboscada imediata;
- Assalto imediato;
- Golpe de mão imediato.

*Contra-emboscada* é a reacção de uma patrulha que cai numa emboscada.

*Emboscada imediata* é a reacção de uma patrulha que avista alguns elementos rebeldes em movimento, antes de ser detectada por eles.

*Assalto imediato* é a reacção de uma patrulha que é descoberta por elementos rebeldes em movimento, imediatamente antes de os avistar, ou que os avista ao mesmo tempo que é descoberta por eles.

*Golpe de mão imediato* é a reacção de uma patrulha que referencia um elemento de vigilância de um bando rebelde estacionado e foi, simultaneamente avistada por esse elemento.

## Capitão RESTOLHO MATEUS

«Atacar sempre, inicialmente com surpresa, depois com incessante pressão, improvisando, aceitando os riscos sem estar sempre à espera dos reabastecimentos».

*Directiva dada aos Chefes Militares de Israel*

# EMBOSCADA



## 1 — Considerações Gerais



operação militar com a designação de emboscada pode ser considerada para nós como o flagelo número um, de toda a guerra travada no Ultramar. É pois um problema de primordial importância, tão importante quanto as vidas que tombam para sempre como consequência da mesma. E de facto é assim. Talvez 90% das nossas baixas sejam motivadas pelos ataques às nossas colunas; mais particularmente os feitos a nossas colunas auto pois são bastante remuneradores para o IN e desmoralizadores para as nossas tropas. Toda a força aquartelada no mato precisa de ser reabastecida pelo menos uma vez no mês; ou então a tropa precisa de deslocar-se para determinada região utilizando viaturas; outras vezes ainda o inimigo ataca quando é preciso ir à água. As emboscadas feitas a colunas apeadas são menos perigosas dado que se luta como costuma dizer-se «taco a taco», pois não temos que parar as viaturas e apeiar o que por si só constitui poderoso «handicap» para as forças inimigas. A resposta ao fogo é imediata assim como a formação da manobra. De facto, a reacção a uma emboscada feita a uma coluna motorizada é um problema extremamente delicado. O fogo inimigo intenso e cerrado não permite no momento a possibilidade de movimento.

Tudo contribui para que a emboscada se processe de qualquer maneira, a maioria das vezes até, negando os princípios básicos que

## Revista da Cavalaria

os livros nos ensinaram. O pó, o mau estado das picadas, as chuvas, a vegetação, dificultam grandemente a progressão constituindo por si só, um obstáculo difícil de vencer não sendo preciso por vezes que haja contacto inimigo para que a coluna tenha grandes problemas a resolver.

O que é uma emboscada? Estamos fartos de ler nos livros e jornais, ver no cinema e TV. É isso mesmo. É tropa que se desloca; depois o IN, que estava protegido e camuflado ataca procurando eliminar o maior número de elementos, evitar a progressão ou então fá-lo com o intuito de fazer sentir a sua actividade atemorizadora. As pequenas diferenças que se fazem sentir de lugar para lugar vão assentar sempre nos pontos chave que caracterizam a operação militar. Começamos pelas colunas motorizadas e nestas as colunas de reabastecimento. Admitimos a necessidade do reabastecimento. O ideal seria o mesmo ser feito pelo ar. Mas pondo de lado esta hipótese, o mesmo tem que ser feito pelas intermináveis, lamacentas e poeirentas, horríveis e cansativas picadas. E é aí que o inimigo nos espera. Tive oportunidade de verificar que raras eram as vezes em que saíamos sem que houvesse contacto IN. Pressupõe-se como é evidente a existência de um grupo, a que nós chamaremos de vigilância e que é permanente. Basta a simples colocação do dispositivo de coluna, com as viaturas voltadas para o itinerário, para o IN se aperceber da saída. Como um raio, a notícia é propagada pelo mato através, sei lá, dos ramos das árvores, como se fossem os próprios pássaros que a transportasse nos bicos.

Vai formar-se a coluna.

Vejamos a sua constituição.

A coluna propriamente dita é constituída por viaturas civis que são as que carregam o reabastecimento. São camiões tipo ....., conduzidos normalmente por autóctones.

Quando a defesa fixa dos pontos vitais dos itinerários e a vigilância móvel entre esses pontos não forem suficientes para garantir com segurança a execução dos deslocamentos, ter-se-á de fornecer escoltas às colunas tantos civis como militares.

Quando se prevê a existência de minas, costuma pôr-se rodando à frente da coluna uma viatura pesada, à qual se adapta um rebentaminas.

Qualquer que seja a estação do ano, as condições atmosféricas causam independentemente do IN problemas de momento, que obrigam a paragens tanto mais perigosas quanto mais demoradas se tornam. Talvez não consigam imaginar a grande quantidade de pó que se eleva no ar à passagem duma viatura em tempo seco. No entanto

## Revista da Cavalaria

é-nos muito mais querido esse tempo que o das chuvas. As enxurradas alagam por completo as picadas, arrasam as pontes, provocam a imobilização das viaturas que ficam atascadas por vezes simultaneamente. A princípio com condutores menos experientes, qualquer distância de 100 quilómetros não se faz em menos de dois dias. E isto sem que o IN se manifeste.

E as pontes? Normalmente de madeira ou bambu, estão constantemente a ser objecto de destruição do IN, que quando as não pode destruir as armadilha. Mas tudo tem solução, e se por acaso uma ponte está destruída, lá teremos os nossos militares cortando árvores, apanhando pedras, remediando o mal. São tremendos os sacrifícios exigidos. Mas a coluna prossegue; dedo no gatilho, até o próprio silêncio é suspeito. Qualquer cantar assustado de um pássaro é motivo de precipitação e de susto. Muitas vezes a aviação protege a coluna e nessa altura, confesso, é um alívio. É uma sensação de não estar sozinho, como costuma dizer-se, de ter as costas quentes. Mas nem sempre a Força Aérea pode escoltar e nessa altura tem-se quase a certeza de que o IN vai atacar. Ele sabe do nosso deslocamento; desconfia-se do local da emboscada, são tantas as vezes que lá se passou. Nós chamamos-lhe a Curva da Morte.

Muitos dos nossos amigos já lá tombaram. Isso não impede que o avanço prossiga, sem um mínimo de hesitação. A floresta de um e doutro lado da picada é densamente arborizada a ponto de os próprios ramos das árvores se abraçarem sobre o caminho.

Os nossos militares sabem que toda a atenção é pouca e a expectativa aumenta de momento para momento.

PUM.

Agora sim, aconteceu como nas vezes anteriores. O rebentamento de uma mina, seguido de várias explosões e depois um tiroteio cerrado.

Gritos de dor; gritos de incitamento. Às vezes há mortos, outras vezes feridos e ainda outras, uma e outra coisa.

O IN fugiu como sempre acontece, entra-se em contacto com o quartelamento e processa-se a evacuação dos atingidos.

Volta-se à normalidade e a coluna prossegue.

Mais adiante repete-se a cena. E isto durante toda a extensão do itinerário.

É esgotante...

Vejamos qual o dispositivo IN.

Existe quase sempre uma detenção à frente; ou é uma mina, ou uma ponte destruída ou uma abatiz ou simplesmente o próprio fogo

# Revista da Cavalaria

inimigo. Existe um grupo de 2 a 3 elementos a cerca de dois metros da picada, cuja missão é atirar granadas de mão para os militares. Atrás deste surge um outro que protege a retirada dos primeiros.

Isto em traços gerais, porque o dispositivo depende muito das características da actuação do IN na região.

Para ficarmos com uma melhor ideia do assunto seguem-se alguns exemplos de casos reais.

Por vezes monta-se uma segurança descontínua no itinerário a percorrer pela coluna.

Essa segurança consiste na colocação de tropa nos pontos que nos parecem mais perigosos. Podem mesmo destacar-se patrulhas que percorrem os intervalos entre os pontos.

Esses pontos são ocupados com antecedência pelas NT.

O reconhecimento pelo fogo deve ser feito com muita parcimónia. Bastam uns quantos tiros sobre pontos suspeitos.

## 2 — Alguns ensinamentos da campanha

Para o regresso foi a coluna articulada num escalão apeado e outro auto. O primeiro avançava cerca de 800 metros após o que se instalava, comunicando para a retaguarda a fim de as viaturas se lhe juntarem. Tinha como missão detectar ao longo do itinerário, a implantação de engenhos explosivos ou qualquer emboscada.

Quando o escalão auto se aproximava do apeado, que se encontrava nessa altura a cerca de 100 metros, foi ouvido um tiro de pistola do lado direito da estrada, imediatamente seguido por um tiro de LGF que atravessou à frente da 2.<sup>a</sup> viatura. A reacção foi imediata e quando a granada rebentou já todo o pessoal se encontrava deitado no chão. Simultaneamente foi ouvido forte tiroteio de metralhadoras, armas automáticas e semi-automáticas, de ambos os lados da estrada e com uma extensão tal que se avalia em 450 metros abrangendo todas as viaturas e ainda os homens da cauda do escalão apeado. Este dada a intensidade da vegetação, nada conseguira detectar apesar de ter progredido com a maior precaução. Não era possível qualquer manobra nem tão pouco ataque frontal, devido à vegetação. O lançamento de granadas de mão era difícil, pois o mato quase forma um túnel ao longo da picada. Foi feito fogo frontal quase a descoberto, por não haver a mínima ondulação de terreno que constituísse abrigo. Foi tentada a progressão a rastejar mas não se conseguiu penetrar mais de 2 metros no mato.

# Revista da Cavalaria

Presumiu-se que o IN estivesse constituído em dois grupos: um forte do lado esquerdo e outro mais fraco do lado direito. Após a nossa primeira reacção e quando se verificou que o IN estava a acabar de fazer tiro, foi dada ordem de cessar fogo.

Como o IN não tivesse respondido ao fogo de reconhecimento dei ordem para que metade do pessoal de cada viatura montasse, enquanto a outra metade permanecia instalada. Quando o primeiro grupo começou a subir para as viaturas, o IN desenvolveu novamente grande potencial de fogo, incidindo em especial sobre a primeira viatura. A acção IN fez-se sentir principalmente do lado esquerdo. Prontamente se reagiu mas voltaram a ser infrutíferas as tentativas de manobra. Depois de ter cessado o fogo, foi dada ordem para prosseguir a marcha, com todo o pessoal apeado à frente das viaturas visto não ser viável progredir nos flancos. Quando se iniciou essa marcha e ainda não eram andados 50 metros mais uma vez o IN abriu fogo sobre as NT. Desta vez o fogo durou 5 minutos e já muito mais fraco, pelo que se supôs que tinham ficado apenas alguns elementos inimigos para retardar a marcha, a fim de dar tempo a outros para montarem nova emboscada mais à frente. Prosseguiu-se a marcha com todo o pessoal apeado até chegar ao primeiro escalão. A cauda deste igualmente estivera debaixo de fogo. Dei ordem para que o escalão apeado andasse mais 500 metros, agora com as viaturas imediatamente na sua cauda e com o pessoal à frente. Após este percurso e para evitar que o IN pudesse montar nova emboscada em força, mandei todo o pessoal subir para as viaturas e seguir apenas em colunas auto.

## Conclusões

a) Verificou-se ser muito vantajosa a articulação da coluna em dois escalões, pois aumentou consideravelmente o comprimento da coluna havendo assim pessoal fora da «zona de morte» que conseguiu fazer fogo de flanco.

b) Apesar de terem sido tomadas todas as precauções constata-se que só com a desmatação é que poderá haver deslocamento auto com relativa segurança.

c) Mais uma vez se verificou que o IN inicia a emboscada de um lado da estrada com um grupo fraco enquanto o grupo forte se encontra do lado oposto.

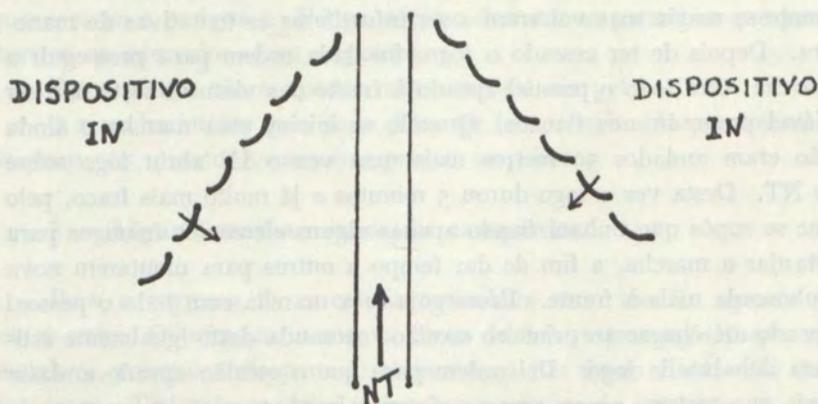
d) Verificou-se que a viatura alvejada pela LGF foi a 2.<sup>a</sup> da coluna.

# Revista da Cavalaria

e) Notou-se também que o IN por duas vezes simulou que tinha retirado, a fim de que as NT pudessem continuar a marcha e nessa altura voltar a actuar sobre elas.

\*

Um grupo de IN com o efectivo de 15 a 20 elementos atacou utilizando 2 metralhadoras, espingardas automáticas e GM durante cerca de 5 minutos, sem consequências. O IN dispôs os seus elementos em «V».



Em cada um dos ramos do «V» colocou uma metralhadora e espingardas automáticas, cruzando os seus fogos.

Manteve fogo muito vivo durante 5 minutos com uma pequena pausa a meio. O IN debandou à reacção das NT.

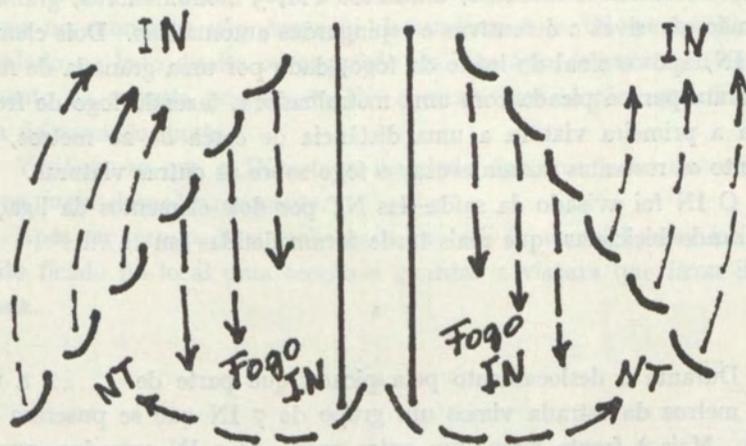
## Comentários

Este dispositivo adoptado pelo IN já não é a primeira vez que é assinalado. Julga-se que o referido dispositivo facilitará a fuga do IN quando as NT tentem manobrar, pois os elementos IN mais próximos da testa da coluna das NT, podem retirar a coberto do fogo dos outros elementos, que retirarão sucessivamente. O itinerário poderá ficar enfiado pelo fogo IN, incluindo LGF, até quase ao final da sua retirada.

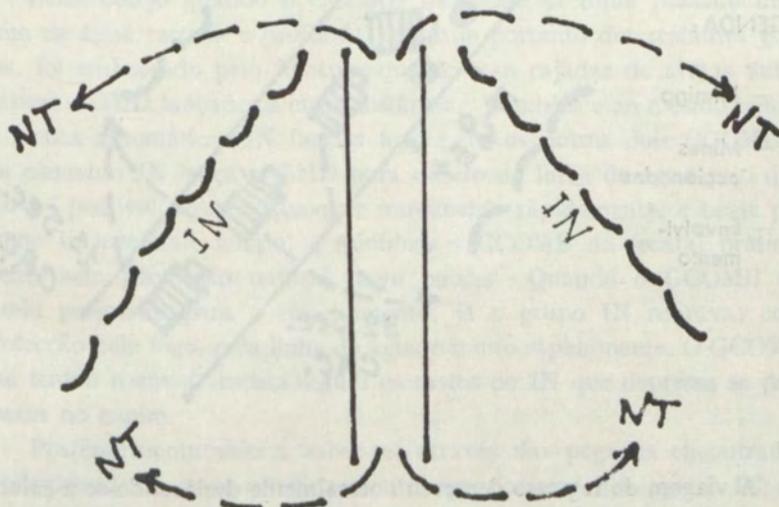
Parece que no caso do IN montar este dispositivo, será preferível que as NT, depois de apeadas das viaturas, tentem manobrar em sentido inverso no final do dispositivo IN, e simultâneamente no sentido da marcha, para um e outro lado do itinerário.

# Revista da Cavalaria

## RETIRADA SUCESSIVA DO IN



## MANOBRA A TENTAR PELAS NT



# Revista da Cavalaria

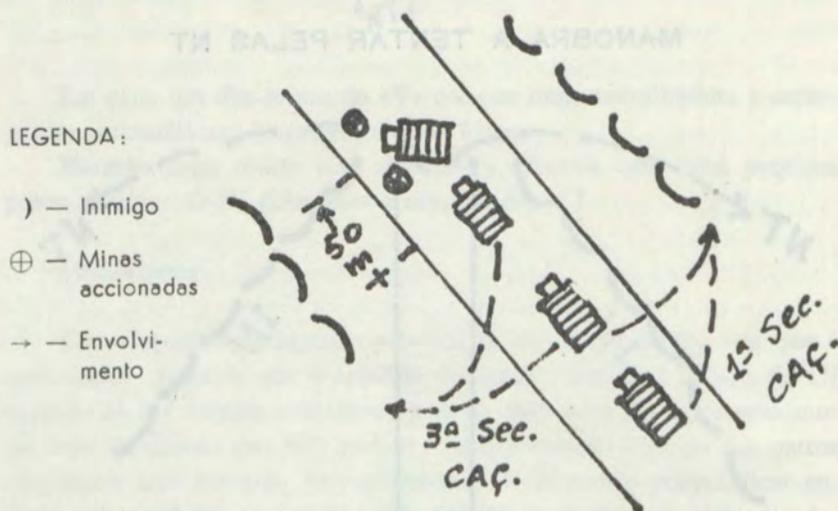
\*

A coluna no regresso ao quartel, foi atacada às 06h25, a cerca de 5 km de ..... por um grupo do IN que se estimou entre 15 a 20 elementos fortemente armados, utilizando PM, 3 metralhadoras, granadas de mão ofensivas e defensivas e espingardas automáticas. Dois elementos IN, após o sinal do início do fogo, dado por uma granada de mão, saltaram para a picada com uma metralhadora, fazendo fogo de frente para a primeira viatura a uma distância de cerca de 20 metros, enquanto os restantes faziam cruzar o fogo sobre as outras viaturas.

O IN foi avisado da saída das NT por dois elementos da ligação, utilizando bicicletas, que mais tarde foram detidas em .....

\*

Durante o deslocamento pela picada que parte de ..... a uns 500 metros da estrada vimos um grupo de 7 IN que se puseram em fuga. Mais à frente vimos um outro grupo de 3 IN armados, que se puseram em fuga igualmente.



A viagem de regresso decorreu normalmente deslocando-se a coluna com as viaturas distanciadas umas das outras cerca de 50 metros até que, cerca de 10 km do quartel, se produziu o rebentamento de uma

## Revista da Cavalaria

mina na roda dianteira esquerda da viatura da frente, a que se seguiu uma emboscada. O local era pouco arborizado e com bastante capim. Imediatamente todo o pessoal saltou das viaturas, tendo a 2.<sup>a</sup> secção, que vinha na viatura da frente, respondido ao fogo IN. Um soldado desta secção, ao saltar para o chão accionou outra mina reforçada. Como no momento não consegui determinar se o IN se encontrava instalado no lado direito ou esquerdo do itinerário determinei o envolvimento da suposta posição do IN, com as duas secções que ficaram fora da zona de morte.

Verificou-se que o IN estava instalado dos dois lados da estrada e que fugiu desordenadamente.

Após ter terminado a emboscada procedi à evacuação dos feridos, tendo ficado no local uma secção a guardar a viatura que ficou danificada.

\*

06h30 — Alarme dado por uma sentinela e disparada uma rajada para o local suspeito, sem resultados. Levantada a emboscada à saída do estacionamento progredia-se junto ao rio, e a abrir caminho seguia um dos três grupos de combate sob o comando do comandante de companhia.

Pelas 08h30 quando o GCOMB da frente já tinha passado uma linha de água estreita e profunda separado portanto dos restantes grupos, foi emboscado pelo flanco esquerdo com rajadas de armas automáticas e GMD lançadas a curta distância. Também e ao mesmo tempo as armas automáticas IN faziam fogo para os outros dois GCOMB e um elemento IN lançava GMD para dentro da linha de água pelo que não foi possível fazer-se qualquer movimento rapidamente, e nesse pequeno intervalo de tempo, 4 minutos, o GCOMB da frente, praticamente sem protecção natural, teve baixas. Quando o GCOMB da cauda progrediu para o envolvimento, já o grupo IN retirava, com protecção pelo fogo, pela linha de água e muito rapidamente. O GCOMB que tentou o envolvimento seguiu os rastos do IN que depressa se perderam no capim.

Posteriormente veio a saber-se, através das pegadas encontradas e relacionadas com os estacionamentos que foram feitos, que o IN seguiu as NT durante três dias procurando o momento mais oportuno para realizar um ataque rendoso.

# Revista da Cavalaria

Um grupo IN, estimado em 40 a 50 elementos, encontrava-se na região há 2 ou 3 semanas antes da emboscada, certamente observando o movimento das nossas colunas e procurando o local e oportunidade mais propícia à emboscada. Notícias anteriores e posteriores à acção, levam a supor que os grupos IN eram comandados pelo ..... e ..... do anterior referenciados como comandantes de grupos móveis que actuam a partir de ..... Durante 4 ou 5 dias antes da acção o IN permaneceu numa mata pequena, a 50 metros da estrada. Para a emboscada o IN instalou-se a E de um troço plano de estrada após uma subida íngreme, em terreno com capim; articulou-se da forma seguinte:

- Grupo A (detenção à frente) — 3 ou 4 elementos com Metr. e LGF, instalado a 3 metros da estrada, aproveitando um afloramento rochoso com 2 metros de altura, enfiando a zona de morte ao longo de 150 metros;
- Grupo B (assalto) — subdividido em 2 grupos de 10 a 15 elementos com Metr., PMetr., instalados a 3 metros da estrada, a cerca de 100 metros do grupo de detenção, com os grupos distanciados de 30 a 40 metros, cobrindo assim toda a zona de morte;
- Grupo C (detenção à retaguarda) — 4 ou 5 elementos com Metr. dominando a rampa; aproveitava um vale de escoamento de água, existente quase no cimo da rampa;
- Grupo D (recolha) — 5 ou 6 elementos IN com uma Metr., ocupando um afloramento rochoso com 5 metros de altura a 40 de estrada. Dominava toda a zona de morte e o itinerário até ao começo da descida;
- A 100 metros da estrada, elevado cerca de 20 metros, o local onde o IN possivelmente instalou um posto de observação.

No esboço seguinte, primeiro representa-se a emboscada e depois para a comparação, a instrução sobre emboscadas ministrada em ..... conforme vários documentos capturados.

Emboscada é uma acção feita para surpreender inimigos; é feita com muita pressa, pelo menos 5 minutos. É preciso ter informações do inimigo; as distâncias a que andam, o material que levam, lugar da peça (Metr.), lugar do posto rádio, lugar do chefe geral, saber a hora

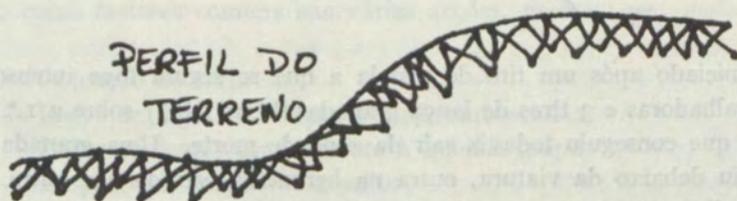
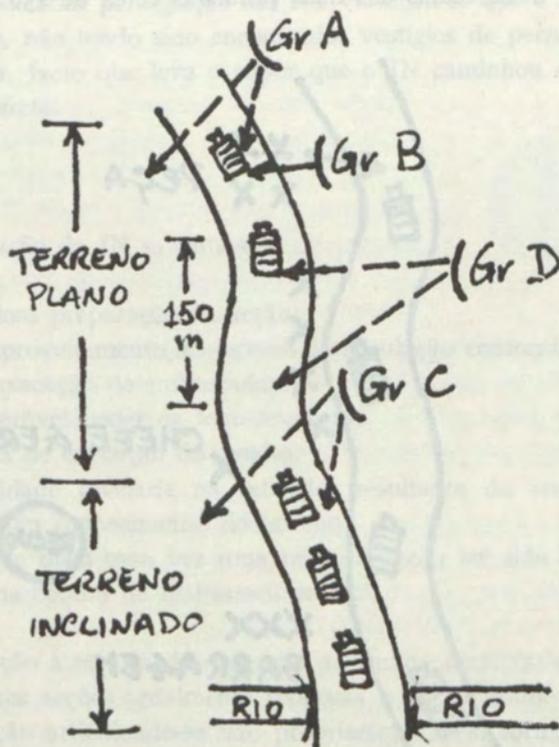
# Revista da Cavalaria

e se costumam mandar um ou dois observadores, com que preparar fazer uma emboscada.

Documentos recentes, sobre a técnica de emboscadas referem ainda:

O escalão de cobertura tem por fim assegurar a liberdade de acção do escalão de choque (assalto); se este está em vias de atacar o con-

stante dependendo das suas condições de 220 metros. O objectivo do escalão de choque é de 220 metros. O objectivo do escalão de choque é de 220 metros.

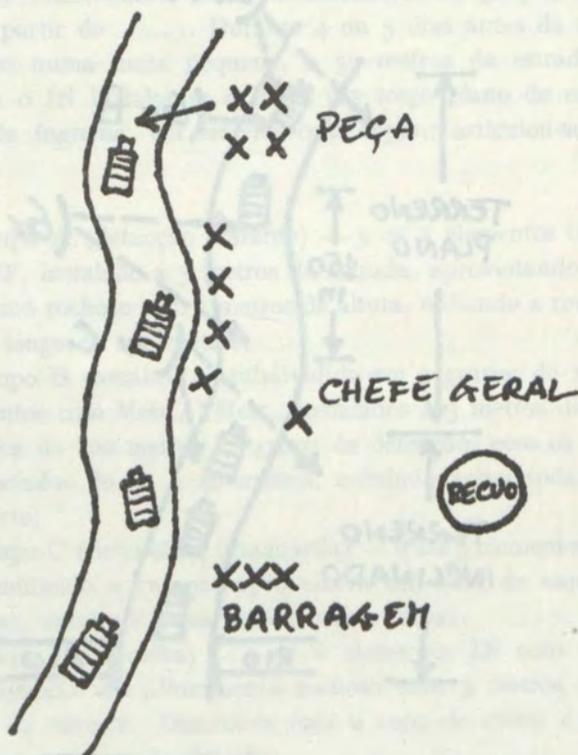


junto do objectivo, o escalão de cobertura fecha todas as direcções de possível chegada de socorros para o IN se o escalão de choque não pode actuar senão sobre uma fracção de objectivo, o escalão de cober-

# Revista da Cavalaria

tura deve dar prioridade a impedir que o resto da coluna possa ter liberdade de acção.

O fogo IN foi iniciado pelo grupo de detenção à frente sobre as duas únicas viaturas que se encontravam na zona de morte. As restantes, 2 ..... carregadas com reabastecimentos e pessoal e um ..... com Metr. BREDA, ainda não tinham conseguido vencer a íngreme subida, estando distanciadas das duas primeiras cerca de 150 metros. O fogo



foi iniciado após um tiro de pistola a que se seguiu fogo intenso de metralhadoras e 3 tiros de lança granadas ACar (M57) sobre a 1.<sup>a</sup> viatura que conseguiu todavia sair da zona de morte. Uma granada explodiu debaixo da viatura, outra na berma da estrada e a outra não explodiu. Após um curto período de fogo intenso, o IN lançou imediatamente o assalto sobre a viatura em que os 4 ocupantes estavam neutralizados. Entretanto o grupo de detenção à retaguarda fixava pelo fogo os ocupantes das 3 últimas viaturas, ainda em plena rampa; o comandante da coluna e dois elementos que seguiam nestas viaturas

# Revista da Cavalaria

conseguiram, no entanto, chegar à frente e já na zona plana da estrada bater pelo fogo o IN que assaltara a viatura e se dirigia já para a outra; a partir desta altura o IN retirou, dirigindo-se para E, e em direcção do rio.

No grupo IN foram referenciados elementos fardados de camuflado e outros com camisas amarelas e de outras cores.

Durante a posterior perseguição das NT verificou-se que o IN deixou falsas pistas, não tendo sido encontrados vestígios de pernoita no trilho de retirada, facto que leva a supor que o IN caminhou durante toda a noite seguinte.

## Conclusões

### a) Da actuação do IN salienta-se:

- A cuidadosa preparação da acção;
- O bom aproveitamento do terreno e articulação conforme a técnica de execução de emboscadas;
- O considerável poder de fogo revelado;
- A rapidez de execução do assalto;
- A mobilidade revelada na retirada, resultante da resistência física e bom conhecimento do terreno;
- O facto de mais uma vez uma rendosa acção ter sido dirigida sobre uma coluna de reabastecimentos.

b) Em relação a técnica de execução de emboscadas, faz-se notar que em anteriores acções igualmente rendosas o IN se soube sempre adaptar à situação articulando-se não propriamente pela forma representada no esboço mas dum modo eficiente para o caso concreto; no entanto como factores comuns nas várias acções, mantém-se:

- Obtenção de surpresa;
- Poder de fogo em relação à força emboscada;
- Fogos eficientes praticamente à queima-roupa;
- Emprego de grupos de assalto;
- Núcleos que apoiam pelo fogo a retirada dos que actuam junto à estrada;
- Retirada rápida, deixando várias pistas.

Tenente PINTO MACHADO

# RECORDANDO UMA EXPERIÊNCIA...



urante um ano estagiei numa Companhia de «Comandos», nela aprendi a conhecer-me e a conhecer os outros, a lutar e a sobreviver, com ela verifiquei que nem sempre a teoria dirige a realidade; muitas vezes falha.

Em resumo, esta minha experiência tornou-me um pouco mais homem e mais militar, só me posso congratular com isso, pena foi, que não fosse por mais tempo.

Durante este espaço de tempo compreendi que os soldados valem o que valerem os seus chefes, é nos exemplos destes que está o incentivo, para que aqueles se realizem, e é no querer de todos que está a vitória.

Uma força armada vale na razão directa da instrução que recebeu e do chefe que a dirige. Numa guerra como esta, há determinados princípios que não podem ser menosprezados, na preparação de uma força armada, para nela intervir.

Assim temos que primeiro mentalizar a tropa para o que lhe vai ser pedido, depois instruí-la, por fim dirigi-la.

Na mentalização, temos de psicologicamente preparar os homens, para todos os sacrifícios que lhe vão ser pedidos e para compreender a nobreza da sua missão. É de primordial importância não prometer nada, que não possa vir a ser realizado, e cristalizar os seus ideais em qualquer coisa de nobre e sublime, que o fortaleça contra o cansaço moral, físico e contra maus exemplos.

Depois temos de instruir a tropa, sabendo que esta vai actuar em circunstâncias bastante diferentes das do dia a dia na Metrópole; mas podemos encontrar nesta, algo de parecido, onde se pode tentar a adaptação. Temos que ter em atenção determinados tópicos que não podem ser descuidados, de entre eles salienta: a disciplina, e dentro desta a disciplina de fogo; o silêncio nos deslocamentos e sempre; o passa-palavra; a vigilância; o não andar nas picadas e nos trilhos;

# Revista da Cavalaria

o saber orientar-se; o saber como abordar determinados obstáculos; e no fim, o saber actuar contra o IN.

Comecemos por falar sobre a disciplina, que é antes do mais essencial para que uma tropa possa existir, como organização e não como bando. A disciplina está para o Exército, como a gasolina ou o combustível estão para a máquina que fazem trabalhar; é-lhe absolutamente necessária.

E necessária sempre muito especialmente em combate. A disciplina de fogo é mais uma maneira de mostrar a necessidade da disciplina.

Temos de ter a certeza que, os nossos homens em qualquer situação, estão de tal modo disciplinados que só farão fogo quando este for absolutamente necessário. O soldado não poderá normalmente fazer fogo sem autorização do chefe imediato, só em circunstâncias extraordinárias de perigo lhe será possível fazer fogo, sem ter havido ordem para tal.

O IN conhece a força que enfrenta pela disciplina de fogo desta.

Numa guerra de selva como esta que estamos envolvidos, o superior que ordena o abrir fogo, tem além do mais de estar consciente da posição relativa das suas forças, para evitar que estas se possam atingir mutuamente.

Normalmente num deslocamento a corta-mato, e são estes os únicos deslocamentos que oferecem alguma segurança, como se vai em coluna por um, só os homens da frente abrem fogo, isto porque normalmente os contactos com o IN são à frente.

Outro ponto a analisar é o silêncio que deve haver em todas as acções das NT, se queremos actuar com surpresa e não ser surpreendidos, devemos actuar, e deslocarmo-nos com o máximo silêncio. Silêncio nas acções, silêncio nos momentos de descanso em círculo, silêncio sempre.

É de boa norma num deslocamento a corta-mato, de vez em quando, parar, para escutar os ruídos à nossa volta; poderemos ouvir o IN a falar, trabalhar, etc., o que nos permitirá atacá-lo de surpresa, e não sermos surpreendidos.

Como norma só utilizamos as picadas para os reabastecimentos, e nessa altura com todo o cuidado, isto é, com guardas de flanco se o terreno o permitir, picadores para detectar as minas e armadilhas e o pessoal necessário para a segurança do deslocamento. Fora desta situação andaremos a corta-mato, e claro necessitamos de uma maneira de obter ligação, isto é, transmissão de ordens e de informações; isto

## Revista da Cavalaria

obtém-se através do que chamamos «passa-palavra». Pois bem o passa-palavra não é mais do que um processo de transmissão de palavra feita homem a homem, em que cada homem transmite sem barulho ao que lhe está imediatamente a seguir, aquilo que lhe transmitiram a ele. É a única maneira prática de em Operações se transmitirem ordens e informações, mas obriga a que todos os homens estejam mentalizados sobre a importância da reprodução fiel do que ouviu. Para se ter uma ideia das consequências de uma má reprodução de ordens enviadas pelo «passa-palavra», assiná-lo que comigo por 2 vezes, os últimos no decorrer de uma Operação não passaram revista a um Acampamento IN com devido pormenor, por o «passa-palavra» chegar distorcido. Deste modo temos que mostrar ao pessoal a importância da ligação rápida, fiel e silenciosa.

Vamos agora falar da vigilância que devemos manter em todos os momentos. É primordial que cada homem esteja vigilante, e que saiba qual a sua quota-parte, na vigilância colectiva.

Estes cuidados aumentam extraordinariamente em relação aos dez primeiros homens, e destes em relação ao primeiro homem.

O primeiro homem da coluna deve ser um indivíduo essencialmente «desconfiado» e esperto.

Ao primeiro homem compete vigiar e escolher o caminho mais seguro; para isso vai a corta-mato pelos locais que lhe ofereçam mais segurança. Deste modo evita as clareiras a mata aberta, os montes descampados, em resumo todos os locais de onde possa partir uma acção do IN.

Assim passo a enunciar alguns cuidados a ter nos deslocamentos; não devemos atravessar clareiras pelo meio mas sim envolvê-las pela periferia da mata; não seguir pelas cristas, mas sim a meia encosta; também não seguir pelos vales se estes forem estreitos e não oferecerem segurança; ter o máximo cuidado na travessia dos trilhos feitos pelo IN, pois podemos ser vistos a atravessá-los, etc. Devemos ainda deixar o mínimo de vestígios da nossa passagem em especial fazer desaparecer as embalagens e restos das rações de combate. Eliminar tudo o que origine o cheiro fora do meio ambiente, proibir o tabaco. Todos estes cuidados parecendo supérfluos, são na realidade bastante necessários.

Falemos agora na maneira de progredir no terreno. Em todas as circunstâncias, devemos seguir a corta-mato, pois assim eliminamos as acções do IN que originam mais baixas nas nossas forças e que são, as armadilhas e emboscadas. Este cuidado deve ser levado ao ponto de, nem no regresso, utilizar o itinerário aberto quando do acesso. Deve-

## Revista da Cavalaria

mos ter ainda o máximo cuidado com os Acampamentos abandonados, com as correntes de água que o IN abandona, pois são locais que IN costuma armadilhar.

Debrucemo-nos sobre o problema da orientação em Operações. Começo por dizer que é bastante difícil orientarmo-nos no mato pois que normalmente não são visíveis referências; assim é difícil saber se vamos na direcção certa se numa paralela a esta; de qualquer modo estamos relativamente orientados. Temos ainda para nos ajudar o Sol, a Lua e o Cruzeiro do Sul, além de picadas e outras referências que porventura haja na zona, assim como os grandes obstáculos naturais. Em circunstância alguma nos podemos entregar nas mãos de um guia, normalmente indígena, que nos poderá arranjar muitas surpresas. Assim é de boa norma logo que se inicia o deslocamento perguntar ao guia qual a direcção do objectivo, medir o azimute aproximado, e durante o trajecto ver em que direcção vamos, assim como qual a direcção onde o guia diz estar o objectivo. Já me aconteceu verificar quando de uma tentativa de Golpe de Mão, o guia estar a fazer-nos andar em círculo, na zona prevista do objectivo, provavelmente à volta do Acampamento do IN para conseguir que fosse detectada a nossa presença.

Para finalizar estas palavras, sem preconceitos e sem outro fim que não seja, o tornar mais fácil e produtiva a nossa acção, como força moduladora de uma sociedade pacífica, evolutiva e pioneira, quero focar levemente alguns pontos referentes à nossa acção contra o IN.

A nossa acção directa processa-se através dos golpes de mão e emboscadas, essencialmente.

O tipo de golpe de mão que vou descrever, pode não ser nada clássico, mas todas as vezes que aplicado, deu resultado. Assim temos que o golpe de mão para obter o máximo de surpresa e de acção de choque, deve ser efectuado de noite, começar com o desencadear de fogo que bata todo o objectivo, e efectuado pelo número de homens que se consigam pôr em posição sem alertar o IN; se o abrir de fogo tiver que ser feito por poucos homens será feito por poucos, o mais importante é manter a surpresa. Depois de desencadear o fogo deve-se lançar o assalto, com o máximo de barulho, a força que posteriormente irá manter a segurança à frente, na periferia do Acampamento, enquanto outra força faz a busca, e outra se mantém no local de onde foi lançado o assalto, protegendo a retaguarda. Os homens que se lançam ao assalto devem fazê-lo com ordem, ligados à vista, avançar em linha se possível, fazendo o máximo de barulho; depois de chegarem ao fim do acampamento, devem deitar-se virados para fora, protegendo

## Revista da Cavalaria

os homens que farão a busca, o mais depressa possível; pois o IN pode ter morteiros apontados para o acampamento, ou desencadear qualquer outra acção de fogo.

Depois de passar a busca dá-se o sinal de retirada, retirando primeiro quem fez a busca depois o pessoal que foi ao assalto e fez a segurança à frente, depois os que fizeram a segurança à retaguarda, todos retirando pelo local por onde começou o assalto, mas abandonando logo de seguida o itinerário de acesso. É importante mecanizar o pessoal nestas manobras, para que tudo se passe em ordem e com rapidez.

Depois de os homens que efectuaram o assalto terem feito a segurança à frente, devemos conservar o maior silêncio possível.

Analisemos agora a emboscada, começemos pelos cuidados a ter na disposição da emboscada. Assim nunca devemos ir ao local onde queremos que fique a zona de morte, nem aos acessos desta, para que o IN não veja sinais da nossa presença. Os homens devem estar bastante bem escondidos e serem poucos para não descurem a vigilância. O grosso da força permanecerá em círculo, num local não longe, onde possa com rapidez apoiar o pessoal emboscado, e aproveitar o tempo em que está em círculo para descansar e comer. O pessoal emboscado não se pode mexer, ou fazer qualquer outra coisa que não seja estar quieto, vigilante e pronto a disparar. Como o IN está sempre vigilante não podemos descurar em nada, os nossos cuidados.

O pessoal que está emboscado estará o mais vigilante possível, e com cada homem a saber qual o IN que lhe calha, isto é, se o IN vem da direita o seu será por exemplo o 6.º a contar da frente, se vier da esquerda o 3.º, etc. Isto para evitar que haja atrapalhações, em que toda a gente dispare, ou contra o primeiro homem, ou contra outro tipo qualquer, lá porque tem por exemplo um chapéu todo folclórico.

O pessoal emboscado só abre fogo à ordem; a ordem pode ser dada à voz, e por isso o pessoal tem de estar relativamente perto. Deve-se conseguir que o IN não dê pela ordem de fogo, para não se deitar por terra antes do desencadear deste. Assim que se abrir fogo, o pessoal do círculo deve vir em auxílio do pessoal que estava emboscado, para os apoiar e cobrir, quando da revista e recolha de material e documentos. Depois da emboscada devemos abandonar imediatamente a área, visto que nesta, depois de esta alertada, cessam todos os deslocamentos do IN, e este dispersa ou reúne-se para actuar contra as NT. Considero que não tem interesse na montagem de emboscadas utilizar vários grupos, incluindo detecções, grupo de vigilância, protecção, etc.; considero mais produtivo utilizar um só grupo e com pouca gente; até porque o

# Revista da Cavalaria

IN que cai na emboscada normalmente é muito pouco, e o grupo pequeno é pouco vulnerável à detecção. Considero ainda sem utilidade, contra o IN armado, os cercos e as batidas em zonas de selva fechada, pelos perigos que acarretam para as NT, pois que núcleos das nossas forças se podem envolver em conflito sem se conhecerem, como já algumas vezes, infelizmente, aconteceu.

Concluindo, tudo o que fica escrito, é como que um apanhado daquilo que aprendi e que penso poder vir a ser útil a outros.

Alferes SALGUEIRO MAIA

A floresta não pertence ao mais forte, mas ao mais habilitado, ao mais resistente, ao mais sóbrio.



Uma das razões fundamentais do moral das forças de Napoleão residia na confiança que elas tinham nos seus próprios recursos.

# Uma Páscoa diferente



s cinco da manhã levantei-me, vesti o camuflado, calcei as botas de lona por serem mais cómodas, apertei o cinturão com as cartucheiras e peguei na minha G-3. Junto do arame farpado o meu grupo de combate já me aguardava em cima da «BERLIET».

— Meu alferes, gritava o Ruço, as suas rações de combate já as tenho eu aqui.

— Tá bem, obrigado.

O Ruço era a minha «parelha». Alentejano de gema, adorava as saídas para o mato. Explicava ele que estava farto do arame farpado, queria desabafar, dar tiros. Rude mas sincero, eu gostava dele.

As cinco horas ainda mal se via.

O condutor pôs o motor a trabalhar que só pegou à terceira. Pelo caminho, eu lembrava-me das palavras do Comandante: «eles foram vistos nas margens do rio... não se sabe ao certo quantos são... talvez oito... talvez dez... todos armados... cuidado com as armadilhas... «eles» devem estar cansados...». Apesar de eu ter já explicado a situação, reinava boa disposição no meu grupo.

A trinta quilómetros, na picada onde «eles» deixaram as pegadas, abandonámos a viatura e, em coluna por um, entrámos no mato, seguindo o rasto do inimigo. Começava assim o nosso domingo de Páscoa de 68. Porém, só me lembrei desse pormenor quando o Ruço me segredou, em tom galhofeiro, sorrindo — «que bela Páscoa vamos ter, meu alferes».

Imediatamente me apercebi das dificuldades que iríamos experimentar. A densidade e altura do capim misturado de canas de bambú entrelaçadas, não só nos dificultava a progressão como o silêncio. De quando em vez tínhamos de rastejar por entre determinados obstáculos naturais que a vegetação cerrada teimava em nos oferecer. Por vezes os rastos multiplicavam-se em diversos sentidos, prova evidente que os «turras» tencionavam entreter-nos e iludir-nos. Só a perícia do guia nos valia na descoberta do rasto comum, às vezes a uma distância de mais de duzentos metros do local de dispersão. Entretanto o guia serviu-se desta figura para nos explicar a manobra que eles executaram:

## Revista da Cavalaria

— Aqui, eles fizeram como o búfalo ao caçador: volta atrás e ataca-o pela retaguarda.

Efectivamente, havia sinais de «eles» terem dado meia volta e montado uma emboscada, em meia lua, sobre o próprio rasto. As cascas de mandioca já secas e os abrigos sovados convenceram-me que haviam dormido ali na noite anterior. O avanço em relação a nós seria portanto de cinco a seis horas no máximo.

O Sol escaldava. Via o suor dos meus homens escorrer pela testa. Notei os seus rostos contraídos, li a fadiga expressa nas frequentes mudanças dos cantis já quase vazios, dum ombro para o outro. Também a minha camisa se colava ao corpo húmido.

À passagem dum riacho fiquei radiante quando deparámos com o sítio onde «eles» comeram a mandioca. Deixaram restos que examinei com atenção. Estavam ainda húmidos, sinal que havíamos recuperado tempo. Os cuidados redobravam. Qualquer pio de pássaro nos sobressaltava. O Sol baixara por entre o arvoredor. Era fim da tarde. Calcorreámos já largos quilómetros durante doze horas seguidas. Ao anoitecer teríamos que dormir em qualquer sítio, à espera da manhã seguinte. Mas, ao pôr do Sol notámos um vago fumo subir por entre o arvoredor, umas centenas de metros à nossa frente.

— São «eles», meu alferes, disse o guia; já os oiço!

Eu não ouvia nada. Ele, porém, tinha razão. Num cuidadoso envolvimento conseguimos chegar a uns escassos cinquenta metros. Entretinham-se a cozer a mapira e não nos pressentiram. Um tiro precoce de um dedo nervoso fê-los desalojar detrás do morro de «muchém». Num ápice desapareceram em fuga desordenada. Ao grito: «— Vamos a eles, rapazes!», avançámos em corrida, galvanizados, fazendo «cantar» as nossas G-3, em rajadas sucessivas na direcção que «eles» tomaram. Na fuga, responderam ainda com meia dúzia de tiros isolados, felizmente sem consequências.

Tudo se calou. Uns breves minutos de angustiante silêncio a aguardar o desenrolar dos acontecimentos... A espessura do capim não nos deixou ver mais nada! Anoitecera. Numa rápida busca ao local encontrámos dois mortos. Junto deles as suas armas, algumas granadas e diverso material. Os restantes fugiram. Tivemos que regressar ao aldeamento onde a «BERLIET» nos aguardava. Com o contentamento visivelmente estampado nos rostos, regressámos. À chegada voltei a lembrar-me que era domingo de Páscoa. Um domingo de Páscoa diferente.

Alferes Miliciano ALMIRO NEVES

## «Força, ardil e coração»



conteceu algures no Norte de Moçambique na «Terra da guerra e da verdade», onde os homens se identificam consigo próprios, e reconhecem como válidas e espontâneas as relações de amizade e compreensão entre todos os que trabalham, lutam e morrem...

A operação começara havia meia dúzia de horas, e, já com um fornilho que rebentara parcialmente e destruíra apenas um pneu do «rebenta minas», a coluna prosseguia marcha lenta e vigilante, quando de súbito, avistei algumas viaturas à frente da minha, o característico cogumelo de fumo e pó seguido do tremendo ribombar de um fornilho bem guarnecido.

Perante uma informação pouco elucidativa do nosso posto 1, resolvi verificar por mim mesmo e corri ao local do sinistro. O fornilho havia rebentado atrás da 7.<sup>a</sup> viatura que o accionou, e ceifado a vida a um heróico camarada que já não sorria ao ver chegada ao fim a operação que tão entusiasticamente havíamos preparado dias antes no quartel.

Mas não é a picada local adequado para chorar os mortos e a operação tinha que continuar.

Assim, depois de comunicado o ocorrido para a Base, o «rebenta minas» reiniciou a marcha, imponente, vigilante, ameaçador, rasgando o matagal de feijão macaco que quase anula só por si a vontade dos mais resistentes e abnegados.

Durante o resto do dia não houve mais incidentes a registar e, assim, ao fim da tarde quando o pôr do Sol empresta ao mato um ambiente falsamente pacífico, chegámos a um estacionamento das NT, onde, após a habitual troca de impressões, e reconfortados com refeição quente, tão diferente da ração de combate, adormecemos exaustos.

Na manhã seguinte ainda o sol não aparecera no horizonte, já nós deixávamos o estacionamento e prosseguimos a missão que tínhamos a cumprir. Entrados no desvio que conduzia à picada a reconhecer, e onde à cerca de um ano não passava qualquer viatura, foi detectado mais um fornilho que iniciou uma série dos montados ao longo de toda a picada.

## Revista da Cavalaria

Levantado pronta e confiantemente, a coluna prosseguia a marcha agora lenta e penosa dificultada pela densa vegetação que quase não permitia passagem a tropa apeada. Os galhos, os picos, o feijão macaco, martirizavam os corpos secos e endurecidos da guarnição do «rebenta minas», que manejava incansavelmente a afiada catana.

Faziam-se por vezes curtas paragens para se levantarem explosivos de toda a espécie que, aos olhos inteligentes do condutor «checa» não passavam despercebidos ao mesmo tempo que, o maqueiro corria pressuroso a curar as mazelas que o matagal provocava nos corpos. No atrelado do «rebenta minas», as granadas, as bombas, os trotis, aumentavam compensadoramente à medida que a coluna, qual réptil indolente, prosseguia mato a dentro.

Foi então que surgiu a primeira emboscada com um rebentamento a meio da coluna e que, devido ao grande potencial do fogo das nossas A.M. Fox e Granadeiros, viria a resultar em simples flagelação. A reacção foi eficaz e imediata resultante de uma tensão nervosa que já se fazia sentir há algumas horas. As Fox giravam as torres incessantemente procurando o inimigo oculto, varrendo e destruindo tudo o que desafiava as suas ensurdecadoras e confortantes metralhadoras pesadas. As «ligeiras» dos Granadeiros matraqueavam raivosamente como que insatisfeitas por não distinguirem corpos moles onde abrigar os seus projecteis. O meu «bazookeiro» já com a granada metida olhava-me ansioso, aguardando ordem para destruir o incógnito do flanco esquerdo.

Mas não foi necessário; o tiroteiro havia acabado tal como começara e era necessário poupar as granadas de Bazooka já que a operação ia ser longa. Sucederam-se minutos de silêncio expectativo aguardando nova descarga, que, invulgarmente não surgiu. O «bazookeiro» desarmou a bazooka com gesto resignado e desiludido talvez por não o ter deixado «fazer o gosto ao dedo».

Feita a comunicação pelo rádio, e não havendo feridos a lamentar, foi dada a ordem de marcha rápida, depois de uma batida infrutífera, pois a Fox à minha frente tinha incendiado o capim seco com as suas balas tracejantes.

Prosseguia a marcha, agora com protecção aérea que havia sido solicitada; levantavam-se forninhos, armadilhas, abatizes; o atrelado do «rebenta minas» suportava estoico o peso dos explosivos IN que já transbordavam.

As 16,30 o avião teve que retirar informando que faltavam cerca de 15 quilómetros para a picada do Rovuma, que, sobejamente conhecida por nós conduziria por mais 35 km até...

## Revista da Cavalaria

Ao fim da tarde quando a coluna acabava de contornar uma curva pronunciada à direita estalou nova flagelação, desta vez à retaguarda, provocada por inimigo abrigado numa palhota em ruínas, que, se bem que já distante ainda se avistava.

A reacção foi feita pelas «ligeiras» do meu Granadeiro, ao mesmo tempo que cobriam o bazookeiro que se apeara e instalava para disparar uma «bazookada» para a referida palhota. Porém, como mais tarde verifiquei, um fio eléctrico tinha-se partido aquando da primeira flagelação e, após duas vãs tentativas de disparo, mandei retirar a Bazooka e recuar a Fox que seguia à minha frente. O reduto inimigo foi duramente castigado pela pesada «Browning» que o obrigou a retirar, disparando sem nexo à medida que se afastava, pois seria temeridade medir forças com dois pelotões de «Reconhecimento Fox» bem reforçados.

A noite lançava entretanto o seu manto negro sobre o mato, e o risco de prosseguir à luz de faróis por uma picada infestada de traições foi conscientemente avaliado mas, uma reunião do Comandante com os graduados decidiu que a coluna deveria prosseguir marcha com o «rebenta minas» mais distanciado do que o normal da 2.<sup>a</sup> viatura e a uma velocidade maior, já que as probabilidades de uma emboscada nocturna na picada são quase nulas, e qualquer forninho accionado pela «rebenta minas» viria a rebentar entre esta e a segunda viatura, a 1.<sup>a</sup> Fox. Por outro lado constituiria maior risco pernoitar no local, dado que nos encontrávamos a poucos quilómetros de uma Base IN e, por isso com fortes possibilidades de sermos acordados à morteirada.

A ideia, fruto de uma experiência de longos meses de picada, foi imediatamente posta em prática, e a voz de «avançar» mais uma vez se fez ouvir.

Tudo teria sido perfeito se o guia, dificultada a sua missão pela escuridão e pela densa vegetação que cobria totalmente a picada, não tivesse indicado um trilho errado que, ao contrário do que se propunha, nos conduziu mais para o interior.

Por volta das 11 da noite já absolutamente convencidos do engano, pois já havíamos percorrido mais quilómetros do que os que o avião indicara, decidimos pernoitar no local com uma segurança reforçada devidamente montada. Houve tiros isolados durante a noite, aos quais no entanto, não houve resposta por parte das NT.

O dia nasceu soalheiro e reconfortante; urgia comunicar com a base, porém o nosso rádio tinha o emissor avariado e assim o rádio-telegrafista teve que fazer prodígios e através de uma antena horizon-

## Revista da Cavalaria

tal, para, ao cabo de várias tentativas, conseguir ser ouvido e pedir o avião que nos indicaria o caminho de saída. Restava-nos portanto aguardar pacientemente que o «pássaro» chegasse.

A fome começou a roer os estômagos, a sede a secar as gargantas. Bebia-se água suja dos radiadores filtrada através de empoirados quicos. A gasolina, para tentar qualquer saída escasseava, porquanto se havia feito um percurso mais longo do que o previsto. Os olhos ávidos e famintos escolhiam as mandiocas mais crescidas que iriam confortar os estômagos colados às costas; o sol tórrido caía impiedoso indiferente aos males do mundo.

A tensão desanuviou-se quando, por volta das 13 horas, se ouviu no ar o ronco longínquo e característico do avião.

Os olhos brilharam, os rostos torturados de barbas crescidas ressuscitaram de alegria e entusiasmo; ouviram-se gritos, urras FRAs e, minutos depois, a coluna levantava ferro tendo por cima o avião libertador.

Mais três forninhos apareceram debaixo dos pneus já indiferentes do «rebenta minas» que corriam céleres na ânsia de pisar terras da promissora picada.

Em breve a atingimos e pouco depois, passou por nós uma coluna de reabastecimentos do Rovuma que nos atestou os tanques e os estômagos.

Saciados o pessoal e as viaturas fez-se ouvir de novo o grito de «Agalope» e, duas horas mais tarde sem incidentes de qualquer espécie, chegámos ao nosso destino onde eramos aguardados por pessoal de todas as Unidades espalhado ao longo da avenida e que deixava transparecer no rosto admiração que sentia pelos Cavaleiros que levam a cabo as espinhosas missões de que são incumbidos, mas que só assim justificam a permanência de uma Unidade de Cavalaria naquelas terras.

Furriel Miliciano LOPES DE ALMEIDA

## E de novo o tempo se quedou



s contornos alaranjados de um sol que prometia calcinar surgiram por entre os bissilões. A coluna parou.

Embora soprasse uma brisa fresca, os corpos transpiravam abundantemente, como resultado da longa caminhada. Por isso parámos. Daí a pouco as aves acordariam com o som ensurdecedor das rajadas e nenhum homem podia estar fisicamente cansado quando entrasse no mortífero jogo.

Olhámos uns para os outros em busca de reacções, mas os rostos denotavam a mesma frieza e impassibilidade das ocasiões anteriores.

Estávamos metidos em mais uma operação. Só isso. E isso era o que de mais vulgar nos podia acontecer no mato ardiloso da Guiné. Havia tanto tempo que éramos guerrilheiros experimentados, que as recordações dos dias belos quase se haviam desvanecido. Porque nos iríamos preocupar com um acontecimento tão banal como um desafio à morte? A guerra era uma faceta da nossa existência; um poderoso inebriante que nos provocava os sentidos acutilantemente. Não podíamos recusar o desafio.

A voz do capitão soou no AVF, num aviso lacónico:

— «Entrámos na zona do objectivo. Máximo silêncio. Progressão fantasma».

Recomeçámos a caminhada, agora de armas prontas a fazer fogo. Sentiam-se os olhos de cada um prescrutando a barreira verde-densa que ornava as margens da picada, sinuosa e atapetada de folhas secas. Da progressão de mais de cem homens, apenas pairava no ar um leve partir abafado, provocado pelas folhas ao serem pisadas.

O pesado silêncio do mato não augurava nada de bom.

Entrámos numa zona pouco arborizada, pejada de arbustos rasteiros e capim. À nossa frente, em semi-círculo, abria-se a mata densa, de árvores enormes.

Quando a primeira rajada soou, os homens da frente atingiam a orla da mata. Era uma ratoeira.

## Revista da Cavalaria

Apercebemo-nos disso nos primeiros momentos, quando o fogo inimigo começou a esventrar o solo à nossa volta, vindo de todos os lados. A mata formava uma ferradura e o IN acoitava-se nela, em toda a volta, a maioria sobre as árvores. Nós estávamos no meio.

O matraquear medonho de duas centenas de armas abalou-nos o âmago.

Numa análise rápida compreendemos a situação. O IN fora avisado da nossa aproximação e esperava-nos. Urgia desalojá-lo ou desmembrá-lo.

Os homens dos «Dragões» e dos «Craques» avançaram. À minha frente, o Jaime praguejava com a metralhadora, que se encravara, enquanto o furriel Miranda acendia um cigarro e olhava as copas das árvores, em busca de um alvo. Era impressionante a ousadia daquele moço cabo-verdeano, eternamente sorridente e despreocupado.

Do interior da mata, ceifando o capim e descascando os troncos, soavam novas rajadas, por entre as quais se distinguia, nitidamente, o cantar irritante de duas metralhadoras instaladas nos flancos. O Aranha procurava raivosamente silenciar uma delas à bazookada, com a destreza e sangue frio que todos lhe conhecíamos. Após o segundo disparo a metralhadora calou-se e, como se obedecesse a um sinal, todas as armas a imitaram. A metralhadora, no entanto, estava destruída.

Uma brecha impressionante de silêncio desceu e envolveu tudo e todos. Olhei os meus rapazes, procurando feridos. Estavam ilesos, deitados no chão, rompendo com os olhos a densidade do mato. Os seus rostos denotavam decisão e tranquilidade e juro até que vislumbrei breves sorrisos. Alguns metros à frente, o furriel enfermeiro curava o pulso de um nativo atingido por uma bala.

Daf a pouco o motor do avião roncou por cima de nós. Foi esse o momento que escolhi para me levantar e correr para um abrigo melhor. Tinha-o visto momentos antes. Era formado pelo tronco de uma palmeira derrubada, mesmo ao lado do carreiro, trinta metros à frente. De uma árvore próxima saiu uma rajada e depois outra. A primeira cravou-se perto do local onde estivera abrigado e a outra num morro de salalé, um pouco atrás. Corri os trinta metros disparando rajadas sucessivas para o local de onde tentaram alvejar-me. Mas os meus disparos já não se ouviam, confundidos no estrondo de todas as armas — dez ao todo — dos rapazes da minha secção. Ensurdecedoramente, a segunda morteirada do Almeirim rebentou na copa da árvore, se-meando folhas, madeira, carne e metal.

## Revista da Cavalaria

Da DO, o comandante informava:

— «Abutres na zona».

O Poiares afastou por momentos o ouvido do auscultador do AVF, olhou-me sorridente e informou também:

— «Vêm lá os aviões. Ouvi aqui no rádio».

Era verdade. Daí a pouco, localizado o inimigo, picavam em manobras, sucessivas sobre a mata, despejando cargas mortíferas que mutilavam árvores e homens, enquanto as armas do inimigo disparavam para o céu, tentando abatê-los.

Respirámos fundo, por uns momentos. Os rapazes da Força Aérea eram uns camaradas com os quais se podia contar. Mas o elogio interior só a nós revigorou. Eles não o podiam ouvir.

As munições dos homens da frente estavam no fim. Veio a ordem para a minha secção e a do furriel Miranda avançarem. Tínhamos ainda um resto de munições e íamos reforçar a vanguarda com elas. E ninguém se queria lembrar do que aconteceria quando elas se acabassem. Eramos apenas vinte homens. Talvez a derradeira esperança.

Algures, alguém solicitava pelo rádio um helicóptero. O comandante devia estar a pedi-lo à torre de controle em Bissau, porque durante uns minutos nenhum som se ouviu no auscultador do meu rádio. Quando esse silêncio foi quebrado, a voz do tenente-coronel informou-nos que o «heli» já vinha a caminho. Logo a seguir vi o Morais.

Estava deitado no chão, ferido.

Quando ao longe se destacou no céu a silhueta do helicóptero, já tínhamos atravessado o braço de bolanha à nossa esquerda e montado a segurança para a aterragem. O local, cercado de mangueiros altos e repleto de capim e arbustos flexíveis e difíceis de partir, não era dos melhores. Mas a urgência da evacuação de, pelo menos, um dos feridos, não nos permitia a busca de um local melhor.

Entretanto o grosso da tropa mantinha-se no interior da ferradura, vigiando o inimigo. O mato estendia-se a perder de vista, da orla da bolanha até à floresta ao longe, envolta em névoa difusa. O chão queimava e os reflexos avermelhados do sol espelhavam-se nos caules de capim e nas águas lodosas do pântano.

Quando o helicóptero, numa manobra rápida, aterrou, o vento provocado pelas pás da hélice chegou até aos que montavam segurança e envolveu-os numa onda de frescura. Pouco depois o aparelho elevou-se nos ares, num salto espectacular, levando a bordo parte dos feridos. Antes, porém, oferecera-nos o mais belo dos presentes — mu-

## Revista da Cavalaria

nições e granadas de morteiro e bazooka. Enchemos de novo os carregadores e o peso deles sanificou-nos mais do que a água dos garrafões, trazidos também pelo maravilhoso pássaro de metal. Quinze minutos depois o «heli» surgiu de novo e levou o resto dos feridos.

Atravessámos de novo, em sentido inverso, o braço de bolanha. O IN voltou a disparar. Os projecteis caíam à frente e atrás de nós, levantando cogumelos de lodo e água suja e poupando-nos milagrosamente. A água ali era pouco profunda, mas o facto de estarmos enterrados nela até à cintura e com as botas encahadas no fundo lodoso e movediço, fazia-nos sentir prisioneiros. De pé, sem nos podermos mover, respondemos.

— «Tá ali um gajo de camisola branca, meu furriel!» — gritava o China ao furriel Miranda.

— «Uma cerveja por ele!» — incitou o Miranda.

Mas já lá à frente, no interior da ferradura, se respondia também ao fogo. E o inimigo calou-se de novo.

Outra vez o silêncio, pesado e angustiante, que nem as aves quebravam. Um silêncio que se elevava na atmosfera, talvez em busca do céu, como uma prece. Mas foi efémero. Daí a pouco, por entre gritos e hurros, o inimigo voltava a disparar.

O estrondo enorme de todas as nossas armas e a certeza de que não sairíamos dali, deve tê-los abalado, porque recuaram. Sentimo-lo, porque os tiros deles eram mais apagados e dispersos.

Reabastecidos, os aviões surgiram de novo. Os estrondos voltaram a abalar a mata, ferindo-a até às vísceras. Era uma estranha melopeia que se esbatia, lá longe, em ondas sucessivas. Eram deuses para nós, aqueles aviões.

— «Gostam do carnaval, seus turras?» — gritava, eufórico, o Micas, naquele seu jeito de dizer as coisas, que mesmo ali obrigava gargalhadas.

E era o Kababad, exibindo ainda as duas metades do cabo da faca de mato, que um tiro quebrara, que respondia no mesmo tom, num português mesclado de crioulo:

— «Não gosta, não Micas. Eles fugi gossel!».

Era um espectáculo saudável, imponente e tonificante. Quando nos levantámos para explorar a mata, o equipamento pesava-nos como chumbo. A lama e o lodo, pegados ao camuflado e ao corpo e a impotência de raciocínio, inspiravam-nos irracionalidade. E isso notava-se bastante mais, quando riscávamos os olhos uns pelos outros, sem nos atrevermos a fitar demoradamente.

## Revista da Cavalaria

A frescura da mata colidiu connosco, fazendo-nos sentir, por breves instantes, seres humanos.

Mas foi curto o fragor da sensação. A visão apocalíptica de corpos mutilados e desfeitos, por onde o sangue ainda escorria, regando a terra, ribombou em nossos olhos. E nem sabíamos o que viamos — se peças de uma máquina desfeita pelo homem, se o homem desfeito por uma máquina. No fundo eram apenas, fria e levemente, inimigos abatidos. E os nossos olhos sorriam, esquecidos de perigos e cansaças, ante a visão da morte.

No outro extremo da mata erguia-se a barreira intransponível da fronteira. Para lá dela, em zona tabu, a base inimiga recebia os feridos e os mortos que o inimigo conseguira recolher. Nada mais havia ali a fazer. Estávamos exaustos, após seis horas terríveis de fogo.

O sol do meio-dia queimava mais que o sibilar das balas, rasando-nos o corpo. Mas a ligeira brisa que soprava do sul era um bálsamo de esperança, rasgando as fronteiras de um dia que seria mais belo, porque a vida nos ocupava os espíritos que o espectro da morte tentara apagar.

Depois foi o regresso, pelos meandros sinuosos da picada.

Furriel Miliciano ANTÓNIO VIEIRA

Quem anda com receio nunca fará nada que valha.

MONLUC

Tudo que é inesperado tem grandes consequências.

FREDERICO II



Hippismo



## SUMÁRIO

Ronda do Ano Hípico de 1968

V. C.

Galeria dos Vencedores

Actividade Hípica na África Austral

M. P.





## RONDA DO ANO HÍPICO DE 1968



uitas esperanças se alimentaram para o hipismo no ano de 1968 (ano olímpico) para afinal redundarem numa grande decepção.

O convite para que cavaleiros portugueses tomassem parte no Circuito de Avant-Saison (Hertogenbosch, Dortmund, Frankfurt e Anvers) vinha pôr termo ao bloqueio causado pelo surto de alguns casos esporádicos de peste equina no sul de Espanha, junto a Gibraltar, o que impedira que os nossos cavaleiros tivessem tido qualquer contacto internacional no ano de 1967.

Haviam sido convidados os únicos quatro cavaleiros portugueses em condições, na ocasião, de poderem participar em concursos daquela natureza. Três deles aceitaram o convite e após muito trabalho da Federação Equestre Portuguesa, conseguiu-se que a Direcção Geral dos Serviços Pecuários autorizasse a saída dos cavalos e estes foram embarcados em Leixões. O mau tempo no Golfo da Biscaia não favoreceu a viagem e os cavalos chegaram à Holanda em muito más condições.

Não eram fáceis estes concursos, todos disputados em recintos cobertos, portanto em pistas de dimensões reduzidas, com traçados fortes e aos quais concorriam os melhores cavaleiros da Europa. Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Suíça para não falar doutras nações haviam enviado os seus melhores representantes.

**Circuito Avant-Saison (C. H. I. de Hertogenbosch, Dortmund, Frankfurt e Anvers)** — Iniciou-se este circuito pelo C. H. I. de Hertogenbosch na Holanda. Os cavalos chegaram mesmo na altura do início

## Revista da Cavalaria

do concurso. Não tiveram portanto tempo para descansar e como estivessem bastante ressentidos da viagem, nem todos puderam tomar parte nas provas e assim poucas classificações se conseguiram.

Na viagem da Holanda para a Alemanha devido a uma pneumonia agravada com demora na fronteira morreu o cavalo *Romeo*. Era um cavalo que prometia e que faz falta.

Seguidamente teve lugar o C. H. I. de Dortmund. Neste concurso, um dos mais importantes da Alemanha, já o comportamento dos nossos cavalos foi melhor. O Coronel Henrique Callado consegue seis classificações, uma delas em segundo lugar numa prova de equipas com o Tenente Pimenta da Gama.

O outro concurso que se seguiu foi o de Frankfurt. Este concurso também é um dos importantes da Alemanha e como no de Dortmund nele tomam parte os melhores cavaleiros da Europa. Todos os nossos cavaleiros obtiveram classificações e os cavalos vão melhorando. Finalmente o circuito terminou com o C. H. I. de Anvers. Neste concurso o Tenente Pimenta da Gama no *Castiço* ganha a prova «Royale Belge» seguido do Capitão Vasco Ramires com *Tea Top*. Os mesmos dois cavaleiros ainda conseguem um segundo lugar numa prova de equipas. Todos os nossos cavaleiros obtêm várias classificações neste concurso.

**C. H. N. de Évora** — Organizado pelos estudantes universitários de Évora realizou-se um concurso hípico naquela cidade alentejana. Houve muito boa vontade da parte dos organizadores mas faltou-lhes a indispensável ajuda. É evidente que só com muito boa vontade e com muito trabalho se podem organizar concursos, mas isso só não chega. Mesmo assim as provas decorreram com nível satisfatório.

**C. H. N. de Cascais** — A comissão organizadora do concurso de Cascais voltou a levar a efeito outro concurso de primavera. É mais uma iniciativa que se fica devendo à inextinguível «carolice» de Manuel Possollo a quem o hipismo já tanto deve.

Apareceram alguns cavalos novos. Destacaram-se nos consagrados o Coronel Fernando Cavaleiro com os seus cavalos *Alvor* e *Nageur* e o Tenente Brito da Cruz com *Marau*.

**C. H. I. de Barcelona** — A este concurso, o mais importante dos C. H. I. espanhóis, concorreram D. Jennifer Holroyd e o Tenente Pimenta da Gama que não obstante o não terem alcançado qualquer vitória, tiveram uma actuação notável conseguindo 14 classificações. De destacar o terceiro lugar obtido por *Zawenda*, montada por D. Jen-

## Revista da Cavalaria

nifer Holroyd, no «Derby de Barcelona» a prova mais importante do concurso.

**C. H. I. O. de Madrid** — Neste concurso, um dos dois a que correu a equipa oficial portuguesa, só estiveram presentes além da equipa local as representantes do Chile e de Portugal.

A nossa equipa fez boa figura e da maneira como se apresentaram os nossos cavaleiros, mesmo que no concurso estivessem presentes equipas de categoria, a representação teria da mesma forma sido boa.

A Taça das Nações foi por nós ganha e nela o Coronel Henrique Callado obteve a vitória individual. Este mesmo cavaleiro além de ter sido classificado como o cavaleiro com melhor actuação no concurso, conquistou a cobiçada Taça do Generalíssimo e ainda ganhou mais uma outra prova. Também os Tenentes Brito da Cruz e Pimenta da Gama alcançaram cada um a sua vitória. No Grande Prémio o Capitão Vasco Ramires e o Tenente Brito da Cruz ficaram ex-aequo no segundo lugar da classificação. No total obtiveram-se 36 classificações individuais e uma de equipa.

**C. H. I. O. de Lisboa** — Este ano compareceram em Lisboa as equipas representativas do Chile e da Espanha. A equipa espanhola não era tão forte como aquelas que nos visitaram nos últimos anos e na equipa chilena apenas um dos seus componentes se poderia considerar com valor.

Também neste concurso se ganhou a Taça das Nações. Como o Tenente Pimenta da Gama tivesse adoecido, o seu cavalo *Castiço* foi montado por um cavaleiro inexperiente que dele não foi capaz de tirar partido, mas o Coronel Henrique Callado, o Capitão Vasco Ramires e o Tenente Brito da Cruz com os seus magníficos percursos conseguiram salvar a situação e não deixar que a Taça nos fosse arrebatada.

Foi igualmente conquistada a Taça de Ouro da Península. Nesta já o Tenente Pimenta da Gama pôde participar fazendo o melhor percurso.

O Grande Prémio foi brilhantemente ganho pelo Capitão Vasco Ramires montando *Namur du Payré*, tendo-se classificado a seguir o Tenente Pimenta da Gama e o Coronel Henrique Callado. Mais sete provas foram ganhas pelos cavaleiros portugueses, os espanhóis ganharam duas e os chilenos uma.

Não se poderá dizer que a organização tivesse sido perfeita este ano, chegando-se ao ponto de se ter modificado o regulamento duma prova o que não é de admitir num C. H. I. O.

# Revista da Cavalaria

**C. H. I. de Casablanca e Rabat** — É um conjunto de dois concursos com características especiais. Aos cavaleiros convidados são-lhes postos por sorteio cavalos à disposição. Este ano concorreu D. Jennifer Holroyd que ganhou uma prova e obteve ainda outras classificações.

**C. H. N. de Évora** — É o segundo concurso realizado em Évora. O Tenente Pimenta da Gama ganha o Grande Prémio além de mais outras três provas. Também teve actuação destacada o Coronel Fernando Paes.

**C. H. N. de Oeiras** — Neste concurso pela primeira vez se experimentou a modalidade de só organizar provas para os cavalos das categorias mais fracas, não havendo provas para os cavalos da primeira categoria. É uma medida interessante, estimulando-se a presença de cavalos novos. As provas decorreram num bom ambiente com percursos agradáveis de seguir sendo talvez apenas de notar o piso um pouco pesado.

O Capitão Vasco Ramires ganhou o Grande Prémio com a égua *Sanctuary*. Dos cavalos novos há a destacar *Ekir Prince* montado por Manuel Malta da Costa.

**C. H. I. de Espanha (San Sebastian, La Coruña, Vigo, Gijon e Salamanca)** — Como nos anos anteriores à epidemia de peste equina e ao subsequente fecho da fronteira, um grupo de cavaleiros portugueses tomou parte nos C. H. I. de Espanha nomeadamente San Sebastian, La Coruña, Vigo, Gijon e Salamanca. São concursos de adaptação ao ambiente internacional, onde é de toda a conveniência experimentar os possíveis futuros componentes da equipa oficial.

Obtiveram-se numerosas classificações nestes concursos. O Tenente Brito da Cruz ganha uma prova em La Coruña com *Sésame*, duas em Vigo com *Capim* e duas em Gijon, uma com *Capim* e a Potência com *Sésame*. Distinguiram-se ainda Elmano Costa com o seu *Ally Khan* que obteve várias classificações, entre elas uma vitória em Vigo e Nunes de Carvalho com o seu *Dominó* sempre bem classificado nos três Grandes Prémios que disputou. Francisco Caldeira ganha uma prova em Vigo e outra em Salamanca.

**C. H. N. da Figueira da Foz** — Como de costume realizaram-se as provas deste concurso no seu campo com belo piso relvado. As provas decorreram com interesse tendo-se destacado o Coronel Fernando Paes com os seus cavalos *Arlequim* e *Bacarat*. Também de realçar a regularidade de *Romani* montado pelo Major Duarte Silva.

## Revista da Cavalaria

**C. H. I. de La Baule** — Este é um dos concursos mais importantes da França, com obstáculos fortes, alguns naturais, e ao qual nunca deixam de comparecer os melhores cavaleiros da Europa. Com o fim de se prepararem para os Jogos Olímpicos nele participaram quatro cavaleiros portugueses. O Capitão Vasco Ramires ganha a primeira prova com *Tea Top* e no final apesar dos cavalos acusarem uma sensível baixa de forma, ainda se conseguem oito classificações, mas a verdade é que nas provas de maior categoria não se poderá dizer que os resultados tivessem sido brilhantes.

**C. H. N. de Matosinhos** — Este é um dos concursos que mais progressos tem feito. Primorosamente organizado, os concorrentes são recebidos com requintes de gentileza. O campo apesar de não ser de grandes dimensões tem uma bela apresentação. As duas jornadas da semana são realizadas à noite e as de sábado e domingo de tarde. *Ziwendo* com o Capitão Correia de Araújo conquista o Grande Prémio e é ainda o cavalo nacional mais bem classificado no concurso obtendo assim o «Prémio Capitão Ricardo Ivens Ferraz».

**C. H. N. de Pedras Salgadas** — Contava-se com a participação de cavaleiros espanhóis e no primeiro dia ainda apareceu nos programas o nome dum cavaleiro que afinal não chegou a comparecer. Dado que cavaleiros portugueses sempre têm comparecido nos C. H. I. espanhóis, seria natural a retribuição e espera-se que no futuro os cavaleiros espanhóis não deixem de comparecer neste concurso.

A organização foi como sempre muito boa, notando-se a costumada pontualidade no início das provas.

De assinalar os bons percursos dos Coronéis Fernando Paes e Fernando Cavaleiro e do Capitão José Sentieiro vencedor com *River* do Grande Prémio.

**C. H. I. O. de Ostende** — A equipa oficial portuguesa esteve presente neste concurso no qual participaram equipas de grande valor. Os nossos cavalos continuaram a manifestar a sua baixa de forma, mas mesmo assim *Ufir* montado por Manuel Malta da Costa ganha a prova de Caça, única prova deste concurso que não foi ganha pelos cavaleiros dos E. U. A.

**C. H. N. de Sintra** — Por não se ter podido utilizar o campo onde normalmente tem sido feito o concurso, este ano foi aproveitado o campo de S. Pedro. E o concurso só melhorou. O piso estava bom, as tribunas são melhores, o enquadramento é muito mais bonito. Só a prova de caça não teve o habitual percurso de exterior mas não faltaram os costumados obstáculos do burro, dos patos e a ponte.

## Revista da Cavalaria

O Grande Prémio foi ganho por *Biscuit* montado pelo Capitão Fernandes Tomaz e durante o concurso estiveram em evidencia os Coronéis Fernando Paes e Fernando Cavaleiro.

**C. H. I. de Cascais** — Este ano o concurso de Cascais voltou a ter a categoria de internacional pois teve a presença dum grupo de cavaleiros espanhóis. Também estiveram presentes uns júniores da mesma nacionalidade.

As provas decorreram com muito brilho tendo os espanhóis ganho três das onze provas disputadas. O Capitão Vasco Ramires colocou-se à cabeça no Grande Prémio com o *Tea Top* e o Coronel Fernando Cavaleiro venceu a Potência montando *Nageur*.

Devemos estar gratos a Manuel Possollo a quem se deve a continuidade deste concurso, um dos melhores do País.

**C. H. I. da Penina** — Pela primeira vez teve este concurso as honras de internacional. Nele tomou parte o grupo de cavaleiros que estivera em Cascais o que deu brilhantismo às provas.

O piso é muito bom e os obstáculos são bem construídos. Destacou-se o Tenente Pimenta da Gama que ganhou o Grande Prémio, a prova de Vencedores e mais duas ainda. Na prova de Vencedores o seu *Castiço* saltou brilhantemente e sempre à primeira vez o obstáculo de altura a 1,70 m, a 1,80 m, a 1,90 m e a 2,00 m. Também o Capitão Vasco Ramires esteve em evidência ganhando a Potência e classificando-se em segundo lugar em mais quatro provas. De lamentar o ter-se permitido alterar os regulamentos internacionais o que poderia ter acarretado consequências desagradáveis para o concurso.

**C. H. N. de Elvas** — Como habitualmente este concurso promete ser internacional para à última hora se transformar num vulgar concurso nacional. Este ano verificou-se o melhoramento do campo se apresentar relvado.

O Coronel Fernando Cavaleiro ganha o Grande Prémio e Manuel Malta da Costa coloca-se à frente em quatro provas.

**C. H. N. de Arruda dos Vinhos** — Devido à carolice de Jorge Ferreira lá se realizou mais um concurso em Arruda dos Vinhos. Concurso modesto mas onde se nota muito boa vontade e desejo de agradar e bom seria que todos os cavaleiros apoiassem estas iniciativas.

As provas decorreram num belo ambiente tendo-se destacado o Coronel Fernando Cavaleiro que ganha as duas provas mais importantes seguido em qualquer delas pelo Tenente Pimenta da Gama montando *Regina*.

# Revista da Cavalaria

**C. H. N. de Lisboa** — Para fecho de época realizou-se o C. H. N. de Lisboa no qual estavam incluídos o Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos, o Critério do Cavalo de Quatro Anos e o Campeonato de Portugal de Júniores.

Havia uma superabundância de provas, não se podendo dizer que as provas normais estivessem equilibradas. Havia provas com grande número de cavalos inscritos, enquanto que noutras pouco mais havia que uma escassa meia dúzia. Verificou-se grande indisciplina nas inscrições das provas de júniores e discípulos.

O Critério do Cavalo de Quatro Anos, apesar do seu regulamento ainda não agradar a muita gente, decorreu bem, vindo a ser merecidamente ganho por *Fidji* muito bem apresentado por D. Kathryn Watson.

O Campeonato de Portugal de Júniores foi bem disputado e muito bem ganho por Ana Cristina Rodrigues.

O Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos, mercê dos felizes traçados das suas provas decorreu com muito agrado e a sua disputa teve categoria.

Ganhou-o muito bem o Capitão Vasco Ramires seguido pelo Tenente Pimenta da Gama.

**Jogos Olímpicos** — Desde 1924, primeiro ano em que Portugal tomou parte nos Jogos Olímpicos (Jogos Equestres), e exceptuando-se os Jogos de 1932 em Los Angeles, onde poucos cavaleiros europeus compareceram, os portugueses haviam estado sempre presentes nesses Jogos.

Para o México havia-se procurado desde o princípio do ano escolher uma equipa ou individuais que nos representassem. A participação no Circuito Avant-Saison e em Madrid assim como os resultados de Lisboa dera-nos algumas esperanças, mas após os concursos de La Baule e de Ostende tivemos que reconhecer que devido à baixa de forma dos cavalos, não havia possibilidade de concorrer aos Jogos Olímpicos. Reconheceu-se que de facto havia cavaleiros em condições mas os cavalos, esses não garantiam de forma alguma a nossa comparência.

\*

Durante a época de 1968 destacaram-se o Capitão Vasco Ramires, cavaleiro de classe extraordinária, o Tenente Pimenta da Gama, concursista formidável, o Coronel Henrique Callado, que ainda não deixou de ser o nosso cavaleiro número um e Manuel Malta da Costa, cavaleiro de grande classe.

# Revista da Cavalaria

Também se distinguiram D. Jennifer Holroyd, os Coronéis Fernando Paes e Fernando Cavaleiro, o Major Duarte Silva e o Tenente Brito da Cruz.

Cavalos novos, poucos se revelaram, havendo a lastimar a perda de *Romani*, bom cavalo, que estando agora em boas mãos, muito havia a esperar dele e *Reine B*, que não sendo extraordinária era um bom animal.

Coronel VIANA CRESPO





## Galeria dos Vencedores

Oficiais vencedores dos Grandes Prémios e respectivos cavalos

Certames	Cavaleiros	Cavalos
C. H. N. de Cascais .....	Ten. Brito da Cruz	<i>Marau</i>
C. H. I. O. de Lisboa .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Namur du Payré</i>
C. H. N. de Évora .....	Ten. Pimenta da Gama	<i>Castiço</i>
C. H. N. de Oeiras .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Sanctuary</i>
C. H. N. da Figueira da Foz ...	Ten. Martins Abrantes	<i>Mistral</i>
C. H. N. de Matosinhos .....	Cap. Correia de Araújo	<i>Zivendo</i>
C. H. N. das Pedras Salgadas ..	Cap. José Sentieiro	<i>River</i>
C. H. N. de Sintra .....	Cap. Fernandes Tomaz	<i>Biscuit</i>
C. H. N. de Cascais .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Tea Top</i>
C. H. N. da Penina .....	Ten. Pimenta da Gama	<i>Castiço</i>
C. H. N. de Elvas .....	Cor. Fernando Cavaleiro	<i>Nageur</i>
C. H. N. de Arruda dos Vinhos	Cor. Fernando Cavaleiro	<i>Nageur</i>

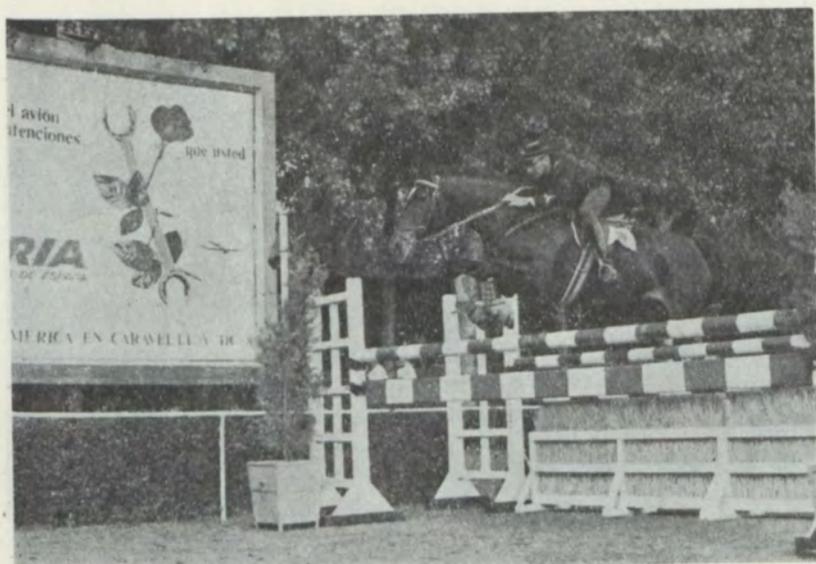
# Revista da Cavalaria

Oficiais melhores classificados nos Concursos Internacionais e respectivos cavalos

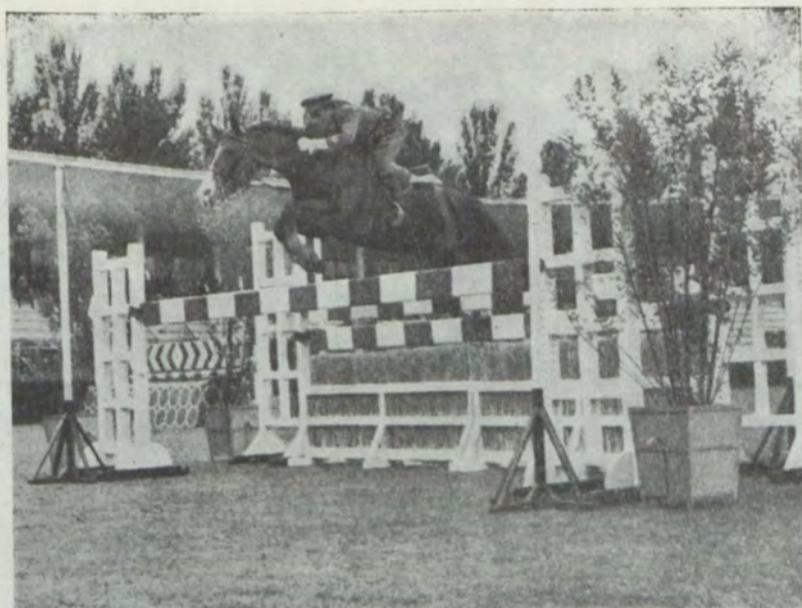
Certames	Cavaleiros	Cavalos
C. H. I. de Hertogenbosch .....	Ten. Pimenta da Gama	<i>Castiço</i>
C. H. I. de Dortmund .....	Cor. Henrique Callado	<i>Risque Tout</i>
C. H. I. de Fankfurt .....	Ten. Pimenta da Gama	<i>Castiço</i>
C. H. I. de Anvers .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Tea Top</i>
C. H. I. O. de Ostende .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Tea Top</i>
C. H. I. de Barcelona .....	Ten. Pimenta da Gama	<i>Albiac</i>
C. H. I. O. de Madrid .....	Cor. Henrique Callado	<i>Joc de l'Île</i>
C. H. I. de La Baule .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Tea Top</i>
C. H. I. de La Coruña .....	Ten. Brito da Cruz	<i>Foxglove</i>
C. H. I. de Vigo .....	Ten. Brito da Cruz	<i>Capim</i>
C. H. I. de Gijon .....	Ten. Brito da Cruz	<i>Sésame</i>
C. H. I. O. de Lisboa .....	Cap. Vasco Ramires	<i>Namur du Payré</i>
C. H. I. O. de Lour. Marques ...	Cap. Marques Pereira	<i>Too Blue</i>



# Revista da Cavalaria

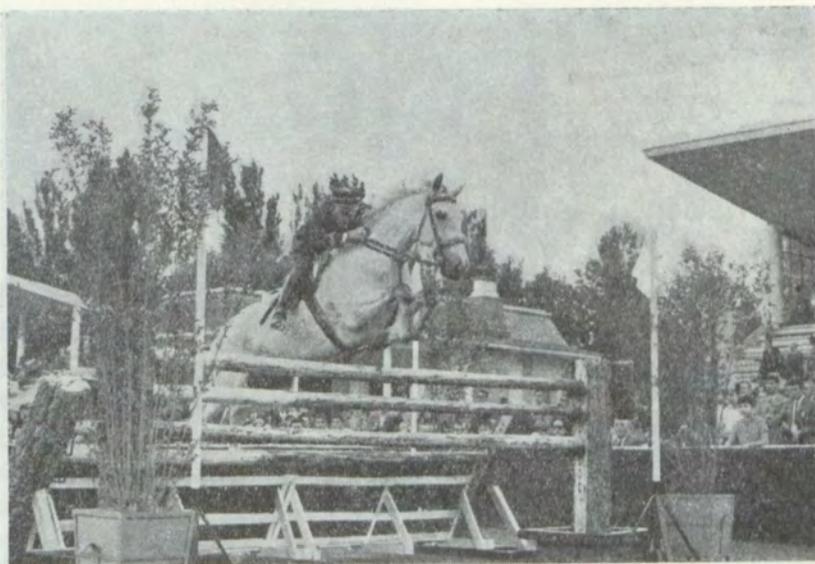


*Tenente Brito da Cruz montando Marau*



*Capitão Vasco Ramires montando Namur du Payré*

# Revista da Cavalaria



Tenente Pimenta da Gama montando Castiço

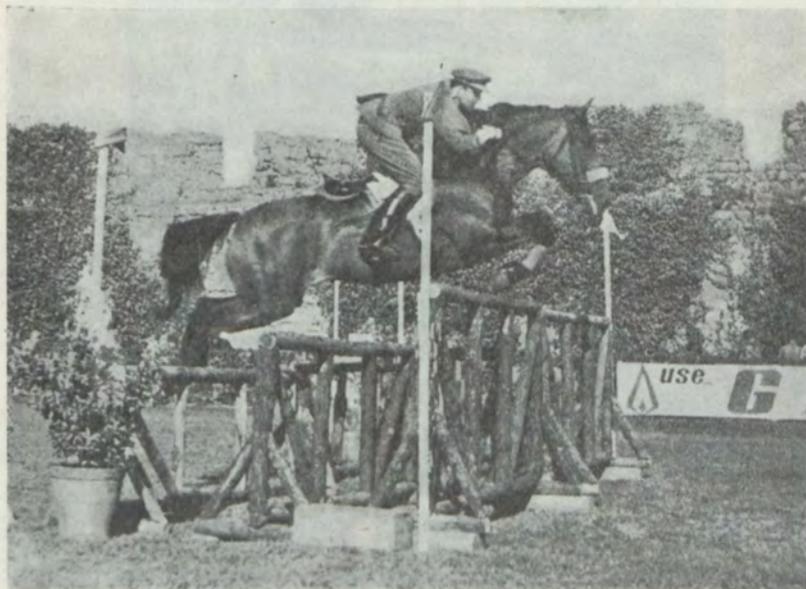


Capitão Vasco Ramires montando Sanctuary

# Revista da Cavalaria



*Tenente Correia de Araújo montando Ziwendo*



*Capitão Sentieiro montando River*

# Revista da Cavalaria



*Capitão Vasco Ramires montando Tea Top*



*Coronel Fernando Cavaleiro montando Nageur*

# Revista da Cavalaria



*Tenente Martins Abrantes montando Mistral*



## NA ÁFRICA AUSTRAL



semelhança dos anos anteriores desenvolveu-se grande actividade hípica em Moçambique e mais pròpriamente em Lourenço Marques, onde o entusiasmo pelos cavalos aumentou consideravelmente, como se pode constatar pelo sempre crescente número de rapazes e raparigas que se iniciam na prática de Equitação em qualquer das Escolas onde em Lourenço Marques se dão ensinamentos deste salutar desporto; para isso contribui sem dúvida a extraordinária expansão que o hipismo tem na vizinha República da África do Sul e também o gosto pelo Desporto existente em Moçambique. Os cavaleiros militares aqui destacados conseguiram nas suas actuações, sobretudo além fronteiras, não desmerecer dos seus antecessores, apesar das inúmeras dificuldades actualmente existentes derivadas muito especialmente da constante flutuação nas presenças dos Oficiais de Cavalaria em locais fixos, não tendo por consequência muitas das vezes o tempo necessário para preparar convenientemente as suas montadas; começa-se também a notar a falta de cavalos novos que permitiriam uma renovação necessária e urgente dos cavalos actualmente existentes.

No entanto e apesar de todas estas contrariedades pode-se considerar brilhante para os cavaleiros militares de Moçambique a época de 1968 como se pode constatar pelos resultados que a seguir se indicam.

# Revista da Cavalaria

## MOÇAMBIQUE

Realizaram-se várias provas a nível regional (em Lourenço Marques), o Campeonato de Moçambique do Cavaleiro de Obstáculos (também em Lourenço Marques) e os C. H. I. O. de Lourenço Marques e C. H. I. de Vila Pery; nas provas que ao longo do ano se foram realizando no maravilhoso hipódromo do Centro Hípico em Lourenço Marques destacaram-se os cavalos *Ofir*, *Ontário*, *Lady Spray* (apenas no



*Capitão Lobo da Costa montando Harpagão*

princípio da época), *Taninga*, *Too Blue* e *Suafo*, além de outros que talvez menos brilhantes, deixaram também um certo rasto da sua categoria. No C. H. I. de Vila Pery a que concorreu uma equipa da Rodésia destacaram-se com toda a justiça o Major Severo e o Capitão Lobo da Costa que com *Micawber* e *Harpagão* ganharam todas as provas em que participaram.

Vejam agora detalhadamente as provas mais principais ou sejam os concursos no Estrangeiro, o C. H. I. O. de Lourenço Marques e o Campeonato de Moçambique do Cavaleiro de Obstáculos.

# Revista da Cavalaria

## C. H. I. DE JOANESBURGO

Este concurso, um dos mais fortes senão o mais forte da África Austral, realizou-se uma vez mais no decorrer do Rand Easter Show, no Milner Park em Joanesburgo e teve a disputá-lo as equipas representativas de Portugal (R. M. M.), República da África do Sul, Rodésia e Zâmbia. A nossa equipe não foi muito feliz no início do concurso, pois por doença ficámos sem poder contar «só» com os seguintes cavaleiros: *Distinguished*, *Micawber*, *Lady Spay* e *Ourique*; desta maneira cada um dos nossos cavaleiros apenas ficou com um cavalo, reduzindo substancialmente as nossas possibilidades. No entanto conseguiram-se resultados bastante aceitáveis e ouviram-se permanentemente elogios aos nossos cavaleiros pelo que conseguiram, apenas com três cavalos em prova.

A Equipe da R. M. M. cujo Chefe foi o Coronel Luís Figueiredo, era constituída pelos Capitães Lobo da Costa, Marques Pereira e Marinho Falcão.

### RESULTADOS

#### Prova *The Easter Stakes*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

#### Prova *The 1968 B Grade Stakes*

6.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

7.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

#### Prova *Lufthansa Visitors*

7.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

#### Prova *The B Grade Accumulater*

6.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

7.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

#### Prova *The Star*

8.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

#### Prova *The Anstey's (Championship B)*

5.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

# Revista da Cavalaria

Prova *White Horse (Championship A)*

5.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

Prova *Whitbread's Internacional Riders*

1.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

2.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

3.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## C. H. I. DE BULAVAIO

A este concurso, que se realizou no decorrer do Annual Central African Trade Fair, concorreu a nossa equipe militar que tendo como Chefe de equipe o Major Leopoldo Severo que também concorreu, era constituída pelos Capitães Lobo da Costa, Marques Pereira e Marinho Falcão.

Um acidente infeliz no decorrer do 2.º dia de provas tirou ao Capitão Marinho Falcão todas as hipóteses de dar o seu concurso à equipe a partir deste dia, não tendo também pela mesma razão tomado parte no C. H. I. de Salisbury que a seguir se realizou.

A actuação dos nossos cavaleiros neste concurso foi bastante boa, com três primeiros lugares além de outras honrosas classificações.

Uma vez mais teve a nossa equipe a oportunidade de ouvir da parte de entidades responsáveis os mais rasgados elogios à sua actuação.

## RESULTADOS

Prova *Elementary Dressage*

1.º Capitão Lobo da Costa, no *Micawber*

2.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ofir*

Prova *C Grade Jumping*

1.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*

5.º Capitão Lobo da Costa, no *Distinguished*

Prova *A and B Grade Jumping*

5.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

# Revista da Cavalaria

## Prova *A and B Grade Hit and Hurry*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

## Prova *Petit Prix*

1.º Capitão Marques Pereira, na *Too Blue*

## Prova *Grand Prix*

2.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## Prova *C Grade Choose Your Ownline*

3.º Capitão Marques Pereira, na *Too Blue*

## Prova *Internacional Team Event*

3.º Portugal

Major Leopoldo Severo, no *Micawber*

Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

## C. H. I. DE SALISBURY

Este concurso seguiu-se ao de Bulavaio e a ele concorreram as mesmas equipas e os mesmos cavaleiros, representando além de Portugal, a África do Sul e a Rodésia.

Como atrás se disse não pôde a nossa equipa contar com o apoio do Capitão Marinho Falcão devido a acidente grave ocorrido em Bulavaio, mas para o substituir foi autorizado a concorrer por Portugal o Major Luís Inocentes, adido militar em Salisbury, montando um cavalo rodesiano chamado *Mighty High*.

Este cavalo contribuiu grandemente para o êxito da nossa equipa quer ao longo de todo o concurso quer na extraordinária vitória na Taça das Nações; com efeito a nossa representação conseguiu deixar bem vincada a sua presença com a sua actuação que culminou com a brilhante vitória na Prova de Equipas, facto que já não acontecia há nove anos.

Merece uma especial referência o cavalo *Ontário* que se mostrou possuidor de extraordinária regularidade que a par de uma grande

# Revista da Cavalaria

classe impressionou muito agradavelmente, todos os entendidos e não entendidos, neste Concurso.

Por fim é de toda a justiça referir a maneira entusiástica, mesmo apaixonante como a assistência quase exclusivamente constituída por



*Capitão M. Pereira montando Ontário*

rodesianos recebeu a vitória da nossa equipe na Taça das Nações e que bem demonstra o extraordinário prestígio que Portugal desfruta naquele país amigo.

## RESULTADOS

### *Prova Elementary Dressage*

- 1.º Capitão Lobo da Costa, no *Micawber*
- 3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

### *Prova Medium Dressage*

- 1.º Capitão Lobo da Costa, no *Micawber*

### *Prova C Grade Welcome Stakes*

- 10.º Capitão Marques Pereira, no *Nevado*

# Revista da Cavalaria

Prova *B Grade Welcome Staks*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

Prova *C Grade Tally Ho*

9.º Capitão Marques Pereira, no *Nevado*

Prova *The Liou Ale Welcome Stakes*

2.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

Prova *C Grade Top Score Competition*

6.º Capitão Marques Pereira, no *Nevado*

Prova *The Farmer's Accumulater Stakes*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

Prova *The Rhomil Prize* (Potência)

2.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

Prova *Rothmansof Pall Mall Cup* (Grande Prémio)

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

Prova *The Inter-African Territoris Cup*

1.º Portugal

Major Leopoldo Severo, no *Micawber*

Major Luís Inocentes, no *Mighty High*

Captião Lobo da Costa, no *Harpagão*

Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

## C. H. I. O. DE LOURENÇO MARQUES

É este o mais importante concurso da África Austral a ele concorrendo as melhores equipes desta região de África. Infelizmente, por razões várias não puderam os cavaleiros militares portugueses repetir no seu País as actuações que lá tinham conseguido fora, mas a infelicidade acompanhou quase permanentemente a nossa equipe e basta referir que *Ontário*, o nosso cavalo mais regular apenas conseguiu uma

# Revista da Cavalaria

classificação, tendo em todas as outras provas sido afastado por um toque que se tornou normal e que não lhe permitiu mostrar a sua categoria. O público de Lourenço Marques teve entretanto a oportunidade de apreciar a categoria fora de série de cavalos e cavaleiros sul-africanos que uma decisão inclassificável não permitiu que mostrassem ao mundo nas Olimpíadas a sua real classe.

## RESULTADOS

### Prova I — *Taça Steia*

- 2.º Capitão Marques Pereira, na *Too Blue*
- 6.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

### Prova II — *Taça Banco Pinto e Sotto Mayor*

- 4.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

### Prova V — *Taça Companhia Com. João Ferreira dos Santos*

- 7.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

### Prova X — *Taça Câmara Municipal de L. M. (Grande Prémio)*

- 6.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

### Prova XI — *Taça 2 M*

- 5.º Capitão Marques Pereira, na *Too Blue*

### Prova XII — *Taça Governador Geral de Moçambique*

- 3.º Portugal

Captião Lobo da Costa, no *Harpagão*

Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

António Barbedo, no *Fripon*

### Prova XIII — *Taça Ensino*

- 2.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

### *Taça Conselho Provincial de Educação Física*

- 1.º Capitão Marques Pereira, na *Too Blue*

# Revista da Cavalaria

## C. H. I. DE MBABANE

Integrado nas Festas de Independência da Suazilândia realizaram-se neste novel país dois Concursos Hípicos Internacionais (Mbabane e Manzini) aos quais concorreram as equipas representativas de Portugal (equipas militar e civil), África do Sul (equipas civis e da Polícia) e da Suazilândia.

A equipa da R. M. M. cujo Chefe foi o Coronel Luís Figueiredo, era constituída pelo Major Leopoldo Severo e Capitães Lobo da Costa, Marques Pereira e Marinho Falcão.

Em Mbabane a actuação dos cavaleiros militares foi boa sem no entanto atingir o brilhantismo mas mesmo assim pelos resultados que a seguir se indicam se pode verificar o comportamento dos nossos cavaleiros. De referir que os cavaleiros civis de Moçambique, quase todos jovens cavaleiros iniciados em provas de Seniores durante o corrente ano, tiveram comportamento meritório a revelar um futuro brilhante.

### RESULTADOS

#### Prova *Welcome Stakes (C e D)*

- 2.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*
- 5.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*
- 7.º Capitão Marinho Falcão, na *Taninga*

#### Prova *Welcome Stakes (A e B)*

- 2.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*
- 3.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*
- 5.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

#### Prova *Table A (C e D)*

- 3.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*
- 5.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*
- 6.º Capitão Marinho Falcão, na *Taninga*

#### Prova *Tally Ho (A e B)*

- 4.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

#### Prova *Tally Ho (C e D)*

- 2.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*
- 7.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

# Revista da Cavalaria

## Prova *Grand Prix*

4.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

## Prova *Chosse Your Own Line (C e D)*

3.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

7.º Capitão Marinho Falcão, na *Taninga*

## Prova *Power Jump (A e B)*

2.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## Prova *Championship (C e D)*

2.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

5.º Capitão Marinho Falcão, na *Taninga*

## Prova *Championship (A e B)*

5.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*.

## C. H. I. DE MANZINI

Neste concurso que se seguiu ao de Mbabane a actuação dos cavaleiros militares portugueses foi realmente brilhante, conseguindo alcançar a maioria das principais classificações, sendo justo destacar o Capitão Marinho Falcão que apresentou dois novos animais cheios de futuro (*Suafo* e *Taninga*) os quais, muito especialmente a égua *Taninga*, demonstraram possuir uma classe fora de série e podendo vir a ser já em 1969 um autêntico crack.

## RESULTADOS

### Prova *Welcome Stakes (C e D)*

2.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*

5.º Capitão Marinho Falcão, na *Taninga*

6.º Capitão Marques Pereira, no *Ousado*

### Prova *Welcome Stakes (A e B)*

3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

4.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*

# Revista da Cavalaria

## Prova Tally Ho (C e D)

- 5.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

## Prova Six Bar (A e B)

- 1.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*
- 3.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## Prova Table A (A e B)

- 2.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*
- 5.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## Prova Petit Prix (C e D)

- 1.º Capitão Marinho Falcão, na *Tananga*
- 2.º Capitão Lobo da Costa, no *Destinguished*
- 3.º Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*
- 5.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*
- 5.º Major Leopoldo Severo, no *Ourique*

## Prova Grand Prix

- 4.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*
- 5.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*

## Prova Championship (C e D)

- 2.º Major Leopoldo Severo, no *Micawber*
- 2.º Capitão Marinho Falcão, na *Tananga*

## Prova Championship (A e B)

- 1.º Capitão Lobo da Costa, no *Harpagão*
- 2.º Capitão Marinho Falcão, no *Ofir*
- 3.º Capitão Marques Pereira, no *Ontário*

## Prova Internacional Team Event

- 2.º Equipe da R. M. M.
- Major Leopoldo Severo, no *Micawber*  
Capitão Lobo da Costa, no *Destinguished*  
Capitão Marques Pereira, no *Ontário*  
Capitão Marinho Falcão, no *Suafo*

# Revista da Cavalaria

## CAMPEONATO DE MOÇAMBIQUE

Este Campeonato com que finalizou a época hípica de 1968 em Moçambique, teve dois inconvenientes que lhe tiraram o brilho que tanto merecia; o primeiro foi o facto de não terem podido concorrer o Major Leopoldo Severo e o Capitão Lobo da Costa e o segundo o facto de para se dar mais equilíbrio ao Campeonato ele ter sido reservado apenas a cavalos de Grau C.

Mesmo assim todas as provas decorreram com enorme entusiasmo, muito especialmente a final onde se consagrou com inteira justiça Campeão de Moçambique o Capitão Marinho Falcão. Vejamos os resultados da Final.

	Suafo	Too Blue	Fulmar	Quionga	Total	Classif.
Cap. Marinho Falcão .....	0	0	0	4	4	1.º
Cap. Marques Pereira .....	0	5	0	8	13	2.º
Pedro Carvalho .....	8	20	5	0	33	3.º
José Valadão .....	16	24	0	0	40	4.º

### Capitão MARQUES PEREIRA

*Arquivo de Carvalho*

### CAMPIONATO DE MOÇAMBIQUE

Este Campeonato competido em 1968 em Moçambique teve dois vencedores que lhe fizeram o maior que tanto venceram, o primeiro foi o facto de não terem podido vencer o Major Leopoldo Sáez e o Capitão Lobo da Costa e o segundo o facto de que se deu mais vantagem ao Campeonato da 1ª vez realizado apenas a cavalo de Gm C.

Mesmo assim todas as provas decorreram com enorme entusiasmo, muito especialmente a final onde se competiu com muita justiça. Cabe ao Moçambique o Capitão António Sáez, segundo os resultados da final.

Lista dos jogadores

Cap. António Sáez
Cap. António Sáez
Leopoldo Sáez
João António



ARQUES FERREIRA

# Jornaes revistas livros

## A NOITE E OS BLINDADOS

Tradução do artigo da autoria do Major DARRIEUS, publicado na «Revue Militaire Generale» n.º 7 de Setembro de 1968, pelo Coronel ANTÓNIO CRESPO.

*A escuridão é uma aliada do soldado astuto e um motivo de preocupação para o inexperiente.*

LIDDLE HART

**E**m todas as épocas da história, têm sido muito discutidas as operações de noite e os seus resultados têm tido maior ou menor êxito.

Napoleão entendia que este género de intervenção estava condenado ao fracasso e Clausewitz considerava que as operações nocturnas se arriscavam a lançar a confusão nos exércitos. Apesar disso desde o século XIV, «du Guesclin fez da noite e da velocidade os seus argumentos máximos. Em cinco anos o exército inglês que não era impedido de circular entre Calais e Bordéus, perdeu todos os seus pontos de apoio e desagregou-se pela usura (1)».

Até à segunda guerra mundial, se excluirmos determinadas iniciativas isoladas, tais como a ofensiva de várias divisões britânicas no Somme em 1916, as operações de noite limitaram-se a deslocamentos, golpes de

(1) Eric Muraise, «Introdução à história militar», capítulo 76.

# Revista da Cavalaria

mão, flagelações e acções secundárias executadas com fracos meios. Foi necessário aguardar a aparição das grandes formações blindadas e mecanizadas do último conflito para que o comando descobrisse todo o interesse das operações nocturnas, empenhando frequentemente meios consideráveis; mas estas intervenções, destinadas a forçar uma resistência ou explorar um sucesso, apresentam ainda um carácter excepcional.

Actualmente, todos os países admitem que os adversários dum conflito futuro se enfrentarão tanto de noite como de dia. A maior parte dos regulamentos encaram a acção dos blindados de noite e os recentes combates do Médio Oriente demonstram que, bem utilizados e servidos por guarnições instruídas, os blindados podem ser temíveis em ambiente nocturno.

Se durante muito tempo os blindados, após o cair da tarde, limitaram a sua actividade a alguns deslocamentos e a operações de manutenção e de recompletamento, era porque a noite apresentava problemas que pareciam insuperáveis. São essas dificuldades que vamos examinar a fim de ver como podem ser solucionadas tendo em consideração as experiências do passado e os progressos da técnica. Este estudo não procura definir uma doutrina de emprego nocturno dos blindados. A sua intenção, muito mais modesta, é procurar interessar os quadros no combate nocturno e instigá-los a treinarem-se de noite.

Depois de termos feito a descrição sucinta do ambiente nocturno, estudaremos detalhadamente o que poderá fazer o blindado de noite com e sem auxiliares, para, numa terceira parte, apresentar alguns princípios adequados ao combate nocturno.

\*

De noite, as principais dificuldades que impedem que os engenhos blindados, não dispondo de qualquer auxiliar, possam evolucionar e combater, são sem dúvida a escuridão — tornando-se necessário definir essa escuridão e saber como reagem os sentidos do homem — e aquilo que se pode denominar o ambiente nocturno.

Literalmente, a noite define-se como sendo o espaço de tempo durante o qual o sol está abaixo do nosso horizonte. Efectivamente, o grau de escuridão da noite não é uniforme. Não há uma noite, mas noites cujo grau de visibilidade varia com o ciclo lunar e as condições meteorológicas. Se nos referirmos apenas ao ciclo lunar verificamos que para o conjunto dos períodos nocturnos há 27 % de horas claras, 27 % de horas de luminosidade média e 46 % de horas sombrias; as primeiras percentagens correspondem a uma iluminação da lua, as últimas a uma iluminação das estrelas. Desde que as condições meteorológicas intervenham, as horas sombrias aumentam em detrimento das horas claras. As percentagens passam então a ser as seguintes: 14 % de horas claras, 27 % de horas de luminosidade média e 59 % de horas sombrias.

O homem vê mal de noite. Durante o dia o olho utiliza as células de cones situadas no eixo óptico, enquanto que de noite são as células de

## Revista da Cavalaria

bastonetes situadas na periferia da retina, que entram em acção e estabelecem uma visão descentrada. A visão deixa de ser colorida, os tons divididos esbatem-se entre o cinzento claro e o preto. O rigor das impressões é menor que de dia, o relevo e a perspectiva modificam-se, os planos confundem-se. O alcance da visão varia com o grau de visibilidade, pode ir de alguns centímetros a algumas dezenas de metros e por vezes, em noites muito claras, até mesmo a uma ou duas centenas de metros. Desde que se utilize uma óptica de aumentar, a visão pode alcançar até 500 ou 600 metros.

De noite, o olho é particularmente sensível à ofuscação por luz visível. São-lhe necessários quinze a trinta minutos para regenerar o pigmento da retina alterado pela luz e adaptar-se à escuridão.

Se a noite restringe as possibilidades da visão, em contrapartida aumenta a sensibilidade da audição. Por isso as guarnições de engenhos blindados podem detectar objectivos pela escuta, mas difficilmente localizá-los, porque o vento, a chuva e até o terreno modificam consideravelmente as possibilidades de avaliação tanto da sua direcção como da sua distância. São frequentes erros até 45° na direcção e do simples ao tripló na distância.

Além do problema da escuridão, existe o do ambiente nocturno. O homem sente-se abatido, diminuído e isolado durante a noite. Tem medo e por vezes a sua imaginação arrasta-o a verdadeiras alucinações. A adaptação ao ambiente nocturno é longa e difficil e é certo que os habitantes de regiões civilizadas, que são permanentemente favorecidos com iluminação artificial, sentem muito mais difficuldade em se adaptar à noite do que os habitantes de regiões menos evoluídas habituados a viver no campo e a circular de noite.

Analizadas estas difficuldades, poder-se-ia concluir precipitadamente que os nossos blindados estariam praticamente neutralizados durante a noite. Ora nada disto se passa e vamos vez que, mesmo sem auxiliares técnicos, desde que a visibilidade seja sufficiente, as formações blindadas estão em condições de conduzir operações nocturnas.

\*

Poderão os engenhos blindados combater sem auxiliares? Quais são as possibilidades de iluminação dos campos de batalha? Quais são os auxiliares técnicos susceptíveis de facilitar o deslocamento, a observação e o tiro dos engenhos blindados? Como lutar contra a detecção adversa? Quais são as perspectivas do futuro? Outras tantas interrogações às quais vamos tentar responder.

Não dispondo de qualquer auxiliar técnico, estarão, os nossos blindados, como alguns o pretendem, condenados a um papel secundário desde que intervenha o factor noite? Certamente que não.

Quando a noite for clara estão em condições de progredir como de dia por estrada e em todo o terreno. A condução com episcopios é no entanto mais difficil que de dia. Desde que a noite escurece a progressão afrouxa, os deslocamentos em todo o terreno tornam-se arriscados, até

## Revista da Cavalaria

mesmo impossíveis, e acontece até que uma conjunção de noite sem lua e de chuvas fortes, ou de densa cobertura de núvens, paralise completamente os blindados.

Ao deslocamento está associada a navegação que é da competência do chefe e é dependente da orientação. Numa noite clara é possível orientar-se como de dia mas desde que a luminosidade diminua, os pontos de referência esfumam-se e depois desaparecem, não permitindo que as unidades blindadas se desloquem por estimativa em terreno variado. Resta-lhe então apenas a progressão por estrada ou em todo o terreno, mas, desde que se possam guiar por linhas bem definidas, tais como orlas de bosques, talvegues, etc.

Se o deslocamento dos engenhos blindados é possível de noite em variadíssimas circunstâncias, a detecção à vista dos objectivos é muito mais contingente. Quando a noite for clara, um engenho blindado pode detectar à simples vista um C. C. adverso a quinhentos ou seiscentos metros, e infantes a duzentos ou trezentos metros, mas desde que a visibilidade diminua, a distância de detecção diminui na mesma proporção, até rematar em distâncias de tal modo reduzidas que se tornam inexploráveis para a utilização do armamento de bordo.

Apenas com os seus próprios meios e aproveitando-se do luar, ou até da luz das estrelas, os blindados demonstraram num passado recente que poderiam ser particularmente eficazes. Desde o início da campanha da Polónia, os blindados do X Exército alemão penetram de noite pelas brechas feitas nas linhas polacas para, ao romper da manhã, surgirem nas retaguardas dum inimigo desconcertado, após terem na sua passagem destruído ou desorganizado P. C., meios logísticos, e até mesmo reservas. De modo mais modesto, em 25 de Março de 1940, no Somme, uma formação blindada francesa, composta de C. C. B 1 bis, de C. C. ligeiros e de dragões transportados atacou à luz da lua e em todo o terreno posições alemãs e apoderou-se de duas pontes.

\*

Mas são pouco frequentes as noites, cerca de 20 %, que permitem que os blindados possam conduzir tais combates. Por isso, para suprimir a escuridão e permitir aos blindados combater como de dia, as pesquisas incidiram sobre a iluminação do campo de batalha por meio de projecteis luminosos ou projectores. Transformar a noite em dia será talvez ambicioso, mas determinadas técnicas quase que o conseguiram, ainda que a iluminação seja muito menos intensa que de dia e não possa ser utilizada permanentemente.

Os projecteis iluminantes são disparados por morteiros, bocas de fogo da artilharia ou pela aviação. Um só projectil ilumina uma área com um diâmetro da ordem de 500 a 800 metros, durante um espaço de tempo que vai de 45 segundos a 3 minutos, consoante o tipo de material utilizado, e permite aos engenhos blindados ver e fazer fogo até 2 500 metros. O emprego simultâneo de grande número de projecteis iluminantes consegue

# Revista da Cavalaria

uma iluminação geral do campo de batalha permitindo manobras interarmas do mesmo tipo que as de dia.

Assim, no outono de 1942, em África, o Marechal Montgomery obteve um êxito espectacular sobre as posições alemãs de El-Alamein que atacou de noite aproveitando-se da iluminação produzida por foguetões iluminantes lançados de aviões. Mais recentemente, todos se lembram da iluminação da barragem argelo-tunisina cada vez que era assinalada uma «passagem», ou ainda das missões «Luciole» intervindo depois do pôr do sol para impedir que uma «katiba»<sup>(1)</sup>, entrada em contacto durante o dia, tentasse romper o cerco a favor das sombras da noite.

Além dos projecteis iluminantes, os projectores de grande potência, actuando por reflexão nas camadas de nuvens, permitem aumentar o grau de visibilidade da noite. Para se apoderar de Berlim e impedir o adversário de se recompôr, o Marechal Joukov colocou em bateria, ao anoitecer do dia 16 de Abril de 1945, uma centena de projectores que proporcionaram uma iluminação suficiente para que a infantaria apoiada por C. C. pudesse romper numa frente de vários quilómetros as posições alemãs fortemente organizadas.

Os projecteis iluminantes e os projectores não estão orgânicamente à disposição das formações blindadas<sup>(2)</sup>, servindo portanto estes meios apenas para as operações planificadas. Por isso procurou-se equipar os engenhos blindados com meios de uliminação. Durante muito tempo os nossos blindados, tanto na Indochina como na Argélia, foram dotados com um farol de pesquisa, montado na torre e frequentemente acoplado à metralhadora de DCA. Este farol permitia detectar atiradores a algumas centenas de metros. Mais recentemente projectores comutáveis luz visível-infravermelha foram construídos para equipar os nossos engenhos blindados. Em luz visível, permitem detectar um C. C. adverso até 1 200 metros e em infravermelha até 800 metros. É já um notável progresso, o engenho blindado deixa de andar às cegas, pode já determinar incidentes de combate e intervir eficazmente pelo fogo a distâncias correspondendo sensivelmente à alça de combate da sua boca de fogo. Mas qualquer irradiação infravermelha pode ser detectada, e até localizada, por qualquer inimigo dotado duma óptica infravermelha. Torna-se necessário portanto regulamentar o emprego dos projectores; sob pena de enormes riscos, não se devem utilizar na pesquisa de objectivos nem ligá-los mais de quinze segundos.

Verificado que não são perfeitos todos os processos de iluminação, o seu emprego é delicado e pode por vezes voltar-se contra aquele que o utiliza. As investigações tomaram assim outro rumo e numerosos países acabam de aperfeiçoar um processo susceptível de revolucionar o combate de noite dos blindados, trata-se de um aparelho de amplificação de lumi-

(1) Entre os «fellagha» companhia de infantaria agrupado 120 homens.

(2) Certos países procuram no entanto equipar os seus engenhos blindados com lança-artifícios de alcance médio. Esta solução suprimiria os prazos da montagem da iluminação por meio de projecteis iluminantes.

## Revista da Cavalaria

nância, inteiramente passivo e silencioso, portanto não detectável, que apresenta a característica de intensificar cerca de três mil vezes a luz residual nocturna. Numa noite clara, permite detectar C. C. adversos até 1 500 metros, mas em noites escuras torna-se necessário uma contribuição de luz para alcançar essa distância. As experiências são prometedoras. Os primeiros utilizadores ficaram impressionados com as possibilidades notáveis destes materiais que tanto podem ser utilizados ao nível do solo como em helicópteros ou aviões de observação.

Este tipo de aparelho ainda está no estado experimental, mas o seu emprego a bordo dos engenhos blindados já foi encarado por muitos países. Permitirá às guarnições ver de noite, mas não nas mesmas condições que de dia, pois o aparelho, associado a uma óptica de campo restrito, impede qualquer visão panorâmica.

Tendo em consideração os meios a utilizar e os prazos necessários, teremos que distinguir duas espécies de iluminação:

- a iluminação planificada em zona, que intervem para operações de envergadura, necessita meios luminosos consideráveis, exige prazos de preparação e impõe a organização de um plano de iluminação completo;
- a iluminação de oportunidade que visa regular os incidentes de combate, utiliza meios de iluminação situados ao nível das unidades de combate, ou em rigor das armas de apoio e não necessita prazo, mas o seu emprego depende da autorização dada pelo plano de iluminação.

\*

Depois de ter descrito em detalhe os processos de iluminação do campo de batalha, vejamos quais são os meios técnicos que permitem aumentar as possibilidades de deslocamento e de tiro dos engenhos blindados.

Efectivamente, quando intervem a iluminação do campo de batalha, os blindados não têm qualquer dificuldade em se deslocarem de noite, mas esta iluminação, pondo de parte a amplificação de luminância, só poderá ser ocasional. Por isso necessário encontrar um certo número de meios ou processos para facilitar a progressão nocturna dos blindados.

As primeiras realizações incidiram sobre a balisagem dos itinerários da retaguarda pelas formações do Trem, da frente pelas unidades de combate. Estes dispositivos permitem aos blindados deslocarem-se como sobre carris, mas não combater.

Para facilitar a sua progressão, os engenhos blindados podem utilizar os seus faróis de direcção, mas este processo é particularmente indiscreto; por isso a técnica moderna recorreu aos infravermelhos para equipar os engenhos blindados com faróis especiais. O seu emprego é possível nas retaguardas, mas deverá ser utilizado com prudência na zona do contacto em virtude da sua indiscricção.

O problema da navegação, tão difícil de noite, pode em parte ser resolvido pelo emprego de certos materiais. A bússola fornece um auxílio

# Revista da Cavalaria

precioso facilitando a orientação dos engenhos blindados. Os navegadores, colocados ao nível duma pequena unidade, permitem tirar o ponto permanentemente, mas de modo nenhum podem navegar exclusivamente com os instrumentos como o fazem os navios ou os aviões, pois o terreno apresenta obstáculos que têm que ser contornados. Os engenhos blindados podem ser guiados em distâncias curtas, quer pelo radar, cujas indicações são transmitidas por rádio, quer por um processo do género «homing» bem conhecido dos aviadores...

Além dos meios auxiliares da progressão e da navegação, os engenhos blindados da maioria dos países adoptaram dispositivos que lhes permitem assegurar a sua coesão, isto é uma intervisibilidade a curta distância garantindo as evoluções. Todos os processos recorrem a um modo de iluminação restrito, aplicado quer sob a forma de letras iluminadas facilitando a identificação, quer sob a forma de simples pontos luminosos colocados na retaguarda da viatura.

Este pequeno número de auxiliares, assim descritos, permitem que as formações blindadas se desloquem de noite, a maior ou menor velocidade consoante o grau de visibilidade nocturna, para combater no campo do adversário, mas nessa altura levanta-se o problema do tiro dos engenhos blindados.

\*

Quando a noite for clara ou quando o campo de batalha estiver iluminado quer por artificios luminosos, quer por projectores actuando por reflexão nas nuvens, as condições de observação aproximam-se das do dia; é então possível localizar os objectivos com precisão relacionando-os com pontos de referenciação no terreno, designá-los ao apontador e alvejá-los em boas condições. Mas a iluminação, vimo-lo, não é permanente e frequentes vezes os blindados terão que referenciar objectivos na escuridão para em seguida fazerem fogo com ou sem iluminação. Vários processos foram aperfeiçoados para permitir esta referenciação com vista ao tiro.

A primeira ideia é efectuar tiros referenciados. É sempre possível com efeito referenciar de dia pontos de passagem obrigatória, ou até mesmo de noite, marcando provisoriamente esses pontos com focos luminosos, desde que haja tempo e espaço necessários. Se dispuzer dum círculo repetidor de azimutes, o enenho blindado pode referenciar vários pontos. O tiro efectua-se aproveitando ou não uma iluminação. A iluminação obtida por minas iluminantes ou por projectores permite tornar precisa a pontaria final, enquanto que tiro sem iluminação envolve as eventualidades duma pontaria aproximada e deve de preferência ser efectuado com granada explosiva ou metralhadora. O emprego de tal processo é muito limitado, pois impõe detalhes e suprime a mobilidade aos engenhos blindados.

Vários outros métodos, recorrendo a diversas técnicas, permitem detectar o inimigo quer à simples vista, quer pela escuta, quer pelos seus movimentos.

A simples vista, a detecção intervém quando o inimigo se manifesta por focos luminosos de luz visível ou infravermelhos (faróis, projectores) ou

## Revista da Cavalaria

pelos clarões dos seus disparos. Se a detecção dos focos, mesmo infravermelhos na condição do observador ter uma óptica infravermelha, é simples, a localização, por falta de se poder avaliar a distância, é impossível. O tiro pode fazer-se com alça de combate, granada explosiva ou metralhadora.

No caso de objectivos fugazes (clarão do disparo), o tiro torna-se mais difícil, pois o apontador fica impossibilitado, por falta de pontos de referência, de se lembrar do local exacto donde surgiu o clarão. Um processo simples consiste, se as circunstâncias o permitem, em colocar no terreno, 200 metros à frente dos engenhos blindados, pontos fosforescentes que servirão para referenciar os clarões dos disparos.

Pela escuta, a referenciação dos objectivos é possível, mas, como já foi dito, a localização é muito imprecisa. Pode no entanto ser dum rigor suficiente para se fazer fogo quando o terreno é muito bem conhecido ou quando amplificadores de som foram judiciosamente colocados nos locais susceptíveis de serem transpostos pelo inimigo.

Os movimentos do adversário podem ser referenciados por radares. Quando um radar é colocado ao nível do esquadrão ou acima, as informações que fornece, depois de serem transformadas, permitem a utilização duma iluminação e o tiro. Quando um radar é adaptado a um pelotão e até emparelhado a um projector ou a uma boca de fogo de engenho blindado, as indicações que dá são imediatamente exploráveis; o tiro faz-se então com a máxima eficácia.

Ao problema da referenciação dos objectivos e do tiro está associado o da transmissão da informação entre o meio técnico ou humano, que detectou o objectivo, e o apontador. Esta operação denomina-se uma transferência. Com efeito, de dia, o tiro dos engenhos blindados não apresenta qualquer dificuldade, pois o apontador localiza facilmente um objectivo em função daquilo que vê ou das informações que lhe são prestadas. Pelo contrário, de noite, fora das circunstâncias em que o terreno está iluminado pela lua ou por artificios luminosos, o apontador distingue mal o terreno e não dispõe de qualquer ponto de referência para localizar um objectivo. As transferências podem ser simples ou múltiplas e dependem quer duma referenciação *à priori* do terreno, quer da identificação azimutal dum certo número de pontos importantes quer ainda de cálculos para transformar, por exemplo, os elementos dados por um radar em elementos exploráveis pelos blindados.

Assim, numerosos auxiliares permitem aos engenhos blindados referenciar objectivos, iluminar, deslocar-se e fazer fogo de noite, mas tem que se admitir que o inimigo disponha de meios semelhantes; por isso temos que encarar as técnicas necessárias para lutar contra a detecção adversa.

A iluminação adversa pode ser oposta uma iluminação direccional com o fim de encandear os observadores inimigos. Se o inimigo ilumina com infravermelhos, é sempre possível de o detectar com o auxílio de

## Revista da Cavalaria

ópticas infravermelhas, de detectores simples do tipo metascópio, ou ainda de material mais aperfeiçoado do tipo detector de alerta infravermelho montado sobre a viatura.

Para revelar as suas emissões radar, a técnica proporciona várias possibilidades que vão do simples detector, dando apenas o alerta, até aos localizadores indicando por triangulação a posição do radar adverso.

De noite, é muitas vezes difícil distinguir os amigos dos inimigos, contudo a técnica permite-o. Basta para isso montar sobre o engenho blindado um aparelho de responder que, interrogado por um radar, emite um sinal em código. É o sistema IFF dos aviões.

\*

Que nos reservará o futuro? Poder-se-ia verosivelmente admitir que a técnica progredirá e que os nossos blindados se equiparão com materiais cada vez mais adaptados ao combate nocturno. Depara-se-nos um inconveniente: o da superabundância de equipamento comprometendo o débito eléctrico do blindado e tendo como consequência a impossibilidade física duma guarnição média utilizar a totalidade dos auxiliares de que disporá, e combater. Um meio termo consiste em dotar o engenho blindado com os auxiliares indispensáveis e a montar em viaturas especializadas, situadas ao nível do esquadrão ou do regimento, os auxiliares mais aperfeiçoados. Estas viaturas seriam, desde o cair da noite, adaptadas aos pelotões destinados a conduzir acções nocturnas.

Pode-se crer que num futuro próximo os nossos blindados serão dotados com amplificadores de luminância e com projectores ou projecteis complementares para por vezes aumentar a luz ambiente; não é de excluir vê-los dotados com radar e com bússolas, na proporção de um por pelotão. Equipados deste modo, os nossos blindados poderiam detectar objectivos e ver o suficiente para se deslocarem e fazerem fogo. Num escalão acima do pelotão poder-se-iam atribuir os radares de vigilância, os detectores de radar ou de infravermelhos, os navegadores e bem entendido toda a gama dos meios de iluminação do campo de batalha, pois torna-se indispensável, para se conduzir um combate interarmas, que todo o pessoal veja em condições aproximadas às do dia.

Posteriormente, porque não encarar radares de tiro associados com a boca de fogo e suficientemente rigorosos para se poder fazer fogo na escuridão a grande distância apenas com os simples elementos fornecidos pelo radar? Os detectores térmicos proporcionam igualmente possibilidades. E depois, porque não orientar as pesquisas para satélites artificiais emitindo uma irradiação luminosa semelhante à dum pequeno sol? Vir-se-ia então a transformar a noite em dia e a combater de noite como de dia.

Depois desta análise das possibilidades nocturnas dos blindados, e dos auxiliares técnicos susceptíveis de lhes serem fornecidos, estamos longe da conclusão precipitada que poderia ter sido deduzida ao fim da descrição pessimista do ambiente nocturno. Os nossos engenhos blindados não são

## Revista da Cavalaria

cegos de noite. Podem combater, por vezes mesmo sem auxiliares se a visibilidade for suficiente. Contudo, o combate nocturno dos blindados é difícil e recorre a princípios que lhe são próprios.

\*

Levaria muito tempo a expôr aqui os procedimentos táticos que os blindados devem aplicar de noite. É uma questão de instruções e regulamentos. Em compensação, julga-se que tem interesse assinalar a importância que revestem de noite certos factores que pouco ou nada influem no combate de dia. É a combinação destes diferentes factores que permitirá ao chefe conduzir com êxito as suas unidades no combate.

Já vimos como era delicado de noite o problema da navegação. Torna-se indispensável que o chefe conheça este imperativo e preveja os meios necessários. Se as unidades não dispõem de qualquer auxiliar à navegação e a noite estiver escura, deve saber que estão praticamente excluídas as evoluções em todo o terreno.

A coesão das unidades reveste uma importância capital de noite. Deve ser uma preocupação constante do chefe, pois que suprime qualquer desorganização e permite uma manobra audaciosa e rápida. Nesta conformidade, as pequenas unidades devem adoptar um dispositivo cerrado até à distância à vista entre as viaturas, providas ou não de dispositivos de coesão.

Ao problema da coesão está ligado o do «controle» da acção. De dia, a boa visibilidade permite ao chefe, na maioria das circunstâncias, seguir à vista o desenrolar da acção e cada um pode observar as evoluções do seu vizinho. De noite, o controle é mais difícil; por isso o chefe será frequentemente compelido a colocar «controladores» no terreno, encarregados de orientar os executantes e a dar apenas às unidades objectivos e limites de acção perfeitamente identificáveis.

A iluminação é perigosa. É uma arma de dois gumes que tanto pode revelar as posições amigas (projectores), como iluminar igualmente o adversário e os amigos (projecteis pirotécnicos). A iluminação é uma grande consumidora de energia eléctrica (projectores), impondo o trabalhar dos motores, portanto fonte de indiscricção, e uma grande consumidora de munições, o que acarreta reabastecimentos excepcionais. O emprego da iluminação é regulamentado pelo plano de iluminação da Grande Unidade. Este plano determina as condições em que a iluminação planificada em zona é efectuada, e fixa os limites de emprego da iluminação de oportunidade.

As dificuldades inerentes à noite impõem naturalmente que se prevejam acções simples, tanto na sua concepção como na sua execução, e que sejam minuciosamente preparadas, pois uma vez lançadas, é prejudicial modificá-las.

É além disso necessário que qualquer chefe, que empenhe blindados de noite, saiba que são de adoptar prazos superiores aos usados de dia. Estes prazos são, bem entendido, associados ao grau de visibilidade da

# Revista da Cavalaria

noite. Numa noite clara ou com o campo de batalha iluminado, os blindados poderão combater quase ao mesmo ritmo que de dia, mas desde que a escuridão se acentue, os prazos deverão ser duplicados ou por vezes até triplicados.

Se estes poucos princípios são respeitados, as unidades blindadas estão perfeitamente aptas a desempenhar as mesmas missões que de dia, mas num ritmo e segundo processos ligeiramente diferentes.

Embrenhadas num ambiente hostil, mas favorecidas por intermédio de auxiliares técnicos que reforçam as suas possibilidades, todas as formações blindadas devem estar aptas a combater de noite.

É antes de mais nada questão de testemunho de convicção. É preciso acreditar nos seus meios, estar persuadido da eficácia do combate nocturno e saber que a noite pode ser uma aliada para os chefes decididos e para as unidades treinadas, permitindo audácias sem grandes inconvenientes.

É também questão de instrução. O combate nocturno não se improvisa, torna-se necessário habituar as guarnições ao ambiente nocturno e progressivamente familiarizá-las com os auxiliares técnicos para as preparar a efectuar evoluções e missões simples no combate, antes de as empenhar em vastos exercícios de noite utilizando todas as armas. É à custa de numerosos exercícios nocturnos que este resultado será alcançado.

Também se torna necessário saber que a técnica não é uma panaceia. Os materiais mais bem elaborados podem empanar, outros podem ser destruídos. A unidade blindada encontrar-se-á então em plena escuridão, entregue apenas aos meios humanos de observação e de detecção das suas guarnições. Mas se essa unidade tiver sido bem instruída e treinada em ambiente nocturno, então poderá, seguindo as pisadas dos seus maiores do Somme montados em C. C. B 1 bis, apoderar-se duma ponte, destroçar o inimigo e salvaguardar, a despeito da noite, as características próprias da Arma blindada: a mobilidade, a velocidade e a potência.

# Resumo de Contabilidade

Este resumo trata de alguns aspectos fundamentais da contabilidade, abordando os princípios básicos e a importância da informação financeira para a tomada de decisões. A contabilidade é considerada a linguagem universal dos negócios, permitindo a mensuração e a comunicação dos resultados econômicos de uma entidade.

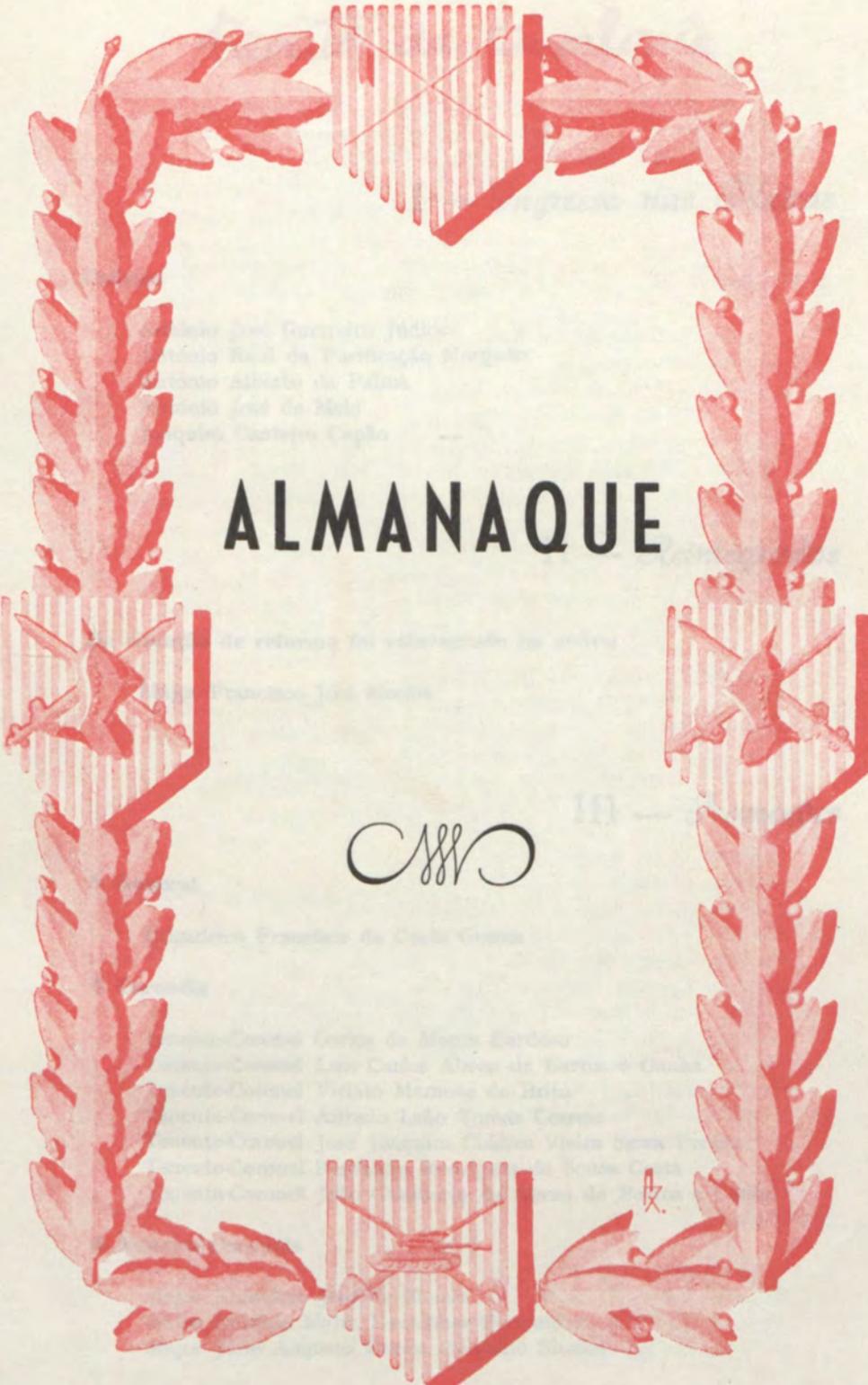
Os princípios contábeis são fundamentais para a elaboração de demonstrações financeiras confiáveis. Entre os principais princípios, destacamos a competência, a imparcialidade, a prudência e a continuidade. A aplicação correta desses princípios garante a credibilidade e a utilidade das informações contábeis para os diversos stakeholders da organização.



A contabilidade é uma ciência que tem por objeto a mensuração, a registro e a comunicação dos fatos econômicos que ocorrem em uma entidade. Ela se divide em contabilidade financeira, que registra os aspectos monetários das operações, e contabilidade gerencial, que fornece informações para a administração interna da empresa. A contabilidade financeira é regida por normas técnicas estabelecidas pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e pelos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs).

As demonstrações financeiras são o resultado final do processo contábil e representam a síntese da situação econômica da entidade em determinado período. Elas são compostas por balanço patrimonial, demonstração de resultados, demonstração de fluxo de caixa e demonstração de lucros e prejuízos. Essas demonstrações são essenciais para a avaliação da saúde financeira e operacional da organização.

A contabilidade também desempenha um papel fundamental na gestão empresarial, permitindo o controle de custos, a análise de rentabilidade e a tomada de decisões estratégicas. Além disso, ela é uma ferramenta indispensável para a transparência e a prestação de contas perante os acionistas, credores e demais partes interessadas.



**ALMANAQUE**

CS&O



# Revista da Cavalaria

## I — Ingresso nas Fileiras

### Cadetes

António José Guerreiro Júdice  
António Raúl da Purificação Morgado  
António Alberto da Palma  
António José de Melo  
Joaquim Canteiro Capão

## II — Reintegrados

### Da situação de reforma foi reintegrado no activo

Major Francisco José Morais

## III — Promoções

### A General

Brigadeiro Francisco da Costa Gomes

### A Coronéis

Tenente-Coronel Carlos de Moura Cardoso  
Tenente-Coronel Luís Carlos Abreu de Barros e Cunha  
Tenente-Coronel Viriato Mamede de Brito  
Tenente-Coronel Alfredo Leão Tomás Correia  
Tenente-Coronel José Joaquim Colares Vieira Serra Pereira  
Tenente-Coronel Fernando Rodrigues de Sousa Costa  
Tenente-Coronel João Gualberto de Abreu de Barros e Cunha

### A Tenente-Coronéis

Major Francisco José de Morais  
Major António Malta Leuschner Fernandes  
Major Júlio Augusto Pessoa Carvalho Simões

# Revista da Cavalaria

Major Manuel José Lopes Cerqueira  
Major Alfredo Alexandre Ordaz Mangas  
Major Álvaro Francisco Torres de Andrade e Silva  
Major António Lobato de Oliveira Guimarães

## A Majores

Capitão António Xavier Areu Y Campos Pereira Coutinho  
Capitão Francisco José Martins Ferreira  
Capitão Gabriel da Fonseca Dores  
Capitão Mário da Cunha Seixas  
Capitão Francisco Manuel Martins dos Santos  
Capitão Júlio José Ribeiro de Almeida Vergas Rocha  
Capitão Fernando Jorge Barbosa dos Santos Leite  
Capitão Arnaldo Eduardo de Sotto Pires  
Capitão Vítor José de Ataíde Saraiva Marques  
Capitão António José de Faria Fernandes  
Capitão José Manuel Martins da Silva  
Capitão Helder Humberto do Nascimento Matias  
Capitão Luís Maria Coelho Casquilho  
Capitão Rui d'Orey Pereira Coutinho  
Capitão Alexandre Manuel Gonçalves Dias Lima  
Capitão António Torres de Andrade e Silva  
Capitão António Carlos Dias Antunes  
Capitão Carlos Manuel de Azevedo Pinto Melo e Leme  
Capitão Manuel José Martins Rodrigues  
Capitão Nelson Guedes Valente  
Capitão Carlos Alexandre de Moraes  
Capitão Armando José da Silva Freire  
Capitão Mário António de Pádua Valente  
Capitão José Cândido de Bonnefon Paula Santos  
Capitão Alberto Mourão da Costa Ferreira  
Capitão Amadeu Nunes Duarte  
Capitão Artur Manuel Pereira da Silva Baptista  
Capitão António José Pereira Calisto  
Capitão Eduardo Matos Guerra  
Capitão Roberto Ferreira Durão  
Capitão Luís Francisco Pinto de Sousa Moreira  
Capitão António Maria da Costa Cabral de Costa Macedo

## A Capitães

Tenente José Augusto Delgado Tamagnini  
Tenente Carlos Fernando Anselmo de Oliveira Soares  
Tenente Valdemar Couto Lopes Nóvoa  
Tenente Henrique de Carvalho Moraes

# Revista da Cavalaria

Tenente Alberto Rui Guedes Teixeira de Sampaio  
Tenente José Manuel Marques Pacífico dos Reis  
Tenente João Carlos de Sousa Rego Nunes da Palma  
Tenente Alvaro Camilo de Almeida Seabra de Albuquerque  
Tenente Luís Filipe Rei Vilar  
Tenente Raúl Fernando Durão Correia  
Tenente Manuel Urbano Moreira Dias  
Tenente António Fernando Caetano  
Tenente José Augusto da Cunha Rodrigues Cruz  
Tenente Luís Manuel da Silva Pereira Coutinho  
Tenente Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto  
Tenente Jaime Gomes Vieira  
Tenente Orlando Antero Rebanda Páscoa  
Tenente Luís Gonzaga Ribeiro Goulão  
Tenente José Guilherme Paixão Ferreira Durão  
Tenente Fernando Governo dos Santos Maia  
Tenente Norberto Carvalho de Lacerda Benigno  
Tenente José Maria de Campos Mendes Sentieiro  
Tenente Alexandre Beato Correia  
Tenente Henrique António Costa de Sousa  
Tenente Joaquim Manuel Correia Bernardo  
Tenente António Luís Serra Picão de Abreu  
Tenente João Soares de Sá e Almeida  
Tenente Fernando Duarte Pina da Silva Ramos  
Tenente Carlos Manuel Dias de Almeida  
Tenente Fernando Emanuel de Carvalho Bicho  
Tenente Manuel Maria Pinheiro das Neves Veloso  
Tenente Hernani dos Anjos Moás

## A Tenentes graduados em Capitães

Alferes José Cordeiro de Araújo  
Alferes João da Silva Rocha Pinto  
Alferes Jaime Anselmo Alvim Faria Afonso  
Alferes José César Restolho Mateus  
Alferes Augusto Torres Mendes  
Alferes Luís Miguel da Ataíde  
Alferes Orlando José do Espírito Santo Ramos  
Alferes Alberto António Ferreira

## A Tenentes

Alferes Luís Alberto dos Santos Banazol  
Alferes Armindo José Pinto Machado  
Alferes Jorge Félix Furtado Dias  
Alferes Carlos Manuel Serpa de Matos Gomes

# Revista da Cavalaria

Alferes António Augusto Cuco Rosa  
Alferes Manuel de Assis Teixeira de Gois  
Alferes Miguel José da Câmara Ramalho Ortigão  
Alferes José Paulo de Montenegro Mendonça Falcão  
Alferes Francisco Vasco Gonçalves de Moura Borges  
Alferes João Manuel Toxa da Silva Araújo  
Alferes Rogério da Silva Guilherme  
Alferes Francisco Guilherme Marinha Barreiros  
Alferes José António Fernandes Domingues

## A Aspirantes-a-Oficial

Cadete António José Guerreiro Júdice  
Cadete António Raúl da Purificação Morgado  
Cadete António Alberto da Palma  
Cadete António José de Melo  
Cadete Joaquim Canteiro Capão

## A Sargentos-Ajudantes

1.º Sargento António Germano Ganhão  
1.º Sargento José Agostinho das Candeias  
1.º Sargento David Domingos Machado  
1.º Sargento José Pereira Pinto Cabaças

## A Primeiros Sargentos

2.º Sargento Manuel Tavares  
2.º Sargento João Domingues Gomes

## A Segundos Sargentos

Furriel Guilherme da Costa Magalhães

## A Furriéis

Furriel Miliciano Ilídio Paulino dos Remédios

## IV — Condecorações

### 1. POR FEITOS EM CAMPANHA

#### a. Ordem Militar da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Mérito, com Palma

Capitão Duarte Manuel de Amarante Rocha Pamplona

#### b. Medalha de Prata de Valor Militar, com Palma

Alferes Miliciano Venâncio Marinho Cruz  
Soldado António Nunes Soares

#### c. Medalha da Cruz de Guerra

##### (1) De 1.<sup>a</sup> Classe

Capitão João Ramiro Alves Ribeiro  
Alferes Luís António Andrade Âmbar  
Soldado Armando Pedro Barreiro dos Santos  
Soldado José Dias António

##### (2) De 2.<sup>a</sup> Classe

Capitão António Baptista Tomé  
Alferes Miliciano José Eduardo de Sousa Uva  
Alferes Miliciano José Manuel Martins Poças  
Furriel Miliciano Fernando Abel Jorge de Carvalho  
1.<sup>o</sup> Cabo Joaquim Pedro Carreiro Rendeiro  
1.<sup>o</sup> Cabo Luís José Castor Florindo  
Soldado Valentim Campos da Silva  
Soldado António Manuel Cordeiro Inácio

##### (3) De 3.<sup>a</sup> Classe

Capitão José do Nascimento Martins  
Capitão António Diogo de Brito e Faro  
Alferes Miliciano Francisco Artur Bernardes Carneiro  
Alferes Miliciano José Manuel da Cruz Henriques  
Alferes Miliciano Gonçalo Nuno Duarte de Sampaio Fevereiro  
Alferes Miliciano Pedro Manuel de Oliveira Marinho Falcão  
Furriel Miliciano Armando Gaspar de Brito  
Soldado Olívio de Sousa Ferreira Mestre

# Revista da Cavalaria

Soldado Francisco dos Santos Gonçalves Lobo  
Soldado Alberto Pedro  
Soldado Serafim Mário Moreira da Silva  
Soldado José Vicente Refacinho Mourão

## (4) De 4.<sup>a</sup> Classe

2.<sup>o</sup> Sargento António Fernando Heitor Morais  
2.<sup>o</sup> Sargento Miliciano Arlindo Alves Martins  
Furriel Miliciano Estevão Maria Sá Coutinho de Lencastre  
Furriel Miliciano José Filipe dos Santos Duarte  
Furriel Miliciano Renato David Gomes Brás  
1.<sup>o</sup> Cabo Manuel Guerreiro Coelho  
1.<sup>o</sup> Cabo Amadeu Gonçalves Vieira da Silva  
1.<sup>o</sup> Cabo Joaquim Duarte Dias  
1.<sup>o</sup> Cabo João Ramajal Alves  
1.<sup>o</sup> Cabo Fernando Cândido de Jesus  
1.<sup>o</sup> Cabo Armando Alves Nunes da Silva  
1.<sup>o</sup> Cabo Albino Ferreira Bessa  
1.<sup>o</sup> Cabo António Manuel Soares Ferreira Simões  
Soldado Domingos Aires Antunes Fernandes  
Soldado Joaquim Maria Correia Mourato  
Soldado Ricardo Ângelo Pereira Benoliel  
Soldado Manuel Arnaldo Sequeira Marques  
Soldado Manuel dos Santos Baptista  
Soldado Carlos Alberto da Silva Figueiredo  
Soldado António Mendes Nogueira  
Soldado Valentim Joaquim Lourenço  
Soldado Helder Martins  
Soldado José Henrique Mota Fernandes  
Soldado Sílvio Alfredo Carneiro da Silva  
Soldado José Inácio de Medeiros  
Soldado Manuel Bruno Duarte  
Soldado José Joaquim Varela Martins  
Soldado Milícia Bacar Camará  
Caçador Nativo Guela Baldé

## d. Medalha Militar de Serviços Distintos, com Palma

### (1) De Ouro

Brigadeiro Eduardo Joaquim Magalhães Almeida Martins Soares  
Tenente-Coronel Fernando Maria de Fontes Pereira de Melo

### (2) De Prata

Coronel António Ferreira de Carvalho Freire Damião  
Coronel Abílio de Oliveira Ferro

# Revista da Cavalaria

Tenente-Coronel João Carlos Craveiro Lopes  
Tenente-Coronel José Vítor da Costa Morais  
Tenente-Coronel Joaquim Rodrigues Alho  
Alferes Miliciano José Manuel Macedo Azeredo Pais

(3) *De Cobre*

Furriel Miliciano Mário Nunes da Silva

## e. Medalha de Mérito Militar

(1) *De 1.ª Classe*

Coronel Fernando José Pereira Marques Cavaleiro  
Tenente-Coronel Luís Clemente Pereira Pimenta de Castro  
Major Domingos de Vilas Boas de Sousa Magalhães

(2) *De 2.ª Classe*

Tenente-Coronel Fernando Maria Fontes Pereira de Melo  
Tenente-Coronel Augusto da Fonseca Lage  
Tenente-Coronel Miguel Fernandes Moreno  
Tenente-Coronel Manuel José Lopes Cerqueira  
Tenente-Coronel José Maria Carvalho Teixeira  
Major António Lobato de Oliveira Guimarães  
Major José Joaquim Marques Peralta  
Major António Ferreira Cabral Pais do Amaral  
Major João Sequeira Marcelino  
Major António Manuel da Palma Baracho  
Major Roberto Ferreira Durão

(3) *De 3.ª Classe*

Capitão Carlos José Campos de Andrada  
Capitão Joaquim Rodrigo Nest Arnaut Pombeiro  
Capitão Henrique de Ataíde de Sousa Dias  
Capitão Eduardo Matos Guerra  
Capitão Rui Mamede Monteiro Pereira  
Capitão Joaquim Simões Pereira  
Capitão João Manuel Duarte Moniz Barreto  
Capitão Baltasar Espada Gamito Ferreira  
Capitão Viriato Manuel de Assa Castelo Branco  
Capitão João de Almeida Bruno  
Capitão Fernando Barbosa Monteiro Gonçalves  
Capitão Alexandre Manuel Gonçalves Dias de Lima  
Capitão Miliciano Duarte Salvado da Cunha Raimundo  
Capitão Miliciano José Eduardo Pires Fernandes

# Revista da Cavalaria

Capitão José Adriano da Silva Monteiro  
Tenente Graduado Capelão António Esteves  
Alferes Miliciano Luís Augusto de Biver Possolo de Azevedo  
Alferes Miliciano Carlos Manuel Rodrigues de Faria Carvalho  
Alferes Miliciano José Álvaro de Barros da Silva  
Alferes Miliciano Domingos Alberto Amorim da Mota Vieira  
Alferes Miliciano Gregório Gomes Silvestre  
Alferes Miliciano Manuel Luís Empadinhas Kágado  
Alferes Miliciano Miguel Antero Macedo Teixeira Gomes  
Alferes Miliciano João Homem de Meneses Simões  
Alferes Miliciano José Joaquim Elias Gonçalves de Carvalho  
Alferes Miliciano António Vítor de Carvalho Pereira  
Alferes Miliciano Médico Joaquim Lopes Picão Fernandes  
Alferes Miliciano Artur Emílio de Carvalho Mesquita  
Alferes Miliciano Humberto Augusto de Castro Seixas  
Alferes Miliciano José Armando Lopes Garcia

## (4) De 4.<sup>a</sup> Classe

1.º Sargento Manuel Carreiras Rato  
1.º Sargento Francisco António Alho  
1.º Sargento José Esperança  
1.º Sargento Acácio dos Santos Clemente  
1.º Sargento Daniel Fernandes Coelho  
2.º Sargento José Joaquim Clemente de Oliveira  
2.º Sargento Adelino Moreira Raimundo  
2.º Sargento Joaquim Manuel Germano Ganhão  
2.º Sargento Jorge Luís Magalhães Mendes  
2.º Sargento Francisco Gonçalves Tapadas  
2.º Sargento Amílcar Teixeira  
Furriel Miliciano Manuel dos Anjos Ferreira Dinis  
Furriel Miliciano Carlos Alberto da Silva Pego  
Furriel Miliciano João Pires Esteves  
Furriel Miliciano José Daniel dos Santos Ferreira  
Furriel Miliciano Manuel Ferreira Canas Mendes  
1.º Cabo Alfredo da Silva Moreira Dias  
1.º Cabo Manuel Canário Raimundo  
1.º Cabo Francisco Luís da Encarnação Pereira  
1.º Cabo Henrique dos Santos Bernardo  
1.º Cabo Manuel Marques Carpinteiro  
1.º Cabo Luís Barbosa da Costa  
Soldado José de Jesus Jacinto  
Soldado Manuel Duarte Domingos  
Soldado João Matias Ramos  
Soldado António Mateus Gageiro  
Soldado José Garcia Madeira  
Soldado Manuel Rosa Gomes Padre Nosso

# Revista da Cavalaria

Soldado João Martins Ruivo  
Soldado Jaime José  
Soldado Leonel Pereira de Oliveira  
Soldado Alberto Nascimento Afonso Bernardo

## 2. POR DIVERSOS MOTIVOS

### a. Grau de Comendador no Corpo de Graduados Especiais da Ordem de Mérito Militar dos Estados Unidos do Brasil

General António Augusto de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho

### b. Grã-Cruz, com distintivo branco, da Ordem do Mérito Militar, de Espanha

General António Camilo de Sá Pinto de Abreu Sottomayor

### c. Grau de Oficial da Ordem Militar de Cristo

Major Rui de Orey Pereira Coutinho

### d. Grau de Cavaleiro da Ordem de Cisneiros, de Espanha

Capitão Miliciano Manuel Correia Robalo Gouveia

### e. Grau de Comendador da Ordem Militar de Avis

Tenente-Coronel António Maria Rebelo

### f. Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Avis

Capitão Henrique de Ataíde de Sousa Dias

### g. Medalha de Prata de Serviços Distintos

Coronel Res. Luís Soares de Oliveira  
Coronel Res. Américo Júlio da Silva Reboredo Sampaio e Melo

# Revista da Cavalaria

## V — Louvores em Campanha

### 1. Pelo Ministro do Exército

#### 1967 (ainda não mencionado)

03 Nov 67	Capitão Carlos José Campos de Andrada
03 Nov 67	Capitão Serafim da Cruz Duarte Pinto
21 Nov 67	Furriel Miliciano Fernando Abel Jorge de Carvalho
21 Nov 67	Soldado Armando Pedro Barreiro dos Santos
28 Nov 67	Soldado José Dias António
05 Dez 67	Alferes Miliciano Francisco Artur Bernardes Carneiro

#### 1968

16 Jan 68	Alferes Miliciano José Eduardo de Sousa Uva
06 Fev 68	Major João Sequeira Marcelino
06 Fev 68	Alferes Graduado Capelão António Valente de Matos
20 Fev 68	Capitão Eduardo Matos Guerra
20 Fev 68	Capitão Rui Mamede Monteiro Pereira
01 Mar 68	Furriel Miliciano Mário Nunes da Silva
19 Mar 68	Tenente-Coronel João Carlos Craveiro Lopes
19 Mar 68	Capitão João Ramiro Alves Ribeiro
19 Mar 68	Soldado José de Jesus Jacinto
26 Mar 68	Brigadeiro Eduardo J. Magalhães A. Martins Soares
02 Abr 68	Tenente-Coronel Fernando M. de Fontes Pereira de Melo
30 Abr 68	Coronel Abílio de Oliveira Ferro
30 Abr 68	Major António Manuel da Palma Baracho
30 Abr 68	Capitão José do Nascimento Martins
30 Abr 68	Furriel Miliciano Estevão M. Sá Coutinho de Lencastre
07 Mai 68	Coronel António Ferreira de Carvalho Freire Damião
21 Mai 68	Capitão Alexandre Manuel Gonçalves Dias de Lima
25 Jun 68	Capitão Luís Francisco Pinto de Sousa Moreira
25 Jun 68	Alferes Miliciano Luís António Andrade Âmbar
16 Jul 68	Soldado António Nunes Soares
13 Ago 68	Tenente-Coronel José Vítor da Costa Morais
13 Ago 68	Major Roberto Ferreira Durão
28 Set 68	Furriel Miliciano Manuel Ferreira Canas Mendes
08 Out 68	Capitão José Adriano da Silva Monteiro
08 Out 68	Alferes Miliciano José Manuel Macedo Azeredo Pais
15 Out 68	Capitão Mário António Baptista Tomé
15 Out 68	1.º Cabo Joaquim Carreiro Rendeiro
15 Out 68	1.º Cabo Luís José Castor Florindo

# Revista da Cavalaria

15 Out 68	Soldado António Manuel Cordeiro Inácio
23 Out 68	Tenente-Coronel Joaquim Rodrigues Alho
23 Out 68	Capitão Miliciano Baltasar Espada Gamito Ferreira
23 Out 68	Capitão Miliciano António Luís Vicente
05 Nov 68	Soldado Alberto Pedro
05 Nov 68	Soldado José Inácio de Medeiros
12 Nov 68	Soldado José Vicente Refacinho Mourão

## 2. Pelo Comandante Chefe das Forças Armadas da Guiné

1966 (ainda não mencionado)

1.º Cabo João Vieira de Melo

1967 (ainda não mencionado)

05 Jun 67 Alferes Miliciano António José Pires Condesso

1968

08 Abr 68 Capitão Orlando José Sequeira da Silva

18 Abr 68 Tenente-Coronel Luís Clemente Pimenta de Castro

02 Mai 68 Alferes Miliciano José Manuel Martins Poças

## 3. Pelo Comandante da Região Militar de Angola

1967 (ainda não mencionado)

31 Dez 67 1.º Sargento José Cabaço Leitão

1968

24 Jan 68 Soldado José Garcia Madeira

09 Fev 68 Tenente-Coronel António Pais Andorinho Romão

12 Abr 68 1.º Cabo Fernando Cândido de Jesus

22 Abr 68 Soldado José Jesus Pereira Sebastião

22 Abr 68 Soldado António José da Conceição Neves

22 Mai 68 Major Arnaldo Eduardo de Souto Pires

06 Jul 68 Capitão António Diogo de Brito e Faro

# Revista da Cavalaria

- 06 Jul 68 Capitão Miliciano João Manuel da F. Nunes e Sena
- 06 Jul 68 Soldado José Augusto Inácio Costa Barateiro
- 06 Jul 68 Soldado Vítor Manuel Duarte Figueira
- Soldado Francisco dos Santos Gonçalves Lobo
- Soldado Helder Martins
- Soldado José Henriques Mota Fernandes

## 4. Pelo Comandante Militar do CTI da Guiné

1966 (ainda não mencionados)

- 1.º Cabo Custódio Maria Vital
- 1.º Cabo António Dias de Oliveira

1967 (ainda não mencionados)

- 17 Abr 67 Tenente-Coronel Miguel Fernandes Moreno
- 20 Jul 67 2.º Sargento João da Conceição Baptista
- 20 Jul 67 Soldado Manuel Fernando Martins Nunes
- 03 Ago 67 Major Carlos C. de S. V. Porto
- 05 Dez 67 2.º Sargento Miliciano Arlindo Alves Martins
- 05 Dez 67 1.º Cabo João Augusto Rosa Pereira
- 05 Dez 67 Soldado João Amoroso Pinto
- 05 Dez 67 Soldado Joaquim Maria Correia Mourato
- 05 Dez 67 Soldado Domingos Aires Antunes Fernandes
- 21 Dez 67 1.º Cabo Sérgio Manuel Neves da Silva
- 1.º Cabo Alfredo Albino Teixeira
- Soldado Manuel Leite
- Soldado Acácio do Nascimento Ferreira
- Soldado João Gonçalves

1968

- 03 Jan 68 2.º Sargento João da Conceição Baptista
- 09 Jan 68 Alferes Miliciano João Maria Abrunhosa de Sousa
- 09 Jan 68 2.º Sargento Armando José Gauchinho Ventura
- 09 Jan 68 2.º Sargento Joaquim dos Santos Rodrigues
- 24 Jan 68 Alferes Miliciano José António de Araújo Fernandes
- 24 Jan 68 Furriel Miliciano Gabriel Elias Alves Grácio
- 24 Jan 68 1.º Cabo Amadeu de Jesus Nogueira
- 24 Jan 68 Soldado João de Jesus Rosa
- 29 Jan 68 1.º Cabo José Ferreira Alves
- 29 Jan 68 1.º Cabo Júlio da Silva Reis
- 29 Jan 68 Soldado Jaime Morgado Rosa
- 06 Fev 68 Soldado Isidro Cardoso
- 08 Fev 68 2.º Sargento Manuel Marques de Sousa
- 08 Fev 68 Soldado Diamantino Simões Martins

# Revista da Cavalaria

19 Fev 68	2.º Sargento Arlindo Alves Martins
19 Fev 68	Soldado Domingos Aires A. Fernandes
19 Fev 68	Soldado Joaquim Maria C. Mourato
20 Fev 68	Furriel Miliciano Fernando do Espírito Santo Pereira
20 Fev 68	Soldado José António Palma
21 Fev 68	Capitão Ruy Luís de Faria Fernandes
02 Abr 68	Tenente-Coronel Miguel Fernandes Moreno
04 Abr 68	1.º Cabo José Vieira
04 Abr 68	1.º Cabo José Alves de Faria
04 Abr 68	Soldado Olívio São Pedro Mendes
04 Abr 68	Soldado Milícia Bacar Camará
04 Abr 68	Soldado Nativo Papai Nanque
08 Abr 68	Capitão Miliciano António José de Carvalho Serrão
08 Abr 68	Caçador Nativo Jorge Embana
30 Abr 68	1.º Cabo Alberto Alves Coelho
30 Abr 68	Soldado António José Parreira
09 Mai 68	Tenente João Francisco Ramos Rego Bayan
26 Jun 68	Major Carlos C. de S. V. Porto
14 Jul 68	Alferes Miliciano Manuel M. Rodrigues de Sousa
09 Jul 68	Furriel Miliciano José M. da Silva Fraga
09 Jul 68	1.º Cabo Francisco Monteiro de Almeida
22 Jul 68	1.º Cabo António Almeida e Silva
22 Jul 68	1.º Cabo Francisco da C. Inácio
22 Jul 68	Soldado António Duarte Costa
03 Set 68	Soldado Fome Sá
	Alferes Miliciano Francisco Santos Rodrigues
	Alferes Miliciano Médico Paulo Arnaldo Reed Petracchi
	Alferes Miliciano António Carlos Ferrão Dias
	Furriel Miliciano José Joaquim Silva e Silva
	1.º Cabo José Luís Correia Pereira
	1.º Cabo Mamadu Alin Dajacó
	1.º Cabo Acácio Antunes dos Santos Neves
	Soldado Luís Mateus Pinela Caldeira
	Soldado Fermiano do Carmo Pablo
	Soldado Nativo Braima Sissé
	Soldado Nativo Ocurim Có

## 5. Pelo Comandante da Região Militar de Moçambique

1967 (ainda não mencionado)

23 Nov 67 Furriel Miliciano Fernando Tavares Ferro Delicado

1968

03 Jan 68 Tenente-Coronel Augusto da Fonseca Lage

27 Jan 68 Capitão Abel Luís Lemos Caldas

# Revista da Cavalaria

22 Fev 68	Alferes Miliciano Alvaro Gonçalves Braga
07 Mar 68	2.º Sargento Adelino Moreira Raimundo
08 Mar 68	Soldado Carlos Alberto da Silva Figueiredo
23 Mar 68	1.º Cabo Aníbal Fernando do Carmo Coelho
23 Mar 68	Soldado Manuel Augusto Claro
11 Mai 68	2.º Sargento Elias Maria Mira
16 Mai 68	Soldado Leonel Pereira de Oliveira
20 Mai 68	2.º Sargento José Rodrigues Branco
25 Mai 68	Alferes Miliciano Pedro Manuel de Oliveira M. Falcão
25 Mai 68	Furriel Miliciano Francisco Maria Ramalho
16 Jul 68	Alferes Miliciano José Armando Lopes Garcia
03 Ago 68	1.º Cabo Américo Sequeira Henriques Salgueiro
05 Ago 68	Alferes Miliciano Afonso Manuel F. Ferreira Martins
05 Ago 68	1.º Cabo Amândio Cerqueira Pereira
05 Ago 68	Soldado Alberto Pedro
08 Ago 68	Furriel Miliciano António da Silva Barbosa Gamelas
15 Ago 68	Alferes José Carlos Cadavez
29 Ago 68	Furriel Miliciano José Filipe dos Santos Duarte
25 Set 68	Furriel Miliciano António Jorge Custódio
26 Set 68	1.º Cabo Faquir Issufo Chamane
03 Out 68	1.º Cabo António Manuel Soares F. Simões
10 Out 68	Capitão José Eduardo Figueira de Castro Neves
02 Dez 68	Soldado José Joaquim Varela Martins
	Tenente Leonel Augusto Moura
	Alferes Miliciano José Machado Diniz
	2.º Sargento Francisco da Silva Braz
	Furriel Miliciano Alberto António Fernandes Sampaio

## 6. Pelos Comandantes de Agrupamento

1966 (ainda não mencionados)

07 Fev 66	Furriel Miliciano Joaquim António Figueiredo Ferreira
07 Fev 66	1.º Cabo Joaquim António Estriga de Carvalho
28 Mar 66	Furriel Miliciano Higinio Domingos Ferreira da Silva
28 Mar 66	Soldado Alcides Fachada Correia
	1.º Sargento António Germano Canhão
	Furriel Miliciano Albino Rodrigues da Cruz
	1.º Cabo José da Glória Récio
	1.º Cabo Joaquim Carlos
	1.º Cabo Miguel Pereira Lemos
	1.º Cabo Joaquim Augusto Pomares
	Soldado Adelino Ferreira Pé-Leve
	Soldado Manuel Pereira Duarte Silva

# Revista da Cavalaria

## 1967 (ainda não mencionados)

- 26 Set 67 Capitão Orlando José Sequeira da Silva  
29 Set 67 Tenente-Coronel Luís Clemente Pimenta de Castro  
10 Out 67 2.º Sargento Manuel Albino Sá Fernandes  
10 Out 67 Furriel Miliciano Luís António Alves Ferreira  
13 Out 67 2.º Sargento Ramiro Bernardino  
25 Out 67 Soldado José Manuel G. Granadeiro  
28 Nov 67 1.º Cabo Daniel de Jesus Pereira  
Capitão Miliciano João Carlos Pereira da Cruz  
Alferes Graduado Capelão José Mota Tavares  
1.º Cabo João Rodrigues Mendes  
Soldado José Cunha  
Soldado Luís Manuel da Conceição Peres Dias

## 1968

- 06 Jan 68 Capitão Eurico António Sacavém da Fonseca  
23 Abr 68 Soldado João Francisco Bernardo Ventura  
04 Mai 68 Soldado António Maria Guerreiro Ralha  
12 Mai 68 Furriel Miliciano Joaquim Alfredo de Sousa Peixeira  
12 Mai 68 1.º Cabo Adelino Augusto da Silva Ascensão  
12 Mai 68 1.º Cabo Cristóvão de Oliveira Rodrigues  
12 Mai 68 Soldado José Rodrigues  
15 Mai 68 2.º Sargento Faustino Manuel da Conceição José  
11 Jun 68 Furriel Miliciano José de Oliveira Costa  
27 Jun 68 Furriel Miliciano Fernando Alberto Oliveira Gomes  
03 Jul 68 Furriel Miliciano Rui Correia Vieira Soares  
12 Jul 68 Furriel Miliciano José Jesus Raminhos  
12 Jul 68 1.º Cabo António Carvalho Lopes  
12 Jul 68 1.º Cabo António B. da Ressurreição  
12 Jul 68 Soldado Queta Baldé  
22 Jul 68 Alferes Miliciano Médico Paulo Arnaldo Petracchi  
22 Jul 68 Sargento Ajudante Humberto Caetano de Sousa  
22 Jul 68 2.º Sargento Frederico M. Penedo  
Capitão José Cândido Bonefon Paula Santos  
Alferes Miliciano Francisco Santos Rodrigues  
Alferes Miliciano Antero Tavares Valongo  
Alferes Miliciano Alberto Bernardo Azevedo Leite  
2.º Sargento Manuel Albino de Sá Fernandes  
2.º Sargento Anibal Castanho Tomé  
Furriel Miliciano José Joaquim Silva e Silva  
Furriel Miliciano Carlos Manuel dos Santos Escarduca  
Furriel Miliciano António Ferreira Henriques  
Furriel Miliciano Carlos Caetano Freitas Vieira  
1.º Cabo João de Jesus Nunes  
1.º Cabo Mamede Aliu Dajaló  
1.º Cabo Cecílio Dias Aires

# Revista da Cavalaria

1.º Cabo António Manuel Henriques  
Soldado Manuel Apolinário Neto  
Soldado Armando Mota dos Santos  
Soldado Manuel João de Brito  
Soldado José da Conceição Antunes  
Soldado Mário Ferreira Cardador  
Soldado Joaquim José Pernas  
Soldado Aurélio Marques Ralha  
Soldado Abel da Silva Craveiro  
Soldado Milícia Suntmeym Camará  
Soldado Milícia Bacar Camará  
Soldado Nativo Braima Sissé

## 7. Pelos Comandantes de Sector

### 1967 (ainda não mencionado)

19 Fev 67 1.º Cabo Domingos dos Santos Fernandes  
19 Fev 67 1.º Cabo Pedro Orlando Valente Gomes  
13 Jun 67 Tenente Graduado Capelão Manuel Soares de Pinho  
13 Jun 67 2.º Sargento Jorge Luís Magalhães Mendes  
13 Jun 67 1.º Cabo Francisco Perpétua Piteira  
05 Out 67 Alferes Miliciano Fernando Brito da Silva Martins  
06 Out 67 Capitão Miliciano Egas de Vidigal Vieira  
Soldado Herculano Rodrigues Augusto

### 1968

22 Jan 68 Furriel Miliciano Ilídio dos Santos Martins Eiras  
08 Fev 68 Alferes Miliciano Carlos Jorge Airoso Branco  
28 Fev 68 Soldado José Francisco Fialho Matado  
29 Fev 68 Capitão Jorge Manuel Morais da Silva Duarte  
15 Mar 68 Alferes Miliciano Afonso Manuel F. Ferreira Martins  
03 Abr 68 2.º Sargento Alfredo P. Nunes  
03 Abr 68 Furriel Miliciano Alberto António Fernandes Sampaio  
03 Abr 68 1.º Cabo Rogério António de Jesus  
03 Abr 68 Soldado José Navalha Pego  
03 Abr 68 Soldado António Mendes Filipes  
05 Abr 68 Capitão Filipe Domingues dos Santos  
05 Abr 68 Soldado Ricardo Ângelo Pereira Benoliel  
24 Abr 68 Alferes Miliciano Fernando Jorge dos Santos Pires  
24 Abr 68 Alferes Miliciano Adérito da Silva Vieira Amora  
24 Abr 68 1.º Cabo Manuel Joaquim Ferreira Ancede  
24 Abr 68 1.º Cabo António de Sousa Lucas

# Revista da Cavalaria

14 Mai 68	Capitão José Alberto de Menezes Pereira Monteiro
14 Mai 68	Alferes Guilherme Mortágua Salgado
14 Mai 68	2.º Sargento Francisco da Silva Brás
14 Mai 68	2.º Sargento José Cruz de Oliveira
17 Mai 68	Furriel Miliciano José Medeiros Lima
31 Mai 68	2.º Sargento António Fernando Heitor Morais
31 Mai 68	2.º Sargento Pacífico de Sá Teixeira
31 Mai 68	Furriel Miliciano Carlos Garcia Ramalho de Araújo
31 Mai 68	Furriel Miliciano José Filipe dos Santos Duarte
31 Mai 68	1.º Cabo Feliciano Abrãao Magaia
03 Jun 68	Furriel Miliciano Filipe Júlio Moreira Caseiro
03 Jun 68	Soldado Firmino dos Santos Júnior
07 Jun 68	Soldado João Ricardo Lopes
21 Jun 68	Capitão José Rocha de Oliveira Pinto
30 Jun 68	Alferes Miliciano António Ferreira Nunes
16 Jul 68	1.º Cabo Manuel António Rodrigues das Neves
23 Jul 68	1.º Cabo José Ernesto Proença
27 Jul 68	Soldado José Simões Adriano
23 Jul 68	1.º Cabo Manuel Henriques Moreira
29 Ago 68	Furriel Miliciano António Jorge Custódio

## 8. Pelo Comandante da ZIL

1968

09 Jan 68	Furriel Miliciano Mariano de Jesus Leal
24 Jan 68	Alferes Manuel Luís da Costa Barata Silvério
24 Jan 68	Furriel Miliciano José Vinício Peste Palma
24 Jan 68	Soldado Álvaro Pires Rosa
28 Jan 68	Capitão José de Oliveira Martins
13 Fev 68	Furriel Miliciano José Martins Cavaco
13 Fev 68	Furriel Miliciano José Diamantino da Silva Mochila
13 Fev 68	1.º Cabo Constantino António Teixeira

## VI — *Louvores por diversos motivos*

### 1. Pelo Ministro do Exército

06 Ago 68	Coronel Américo Júlio da S. Reboredo Sampaio e Melo
08 Ago 68	Capitão João António Branco Martins da Rosa Garoupa
13 Ago 68	Coronel Luís Soares de Oliveira

# Revista da Cavalaria

## VII — Transferências

### PARA OUTRAS SITUAÇÕES

#### Reserva

Coronel António Prazeres Júlio  
Coronel Vasco da Costa Ataíde Cordeiro  
Coronel António Herculano de Miranda Dias  
Coronel Abílio de Oliveira Ferro  
Coronel Joaquim dos Santos Alves Pereira  
Tenente-Coronel José Maria de Carvalho Teixeira

#### Reforma

Coronel Luís da Costa Ivens Ferraz  
Coronel Francisco António de Araújo de Azevedo Pimenta da  
Gama  
Coronel António Vasco da Costa  
Coronel Bento da França Pinto de Oliveira  
Coronel Manuel da Fonseca Salvação  
Coronel Américo Júlio da Silva Reboredo Sampaio e Melo  
Tenente-Coronel António Quintino da Costa  
Tenente-Coronel Júlio Domingos Borges Gaspar  
Capitão Augusto César da Silva Pereira  
Capitão Raúl Augusto Nogueira Baptista de Carvalho  
Capitão Fernando Cabral  
Capitão Fernando Alberto Cardoso Pinto Xavier de Brito  
Capitão Joaquim António Ramos  
Capitão João Henrique Domingues  
Tenente António Luís de Magalhães e Meneses de Abreu Coutinho  
Alferes José Vaz Correia Seabra de Lacerda Pereira Baharem  
Alferes Mário de Oliveira Pereira  
Alferes Miliciano António Almiro Ribeiro Esteves

# Revista da Cavalaria

## VIII — Abates às Fileiras

### DESLIGADOS DO SERVIÇO

Coronel Manuel da Fonseca Salvação  
Coronel Bento da França Pinto de Oliveira  
Coronel Américo Júlio da Silva Reboredo Sampaio e Melo  
Tenente-Coronel António Quintino da Costa  
Capitão Joaquim António Ramos  
Capitão João Henriques Domingues  
Capitão Fernando da Costa Revés Remba  
Capitão António Eduardo Oliveira Mata  
Tenente António Luís Magalhães Meneses Abreu Coutinho

### ÓBITOS

General Reformado Affonso Tallaya Lapa de Sousa Botelho  
General Luís Valentim Deslandes  
Brigadeiro Reformado João Pires de Campos  
Coronel Res. António Joaquim Ferreira Durão  
Coronel Res. Eduardo Rodrigues de Almeida Dias  
Capitão Duarte Augusto Monteiro Gomes  
Tenente Reformado José Pinto Duarte  
Alferes Estevão Ferreira de Carvalho  
1.º Sargento João Manuel Figueira Pinheiro



# *Revista da Cavalaria*

## **AOS NOSSOS COLABORADORES**

As restrições de severa economia actualmente em vigor obrigaram a não se poder publicar todos os artigos recebidos, o que faz ficarem em reserva muitos trabalhos também valiosos.

Do facto se pede desculpa aos nossos estimados e competentes colaboradores e a todos se agradece a sua contribuição quer em trabalhos, quer monetária, para que tenha sido possível continuar a Revista.

Revista de Ciências

### AOS Nossos COLABORADORES

As pesquisas de zoonoses continuam atual-  
mente em andamento e se poder  
publicar trabalhos, o que  
faz ficar mais atualizados os trabalhos  
também.  
Do fato de que o tipo de zoonoses as-  
tintadas e camufladas colaboradoras e o  
vamos agradecer a sua contribuição quer  
em trabalhos, quer monetária, para que  
também seja possível continuar a Revista.

